





Le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin





NESTOR VICTOR

**CARTAS
Á GENTE NOVA**

EDIÇÃO DO
ANNUARIO DO BRASIL
RIO DE JANEIRO

Julio Vaz





N.º 421

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS DE RE-
PRODUÇÃO NOS PAIZES QUE ADHERIRAM
Á CONVENÇÃO DE BERNE: BRASIL: LEI
N.º 2577 DE 17 DE JANEIRO DE 1912.
PORTUGAL: DEC. 18 DE MARÇO DE 1911.

CARTAS À GENTE NOVA

OBRAS DO MESMO AUTOR:

Signos (contos), esgotado.

Amigos (romance), esgotado.

Cruz e Souza (ensaio critico), esgotado.

A Hora (critica).

Transfigurações (versos).

Paris (livro de viagem), 2.^a edição.

A Terra do Futuro (livro de viagem), esgotado.

O elogio da creança (conferencia), esgotado.

Tres romancistas do Norte (conferencia), esgotado.

Farias Brito (ensaio critico), esgotado.

A Critica de Hontem.

Folhas que ficam (emoções e pensamentos)

O Elogio do Amigo (ensaio).

Traducção:

A Sabedoria e o Destino, de M. Maeterlinck.

CARTAS À GENTE NOVA



**EDIÇÃO DO
ANNUARIO DO BRASIL
RIO DE JANEIRO**

À memoria de

EMILIANO PERNETTA

PREFACIO

Para mim o que mais deve preoccupar a quem se der, no Brazil, como entre os demais povos americanos, á avaliação de valores intellectuaes, são sobretudo as ideas geraes, o que ha de propriamente vivo, o que concorre para a nossa ligação com o pensamento universal contemporaneo, o que, de certo modo, nos pode dar, pela consciencia do que nos falta, o sentimento da tradição christã que constitue, no Occidente, a affirmação do character de cada povo, a sua vontade de actuar, com mais intelligencia, isto é, com mais dominio sobre si proprio, na vasta elaboração da idealidade humana.

Esriptores perfectos, como escriptores, propriamente, um Machado de Assis, por exemplo, são revelações extraordinarias do que poderemos ser, mas não affirmam nada do que já é o character brasileiro, na grande arena do mundo, nem são indicação segura da direcção em que elle

se desenvolverá, se, por ventura, não casarem — como aquelle não casava — á niida expressão do que sentem uma visão moral do mundo em derredor, pelo menos, uma já apurada sabedoria, reveladora do quanto trabalharam, do quanto se esforçaram por achar um sentido em meio do turbilhão das nossas meias ideas.

Quero dizer: o poeta, o artista que nos der, hoje em dia, na lingua mais admiravel, a descripção das nossas florestas, do nosso céu, ou cantar o amor ou descrever factos da nossa historia, sem que tudo isto traga o sabor amargo que ha na alegria mesma dos que perscrutam e interrogam os horizontes do nosso destino de povo christão, de singular formação historica, não deixará de ter um certo interesse dentro da nossa vida, mas será interesse secundario. O que é essencial é que elle tenha a sua visão propria das nossas cousas, nas suas linhas e côres, mas tambem do que existe como traço de união entre a nossa existencia e a civilização em geral; é que seja, entre nós, o representante deste ou daquelle ideal humano, dos que não tem fronteira nem patria, porque é sobre esta base de pensamento que a acção restricta de cada povo se faz acção bemfazeja, con-

tada no futuro como parcella de esforço no total da civilização.

Agora, pensemos no seguinte: se os grandes povos se ajudam mutuamente, ou, pelo menos, se reflectem, e tiram largos proveitos disto, será petulancia irritante pensar que poderemos andar sozinhos.

Uma cousa, porem, está ahi patente ao mais modesto bom senso: dos povos americanos nenhum tem mais direito á illusão, á illusão, pelo menos, nenhum *deve* aspirar mais do que o brasileiro, e, sob este céo, já vimos, mesmo nos dominios do puro espirito, surgir mais de uma figura humana, a que só faltou o relevo de uma moldura social, tal como lhe daria a França, a Inglaterra, ou a Allemanha, para que fossem admiradas pelos olhos do mundo todo.

Mas voltemos á nossa distincção primitiva: creio que precisamos mais de pensadores do que de escriptores, precisamos de homens que, pela força do espirito, façam nascer grandes correntes de aspirações, transplatem ideaes enobrecedores, com que, pouco a pouco, se vá modelando a nossa personalidade ainda mal esboçada, ante as já completas, que constituem o escol do planeta. Este é o caminho, e nós

não temos o direito de esmorecer, pois o segredo mesmo da definitiva victoria de certas revoluções de ordem espiritual estará talvez na lentidão com que fôr alcançada.

Foi difficil a marcha ascendente, cheia de tropeços, cortada pelo vexame das meias derrotas, das serias desillusões... Isto quer dizer que cada trecho conquistado ao terreno da pugna, foi medido em todos os sentidos pelos corações agoniados e as consciencias heroicas. A cada um dos seus accidentes algo adheriu, da alma combatente. Estabeleceu-se entre o batalhador e a terra, que o sustem, uma como cumplicidade em relação aos designios da lucha.

Fazel-o recuar, não é mais possivel, a esse batalhador paciente o qual teve tempo de conhecer e amar o que conquistou. Sua victoria, ninguem mais a falseia ou retoma.

E não será esta a explicação do já incontestavel predominio da corrente espiritualista nas letras brasileiras, ha menos de dez annos tão sujeitas ao rude e mesquinho mando do mais pesado materialismo ou do scepticismo mais incongruente?

Como que a justificar a palavra do

poeta que «só em certos momentos, e quasi que por distracção é que vivemos», só a poesia ainda falava desta alma nacional, que taes insultos padecia, alma formada pelo heroismo da Egreja Catholica.

Mas — perguntar-se-á — como assim se haviam separado essa alma da nacionalidade da alma da absoluta maioria dos seus homens de letras?

Não será facil a resposta; ficará mesmo talvez a verificação daquella crise em nossa historia como um terrivel mysterio.

Mas fosse por enfraquecimento da actividade social da Egreja, de uma egreja, como a nossa, então acurvada ás mais duras exigencias do mais hypocrita galicismo; fosse porque circumstancias diversas tivessem desenvolvido a tendencia sensualista da nossa prosapia mestiça; o facto é que a Egreja perdêra o contacto mesmo com os meios literarios da nação, e nunca em paiz algum foi mais ridiculo ceder á menor sympathia espiritualista ou catholica, do que neste paiz em que, os que não juravam por Augusto Comte e Clotilde de Vaux, se honravam do culto a semi-deuses, ainda mais ridiculos e mais mesquinhos.

Uma victoria rapida e mesmo brilhante do que houvesse de organizado entre

as forças catholicas sobre a multidão agnostica ou simplesmente acanalhada, teria sido ephemera talvez, por isso que, cahindo em si do primeiro espanto, não seria difficil, pouco depois, aos derrotados, verificarem a sua immensa superioridade numerica nesse dominio das letras, e voltarem á lucta com mais denodo do que antes.

Outro, porem, foi o meio de que Deus se serviu para a obra de rechristianisação, não direi do povo brasileiro, mas das suas classes letradas.

Nestor Victor, tão envolvido, elle proprio, no enredo dessa lucta, a mais bella e a mais nobre que conta a historia das ideas entre nós, é mesmo quem melhor nos elucida o drama dessa reacção salvadora, e é força, a quem lê a penetrante pagina que lhe dedicou, convencer-se de que, se na Europa o romantismo foi uma ameaça á tradição, a desordem dos sentimentos contraposta ás leis do pensamento occidental, no Brazil, deve-se-lhe quasi tudo, basta dizer: deve-se-lhe a possibilidade e o inicio mesmo do movimento que acabará por definitivamente reintegrar as nossas letras nas christianissimas tradições da nossa formação social.

Realmente, nota Nestor Victor que foi

sobre as ultimas resistencias da nossa affirmação romantica — e chamo-lhe de affirmação porque foi á geração romantica que coube libertar-nos da ascendencia intellectual portugueza — foi sobre as suas ultimas resistencias que se plantou a bandeira do movimento symbolista, ante cujas cores e vibração nova, se agitaram os espiritos e foi possivel reagir contra o que parecia diluviano mas resultou ephemero, quer dizer, contra a literatura realista.

Nestor Victor escreve a este respeito uma pagina de admiravel concisão e de ainda não ultrapassada agudeza, pelo menos no que diz respeito á maneira como as cousas se passaram em nosso paiz, quando foi da tremenda crise moral que antecedeu á grande guerra. É preciso citá-la toda ou quasi toda porque ella, como se verá, nos poupa ao trabalho de desenhar a paisagem espiritual em que se moveu o seu autor, para chegar ao que é.

«Os symbolistas — diz Nestor Victor — representam «uma reacção contra todos os erros da literatura realista — estreita aliada do *scientificismo*, inferiormente intellectualista, anti-metaphysica, prosaica por natureza.» E depois de dar outras razões

do porque da physionomia mais ou menos esotérica com que os symbolistas se apresentavam: «No fundo a razão de propenderem os symbolistas para tal esoterismo literario, deixando de entrar em contacto por esse modo com a massa dos leitores communs, estranha á Kabala, incapaz de interpretações subtis, está justamente em que foram elles os prenunciadores instinctivos de uma corrente de ideas ainda por crear. É que elles, *precedendo a philosophia, isto é, a doutrina consciente*, não tinham ponto de apoio sobre o qual pudessem construir amplo e seguro edificio. Haviam de andar mais ou menos aereos, baseados apenas em fugitivas, incompletas intuições: haviam de ser *nephelibatas*, como aquelle povo imaginado pelo genio de Rabelais, e tanto assim que se resuscitou o vocabulo para nomeal-os em certo momento.

Por isso dentro em pouco chegavam ao limite da sua real capacidade innovadora, começando dahi por diante a executar mal disfarçados retornellos ou mais ou menos habeis rapsodias epigonas. Por fim, foi o symbolismo diluindo-se, transigindo com o parnasianismo e o realismo, até com o defunto romantismo, e o proprio classicismo archaico, como estes com elle, na esthetica

e na ethica propria a cada uma destas escolas, até que se cahiu na tolerancia quasi absoluta que era moda quando começou a Grande Guerra».

«Pouco importa — continúa Nestor — o impulso estava dado: não tardou muito, veiu o pragmatismo annunciar que a tentativa symbolista repercutira no mundo philosophico, começando este a dar os seus primeiros fructos consequentes dessa repercussão».

Nestor Victor foi, no Brazil, a mais nobre testemunha daquella phase de fundas agonias e altas esperanças, e o que prova que foi a mais nobre é que veiu a ser o testemunho, não só o mais clarividente como o mais carinhoso, em relação a tudo quanto de mais intimo e obscuro se verificou na complexa psychologia daquella epoca. Isto se comprehende, aliás, porque ninguem mais do que elle proprio, não só como espectador, mas como actor penetrou arcanos de afflicções, rastreou illusões e dispendeu forças do coração por toda a extensão do immenso campo da luta, em que o Brazil, perdido de si mesmo, a si mesmo se procurava, atravez de ridiculos mas aggressivos *imitacionismos*, da mentalidade, peor, da sensibilidade revolucionaria.

ria, anti-christã, da Europa do «seculo estúpido».

E ainda é elle proprio quem nos vem ajudar no exame de seu caso com esta confissão que vale a pena registrar: «Não me lembra ter sido jamais um atheu.

«O materialismo e todas as doutrinas que nelle, em ultima analyse, se resolvam, sempre me foram antipathicas. Eu sou por indole um romantico, *tanto que não encontraria caminho, certamente, nas letras, si a corrente symbolista se não tivesse formado. A prova é que nada fiz capaz de satisfazer-me no meu intimo emquanto andei ensaiando passos no realismo.* E a minha tendencia romantica sempre a senti eivada de *religionismo*, porem, jamais sob a disciplina de qualquer crença».

O gripho é nosso e é tambem para chamar a attenção, para o facto de que não houve *experiencia* literaria que não fizesse este espirito, na realidade, dominado por um grande amor da verdade, por conseguinte muito superior a todas ellas. Se, pois, o seu *religionismo* nunca se deixou moldar por uma crença de linhas definidas, é que Nestor Victor, no seu caso particular, foi uma das muitas victimas do «erro invencivel» da sociedade brasileira, naquelle pe-

riodo que vae do fim do Imperio aos dois primeiros decennios da Republica, isto é, quando com mais força a tudo governa e domina a superstição da tolerancia, a convicção de que a harmonia é possível sem ordem, quero dizer, sem as restricções da disciplina.

* * *

A esse temperamento mais avido de perfeição do que de novidade e, por consequente, tão apto a progredir como resistente aos fanatismos de escola, deve Nestor Victor a situação privilegiada que, de facto, conquistou ha dez annos mais ou menos, em face da nossa mocidade intellectual. Ainda mais pelo seu exemplo pessoal do que, a principio, pelas suas obras, desde que a Grande Guerra como que tudo mergulhou no mais sombrio crepusculo, elle tinha que resplandecer aos olhos dos moços como um foco de superior sympathia humana, dessa luz que revela a energia dos soffredores intelligentes; elle tinha que atrahir a todos nós, angustias vivas com azas de esperança, como o mysterioso possuidor de um velho roteiro para a serenidade...

Conhecíamos a sua vida. Sabíamos que não tivera recompensas enganosas, e ouviamos dos seus labios a mesma affirmação de Anthero:

Desta altura vejo o Amor!
Viver não foi em vão se é isto a vida.
Não foi demais o desengano e a dor!

Digo mesmo sem temor de parecer exaggerado: difficilmente o futuro historiadór das nossas letras poderá definir com exactidão o papel que exerceu Nestor Victor em meio da gente moça a que os tenebrosos dias da Grande Guerra apressaram a madureza do espirito e aguçaram a capacidade da analyse introspectiva. A verdade é que foi mais que um mestre, mesmo no sentido mais nobre desta palavra, mais que um irmão mais velho, mais que um chefe de movimento literario: tem que ser comparado a uma paysagem, a uma daquellas estepes do Norte, de que fala Valois, nas quaes, em noites de maio, não é possível distinguir Levante e Ocaso, porque o céu, «no mesmo instante, em seus dois pontos extremos, apresenta resplendores eguaes, de que uns, no entanto, pertencem ao fim do dia, e os outros á sua aurora».

Nós, moços, viamos na obra e principalmente na acção de Nestor Victor aquelle extraordinario espectáculo, que, se poderosamente nos evocava a belleza das luctas passadas, de antemão nos assegurava a mesma luz mysteriosa do alto, a esclarecer-nos o scenario das futuras refregas.

Tambem o poeta das «*Transfigurações*», dos «*Signos*», o autor de «*Amigos*», de «*Paris*», dos ensaios que foram ha pouco publicados sob o titulo *A Critica de Hontem* e de tantas outras paginas reveladoras de uma experiencia, que só os que sobrepõem o senso intimo á pura experimentação podem ter; tambem o autor da *Hora*, que é, sob certos aspectos, a revelação da sua singular capacidade de ver e viver introspectivamente *todo* o seu tempo, não ficou um só momento extranho á curiosidade que tinha os olhos sobre a sua alma, e foi sobretudo para os moços que então formavam a vanguarda na *revanche* espiritualista, no Brazil, que elle escreveu as suas melhores paginas, aquellas que vieram a ser como que as bellas affirmações resultantes das angustias expressas na sua primeira phase literaria, e com tanta coragem, com tamanho estoicismo, numa sociedade de apressados, de frivolos e odientos mer-

cadores, soffridas, sustentadas, proclamadas como formosas e bôas. Foi para elles, para os filhos queridos da sua mascula esperança, que foram vindo á luz essas paginas, esses ensaios que representam alguma cousa mais que a mera gymnastica de pensamento, que a pura literatura, pois são, todos elles, uma lição de vida superior, uma affirmação de que ella pode ser vivida, por assim dizer, feita, fabricada com os elementos mais mesquinhos, no meio mais arido, sob a pressão das forças mais contrarias, com tanto que, á cultura da intelligencia — que pode muito bem ser para o mal, isto é, para «o schisma do ser» — correspondam, na consciencia, o appetite do bem, no coração, essa riqueza de correspondencias affectivas, com tudo quanto, entre os homens, é tambem desejo de maior pureza, de maior bondade, já que a pureza mesma, a bondade mesma, são cousas de tão difficil achado entre elles.

Estes novos ensaios, estas paginas, *novas* sob qualquer ponto de vista, tiveram tambem a maior diversidade de aspectos moraes, interiores; foram, em *Tres romancistas do Norte*, a justiça do critico brasileiro contraposta ás restricções do acampamento de metecos das letras e, naquelle

momento, tiveram bem mais seria significação do que hoje pode parecer; em *Farias Brito*, não só a homenagem fraternal ao chefe incontestado do movimento espiritualista, no que este podia ter de philosophicamente dogmatico, mas tambem a ternura, que se não domina, para com a alma humilde e luminosa, e mais o balanço de todas as forças postas em jogo desde o inicio da reacção contra o positivismo, e, sobretudo, o primeiro apoio franco, a descoberto, dado de todo o coração áquelles mesmos moços que haviam recebido das mãos do philosopho moribundo o estandarte das reivindicações do espirito em face do putrido relativismo que nos envelhecia e envilecia...

Isto é que é preciso ficar bem claramente assentado: se foi possivel coroarem brilhos de victoria o arrojo dessa mocidade espiritualista, em que culminam os esforços de Tasso da Silveira, Andrade Muricy, Almeida Magalhães e Renato Almeida, e mesmo o de catholicos, em todo o rigor do termo, como Perillo Gomes, por exemplo, e até de extremados idealistas como Ronald de Carvalho; se foi possivel que esses mesmos brilhos aureolassem a poesia de um Murillo Araujo e de

um Durval de Moraes, foi porque, logo no inicio da reacção contra o materialismo ambiente, se viu um velho coração doloroso mas tão cheio de vida, uma antiga mas tão limpida consciencia affirmar, de tão alto e com tanta incontida paixão, o direito dos novos ideaes, no scenario da nossa vida, e dar-se ella propria como exemplo daquella nova fusão dos elementos que haviam feito a grande revolução espiritual com as nossas capacidades propriamente literarias. Farias Brito, por si mesmo, era incapaz de provocar aquella admiravel transformação no puro dominio das letras. O ensaio de Nestor Victor sobre a obra e a vida do humilimo gigante fel-a possivel, fez mais do que isto: effectivou-a em muitas das suas mais surprehendedentes feições.

Se, porém, no «*Elogio da creança*», já Nestor Victor, «realizava», literariamente, um pouco do que no ensaio sobre Farias Brito veiu a demonstrar que era do nosso dever realizar tambem, é no «*Elogio do Amigo*», que literaria e philosophicamente poude exprimir do modo mais feliz a sua admiravel confiança na bondade como força dominadora de todo o soffrimento, ou melhor, como força transformadora do soffrimento em vida superior

e, por assim dizer, indicadora do divino que nos envolve e, maugrado todas as apparencias em contrario, nos ampara e protege do nada.

Este ensaio é a maior prova de caracter que já deu um homem de letras brasileiro, como homem de letras, isto é, só pela expressão do seu pensamento. Quasi não se comprehende o que quero dizer, tão raro é o caso e tão difficil de apprehender-se sem um conhecimento real e minucioso da vida litteraria de um dado espirito. Mas se concretizo, em exemplos, facilmente se crerá no que digo. O *Elogio do amigo* que é elle senão a repousada madureza do mesmo espirito que ansiava no elogio de Cruz e Souza? Diz Nestor Victor, no remate áquelle elogio da amizade: «Ao menos sob esse aspecto eu tenho patente razão de abençoar a vida. Quem para sempre, entanto, me deixou, não é apenas crente, mas arrebatado com o que possa neste mundo ser para nós um amigo, foi Cruz e Souza, o poeta negro. Ha mais de vinte annos que elle morreu; sua amizade, porém, enche até hoje o meu coração como encheria as mãos de viajor debil uma surprehendente, regia dadiva que elle mal pudesse ir levando para a casa.

Essa amizade, cuja historia espero ainda fazer, inspira e fundamenta o escripto que ora vae terminar. Ella deixou-me sorrindo e chorando intimamente para sempre. Ella é a maior gloria da minha vida».

Quem não é um grande, um nobilissimo character é incapaz de ter uma amizade assim, que possa exprimir-se em termos tão incisivos, e tão destemerosos que se sobrepõem a qualquer ridiculo.

Este, talvez, o segredo de Nestor Victor, da sua enorme influencia sobre toda a mocidade intellectual que esses ultimos dez annos de lucta hão enrijado em moldes de fé mais viva nos destinos do Brazil: o seu diamantino character. Falta-lhe esta ou aquella «qualidade» meramente litteraria? Que importa! Elle empolga pela sinceridade, pela identidade, sempre mantida, em todas as attitudes, de uma inabalavel convicção de que ser bom vale sempre muito mais do que ser tudo o mais.

Ainda era o moço que escrevia *A Hora* e dissera: «... quando o mundo atravessa uma hora de naufragio, quando a vida inteira no Planeta é uma tragica incerteza, um mal contido soluço, o ridente é profano, o estardalhante é impiedoso, é ab-

surdo; só o que é compassivo, mas grave, pode ser fraterno e leal».

Já é quasi um velho e, nas *Folhas que ficam*, eis o que ainda proclama: «O que quer que se não funde sobre a bondade é passageiro e vão; pelo contrario ficará de pé o que quer que o homem construa na medida em que a verdadeira bondade lhe sirva de fundamento».

Se vem um alto e formosissimo espirito como o de Tasso da Silveira e diz: «Elle faz parte do pequeno gremio dos que são a affirmação viva de nossa nacionalidade e da existencia real do nosso espirito de povo»; se vem outro depois, como o de Andrade Muricy, tão alto e tão nobre, e diz de uma obra de Nestor Victor que ella é signal «da proxima renascença moral e intellectual da humanidade nas terras ainda pueris e primitivas da America» — mãis de um entre os que hoje gosam da liberdade de pensar — que a tristeza materialista nos roubara — não comprehenderá o que dizem ou julgará exaggeradas e infantis semelhantes affirmações.

É que foram pouco a pouco fruindo da conquista sobre a negação e o scepticismo sem olhar as linhas da frente, sem

ver o que foi na realidade o combate, e o papel que nelle representou Nestor Victor.

Mas este livro, que ora prefació é talvez a melhor resposta a essas duvidas. Leiam-no e verão os moços o que a mocidade victoriosa de hoje deve ao pensador envelhecido.

Se Tasso da Silveira e Andrade Muricy me escolheram, e tiveram do proprio Nestor o assentimento a essa escolha, para que eu prefaciasse este livro, a razão será que sou talvez quem mais deva a Nestor Victor entre os que de mais perto o seguiram na lucta.

Cedo, não resta duvida, tanto delle como do proprio Farias Brito, me separaram, irreductiveis, da minha parte, modos de ver e até ideaes.

Resume-se assim a nossa historia: troquei toda velleidade de construir por mim só ou com 'a ajuda deste ou daquelle grande espirito uma philosophia da acção. Preferi ser o humilde soldado que sou da Igreja Catholica, e me sinto tão orgulhoso disto como se fôra um rei. Nestor Victor continúa pagando o que chamei o erro invencivel da nossa sociedade, ao tempo em que surgiu para a vida das idéas. Dentro da mais pura doutrina catholica, não

vejo no seu caso senão uma prova a mais dessa reversibilidade das dores, cuja crença constitue mesmo o fundamento da vida christã.

Nem estou aqui para analysar, como critico de philosophia, a complexa e mais de uma vez desencontrada obra de pensamento de Nestor Victor. O que nelle me interessa, o que jamais deixarei de admirar na sua multiforme expressão, é a unidade interior de todas as suas intuições particulares numa unica, persistente affirmação do Bem e do Amor.

Não tendo sido jamais um sectario contra a Igreja Catholica, por mais distanciado que parecesse andar, ás vezes, do que ella recommenda e determina, Nestor Victor é dos escriptores a quem, indirectamente ella mais deve, no Brazil. Ninguem mais do que o autor da *Folhas que ficam* encarnou, em nosso pessimo meio literario, não só o desprezo, mas a hostilidade franca contra a frivolidade, o materialismo, a immoralidade, a facil negação, o embrutecimento scientificista.

Quando na plenitude da crise intellectual e moral que me levou a Jesus Christo, ninguem mais do que Nestor Victor, foi para mim exemplo vivo de quanto po-

de uma fé, de como um homem pode vencer as terríveis tentações do desespero e do nada.

Tambem o carinho que derramou sobre o meu coração, tenho certeza que é balsamo imperecível, que resistirá a todas as situações e nem se extinguirá com a minha morte.

Não posso dizer mais do que isto: quero que viva no coração dos meus filhos.

JACKSON DE FIGUEIREDO

2—1924.

DUAS PALAVRAS DO AUTOR

DUAS PALAVRAS DO AUTOR

As cartas que figuram neste volume foram extrahidas da correspondencia que venho mantendo com os nossos homens de letras, sempre que o tempo me tem permittido interferir ao menos por esse modo em nosso movimento literario. O titulo que lhe dei explica-se pelo facto de só figurarem nelle cartas escriptas á gente que succedeu á minha geração, isto é, aos que se vêm apresentando numa successão necessaria de ha quinze annos para cá.

Si eu não me impuzesse a mim proprio essa escolha, a materia não caberia num tomo.

Foi porisso, pois que nestas paginas aos moços, unicamente, me dirijo, que julguei lhes pertencerem ellas, e que era cabivel, assim, entregal-as a um representante desses meus successores para que elle as apresentasse ao publico.

Tenho pena de que ainda aqui não pudessem figurar alguns dos ultimos recém-chegados que já merecem relevo, ou outros menos recentes, mas a que as circumstancias só agora vão permitindo um destaque mais vivo. Além desses tambem os ha, uns poucos, a que já me refiro, sem lhes dar, no entanto, todo o valor que de ha dous annos para cá revelaram.

Mas o peor é que, á ultima hora, para não sahir o volume excessivamente desproporcional, tive de retirar da collectanea ainda uma parte não pequena, por mais que tal sacrificio me pezasse, assim tornando-a mais deficiente ainda.

Comtudo isso, parece-me que é este, até o presente, o quadro mais numeroso que apparece da gente nova do Brazil nas letras, até sem excluir a propria critica que elles vêm fazendo uns dos outros entre si.

Agora moços e velhos que me julguem.

NESTOR VICTOR.

Rio, 24 de Junho, 1924.

CARTAS

«SANGUE»

por Da Costa e Silva

—

Rio, 6 de Fevereiro, 1909.

MEU CARO POETA,

Quando recebi sua prezada carta mais o seu livro de versos, «Sangue», estava occupadissimo, e assim continuei até outro dia, razão pela qual fui obrigado a demorar a leitura das paginas que tão gentilmente o senhor me enviava.

Si se tratasse de um livro qualquer, ser-me-ia facil escrever logo duas palavras de agradecimento. Mas vi, passando os olhos pelas primeiras estrophes, que elle vinha de um poeta, e que, portanto, merecia ser lido com attenção de começo a fim.

É o que se me confirma presentemente. Com mais tempo para prestar-lhe a devida at-

tenção, percorri, pagina por pagina, sua formosa collectanea.

Ella representa uma estréa perfeitamente distincta e legitimamente promissora. Vejo pelo seu retrato e adivinha-se pelos seus versos que o senhor ainda é muito moço. Isso não o inibe, no entanto, de apresentar producções irreprehensivelmente trabalhadas, tantas vezes, e alem disso falando-nos na verdade de uma *natureza*, que só precisará da fecundação do tempo para desabrochar por completo para a vida intensa e profunda que a poesia requer. *Argos, Tarantula, Deusa pagã, Rio das garças, Saudade, Judeu errante, Flumen amoris, Soror Doloris, Supremo enigma, Olhos magoados*, agradaram-me muito, como a outros outras hão de ser preferiveis no volume. As cousas dependentes do gosto são assim.

Sinto não publicar algumas linhas a seu respeito, mas vae para mais de dous annos que estou fóra da imprensa, e não havendo, porisso, falado de obras de outros amigos que prezo, agora lhes daria motivo de queixa si abrisse uma excepção em favor do senhor.

O facto de sua grande e patente sympathia por Cruz e Souza, desde logo me deixou nas melhores disposições em seu favor. E, pois, com vivo prazer que o recebo no circulo das minhas relações intellectuaes, enviando-lhe, muito cordialmente, um aperto de mão pela sua nobre e destacada estréa.

«OS INCONFIDENTES»

por Goulart de Andrade

Rio, 17 de Abril, 1911.

MEU CARO GOULART DE ANDRADE,

Acabo de ler teu lindo drama, *Os Inconfidentes*, e quero escrever-te ainda no flagrante da emoção que elle me produziu.

Acho que estas paginas te sagram como poeta dramatico, e de modo superior a tudo quanto até aqui tens publicado. Creio, até, que por este caminho é que terás tuas melhores victorias. Parece-me que vieste principalmente para seres interprete de sentimentos largamente e simplesmente humanos, para te communicares com a alma das multidões.

Eu pouco entendo de theatro, mas julgo que teu drama ha de produzir muito bom ef-

feito em scena, principalmente do 2.º acto em diante. Em todo caso, como obra literaria, no genero, — falando do conjunto, — eu não conheço cousa melhor entre nós. Pode ser que não seja esta ainda a obra que tenha de prevalecer dentre as que se hajam de inspirar no grande assumpto que procuraste. Mas não ha duvida que levas a palma a quantos tem tentado transportal-o para o theatro, até aqui.

Dou-te meus parabens, mui sinceros e calorosos, meu amigo, saudando em ti o mais brilhante poeta social que apparece no Brazil depois da grande geração dos romanticos.

«GARCIA ROSA»

por Jackson de Figueredo

— —

Rio, 16 de Janeiro, 1916.

MEU CARO JACKSON DE FIGUEREDO,

Acabo de ler teu ensaio sobre Garcia Rosa, trabalho que ja me havias lido vae para um anno.

Lembra-me da impressão que me dera a leitura feita por ti.

Ao carinho da escripta reunia-se então o carinho da voz com que me falavas do teu amigo ausente e as duas cousas completavam-se de um modo ideal.

Teu trabalho se me afigurou assim como uma redoma abrigando um idolo, cuja aureola o calor de tua amizade juvenil redourava tão sympathicamente quanto podia ser, quer para o idolo, quer para quem o erigia á luz da sua affectuosa convicção.

Falavas-me de um completo desconhecido, desconhecido não só por mim como por quasi toda a gente que lê no Brazil.

Não te referias, entretanto, a uma quasi creança, como és tu, mas a um homem que ja se acha em sua plena maturidade, e que homem! um poeta, quer dizer, uma creatura que, sem fama, ha de viver — todos imaginam — como pode viver uma flor sem orvalho.

Via-se logo, porem: bastava que lhe houveses consagrado com tua juvenil penna de ouro taes linhas para, mais dia, menos dia, elle sahir, e definitivamente, da obscuridade com que a timidez que lhe é propria lhe tinha até aqui dado «a segurança do seu isolamento.»

Pelo que delle transcreveste vê com evidencia quem tem olhos para ver que se trata realmente de um poeta, e um formoso poeta, um como João de Deus, candido, castiço e simples, mas desenvolvido ainda com mais doçura, e com certo quebranto, certa graça muito nossa, que lhe vem de ter nascido e ter-se feito no Brazil.

Mas as suas qualidades ainda mais interiores, aquellas que nada accrescentam quando se trata de classificações meramente literarias, mas que são as que ainda mais importam áquelles que vivem antes anciosos por ver exsurgirem almas do que poetas de bons versos, até de lindos versos que sejam nos seus aspectos exteriores; taes qualidades verificam-se, ou, melhor, adivinham-se, pelo facto delle ter podido inspirar-te o hymno de amizade, de affecto, verdadeiramente enternecedor, que este teu pequeno trabalho representa.

Elle nos enternece e é significativo assim

sobretudo porque te proporcionou fazer, ao lado da pintura daquelle que objectivas, a pintura de ti mesmo, e com uma superioridade de toque que nenhum dos teus trabalhos anteriores ainda alcançara.

Basta ler-te nestas linhas felizes para ver-te como já és no presente, e mais ainda para conjecturar-se o que poderás vir a ser no futuro. A superioridade maior deste teu ensaio está principalmente, mesmo, na funda perspectiva com que o dotaste em referencia á tua propria individualidade.

Vê-se por elle que vens para ser um poeta de grande sensibilidade, de eloquencia rara, de psychologia sagaz e funda, e com isto que trazés a cabeça muito alto, pairando na região dos grandes soffrimentos humanos.

«Garcia Rosa» representa a transfiguração de um typo literario feita com generosidade (o que não exclue a bem entendida critica, antes a implica), e tanto amor, e tão serios dotes intellectuaes, como só pode fazer um alto e gentilissimo coração e uma intelligencia verdadeiramente superior. Pertence, pois, á esphera da alta critica, nem sempre comprehendida e muito menos aceita como tal pelo officialismo predominante em tratados e compendios, mas reconhecida com segurança e recebida com alvoroço — ainda mais em meios sábios como o nosso — por quem comprehende a transcendencia e a raridade de taes manifestações.

Com o tempo, aqui ou ali mais limpida se tornará tua frase, mais nitida e inequivocamente poderão apprehender-se todas as tuas intenções e, sendo assimilado de ha muito o que lêste,

por maneira a nem sempre poderes lembrar-te das fontes, menos frequentemente por certo recorrerás á autoridade das mesmas. Terás alem disso, penso eu, modificado o optimismo das tuas opiniões sobre um ou outro daquelles autores a quem ligas por em quanto, a meu ver, mais importancia do que elles merecem, o que aliás em ti, pelo que de ti ja conheço, vem antes do temor de ser mesquinho do que de falta de critica precisa. E assenta muito melhor aos moços peccarem por candida grandeza d'alma do que por enfatuamentos odiosos e estolidos.

!Mas que importa a relativa imperfeição exterior, que á pouca idade é impossivel evitar, quando se dá prova de valor tão subido como as que deste com tão poucas paginas, quaes vem a ser as deste pequeno ensaio a que me refiro!

Apenas, meu Jackson, com esta segunda leitura, sob cuja mais immediata impressão escrevo, desolei-me um tanto, porque della o que sobretudo repercutiu no meu espirito foi uma grande tristeza, aqui ou ali quasi confinando com o proprio desvario. Não é á tôa que Farias Brito se lembrou de Pascal a teu proposito. !Mas egualmente elle teve razão de a teu proposito ainda lembrar-se de Novalis. Na verdade, ha em ti tambem algo do sorriso de creança de genio que caracteriza aquelle profundo pensador.

A quem vem chegando e traz capacidade para recordar-nos a seu respeito typos como aquelles, deve-se, antes de tudo carinho; quando ja se é quasi velho, como eu sou, tem-se até vou-

tade de abençoar esse tal. Carinho, alem de tudo porque se calcula de que soffrimentos elle ja deve vir vindo, quando se olha, entanto, para seu vulto como para uma delicada flôr ainda quasi em botão affrontando tormentas em haste muito fragil. Tenta-nos mesmo cobril-o de benções porque elle é: primeiro, como si fosse um nosso filho, nascido dos mais altos votos da nossa alma, quando nos interessamos pelo futuro dos homens; segundo, porque, como si realmente elle fosse nascido de nós, desejamos com bemdizel-o afastar de seu destino as agruras com que as possibilidades funestas o ameaçam.

Não ha de ser vã a atmospherã de bondade que, com o respeito que ja te é devido, se tem creado em torno a ti depois que chegaste ao Rio. Teus melhores amigos, bem' o sabes, fizeste-os logo entre creaturas cujas cabeças ja começam a encanecer, e cuja vida, quasi solitaria, faz antithese com o alvoroço de madrugada que teus verdes annos symbolisam. Mas si taes amigos não podem accrescentar vigor ao teu vigor, impeto ao teu impeto, podem concorrer para cadencial-os, casando á tua extraordinaria intuição a sua experiencia segura e reunindo a esta ainda mais efficaçmente a eloquencia de uma séria amizade, a que os deuses sempre deram certa inspiração, como é justo que dessem.

Sabes que no numero desses teus amigos estou teu, e esta não é das menores felicidades com que a sorte me galardeou neste mundo.

Outros poderão dar-te apoio muito mais forte do que o pouco que posso dar. Mas, acredita, meu joven e querido Jackson, ninguem

desejará mais do fundo d'alma do que eu desejo que o meu, como o affecto dos teus outros amigos, concorra sériamente para illuminar tua vida, para suavisar tua alma, para amenisar teu destino e fazer assim com que possa vir a tornar-se grande realidade uma das mais extraordinarias esperanças já despontadas em nossa terra, como é a que representas, e de que tuas paginas sobre Garcia Rosa são indício eloquente.

«CRYSTAES PARTIDOS»

por D. Gilka Machado



Rio, 9 de Fevereiro, 1916.

EXC.^{ma} SR.^a D. GILKA DA COSTA M. MACHADO.

Um livro como o seu «Crystaes Partidos», de que se dignou offerecer-me um exemplar, não apparece todos os dias. É um livro de poeta, livro moderno, porisso mesmo symptomatico, porisso mesmo capaz de concorrer para marcar a hora em que appareceu. E é o que elle faz, no que tem de bom e no que porventura tenha de máo, conforme o prisma por que seja olhado.

De bom tem elle representar a individualidade de um artista polychromatico, brioso, senhor de uma orchestração rica, dotado de um poder descriptivo inteiramente fóra do commum,

já possuindo a technica necessaria para trabalhar sempre com nobreza e distincção. *Ancia azul, Incenso, Odôr dos manacás, Aranhol verde, Sensual*, a serie *Espirituaes, Lago, Ironia do mar*, a serie *Nocturnos*, e, pela sincera confissão que representa, *Tristeza da saudade*, são producções de verdadeiro valor. Para meu gosto, sobretudo *Lago* e *Ironia do mar* valem por peças excellentes.

Haverá quem desejasse encontrar neste livro uma castidade que elle não tem, ou pelo menos um recato feminino de que elle representa a negação. A meu ver, todo autor procura instinctivamente o publico cujo gosto esteja mais de accordo com o seu feitio. V. E. não sonha, por certo, com o applauso das almas verdadeiramente femininas. Suas aspirações, em arte, parece, independem de seu sexo. Ficará satisfeita, pois, em ser julgada nas suas obras com perfeita abstracção de tal circumstancia.

Sendo assim, só com injustiça se lhe não dirá muito bem de seu livro, tanto mais tratando-se de um livro de estréa.

Não ha duvida que tal attitude, da parte de uma mulher, é um indicio eloquente do tempo.

Mas é por essa razão que lhe dizia eu no começo que em tudo e por tudo «Crystaes partidos» são paginas muito de hoje. Á força de o serem, não poderá o futuro deixar de consideral-as como inquestionavelmente representativas, — o que em arte ja é meio caminho para a gloria.

Agratecendo-lhe a gentileza da sua offerta, peço a V. E. receber minhas palavras como

a expressão sincera e completamente desprevenida do meu sentir. Com isso queira aceitar também os votos que faço por sua constante felicidade nas letras, sendo eu mui cordial e respeitosamente

de V. E.

Creado e admirador

«LITERATURA NACIONALISTA»

por Andrade Muricy

Rio, 26 de Novembro, 1916.

MEU CARO ANDRADE MURICY,

Acabo de ler teu pequeno ensaio de estréa, «Literatura Nacionalista».

Basta conhecer-se o seu primeiro capitulo, que me parece, relativamente falando, o mais claramente pensado de todo o trabalho em questão, para ver-se que temos diante de nós um espirito juvenil dotado de possibilidades fóra do commum.

Os outros capitulos, indicando ainda um typo intellectual muito em via de formação, confirmam, em todo caso, o pendor que logo no primeiro se revela para altas e bem humanas preocupações.

Ha em todo este teu ensaio, ainda mais, *sympathicos* indicios de saude de espirito e a manifestação de uma vontade de independencia nada condemnavel, porque procura ser justa, cousas que completam as características de teu perfil espiritual nestas paginas.

Precisas estudar muito ainda, possuir o idioma com muito mais segurança, estender tuas leituras de um modo mais amplo e mais complexo, dominar melhor os teus primeiros impulsos no julgamento dos espiritos e das cousas, ser menos *scientificista* e mais artista, enfim consolidar, assentar, clarificar tudo o que te ande no cerebro, dando-lhe uma expressão mais simples, para seres propriamente um escriptor. Pelo menos para o seres de um modo bem correspondente ao escriptor que podes dar.

Seja como fôr, estas paginas de hoje ja representam aos meus olhos (pois que eu ainda não te conhecia por obra) uma brilhante revelação, motivo por que te felicito, incitando-te para que prosigas.

Acredita na amizade do teu

«POESIA» E «IMAGINAÇÃO»

por D. Laura da Fonseca e Silva

Rio, 3 de Dezembro, 1916.

EXC.^{ma} SR.^a D. LAURA DA FONSECA E SILVA.

Terminei a leitura de seus dous livros de versos, «Poesia» e «Imaginação», que V. E. teve a gentileza de enviar-me.

Pode-se dizer que o verso é um instrumento de clarificação dos nossos sentimentos ainda obscuros. O poeta quando compõe está no mesmo caso de quem sonha, e, como este revela ás vezes, falando alto, a quem o ouça, o que acordado não contará nem a si proprio, tambem aquelle, não raro, confia á traidora e mysteriosa rima, que conta ainda mais do que se lhe diz, o que nem elle mesmo imaginára andar-lhe nos recessos d'alma. Assim, a poesia é mais do que confissão: é a integração de nós mesmos, antes

de tudo perante nós mesmos, é a incorporação ao consciente daquillo que representamos de realidade ideal.

Si tal se verifica, trate-se de que poeta se trate, pertença elle a que escola pertencer, e não importa que genero cultive, está V. E., por estes dous livros que acabo de ler, no numero daquelles com que melhor se pode demonstrar tão irrecusavel facto. Aos meus olhos, «Poesia» e «Imaginação» são como dous diarios intimos, escandalosamente francos, na castidade nunca desmentida de suas expressões artisticas. E quem veja estes livros assim como os vejo, em tudo os verá perfectos, até nas suas infantilidades, nos seus desalinhos, nos seus retornellos, na sua despreocupação para com o refinado, exigente leitor que venham a ter por acaso, e para com os tempos futuros, — sempre de selecção inexoravel e sempre myopes em relação a circumstancias e intenções passageiras.

«Poesia» e «Imaginação» são duas obras essencialmente femininas, e de uma quasi creança, tão commovedora quanto admiravel. Cheias da força que a illusão nos dá antes que a vida real nos patenteie a fraqueza por que se tem de caracterisar todos os seres humanos, inclusive nós mesmos, ellas pintam sob o typo de uma moça de talento, de muito talento, o da joven brazileira no que esta possa ter de mais sympathico. No seu optimismo cego e tenaz, e que o é porque é feito sobretudo de *joie de vivre* e de bondade; na capacidade que revela de tal dedicação, em materia de amor, que este parece collocar-se acima da propria Esperança; na capacidade da sua ethica, melindrosa e pudica,

como se dá com as camelias e as sensitivas, sem a *schocking* rigidez embora da *miss* britânica; na sua enternecida religiosidade pantheística, no «feiticismo» por uma arvore, fazendo-nos imaginar que torrentes de sentimentos não lhe despertara o culto da Virgem, caso para ella se voltasse a poetisa, como se voltam quasi todas as nossas patricias: em tudo, enfim, o que respeita ao sentimento, ella traduz o bom modo de ser da mulher brasileira que é noiva, ou que é pena que não o seja ainda.

Do ponto de vista do espirito, ella é uma precursora, por enquanto, do que serão, de certo, as nossas moças de amanhã, quando estas puderem corresponder-lhe em luzes e em coragem intellectual, embora dentro da relatividade que caiba a cada uma. Mas neste papel ella é na verdade nuncia de um futuro que cada um de nós ja quizera ver presente. Qual aquelle tão obtuso representante do chamado sexo forte que para sua mulher não idealise uma irmã gêmea, pelo espirito, no que a mulher pode e deve ser em relação ao homem?

Pois bem, essa moça que fez «Poesia» e «Imaginação», minha senhora, pelo seu estro poetico, parece ter nascido com outro poeta nosso, ja celebre, revelando-nos larga imaginação como elle, grande virtuosidade, como elle, e tudo isto até quasi que com os mesmos processos estheticos e sob a influencia de uma illustração e de uma orientação philosophica parecedissimas com as que elle tem.

É certo que no poeta ha mais tumulto de cachoeira e na poetisa mais agua corrente de rio desimpedido, sinão calmo. Nelle ha um or-

gulho persistente, nella sobretudo a ancia de amor e pelo amor: dahi mais dilaceração e guais mais tragicos no poeta, mas na poetisa mais capacidade de enternecer-nos, até quasi de um modo paternal, quando ja somos velhos, como quasi eu sou.

Não quer dizer, pois, — é patente, — que tanta semelhança impeça um e outro de differençarem-se entre si e sonegue ao segundo desses espiritos, que se revelou ao mundo depois do primeiro, margem para ter por seu turno uma obra bem sua.

Quem fez aquelle difficilimo *Idyllio do Pão de Assucar*, que não é ridiculo porque é uma tela tão linda quanto ampla, quem fez *Feiticismo*, *Espelho*, *Relogio*, *Arco-Iris*, *Vagalume*, *Satellite*, *Bem secreto*, *Amor*, *Presentimento*, *Mariposa*, *Superioridade*, *Elogio da distancia*, *Minha alegria* e outras composições que ainda se poderiam citar, está produzindo tambem uma obra que não perecerá e que ha de prevalecer com titulos semelhantes ao do irmão que primeiro se revelou.

Parece que é dispensavel ir adiante para justificar a sympathia com que li os seus livros, minha senhora, e para expressar-lhe o meu apreço e minha admiração, com os votos que faço por que continue a compor versos, — ao que raramente se deve incitar uma mulher.

«A CINZA DAS HORAS»

por Manoel Bandeira

Rio, 20 de Março de 1917.

MEU CARO SR. MANOEL BANDEIRA,

Desculpe-me de não lhe ter ainda agradecido a gentileza com que me òffereceu um exemplar do seu delicado livro de versos *A cinza das horas*. Pude ler aquellas paginas logo que as recebi; mas não queria escrever-lhe sem lhe dar os meus parabens e dizer-lhe, embora muito summariamente, por que lh'os dava. Só agora, porem, é que dispoenho de alguns minutos para isso.

Dou-lhe meus parabens antes de tudo porque basta percorrer-se aquella collectanea para sentir-se que nos encontramos com um espirito na verdade de boa cultura, o que não é commum nos nossos estreatantes. O senhor não procura os

efeitos faceis, nem pelo brilho espectacular, nem pelo desordenado na expressão das paixões. Aspira á legitima poesia, aos estudos d'alma que revelem uma alma propriamente dita, — com modo de sentir que lhe seja proprio e em que haja verdadeira esthesia. Signal de que é de uma intellectualidade aristocratica e discreta. Vê-se, lendo seus versos, que isso provêm da boa educação dos seus instinctos, pois sente-se que o senhor está saturado de boa literatura, desde Bernardim Ribeiro até Heine, Materlinck e Antonio Nobre. Sente-se até que estes poetas citados, ou outros assim exquisitos e de fino quilate, ao menos de ha uns tempos para cá, mereceram sua lição aturada.

Por outro lado, no entanto, de nenhum desses apresenta-se o senhor como discipulo fiel e exclusivista. Ha na alma intima de seus versos indicios, a cada instante, de que outras correntes tambem o influenciam, talvez sobretudo a dos pantheistas arrebatados de amor pela vida, tomados de optimismo caracteristicamente são.

Dahi vem que os versos d'«A cinza das horas» oscillam entre a dolencia enfermiza, desalentada, e uma ancia de vida commovedora, mas ao mesmo tempo de bom augurio. Dir-se-ia que se estão lendo as paginas de um convalescente em cujo restabelecimento vimos a ter mais fé do que elle proprio revela ter por emquanto.

Assim, seu livro de estréa me parece ainda ser um livro de transição. Garante-nos desde logo que podemos contar com mais uma natureza de escól em nossas letras, mas não nos diz ainda por modo muito preciso quaes os caracteristicos definitivos desse novo typo no que

respeita a outras cousas. Porisso não se pode propriamente, acho eu, dizer delle que seja uma realisação integral. Lembra antes corpos em parte ainda por bem cristalisar.

Nada me admirarei de que amanhã o poeta d'«A cinza das horas» nos dê um livro vigoroso, bem arejado e novo, para o qual o de hoje esteja como a nympha está para a borboleta.

Ahi ainda com mais calor lhe darei os meus applausos, que, entretanto, dentro das restricções acima, são muito sinceros, porque muito merecidos.

Acredite-me

seu

amigo e mto. grato admor.

«CASOS E IMPRESSÕES»

por Adelino Magalhães

Rio, Março, 1917.

SR. ADELINO MAGALHÃES,

Desculpe-me: só agora pude ler o seu livro «Casos e impressões». Mas, porque o li, quero escrever-lhe estas linhas.

Não o faço pelo espirito de gentileza costumado, e sim porque tenho vontade de lhe falar depois que o senhor me falou por intermedio daquellas paginas. É o que me acontece toda vez que alguém me diz propriamente alguma cousa. E o senhor nol-o diz effectivamente naquelles quadros repugnantes ou meigos, tirados da vida como o coral vivaz que o mergulhador foi buscar lá do fundo das ondas por suas proprias mãos.

Mas não é tanto por que se sintam real-

mente vividos os seus assumptos, porque se veja foram elles procurados com curiosidade febril e exquisita, que «Casos e impressões» me impressionam: é mais porque vejo que tal curiosidade no senhor se exercita por instincto numa natureza que procura meios e modos de se desdobrar nos seus aspectos multiplos e, quando não completamente ineditos, pelo menos bastante differenciados para serem de facto originaes. Numa palavra, representa o senhor isso que é difficil encontrar-se: uma natureza de artista.

Este seu primeiro livro é cheio de defeitos, desde o idioma, que o senhor ainda possui mal, até outros aspectos da factura. Mas, sobretudo, o que nelle desagrada é o desregramento da linguagem, ao meu ver inteiramente desnecessario, quasi sempre, ainda nas paginas mais realistas, uma vez que não se esteja fazendo literatura fescennina propriamente dita.

Não ha, entretanto, nenhum trabalho banal no livro; todos elles foram procurados com bom instincto e *revelam qualidades*, como se diz em pintura. Alguns, como *Os bizuquinhos*, *A gallinha*, *O feliz acaso*, *Chico Vovó*, *O Mario e o presente*, ja são verdadeiras realisações, e qualquer um destes taes tem muito de admiravel.

Consequentemente, vejo no senhor todas as possibilidades para vir a ser um victorioso mestre amanhã, pelo menos nesse difficil genero em que tão singularmente estrêa.

É o que lhe deseja quem, com muito apreço, se assigna

seu

collega mto. grato

«CARRILHÕES»

por Murillo Araujo

Rio, 1 de Abril, 1917.

MEU JOVEN POETA, SR. MURILLO ARAUJO,

Acabei de ler hoje o seu livro de estréa. «Carrilhões» annuncia-nos um novo poeta, um verdadeiro poeta, da cabeça aos pés. Grande numero das suas poesias ja representam legitimas realizações, em que, si não ha muita novidade, ha verdadeira sensibilidade, por conseguinte, capacidade para emocionar. É o senhor não só emociona como encanta. Alem d'isso, tem clareza, tem boa concatenação de idéas, tem boa lingua, para sua idade. Pode muito, bem vir a ser um grande escriptor.

Teria eu muita cousa a dizer-lhe, sobretudo a proposito do symbolismo, a que tão ortho-

doxamente se filia. Talvez que o faça dentro em pouco. Não quiz, entretanto, deixar de agradecer-lhe desde logo a amabilidade da sua oferta, e com esse agradecimento mandar-lhe, como lhe mando, a segurança da minha estima e da minha admiração.

Será com muito prazer que farei suas relações, si quizer ter a bondade de procurar-me.

«ESTADOS D' ALMA»

por D. Gilka Machado

—

Rio, 8 de Abril, 1917.

D. GILKA MACHADO,

Dou-lhe um aperto de mão pelo seu novo livro «Estados d'alma». Acho que a senhora fez extraordinario progresso do primeiro para este: ha nelle mais aristocracia de forma, mais espiritualidade, mais larga e mais alta inspiração.

Em quem tem o talento, que se patenteia ainda nestas paginas de hoje, ha que respeitar a maneira com que ahi, como no livro de estréa, a senhora se revela. As Saphos são muito raras, mas, quando venham de facto, que fazer sinão admiral-as como taes? Ellas honram a Arte, afinal, com ser quem são.

Ora, a senhora em «Estados d'alma» tem

paginas de poesia verdadeiramente superior, sobretudo aquellas em que dá expressão aos seus sentimentos amorosos com toda a liberdade que lhe parece necessaria para tanto, sem outra preocupação que não seja a preocupação esthetica.

Varios numeros eu poderia citar deste seu livro que me parecem de sério valor. O *Poema de amor*, entretanto, ao meu ver, contém e resume o que de mais caracteristico e de mais elevada inspiração se encontra na sua poesia. Em quem o fez ha o estofo, julgo eu, de um grande poeta.

Acredite na sinceridade com que lhe rende esta homenagem o seu

menor creado e admirador

«MOYSÉS»

por Menotti Del Picchia

Rio, 3 de Maio, 1917.

SR. MENOTTI DEL PICCHIA.

Acabei de ler seu poema bíblico «Moysés», de que com tanta gentileza me enviou o senhor um exemplar.

Os poetas brasileiros, geralmente, são mais musicos que pensadores, mais barbaros que regulares na escripta, e, quando se imponham seriamente, impõe-se, de regra, mais pelo seu poder suggestivo do que pela massa de idéas consciêntes que offereçam.

Em «Moysés», que é uma robusta manifestação de talento, o que ao contrario mais nos impressiona é, por um lado, a força e a profundez da idéa, e por outro a construcção literaria, quasi sempre tersa, imaginosa e erudita.

Mas ao senhor o que lhe falta relativamente ainda é o que sobra naquelles: falta-lhe desenvolver mais os instinctos ou qualidades de intuição que o verso requer para ser verso propriamente dito. Estas suas paginas, porisso, não ha negar, são muito poeticas; mas, representarem poesia facilmente diffusiva e assimilavel, não representam

Assim, ellas não serão prezadas, talvez, por todos no que valem e no que promettem. Sendo, porem, o senhor um moço, como se está vendo que é, isso não o impedirá, certamente, de proseguir nas letras e de nellas achar seu caminho por modo a poder constituir-se uma individualidade verdadeiramente de primeira ordem entre os nossos escriptores.

Talvez ainda, sem perder as qualidades que revela como predominantes agora na sua natureza, desenvolva muito mais aquellas de que por enquanto de certo ponto em diante carece, e nesse caso ainda será um excellente poeta, ou, no caso contrario, poderá cultivar outros generos mais acordes com a feição de seu espirito.

O tempo é que lhe ha de ser bom conselheiro.

De qualquer modo, pelo que hoje apresenta o senhor ja merece calorosas felicitações.

Não lh'as regateia

seu

grato collega

«NOSSA TERRA»

por Abbadie Rosa

— —

Rio, 31 de Julho, 1917.

SR. ABBADIE ROSA.

Não posso furtar-me ao prazer de felicitá-lo pela sua bonita comedia «Nossa terra», a cuja representação assisti hontem.

Minha vida me não permite andar ao corrente do nosso momento theatral, nem sequer por noticias da imprensa. Assim, eu ignorava completamente que se estivesse levando no Trianon tão lindo trabalho nacional. Fui lá por acaso, a convite de um amigo.

Fiquei encantado. Seu trabalho é verdadeiramente theatral, de palpitante oportunidade, nacionalissimo, e até bem traçado, do ponto de vista literario.

É uma joia, no genero. Não é predominantemente um estudo de caracteres, ainda tem mais de uma comediã de costumes; mas ja representa uma transição para aquelle outro genero. Quem é filho do Sul, como eu sou, é que pode bem verificar a felicidade de traços com que o senhor desenha ali varias figuras.

«Nossa terra» é uma peça que merece ser muito falada para ser vista em nosso palco.

Devo tambem dizer que Leopoldo Fróes muito concorreu para o seu brilhante exito, pela habilidade com que distribuiu os papeis. Entre elles, a meu ver, principalmente os de Elize Schultz, de Gustavo Schultz, o de Anna, a velha creada, e o que lhe coube, a elle, o de Fritz von Helmotz, são interpretados superiormente.

Um aperto de mão tambem aos artistas, portanto.

Creia-me

seu admirador

«TROPAS E BOIADAS»

por H. Carvalho Ramos



Rio, 19 de Novembro, 1917.

SR. H. CARVALHO RAMOS.

Só agora, embaraçado que me vejo por penosos trabalhos de fim de anno, pude acabar de ler o seu livro de estréa, «Tropas e boiadas», de que tão carinhosamente me offereceu um exemplar.

Seu livro, por um lado, é admiravel. Ainda não tinha visto paginas de um rapaz tão moço, como me informam que é o senhor, tão carregadas de observação preciosa e justa relativamente á vida sertaneja. Neste volume ha, de tal ponto de vista, o manancial para uma obra em que se possa gastar a vida inteira.

Torna-se mais valioso tudo isso vendo-se a sensibilidade e o fundo philosophico intuitivo,

de excellente brasileiro, com que o senhor accumula as notas de que nos dá conta. Sua sympathia pelos explorados, que são os nossos pobres párias do sertão, mas ao mesmo tempo seu espirito de equidade para com os ignorantes mandões que os exploram; seu affecto para com as simples e boas almas femininas que ja representam um escól do sexo naquella sociedade rustica, e sua generosa piedade para com a mes-tiça commum, creatura quasi que instinctiva, mas porisso mesmo irresponsavel; seu senso poetico, eivado de profundo amor pela nossa natureza; o seu proprio vocabulario e seus recursos syntacticos, já tão ricos para tão verdes annos: tudo, enfim, quanto requer o creador nacionalista para nos dar conta do que tenha concebido, o senhor mostra ja possuir como um legitimo escriptor.

Seu livro é mais, porem, um vasto album de manchas, consequentemente, de annotações, do que uma serie de contos propriamente ditos. Accumuladas umas sobre outras taes manchas, quanto mais carregadas nos venham de notas curiosas, mais promptamente nos cançam. E isso é devido a que ainda falta ao senhor desenvolver melhor a imaginação creadora, aquella de que resulta a dramaticidade e que dispõe com segurança e boa proporção, por diferentes planos, os typos, os horizontes mais as cousas, alongando perspectivas, aproveitando episodios diversorios, os quaes concorrem ao mesmo tempo, no entanto, para maior complexidade do conjunto.

Falta-lhe tambem ainda a boa economia estylistica, pela qual, neste genero literario, se

deve escrever de modo a dar côr local ás descrições ou narrativas, mas com sobriedade, para se não cahir no dialectismo propriamente dito, que difficulta a comprehensão, prejudicando assim o effeito esthetico e dando á obra um character excessivamente barbaro e particularista. Na minha opinião, nós ainda havemos de ter a lingua brazileira; esta, porem, ha de formar-se lentamente, de modo a não se produzir violenta solução de continuidade no formoso instrumento de expressão que herdamos, o que seria subvertel-o, em vez de lhe impôr uma evolução natural e inevitavel.

Veja nestas minhas palavras a confirmação do interesse que pelo seu caso eu tomei. Seu ultimo trabalho neste livro, *Gente da gleba*, embora ainda imperfeito sob os aspectos de que acabo de falar, nos dá o direito de esperar que amanhã o senhor nos surpreenda manifestando brilhantemente as qualidades que lhe indico como indispensaveis para um perfeito triumpho no romance e mesmo no conto nacionalista.

Quem fez «Tropas e boiadas» pode ser um grande escriptor. Desde ja, no entanto, pelo que o senhor nos apresenta, que é notavel, envio-lhe muito sinceramente um caloroso aperto de mão, agradecendo-lhe a gentileza da offerta.

«JUCA — MULATO»

por Menotti Del Picchia

Rio, 4 de Janeiro, 1918.

MEU CARO MENOTTI DEL PICCHIA,

Gostei muito do seu poemeto ultimo, «Juca-mulato», que, recebido hontem, li hoje pela segunda vez.

Estes são versos de poeta um por um. Muito bonitos, muito sentidos, muito versos, emfim.

Seu novo poemeto é como uma manga-espada sumarenta e doce, picando-nos embora a lingua como si trouxesse em si uma vespasinha dinamisada, mas tendo, ao mesmo tempo, ligeiro resaiço á classica e suave maçã. Representa uma audaciosa e difficil enxertia da poesia popular com a de alto cothurno. É uma tentativa curiosa e atrevida, porque tenta realizar

um brazileirismo que esteja entre o de Gonçalves Dias ou, melhor, o de Alencar, e, por exemplo, o dos «Chromos», de B. Lopes, — um brazileirismo realista e idealista, a um tempo, com tintas do mysticismo actual.

Bem que adivinhei fazendo-lhe a prophécia que fiz quando lhe escrevi sobre o seu «Moysés». Neste mais se via o pensador que o poeta, mas o ultimo nos dava promessa de apparecer bem conjugado com aquelle outro, e dentro em pouco.

Si não me engana, seu novo poemeto já vae ser muito applaudido em todo o Brazil. A questão é que todo o Brazil possa vir a conhecê-lo. No que estiver em mim, concorrerei com muito prazer para isso. Esta carta será publicada.

Em todo caso, de seu talento espero mais do que nos dá este «Juca mulato», de hoje. Quem tem a sua complexidade, pode ser um realisador ainda mais completo. Nestas paginas de que ora se trata o que faltará ainda é um gosto seguro, que se acorde com o gosto geral, principiando pelo titulo.

Isto não obsta a que ellas sejam das mais lindas que se tem publicado ultimamente.

É com verdadeiro prazer que me apresso em mandar-lhe um aperto de mão.

«SOLITUDES»

por Pereira da Silva

Rio, 17 de Janeiro, 1918.

MEU CARO PEREIRA DA SILVA,

Li todo o teu livro de versos «Solitudes», e o bellissimo soneto *Extranho passaro*, que lá se encontra, resume, como não poderia resumir-se melhor, a funda impressão que essas paginas me causaram. Con-sente que eu transcreva aquelle teu soneto aqui:

«Pousa junto ao pomar, ao sol morrente,
Passaro negro de plumagem feia.
E lá se queda, como quem se enleia,
Horas a fio, mysteriosamente...

Á proporção que a lampada cadente
Do sol crepuscular mal bruxoleia,
Que extranhas cousas intimas gorgéia
O solitario interprete do Poente!

Ouvindo-lhe os preludios da linguagem,
Corre o verde nervoso da folhagem
Todo um vivo tremor de calafrio.

Vôa. Ennoitece. Num silencio de Horto
Como que o bosque continua absorto
Nos tremulos do passaro sombrio.

Ficamos como esse bosque, depois que lemos «Solitudes».

Este livro, entretanto, não nos faz propriamente mal, porque, no intimo, não nos desola, não nos constringe, e isso em razão de nos não incitar a ser menos bons, nem menores do que somos. Talvez de todas as poesias de «Solitudes» a mais extraordinaria seja a das paginas da *Dor*. Ora, basta lerem-se aquelles versos para ficar-se tranquillo e bem em tua companhia. Elles dizem assim:

«Abri-me á Dôr: — Seja! Não te maldigo,
Preme o meu ser, enluta a minha mente.
Faze-te o meu espirito inimigo,
Consciente ou inconsciente.

Não te maldigo! As forças me anniquila;
Secca-me a fôrma e, a um tempo, degenera
Meu sangue máo; reduz o corpo á argila
Pobre que foi ou que era.

Não mais me abate a tua mão tremenda,
Nem me sorprendes, nem me causas medo;
És para mim como o galé da Lenda
E rolas um rochedo.

Tens sido tal que a nada reduziste
O teu poder sobre a mais vil creatura!
(O excesso de amargura num ser triste
Neutralisa a amargura).

Petrificaste a sensibilidade
De um coração dos outros tão diverso
Que se traçou como finalidade
As dôres do Universo.

Não te maldigo, que não me lamento;
Não te bendigo, que não merecia
A flôr de lotus do meu Sentimento
Um vaso de Agonia.

Aceitando, sem susto, o meu destino,
À vida não me apego ou desapego.
O esforço humano é muito pequenino
E o espírito cêgo.

Já me ensinaste, por processos rudes,
Que é preciso soffrer de alma constante
Íntimas, vivas, duras inquietudes
A cada novo instante.

Já me ensinaste (e dia a dia ensinas)
Que faça sempre o que jámais quizera
E viva alegre sobre as próprias ruínas
Frias numa cratera!

Já me ensinaste quanto a vida é infame,
Quando vista de um plano superior;
Porque o ser mais perfeito por mais que ame
Nunca merece o amor...

Como não vale um atomo de luta
O trabalho mental, surdo, tediento,
Da razão mais subtil e mais arguta
Rolando o Pensamento!

Tu me ensinastes tudo em que eu não cria
E não creria si não fosse facto,
Mas que ora vejo e sinto de alma fria
Como um bandido nato.

Apressaste meu fim: em poucos annos
Vi-me um velho precoce e consumido
De angustias temporãs, tédios infames,
Orgulhos de vencido.

Mas ainda assim, ó Dôr omnipotente,
Corvo de Põe, espírito minaz,
Nada mudaste no meu ser consciente
E nada mudarás...!

Sou como fui, como serei de certo;
O mesmo ser que nada altera e attinge,
Tendo no mundo como que um deserto
Onde scisma outra Esphinge.

Tudo é mysterio para quem procura
A razão do que sente ou do que existe;
Razão que é sempre triste e mais obscura
Num mundo ainda mais triste.

Como te maldizer si não se alcança
A causa das miserias que se expia
E ha sempre esse phantasma da Esperança
Velando uma agonia?...»

Depois disso, aquelles que pódem ler no
intimo do intimo destas sentidissimas estrophes,
cuja leitura final nos deixa a olhar para o alto,
apezar de toda a infinita amargura que nos des-
perta, depois disso póde-se perpassar até aquelle
Crepusculo, soneto pungente como si assistisse-
mos de facto á allucinação que descreve:

«No recanto onde estudo, e o dia e a noite inteira
 Passo em lucubrações na ancia do que procuro,
 O crepusculo chega, em seu sombrero escuro,
 Como um velho viajor exausto de canceira.

Entre vago e subtil, emquanto a derradeira
 Claridade do sol, pallido e mal seguro,
 Como o ultimo olhar de um moribundo obscuro,
 Pela extrema sem luz do horizonte se esgueira.

E a morna diffusão dessa poeira sombria
 É tenue como a luz deixa a sala silente,
 Já sem fórmulas reaes, tão lugubre e vasia

Que debaixo da acção presaga desse ambiente
 Chega a me dominar a exquisita esthesia
 De estar na exposição de uma camara ardente!»

Mas, admiraveis como sejam os versos já
 citados, procuremos nas «Solitudes» outros cuja
 nota nos ponha em atmospheria mais suave, que
 matize, ao menos, o sombrio destes quadros tão
 tragicos.

É facil, colhendo-se aquelle ramilhete aro-
 mal de açucenas entresachadas de violetas que
 offereces á *Maria*, descrevendo-a:

«Chamem-lhe todos Maria
 É essa palavra modesta
 Sabe-lhe bem: é tão pia
 Que a nossa alma se allumia
 Vendo creaturas como esta.

Nella tudo é humanidade,
 Tudo perdões e martyrios.
 Fala, e emquanto nos persuade
 Deflue de sua bondade
 Não sei que aroma de lyrios...

Bebe sorrindo esse calix
Que nossa existencia encerra.
É como as flôres dos valles,
Cujos orvalho, cujos males,
Dão força e perfume á terra.

Horas intimas, caladas,
Como as das noites sem somno
Dão-lhe as palpebras magoadas
Das moças enclausuradas
Ou das creanças sem dono.

Soffre e seu mal tão agudo
Vê-se apenas no olhar,
— Aquella especie de mudo
Que nos quer falar de tudo,
Mas que não pôde falar.

Leves azas de desejos
Por suas faces mimosas
— E ainda virgens de beijos—
Voam subtis como adejos
De colibris sobre rosas.

A sua vida se passa
Numa distancia tão pura
Que nem a menor desgraça,
O menor ar de fumaça,
Consegue fazel-a escura.

Nada a tolda. E emquanto o assedio
Da sua dôr é mais forte,
Mais sabe encontrar remedio
Para seus dias de tedio
E seus silencios de morte..

Vejo o seu semblante grave,
Eil-o, é seu tédio de certo,
Mas que tedio!—Um tédio suave
Como talvez o de uma ave
Na solidão do deserto.

Mas esse pezar ligeiro
Sendo pezar nella é graça:
— A graça de um jasmineiro
Todo em flôres, todo em cheiro,
Que o vento balouça e passa...

É que na sua belleza
Parece um ser absoluto
—Uma nova natureza
Que faz da propria tristeza
Como que flôres de luto.

O seu olhar! Escutai-o,
Elle fala, elle seduz.
Elle é como um sol de maio
Num derradeiro desmaio
De hemoptyses de luz.

Nessas multiplas nuanças
Ha toda a escala das côres.
Vêde, velhos e creanças,
Vêde quantas esperanças,
Vêde tambem quantas dôres.

Vêde bem, nessas retinas,
Tão profundas e tão calmas,
Ha ternuras tão divinas
Que aquellas duas meninas
Parecem mais duas almas.

Maria, para os poetas
És uma especie de trova
Onde ha maguas de Julieta,
Olencias de violetas,
Tristezas de lua-nova.

Tambem para os lenitivos
Da tua dôr desolada
Sómente desses captivos
Dos silencias suggestivos
É que pôdes ser amada.

Ha de certo outra alegria
Que—ó Musa—jámais profundas
Nessa creatura sombria
Que nunca teve um só dia
Sem mil lagrimas fecundas...

Na sua alma é tudo Outomno,
Como nos versos de Põe.
Nascida para o abandono,
Embora posta num throno
Seria sempre o que foi.

Seu sentimento é oriundo
Das mãos de um grande destino;
Pois que sendo deste mundo
É ella um ser tão profundo
Como si fôra divino.

Sua alma ante a dôr avulta
Como á luz d'alva uma flôr.
É mesmo uma flôr occulta
Que cada vez mais exulta
Sob as lagrimas da dôr.

Maria, para os poetas,
És uma especie de trova
Onde ha magoas de Julietas,
Olencias de violetas,
Tristezas de lua-nova...»

Não conheço versos feitos em louvor de uma menina com o tom espiritual destas tuas exquisitas quintilhas. Elles são meigos e leves, é certo, mostram como póde o poeta das lancinantes estrophes anteriores, por força de bondade, tirar do coração um bando de pombos mansos e mandal-os, entre arrulhos e bateres de azas, andar em torno de uma adolescente. Estes passaros,

entretanto, antes parecem gemebundas rollas. Taes estrophes como que foram feitas apenas para que ao poeta se lhe marejassem os olhos com lagrimas menos abrazadoras e corrosivas. Accordam-se pois, de modo admiravel, em *smorzando*, com a atmosphaera anteriormente revelada.

Si quizermos ainda outra nota diversoria, vamos, por exemplo, reler aquelle soneto *Chopin... Liszt... Beethoven*, do qual quasi todos os versos são tão grandes e tão profundos:

«Vem-me da noite, e como della oriundo,
Um desempenho magistral ao piano.
Chopin... Liszt... Beethoven... que fecundo
Ventre de dôr o vosso genio humano!

Bem vos comprehendo. E ao musico e profundo
Rumor do vosso genio diluviano,
Levae-me soluçando além do mundo,
Entre os maroiços vivos de outro oceano.

Comvosco, sim, tudo se me afigura
Immenso, immenso, até minh'alma que erra
Na subjectiva sombra da loucura...

E a noite, a propria noite se descerra
Para escutar, silenciosa e obscura,
Os soluços symphonicos da Terra.»

Vê tu, meu poeta: variamos de assumpto igualmente. Falou-se de musica e de musicos, e a musica é um opio sonoro. Soubeste aproveitar o thema nas suas possibilidades mais vastas e inebriantes. Então por que, nem assim,

esta folha deixa de ser irmã-gemea das folhas mais dolorosamente subjectivistas de «Solitudes»?

Vamos procurar um assumpto ainda mais concreto. Não posso resistir á vontade de trasladar para aqui aquelle magistral soneto que chamaste *O Destino*:

«la o rio a dizer: «Sou bello e rudo,
Neste curso feliz de agua ind lente
Tudo espelhado, reflectindo tudo
Através as miragens da corrente.

Reflector do Universo, não me illudo.
Guardo-lhe a imagem viva intimamente:
A floresta sombria, o céu desnudo,
Toda a belleza eterna desse ambiente.

Sou mais feliz, mais bello que um rei mouro.
Rojo em meu leito fundo areias de ouro
Nenuphars azues, clarões de luar...

Subito ouviu bramido repentino.
Quiz reversar. Não poude. Era o Destino.
E o rio rola de roldão ao mar».

Temos ahi uma nota nova, que é a ironia, mas que ironia sangrenta, abaladora, de nos pôr calefrios na espinha! Consequentemente, no fundo, ainda o mesmo subjectivismo allucinado, que mal se disfarça falando-nos tu até de um objecto anorganico.

Si neste é assim, naquelle outro soneto, *A Inundação*, a nota é torpida e intimamente spleenetica,* como um sonho de chim ventrudo a

quem cortaram perversamente a corda em que se enforcava.

Permitte que eu o copie:

«Tempo de inundação, em que a chuva compensa
A sequiosa aridez do calcinante estio,
E a corrente caudal quasi sem murmúrio
Rola então de refez pela planície extensa.

Só, á margem, contemplo: o magestoso rio
Infla, avulta, transborda em sua aguage immensa.
Suggestivo, á distancia, a vultuosa presença
De um corpo de python tremulo de arrepio.

Os robles marginaes, cujos pés a agua inunda
Como que o ham, tremendo, o caudal desconforme
Na sorna lentidãe fria da agua profunda.

E o rio surdo; e só como um monstro que dorme
Vae por toda a extensão da floresta fecunda
Rojando como um deus a magestade enorme».

Reconheça-se esse rio pela dôr de um homem, e a composição se transfigura, assumindo a grandeza profundamente amarga e extravagante de que falo.

Caso não fosse desproposital para uma carta, eu aqui poderia fazer um livrinho citando e commentando varias outras das poesias deste volume que mais particularmente me agradaram: *No templo, Acedia, Crepusculo, Sisypho, As horas, Prima nocte, Sombras, Simples interrogação, Virgens, A lôa da Vagabunda, Impressão, A montanha*. Outros hão de ter preferencia por numeros que eu não cito, porque o livro, na verdade, si

é desigual, como quasi todas as collectaneas de versos, tem muito o que se leia, ainda quando o leitor exija que tudo represente verdadeiras realisações.

Viste que copiei com minha propria letra todas as peças aqui transcriptas, e copiei-as por prazer, para mais vagarosa e intimamente sentir-te e amar-te nos productos do teu grande talento. Compreenderás que com isto te prestei uma homenagem que a poucos se presta.

Não trazes, de certo, novidades exteriores bastantes para abrir novos horizontes ao verso no Brazil. Tua individualidade, tão despretençiosa, não será das que arrastam uma cauda de satellites na sua esteira. Teu mystico lyrismo, porém, que procede das tuas qualidades interiores, faz de ti um actual como quem mais o seja, consequentemente um representativo da hora, e estás entre aquelles que mais nobre e elevadamente a pódem honrar em nosso paiz.

Acredita, é com intimo prazer que te diz estas coisas, naquillo em que ellas te possam ser agradaveis, o teu velho e muito grato

«O CREPUSCULO INTERIOR»

por Jackson de Figueredo

Rio, 20 de Fevereiro de 1918.

MEU JACKSON,

Consagraste-me «O Crepusculo Interior», paginas rimadas que registram principalmente os dias de tua iniciação na vida do Rio.

Vinhas então da provincia num tormento tão grande, que antes foste motivo de inquietação e quasi de tortura para os que desde logo aqui te conheceram mais intimamente e que elegeste para teus primeiros amigos, neste centro onde, como em todos os grandes meios, as verdadeiras amizades costumam tanto a estabelecer-se como ellas devem ser, — confiantes e firmes. Inquietaste-nos e até, por pouco, nos torturaste, porque vieste para nós com uma violencia de

aerolitho que tomba, e com uma exigencia de affecto, de confiança e de fé tão impositiva e tão anciosa, que desse modo quebravas todas as normas da formação das ligações affectivas propriamente regulares. Eras uma creança em comparação comnosco, e ninguem até então, ainda os da nossa idade, apresentara-se-nos assim. Depois, que nos trazias, em troco do que nós, na plenitude das nossas forças, estavamos em condições de proporcionar-te? Eras, como autor, o signatario de umas paginas de que resaltava, sobretudo, é certo, grande capacidade de affecto, mas paginas ainda bastante insipientes, que te collocavam apenas ao par de outros varios rapazes estreados ou quasi que isso. Como homem ainda não o eras, sinão mais por tua ousadia, o que aggravava uma violencia e uma aspereza tão estranhas, nas tuas manifestações exteriores, que ellas só se podiam comparar com a mutabilidade dos teus propositos e com a incongruencia dos teus actos.

Vimos em ti, conseguintemente, a figura de um menino selvagem e perigoso, embora intelligentissimo, que para o nosso socego, de homens reflectidos e calmos, na idade em que já estavamos, seria quasi um indesejavel, mas que se collocára perante nós, subitamente, naquellas condições de intimidade, já então, bem sentiamos, completamente inevitaveis. Dahi as horas de mortificação que a mim, pelo menos, me causaste.

Talvez sentisses tudo isso, por teu lado, na rara capacidade que tens de apprehender o que é insensivel para a maior parte dos homens. Sentias, decerto, e, em grande parte, vinha dahi,

sem duvida, a ancia cada vez mais crescente em que te viamos debatendo-te, querendo por fim deixar o Rio, como deixaras a provincia, e agora para te embrenhares no seio selvagem e perigoso das florestas do Amazonas.

Por que, no entanto, que eu saiba, principalmente em mim e Farias Brito, ante esse teu projecto desvairado, ancias e angustias acordaram, formulando-se em vehemente opposição? Que nos diziam os nossos instinctos, por que motivo, apesar de tudo, já nos conquistaras tão sériamente que um e outro, naquelle transe, te falavamos com a voz augusta com que só podem falar os pais?

É que, já então, através de todas as rudes e estonteantes apparencias sob que te manifestavas aos nossos olhos carnaes e á nossa intelligencia consciente, tinhamos ambos penetrado no fundo do teu coração, nos reconditos do teu espirito, e sentiramos como eras nosso filho e nosso irmão. Acima do perigo apparente adivinhavamos o conforto da tua corajosa e fecunda amizade. Estavamos certos, na nossa presciencia, que, si te fosses embora, isso representaria uma espoliação, por parte do destino, a nós mesmos. De ti para ti, não duvido, tambem comprehendeste por instincto que, si nos deixasses, deixavas a vida unica que te podia satisfazer, quando em nós estava abrir-te a porta para ella, como si tivesses nascido outra vez.

Só poderá comprehender o mysterio e a transcendencia dessas horas graves que então atravessamos os tres, e decerto outros amigos que já tinhas feito, quem sabe distinguir nesta vida aquillo que tem importancia real para a

existencia interior de tudo quanto offerece aspectos porventura aparentemente valiosissimos, mas de significação intima na realidade somenos.

Lembras-te, meu Jackson? Foi então que uma creatura feminina, até ahi aparentemente alheia áquelle drama passado entre nós outros, apenas, do nosso sexo, como por milagre improvistamente interveiu. Nunca me esquecerei da fórmula inhabitual e no entanto, tão sobria no intimo, que ella pôde achar para apresentar-se na altura do seu papel. Nunca esquecerei também a sabedoria com que então ouviste a voz do destino e a attendeste num encantamento de quem assiste á realisação de uma maravilha que o salva. Por tua vez te lembrarás da sanção effusiva que os teus dous amigos deram immediatamente ao teu gesto decisivo e heroico.

Assim, ficaste comnosco. Farias Brito já se foi; mas, quanto mais os dias passam, mais te solidarisas com o seu espirito, mais ligas teu nome ao seu nome, construindo sobre sua obra outra obra que dilata as dimensões da primeira. Eu, que te vou acompanhando no teu desenvolvimento espirital e moral, cada vez mais preso me sinto, pela admiração e pelo affecto, á quasi creança de hontem, que de modo tão curioso e tão novo bateu-me á porta, já quando eu julgava ir esmorecendo para a ventura deliciosa, mas sempre arriscada, de amizades novas e principalmente de amizade com novas almas.

De modo que, — dir-te-ei francamente, sem falsa modestia, — parece-me que, de certo ponto de vista, acertaste dedicando-me estas paginas d'«O Crepusculo Interior», pois que ellas dizem o que pudeste dizer em verso daquella quadra

que rapidamente aqui relembro e que com a formação de teu lar tão felizmente se encerrou. Acertaste acredito, porque, si eu não entender os teus versos, talvez ninguém mais.

Elles serão tão difficilmente apprehendidos, sem duvida, na totalidade do que significam como as presentes palavras, com que os recebo. São a cristalização da ancia com que vieste batendo azas, ao mesmo tempo, entanto, que num orgulho intimo tal, como eu ainda não conhecera bem assim, para aquelles que no Rio constituiram a cidade inicial do teu espirito, Como taes, nem acabadas cristalizações poderão representar, quero dizer, não poderão ter a fórma irreprehensivel do verso que se destine a glorias astísticas, como, aliás, na carta com que abres essas paginas, és o primeiro a reconhecer. Acredito mesmo que taes glorias não são aquellas para que mais predominantemente vieste.

Na larga accepção da palavra, tu és um poeta, talvez até o de organização mais poderosa e complexa que entre os rapazes da tua geração pude conhecer até aqui. Mas, a tua individualidade constituir-se-a, si puder attingir o seu pleno desenvolvimento, por fórma tão heteroclitica, que o mundo só poderá abrangel-a e bem julgal-a, no seu conjunto, não só pelo que escrevas como pelo que faças, não só pelo teu espirito, a meu ver tão susceptivel de erros, mas tão alto, como pelo teu coração, tumultuario, tão capaz de deliquios, mas ao mesmo tempo de fundo tão meigo, tão ingenuo, e dotado de tanta coragem, apto a tanta abnegação, a tanto sacrificio,

Nas letras representarás, sobretudo, em teu

tempo, penso eu, a preocupação central do problema religioso e philosophico, que ha de cada vez mais absorver o novo mundo, nascido á hiante cratera deste vulcão immenso que o presente conflicto mundial vem a ser. Desde que se constituiu a poderosa individualidade de Farias Brito e que esta não se viu abafada pela incomprehensão e indifferença do meio, isso graças em grande parte á generosidade do teu coração e ao vigor de teu espirito juvenil, não mais alheios seremos aqui em nossa terra, de certo, como creadores, ao movimento intellectual do planeta sob esse aspecto de alta transcendencia. Com isso tu e os teus companheiros dareis, espero, ás nossas letras amplitude e importancia que hão de marcar para ellas um novo e glorioso periodo.

Bem poucos se apercebem ainda da profunda mudança que esse facto póde produzir e já está produzindo em nosso horizonte intellectual. Não importa. Tenhamos fé em que aos prodromos de hoje corresponderá uma evidente e opima realidade amanhã.

Mas, si as circumstancias permittirem, terás tambem um papel a representar, e um papel, quiçá, de muito destaque, no mundo da acção. Sabes como divirjo até aqui de varias de tuas idéas, que tem inspirado os teus gestos corajosos no curto periodo e nas condições restrictas em que já pudeste propriamente agir no meio em que estamos. Tens visto, não obstante, que a nossa amizade ainda não se prejudicou com as nossas divergencias, porque, si me fazes o favor de acreditar na sinceridade, na pureza de intenções com que me tenho opposto, mais de

uma vez, aos teus modos de ver ou aos teus processos na acção, ninguém melhor do que eu tem fé na integridade do teu intimo, e consequentemente ninguém deposita mais esperança em ver-te afinal orientado por modo a te constituíres um expoente legitimo do que na verdade represente as mais nobres e mais certas aspirações do Brazil, que terás, com os moços como tu, de representar no papel de successores immediatos da minha geração.

Quem souber ler essas laudas d'«*O Crepusculo Interior*», vendo-as como producto de uma juvenildade angustiada, e antes como paginas de confissão do que como vaidosas e habeis exhibições no que concerne ao jogo das imagens, ao embalo do rythmo e á sonoridade das rimas, ha de reconhecer que ellas são das mais curiosas e complexas documentações que uma alma de moço possa no momento presente offerecer-nos. Nenhum desses numeros será, admitta-se, perfeitamente artistico, mas tambem nenhum delles é banal. E todos conjuntos nos falam de tal riqueza interior, de um temperamento tão complexo, de uma natureza tão cheia de abysmos, porem em compensação tão cheia de pincaros, de um coração tão soluçante, mas ao mesmo tempo capaz de tão profundos sorrisos, que como prenuncios bastarão taes versos para revelar a quem bem os penetre que ha em ti algo ainda não conhecido nos autores que até hoje tem dado o Brazil. A propria coragem simples em que implica o facto de imprimires esta collectanea, sendo, no entanto, o primeiro a julgal-a, na carta que ali me endereças, com a severidade de um velho co-

nhecedor, tu, que na critica já tens produzido lindas paginas, julgando mais de um dos nossos poetas; tal coragem é mais uma característica que revela do teu modo de ser e mais uma prova da convicção em que estás de que a Arte, como dizes, «não póde ser a unica força real do espirito que não tenha finalidade moral». Achas, e eu concordo, que «O Crepusculo Interior» será principalmente um bom exemplo, mostrando aos «indecisos, aos vacillantes, aos amargurados e aos scepticos que ainda reagem, que um homem houve que já soffreu todas estas dôres e allucinações e que, no entanto, não contente ainda de si mesmo, é bem verdade, já hoje se sente senhor do proprio destino, porque o illumina a luz daquella sabedoria que lhe diz não ser miseria a extrema humildade, nem o soffrimento mal que diminua».

Diante de tudo isso que fica exposto, como não dizer-te que farias mal em supprimir de tua obra ainda nascente essas inquietas manifestações, em que, segundo ainda tuas proprias palavras, «o espirito agoniado procurou, no engano do rithmo exterior, rithmar as forças que o abalavam»?

Espero que, quando no futuro ellas forem definitivamente julgadas, tua obra e tua vida, ainda agora uma e outra ambas quasi por ser, mas sobre que tanto contam todos aquelles que te amam e já hoje te entendem, elucidarão e valorisarão tal nebulosa como nem tu nem ninguem tem força e offerece condições para fazel-o por enquanto.

Agora deixa que, terminando, agradeça-te

a confiança em mim e o desprendimento de interesses occasionaes que te levaram a me consagrares «O Crepusculo Interior», cousa que nos dá outro signal do que és e do modo por que fazes questão, meu joven e enternecedor amigo, de vir tomando um lugar entre os nossos contemporaneos no mundo das letras.

«CRATERA»

por Gomes Leite

Rio, 8 de Maio, 1918.

SR. GOMES LEITE.

Acabo de ler seu livro de versos, *Cratera*, cujo offerecimento, feito com tão grande gentileza, muito lhe agradeço.

É raro aos vinte e um annos, idade em que o senhor estréa com estas paginas, poder um poeta dar tão bella e decisiva prova de si. Produccões ahi se offerecem, como *Aguas, Nuvens, Nevoas, Solitudo, Aloe, Romeiro do Sonho, Resignação, Um vulcão grim-pado solitariamente, Velhice de Anacreonte, Novo Pactolo, A canção de Memnon, O ultimo dia de Ariadne, Pompeia, O dobre da agonia, Delirio sonoro*, muitas quadras de *Luar de Agosto, Infinito, Sobre um pincaro, Me-*

tempsychose, *Cratera morta*, (como se vê, são muitas), que parecem feitas por um verdadeiro poeta bem mais vivído e mais exercitado na arte do que se pode esperar de um quasi adolescente ainda.

O senhor tem pensamento e sensibilidade, tem visão ampla e tem capacidade de expressão propria. Pode ser um dos principes da poesia no Brazil, amanhã.

Para que o seja não se deixe embriagar com os applausos de hoje. Receba-os como um incentivo, mas saiba medir a responsabilidade que elles lhe trazem.

Acredite, é com todo o prazer que eu, por este modo, enfileiro-me aos seus admiradores, pois só tenho alegria quando posso applaudir.

«FIO D'AGUA»

por Tasso da Silveira

— —

Rio, 24 de Maio, 1918.

«Fio d'agua...
...houvesse quem, piedoso e amigo,
te ascoltasse um momento,
caminhando contigo
(por teu caminho de alegrias e revezes
—dia azul, noite má...)
—e esse veria o ardor violento,
impetuoso por vezes,
com que te lanças
para um destino que nem sabes qual será...»

«Esse veria que ha revoltas em teu seio,
(oh! teu supremo goso!)
revoltas, sonhos, ambições...
Ambições de crescer, avolumar-se... O aneio
de um dia, entumescido,
ir rolando profundo e tumultuoso,
e acordar a floresta ao epico rugido
da caudal transbordante a escachoar em cachões...»

Estes versos, da poesia com que fechas tua collectanea de estréa como poeta, começando por evocar o titulo geral a que essas paginas se subordinam, merecem o elogio que fazes a um filete, abrindo o teu pequeno livro:

«Fio d'agua humilde e brando,
Da transparencia dos cristaes:
Tão claro e limpido vaes
Cantarolando,
Que deixas vêr lá no fundo
A areia fina alvejando.»

Merecem-no, porque nelles tambem se póde ver o teu intimo, tuas ancias e teus extases, tuas ambições e tuas perplexidades. Mais ainda, pode-se já surprehender a maneira que te vae ser propria, tão natural e tão simples, de uma simplicidade e de uma naturalidade bem tuas, e apanhar até o timbre da musica que descanta teu ser, como o «seio de um buzio», soluçante e ingenua, ainda quando ridente ou quando carregada de odio.

Fio d'agua, conforme explicas, «é a sua ve corrente de emoções», da tua adolescencia. Com excepção de algumas peças novas, ainda assim, ao teu parecer, «sahidas no mesmo tom das antigas», as producções deste pequeno livro vieram-te dos dezeseis aos vinte e um annos de idade. Promettes que outro volume, de proxima publicação, mostrará melhor o que és, ora que já tens mais dous annos. Podia-se completar o que explicas deste modo: e dous an-

nos passados no Rio (vindo, como vieste, da provincia).

Sendo assim, muito é que já se possa dizer o que acima eu disse daquelles versos que citei. Outros têm de haver entre esses muito menos significativos, de valor muito mais discutivel.

Comtudo, o volumesinho inteiro, tomado de conjunto, confirma-nos, mais ou menos claramente, a impressão que nos dá seu fecho. Não é favor nenhum citarem-se com elogio bem umas dez peças, ou mais, das que compõem esta collecção: *Miragem, 31 de dezembro, O sacrificio*, seriam completas realizações, si em uma ou outra dessas peças não se sentisse, talvez, falta de um leve retoque para que ellas nos satisfaçam por completo. Na ultima é bem possivel até nada haver que mereça reparo. O leitor julgará:

«O SACRIFICIO

Com que tristeza—eu que conheço o mundo—
com que pesar profundo
contemplo o lyrio que és...
Eu que conheço o lodaçal immundo
que se estende a teus pés...

Para salvar-te, entre tua alma e o mundo
puz este amor profundo,
puz a barreira do meu ser...
É pude ver-te, em meio ao lodaçal immundo,
branca e pura crescer e florescer...

Mas agora, avivando mais a chamma
do zelo que me inflamma,
reptis agitam-se a teus pés...
Ah! não vão elles salpicar de lama
o lyrio puro que és...

Antes ver apagada a debil chamma
de tua vida... Embora! o amor me inflamma!
— ficarás no meu sonho a florescer...)
Antes te occulte Deus, por livrar-te a esta lama,
na intangibilidade do não-ser...»

Perfeição, Pensamento, Plenilunio, Sonho, Rei desthronado, Perennis philosophia, são numeros de que se pode dizer outro tanto. A *espiral da vida* é de um vigor, de uma complexidade e de uma seriedade no pensamento nada communs até em bons poetas noveis. Começa deste modo:

«A ESPIRAL DA VIDA

A Heitor Beltrão

Homem que sou, eu tenho amarguras supremas
e supremas venturas.
Noites que a alma torturam como algemas,
e alvoradas a rir, immaculas e puras,
em mil scintillações de orientalescas gemmas...

Ahi! a Siberia do spleen... Quando o meu passo errante,
entre as brumas e a treva,
percorre-a, a esmorecer de instante a instante,
Ouço um trêdo rugir, que da noite se eleva,
e me segue, a vibrar, pelo caminho adiante...

Fere-me a alma, então, como o rispido pontão
 de um punhal inimigo,
 a Dúvida — e é mais trémulo o meu passo—
 a inquirir a razão de tudo quanto digo,
 e tudo quanto sonho, e tudo quanto faço...

Mas, acaso, é a existencia, em negro mar, de escolhos,
 uma vela perdida?

Gela-me a angustia os intimos refolhos...
 Toda esta indecisão, toda a magua da vida
 Eu tenho a soluçar no fundo dos meus olhos».

E termina assim:

De subito, porém, erguendo as mãos em prece,
 distendo o olhar afflicto
 em torno... E a Natureza me apparece,
 na floresta, no azul, nas aguas, no granito
 como um lotus ideal que, esplendido, floresce.

Olho a montanha, ao longe,—e ella é um altar erguido!—

Olho a severa fronde
 das arvores, e vejo, surprehendido,
 que sob a quietação da folhagem se esconde
 de ascender para os céos um fremito incontido...

E tudo, e tudo o mais pela varzea me ensina
 o denodo e a coragem.

A Natureza — a fonte alta e divina—
 dá-me a beber do seu aureo esplendor selvagem
 para a sêde acalmar da ancia que me domina.

E, então, a fronte erguendo, á luz que me extasia,
 o olhar forte e sereno,
 o espirito mais claro do que o dia,
 afasto de meu labio o calix de veneno,
 para em hustos sorver esperanza e alegria...

E um cantico de amor nos meus labios explode
 á Terra, na mais alta
 unção, no heroico fremito de uma ode,
 cheio de immenso ardor que o cerebro me exalta,
 e os nervos me subjuga, e as fibras me sacode...

Terra! Sómente agora, á fulgida scintella,
 eu te comprehendo e te amo!
 Nem mais a dor o coração me engelha!
 Vê que enorme é o fervor em que eu todo me inflammo!
 Vê com que contrição a minha alma se ajoelha!

Gloria, pois, ao teu bem! Gloria á harmonia estranha
 que o teu fulgor encerra!
 Gloria ás aguas, aos bosques, á montanha!
 Gloria a tudo que em ti fulge e rebrilha, ó Terra!
 Gloria a ti que me dás uma gloria tamanha!»

Mas de todas, acredito que, aos olhos de
 quantos leiam *Fio d'agua*, a poesia mais cheia
 de esto e mais brilhante é a seguinte, que
 transcrevo por inteiro:

«MAR...

À memoria de Manoel, meu avô mari-
 nheiro.

Navegar—sonho bom que em minha alma palpita..
 Anceio de amplidões mais livres, mais abertas!
 Sangue de meu Avô! Numa ardencia infinita,
 eu sinto que, a bramir, em meu sangue desperta s!

Ah! soffro a nostalgia atávica do ignoto..
 Como o seio de um buzio, o arcano do meu ser
 descanta um murmurio nostalgico e remoto
 de queixumes de mar, de vagas a gemer...

Eu desejara ter a alma simples e rude
como a tua alma foi, meu avô marinheiro!
Possuir, como possuiste, a gloria que não pude
nem de longe entrever neste amargo roteiro...

Eu quizera sentir a louca nostalgia
que velava, a gemer, teus olhos lacrimaes,
quando, as aguas sulcando, a tua não partia
para as terras do Sul, pelas manhãs brumaes...

Haurir, sob o fulgor do firmamento espalto,
todo o encanto sem par que a solidude encerra;
fugir mais para além, para sentir mais alto
e mais forte sentir a saudade da terra!

Embarcar, navegar — meu sonho e meu tormento—
rompendo da neblina o tenuissimo véo...
E á tristeza da lua, e aos queixumes do vento,
a minha barca, o mar, eu, a saudade e o céu...

Quando não vejo o mar—ancia que me aniquilas! —
quando as ondas não vejo, entre brumas e escolhos,
tão grande é o meu pezar, que estas minhas pupilas,
são duas afflicções soluçando em meus olhos....

Eu quero proclamar no instante derradeiro
a alma cheia de ardor e de affecto por Ti,
que, ó Mar, sempre me foste o fiel companheiro
na gloria que sonhei, na angustia que soffri...

Ouvi: que alto se eleva o seu grito iracundo!
Quanta palpação.. Como elle vibra e anseia,
procurando romper esse grilhão profundo
que tão longe o retém da amada—a lua-cheia...

Vêde quanta paixão! Como o seio lhe estua
quando Selene surge... Elle, soffrego, a lua,
Como se, ao vê-la assim toda fremente e nua
pelo azul, lhe sentisse o aroma de mulher...

O mar, que suggestões! Das ondas revoltadas, quando escuto o clamor, pelas noites escuras, julgo ao longe revêr as gerações passadas novas rotas abrindo ás gerações futuras...

O mar! Que ancia elle põe na voz aspera e bruta, ora trêdo a gemer, ora, doudo a cantar,..
O mar é a vida íntensa, o mar é a enorme luta..
E eu nasci para a luta.. Eu nasci para o mar...»

Com isto, não sei quem deixará de reconhecer que és uma força que ahí vem, com legitima vocação literaria e com qualidades incontestaveis de poeta. Admira, até, a perfeição de tua construcção syntaxica, feita com correcção e fidalguia bem raras num escriptor que ainda hontem era uma criança.

Ao que me parece, todavia, só nas tuas produções de character semelhante ao daquellas de que citei dous trechos ao começar, é que mais nitidamente se divulgam as tendencias que te são particulares, o «quid» que já te differencia de quantos fazem bons versos por ahí.

Vida interior e simplicidade serão os dous elementos, si não me engano, que hão de predominar definitivamente na tua poesia, quando já te houveres achado por completo. Quem conhece a espiritualidade que te é essencial, teu horror á artificialidade, sob qualquer aspecto por que ella se apresente, a ancia de sinceridade que te domina, tuas opiniões sobre a finalidade que deve ter a arte, opiniões que parecem de um homem já vivido, de costas definitivamente para todas as brilhantes exterioridades da existencia, tem como natural, se-

não como inevitavel, essa feição no poeta que ha em ti. E a tua bondade fóra do commum, a tua ingenuidade fundamental, tua affectividade emocionante, de que já deste prova publica no teu ardoroso e sympathico ensaio sobre Jackson de Figueiredo, hão de ductilisar, pallear de doçura, de meiguice, de encanto, como já estão fazendo, essas qualidades viris. Tornal-as-ão verdadeiramente humanas e hão de impedir-as de estreitar o teu horizonte visual, tanto mais que, quem olhasse bem lá para o fundo de teu intimo,

«Esse veria que ha revoltas no teu seio,
revoltas, sonhos, ambições...
Ambições de crescer e avolumar-se.»

Não duvido, entretanto, que mais de um leitor encontrem, estas tuas paginas iniciaes no verso, que as perpassse ficando com a impressão de que é bem possivel não vás muito longe, apesar do talento que demonstras. Ainda quando elle soubesse das particularidades acima referidas, bem poderia ponderar que tudo isso ainda não é bastante na carreira das letras para garantir um moço contra a montanha de desencorajamentos que com o correr dos dias lhe tem de rolar contra os flancos, principalmente num paiz em formação como o nosso... Será porque elle desconheça o mais que nós outros teus intimos já conhecemos, — tua capacidade de entusiasmo por tudo o que é heroico, teu denodo na luta, quando te persuades de que esta se impõe por motivos nobres e por dever iniludivel, teu espirito de in-

dependencia, de que não podes declinar sem que sintas perder com isso a razão de existir.

Hão de seguir-se aos prenuncios até aqui conhecidos outras paginas de prosa e verso, que já realizaste, graças ás quaes os estranhos conhecerão desdobramentos da tua natureza que vão confirmar o que estou dizendo por modo a poderem dar-lhes logo uma idéa muito mais completa das possibilidades que representas.

Quando já se está, no entanto, meu caro e joven amigo, na idade em que estou, e já se abriu o caminho nas condições em que o tenho feito, olhando um homem para a situação em que se encontra, consequente da inflexivel persistencia com que se veiu affirmando como entendeu que devia ser, não é sem grande emoção intima que se escrevem linhas como estas presentes a um ephebo do teu valor, a quem entranhadamente se quer.

Não o é, porque bem sei em que vae resultar a severidade implicita desta carta, onde ainda não te confiro a palma que cabe aos triumphantes, mas severidade reunida, por outro lado, ao secreto carinho propulsivo — para que negal-o? — que aqui lateja, em gráo que não ha em mim por qualquer. Bem sei que hypnotismo inevitavel ponho em tudo o que digo aqui, hypnotismo não menos perigoso no proprio aviso do experiente que sou. Porisso mesmo que não te poupo até a olhar em torno do ponto em que paio, mais te vou augmentar a sêde do risco. Si até hoje, pelo que confessaste alhures, tenho sido um elemento de influencia ponderavel na destinação

do teu espirito, menos facilmente evitarás daqui por diante o rumo para que desde o começo, sem saber, com outros te fui inclinando. O verificar já neste *Fio d'agua*, que, de facto, não tens apenas vontade de seguir, mas já estás seguindo por onde queres, convertendo-se o teu pensamento em

«Uma ferida cada vez mais funda»,

é a garantia inquietadora de que, bem depressa, quanto ainda trazes de confundivelmente brilhante nestas laudas de apresentação, ha de ir cedendo o passo ao que na verdade só possa vir de ti, porque gradativamente irás sendo um como ninguem ainda foi bem assim, para saberes quanto os outros não sabem como nos póde amargar a boca.

Que importa! É de nosso dever esta obra de proselytismo em favor daquillo por que nos perdemos, mas amargurados, no intimo, de não nos terem permittido as circumstancias e a deficiencia da nossa natureza. perdermo-nos mais radical e profundamente ainda. A boca nos amarga, é certo, mas basta vermos ao nosso lado um que chega como tu, com o teu ser, que tem tanto de angelical quanto de profundo, tanto de nobre quanto de altivo, tanto de bello quanto de simples, para recommencarmos, si fosse preciso e possivel, o mesmo itinerario que foi o nosso até aqui.

Diante da balburdia do tempo, em que as letras se vão mundanisando cada vez mais no Brazil, por maneira a tornarem-se apenas

um passaporte para a epicuréea barata aos que têm por ideal a mystificação de todos os valores, ideal muito logico, aliás, dada a insignificancia do que nelles, effectivamente, se apura; diante dessa triste, ridicula mascarada, ainda bem que se organisa a reacção, correspondente ao que em outros terrenos se prepara tambem.

Vens, meu Tasso, desde já formando para este outro lado, unico que tem futuro porque é o unico que se alimenta de fé. Tuas possibilidades fazem com que quantos contigo convivem augurem-te um lugar á frente, nas fileiras por que optaste, como representante da nova geração.

Possa eu ainda assistir á tua completa victoria, e á de outros teus companheiros, que tambem estremeço, como a garantia de que fecharei os olhos sorrindo, quando fôr descansar no meu tumulo.

«VULTOS DO MEU CAMINHO»

por João Pinto da Silva

Rio, 3 de Junho, 1918.

SR. JOÃO PINTO DA SILVA,

Acabo de ler seu livro de critica *Vultos do meu caminho* no exemplar que teve a gentileza de offerer-me, o que muito lhe agradeço.

É a primeira vez que o leio, e acredite que foi com verdadeiro prazer que o fiz. O senhor é um moço que tem talento real.

Não posso fazer juizo completo sobre varios dos seus trabalhos porque desconheço ou conheço *insuficientemente* os autores de que nelles nos falla. Mas posso dizer que ha merito incontestavel de critico em quem escreveu paginas como as que o senhor nos dá sobre José Enrique Rodó, Cruz e Souza, Euclides

da Cunha, Emile Verhaeren e Octave Mirbeau. Desses trabalhos agradou-me, sobretudo, o que é consagrado á personalidade literaria de Euclydes: acho aquellas suas notas muito certas e nada banaes.

Permitte um conselho? Venha para o Rio, consagre-se principalmente ao estudo de individualidades que lhe dêem occasião de revelar o alto interesse humano que no senhor já se revela, aos olhos de quem lê esses ensaios a que me refiro, e sua obra será de uma distincção que não é facil adquirir na critica.

Seja como fôr, é com sinceras felicitações que lhe dou um aperto de mão por este livro de hoje, subscrevendo-me

seu

collega e patr.º mt.º grato

«CORRESPONDENCIA DE JOÃO EPISCOPO»

por Antonio Torres e Adoasto de Godoy

Rio, 3 de Junho, 1918.

MEU CARO ANTONIO TORRES,

Andei hontem, domingo, umas boas tres horas de bonde, e tu me fizeste companhia, mais o Adoasto de Godoy. Entendes o que eu quero dizer: nessas tres horas li condignamente (eu ia no bonde) o livrinho que vocês publicaram outro dia, extrahido da «Correspondencia de João Episcopo».

Li-o entre indignado e galhofeiro: indignado quando perpassava trechos de carta ou carta inteira em que vocês (quasi sempre o A. T.) irreverenciavam pessoas ou cousas que eu estimo ou respeito; galhofeiro quando estavamos de acordo, como naquella missiva que

endereçaste ao Quincas Larangeira (missiva que é uma verdadeira obra-prima no genero); ou aquella outra, também excellente, á Sr.^a Palmyra Bastos, tão cheia de unção e propagadora de bons principios (a carta); ou a do Godoy a Madame Capricornio, pagina de uma ironia e de uma psychologia em que se ouvem carnes chiar; ou a ultima, assignada por ti, ao Sr. Affonso Capricornio, a qual nos lembra a satyra truculenta de um Juvenal.

De varias outras epistolas ainda poderia falar com franco elogio, quanto ao assumpto e quanto á forma. E todas ellas conseguiram transportar-me ac tempo dos meus desoito aos vinte e poucos annos, em que a atmospheria litteraria estava impregnada do espirito que ha nas «Farpas» do Ramalho e do Eça.

Que differença vae daquella epoca para o momento que atravessamos!

Confesso-te que eu, não lendo quasi jornaes como não leio, menos por que não o de-seje do que porque não posso, deixei de acompanhar vocês quando andaram queimando pela *Gazeta* esses foguetes de côres. E, porque não os li, ha que tempos que não ria como pude rir nessas tres horas de bonde em que os levei commigo. Não ria e estava persuadido de que não havia mais em nossa imprensa quem se encarregasse com bom exito dessa obra de misericordia, — a de fazer-nos rir, — ainda mais necessaria actualmente do que quando, de ponta a ponta, todos os nossos diarios e todas as nossas revistas viviam a desopilar-nos por tres vintens ou pouco mais.

Não ha duvida, as horas que atravessa-

mos são tragicas, e tragicos, sob certos aspectos, tornam-se os homens e as cousas em horas assim. Não ha muito, eu fui com meu filhinho a um circo, e os palhaços daquelle circo, não sei por que, quasi que me fizeram chorar. Mais ou menos o mesmo acontece-me, quando por acaso passo os meus olhos por uma ou outra chronica das que hoje ainda roubam espaço aos telegrammas da guerra. Nestes, ás vezes, apesar daquelle immensa tragedia, é que ainda se me depara um motivo ou outro para rir, é verdade que quasi sempre, no fundo, com amargor. Homero tantas vezes não nos leva a isso?

De cada vez maior, pois, é a saudade que a gente sente dos tempos da Abolição, da propaganda republicana e até da Revolta da Armada. Porque em plena convulsão civil Gastão Bousquet, por exemplo, nos fazia rir mais com os tiros da «vóvó» do que hoje conseguimos indo ao Monröe ou lendo os magazines de S. Paulo.

Vocês dous, entretanto, alcançaram que naquellas tres horas de bonde eu julgasse ter voltado aos meus vinte annos em flôr. A tal ponto que lhes perdôei a maldade com que trataram certos homens e certas cousas a que só voto carinhos. Elles que me relevem a fraqueza. Mas acredito que, si eu proprio tivesse entrado na sarabanda como padecente, ainda havia de perdoar a vocês.

Em tudo isso pude ver de que milagre são capazes a mocidade e o talento, e pude induzir que ainda não estamos perdidos, porque enfim vocês representam um signal de

capacidade para a reacção, muito possível ainda, sem ser assim por esta forma esporádica, quando o momento permitta.

Quando é que ella virá?

Venha ou não venha, em todo caso, vocês ambos já conseguiram fazer-se um protesto vivo contra essa cousa que ahi anda e que nos quer asphixiar como um estúpido pezadelo.

Porisso, manda-lhes um aperto de mão muito de amigo e de admirador o

velho e affectuoso

«FARIAS BRITO E A REACÇÃO
ESPIRITUALISTA»

por Almeida Magalhães

Rio, 3 de Junho, 1918.

SR. ALMEIDA MAGALHÃES.

Seu livro «*Farias Brito e a reacção espiritualista*», que acabo de ler com todo o interesse no exemplar que me foi offerecido em seu nome, representa paginas que se não poderão perder, porque ellas vão ser indispensaveis, daqui por diante, a quantos se interessarem pela historia da philosophia no Brazil.

Iniciando o seu livro, em poucas laudas synthetisa o senhor, com clareza e simplicidade, o que tinhamos a registrar no que concerne ao movimento philosophico de nosso paiz até aqui, mas fallo por modo que eu, por

exemplo, eu proprio lucrei mais alguma luz com a leitura do seu abreviado.

Passa em seguida o senhor a dar-nos uma idéa do que vem a ser o esforço titanico de Farias Brito nesse campo, onde, «no decorrer de um quarto de seculo, trabalhou isoladamente na sua majestosa e imperecedoura obra philosophica». Fal-o pela «saudade, o respeito e a gratidão que existem na alma do escriptor pelo philosopho». Confessa que a «Farias Brito deve todás as luzes que lhe illuminaram o caminho do pensamento e que o approximaram da verdade e principalmente de Deus, e, o que ainda é mais, da grande, da doce Religião catholica. Fazendo essa confissão, em seguida pergunta o senhor: «Que importa que Farias Brito não fosse de facto um catholicò? Que importa que o mestre hesitasse mesmo entre a religião do Christo e a do Budha, si o seu pensamento deslisava, incontestavelmente, para a moral do catholicismo?» Mas nessa pergunta comprova-se a probidade de quem a faz.

Declarando o senhor, no prefacio, que esta obra é bem a sua «profissão de fé na philosophia espiritualista», logo induzimos que nella não visa apenas realizar um ensaio historico, de modo que achamos muito natural vel-o não só expôr como discutir «alguns pontos importantes da admiravel construcção philosophica do notavel metaphysico» mostrando, sinão as suas divergencias com o pensamento do mestre, pelo menos que interpretação lhe dá em certos e determinados casos, assim como suas opiniões pessoaes em relação a outros sobre que Farias

ainda não se pronunciara definitivamente. Desse modo, meu joven collega, este seu livro, também representa uma contribuição a mais para o nosso pensamento philosophico propriamente dito.

O merito mais consideravel de *«Farias Brito e a reacção espiritualista»* está, porem, penso eu, na larga parte em que o senhor, proseguindo, historia o que até aqui se vem fazendo em torno da obra daquelle a quem chama o «maximo pontifice da philosophia espiritualista no Novo Mundo». Nesse sentido era difficil fazer-se um trabalho mais completo do que o seu, trabalho que, na meia luz sob a qual se vem operando por enquanto o movimento de que falo, salvaguarda-o de uma funesta dispersão possivel, ao mesmo tempo que o intensifica, que o reforça só com o facto de expol-o conjunto. Poucos fariam ainda uma idéa approximada do que já representa a repercussão da obra de Farias Brito, obra que, póde-se dizer, só começou a fazer seu caminho quando a elle lhe cahia da mão a penna no deliquio supremo e augusto da morte. Porisso a leitura deste seu livro produzirá surpresa a quasi todos que o perpassem.

Por elle se ha de vêr que a intelligencia brasileira acorda para a obra contraria á dos constructores sobre areia muito mais prompta e seriamente do que se podia suppôr.

Será, por esse modo, um nuncio alvizeiro aos olhos dos que se possam regosijar com esse facto, porque lhe meçam a importancia e a transcendencia, servindo elle ao mesmo tempo de valoroso estimulo a quantos ne-

cessitem do encorajamento pelo successo dos mais ousados para por sua vez definirem-se acórdes com as suas legitimas tendencias, até aqui acaso sopitadas ou apenas existentes na sua sub-consciencia por effeito de ruidosas e arrogantes correntes contrarias.

Não é de outra fórma que chegam a tomar vulto, a ganhar as proporções de uma onda irresistivel, victoriosa, os novos ideaes, aquelles que se apresentam para fazer época e tem de fazel-a, porque são a virtualidade em marcha para o seu *fiat*, o vir a ser em busca do seu inevitavel destino. Aos olhos que têm algo de inactuaes, como os chama Nietzsche, elles já são antes de ser, e tão necessariamente como o que já podemos dar por decorrido. É isso que explica a fé tranquilla e formidavel do genio.

Nesta parte de que venho falando é que o senhor desenvolve todas as suas qualidades de escriptor, nella é que o senhor põe todo o seu carinho, como si bem alcançasse de antemão que ahi estava o elemento decisivo do seu exito no emprehendimento cujo resultado ora offerece á nossa critica.

Generoso quanto pode ser para com todos aquelles a quem tem occasião de referir-se, cousa que assenta tão bem numa alma enthusias-tica de moço como é a sua, soube, no entanto, nas linhas geraes discernir o papel de cada um por modo a estabelecer a gradação necessaria ao movimento que historia.

É com toda a razão, por exemplo, que o senhor dá precedencia nelle a Jackson de

Figueiredo, porque na realidade foi esse moço aquelle que, como diz, veio «abrir discussão e estudo sobre as idéas do immortal pensador compatricio, foi elle o seu primeiro discipulo, mas que vale por uma legião de seguidores».

Era com segura visão que Farias naquella carta de 30 de Setembro de 1915, citada pelo senhor, a proposito do seu encontro com o joven e intrepido sergipano, escrevia: «Não: meu pensamento não está morto. E estou, pelo contrario, convencido, agora, de que não somente está vivo, como, além disto, se destina á victoria. O que me matava era o isolamento. Foi o que percebi claramente pela vida nova de que me senti inundado, só pelo facto de ter encontrado uma consciencia commigo, na mesma corrente de idéas».

Faz bem, não só em dar-lhe precedencia, como em demorar-se a estudar o seu pensamento em «*Algumas reflexões sobre a philosophia de Farias Brito*», trabalho pujante, tanto mais para um moço então de vinte e tres annos, e que até aqui representa as paginas de critica mais consideraveis ás idéas do mestre.

Alem disso, na dedicatoria que fiz a Jackson de um exemplar de meu opusculo «*Farias Brito*» confessei que no calor do seu coração é que achei o estímulo necessario para bem interpretar a obra daquelle de quem elle foi o mais extraordinario amigo. E á sua actividade, ao seu ardor indefesso é que se deve sobretudo esse movimento que já converteu numa figura gloriosa a do maior dos nossos philosophos, até ha pouco, no entanto, completamente obscurecida pela mais injusta ignoran-

cia e menospreço de que haja exemplo no mundo intellectual brasileiro.

Agora deixe que lhe agradeça a extrema deferencia com que tratou o meu trabalho a que acabo de referir-me, assim como os altos titulos que me confere, a mim que nunca os disputei a ninguem, e que, sinceramente, até hoje nem sei bem o que sou nas letras do meu paiz.

Aquelle meu ensaio foi acolhido carinhosamente pela opinião, como o senhor o reconhece. Os largos e lisonjeiros commentarios que mereceu de pennas cujo valor está acima de qualquer discussão, deram-lhe uma importancia com que eu não contava, sendo elle justamente o trabalho que até aqui realisei com mais receio da minha deficiencia.

De tudo quanto se tem escripto a tal respeito, não obstante, sua apreciação é a que mais me alegrou. Alegrou-me principalmente pelo intelligentissimo desenvolvimento que o senhor lhe deu tratando da ultima parte do meu opusculo, aquella em que procuro demonstrar que a obra de Farias Brito já está em bastante correspondencia, não só com a atmospheria do mundo nos tempos hodiernos, como com o proprio momento historico de que elle participou em seu paiz, assim como que a atmospheria intellectual deste, sua contemporanea, em vez de lhe ser infensa, pelo contrario cada vez mais nitida e homogeneamente se lhe mostra *sympathica* nos seus lidimos typos representativos.

Quer me parecer que o trabalho da critica de amanhã ás nossas cousas cada vez mais

deve ser feito nesse sentido, para dissipar a opinião grosseira que ainda predomina sobre taes assumptos, creada por uma observação superficial ou pelo espirito de conveniencia com que a mantem o joven e o velho medalhismo que se apoderaram das posições e vem immergindo nossa terra numa atmospherá moral crescentemente mais baixa, porque é a unica em que elles podem subsistir tranquillamente sobranceiros.

É porisso que me causou tão grata impressão sua critica, tanto mais quando a recebo de um moço, que vae ser parte integrante do Brazil que ahi vem.

Creio que nos limites de uma carta não poderia dizer-lhe mais, meu distincto patricio, para significar a estima, o apreço com que recebi este seu tão valioso livro e para exprimir-lhe a minha gratidão pela offerta do exemplar que me coube, e mais ainda pela parte honrosissima que nessa obra o senhor me consagrou.

Queira, pois, aceitar, com os meus arduos cumprimentos, um affectuoso aperto de mão do

collega e, já agora,

muito amigo

«VISÕES, SCENAS E PERFIS»

por Adelino de Magalhães

Rio, 15 de Junho, 1918.

Li o teu livro «Visões, scenas e perfis», tão repulsivo e tão curioso, ou mais ainda, que o volume anterior, «Casos e impressões», do mesmo genero, com que, não ha muito, estreaste.

Não conheço autor algum bem assim com os traços sob que te vaes revelando.

Boa parte dos teus trabalhos, por um lado, é francamente fescennina, até aqui. Estes dous volumes já publicados só podem guardar-se nas bibliothecas secretas, onde com elles figurem sem perigo de cahir em quaesquer mãos desde os Ausonios e Claudianos até os Boccacios, Aretinos e Bocages nos volumes clandestinos que deixaram.

Todos os perfis que traças, falando-se par-

ticularmente deste segundo volume, são de typos que, ainda os melhores, os mais honestos, tem sempre algo de caricatural e até de perverso.

Todas as scenas que descreves trahem a tua obsessão pelo obsceno ou pelo repugnante, de qualquer modo. *A festa familiar em casa do Telles* e aquelle horrivel trabalho que vem quasi em meio do livro, *O suicidio da engole-homem*, por exemplo, não podiam ser executados mais escatalogicamente do que são. Não conheço na literatura de qualquer paiz quadro que nos dê uma suggestão mais viva de estupidez, de sujeira e de lixo, que nos deixe mais de mão ao nariz com a fauna humana que apresenta do que aquellas poucas paginas de *Lembranças a Mathilda*.

Demais, si fosses pintor, era para dizer-se que teus quadros, ainda os que não são obscenos, são carregadamente sujos, quer dizer, sem diaphaneidade, sem alegria, até sem leveza atmospherica, portanto sem graça nenhuma.

Todas as visões de que dás conta resultam de uma quasi allucinação. *Jardins* e *De Santa Thereza á noite*, lembram télas de pintores ultra-impressionistas, confinando com as tentativas abracadabrantes dos futuristas italianos, ou certas das composições de Debussy.

Como si tudo isso ainda não bastasse, tua heterodoxia selvagem no referente á construcção grammatical; a temeridade, o arbitrio e tantas vezes o máo gosto com que crias neologismos a cada passo, com que utilisas abundantemente plebeismos e barbarismos, tantos

delles apenas conhecidos pelos circulos estreitos dos que falam a linguagem da gíria; a semceremonia, a precipitação com que adoptas estrangeirismos não raro ainda completamente estranhos ao meio, fóra do limitado ambiente onde os foste colher; o rebuscado, o alcandorado de tantas das tuas expressões; a incorrespondencia entre a impressão que tinhas e a forma sob que a exprimes, na vertigem de graphar aquella impressão immediatamente, com receio de que ella te escape ou de que já não a possas apanhar mais no seu perfeito flagrante; tudo isso, e ainda os numerosos erros de imprensa que escapam na revisão de tuas paginas, tornam tua forma obscura, confusa, barbara, torturada, pretenciosa, absurda, por trechos e trechos dos teus trabalhos, e até em todo o correr de alguns delles.

Não obstante, é de justiça dizer-se que esta tua obra, assim como vem, é das mais vivas e representativas do terrível, mas estranho momento que atravessamos, entre quanto se tem escripto ultimamente no Brazil.

Aquelle typo de Tranquillino, que crias, é verdadeiramente «sui generis», typo pura America do Sul, rastaquera até a medula, pisando «firme, á ingleza», ou «tangosamente», a «gigolo», mas ao mesmo tempo apostolo; sujeito vicioso (até vergonhosamente vicioso), mas porque se lembra «que os grandes genios são castos, e que as velhas creações, as estrellas, as obras primas, os mundos, Deus, não se reproduzem»; originalão que, tendo «sempre o ideal de existir em cada homem, em cada cousa, de ser conscienciente a actividade, a for-

ma, o sentimento, o ideal, o cáos e a genese e o espirito universaes, de ser um microcosmo... sentia verdadeiro pavor de crear intimidade com quem quer que fosse», pela impressão que lhe vinha, ante a perspectiva de um intimo, de ir fugindo da sua personalidade; lunático que «anda tonto, distrahido, quasi imbecil, — vão, — como uma atmosphaera que prenuncia a grande erupção do «Genio»; cavalheiro que «se vestia de escuro e penteava-se de pastinhas», que «pensava em coisas complicadas, revestidas ás vezes de um idealismo quasi Cidade Nova», — circumstancia esta ultima, aliás, que constituia a sua «grandeza incubada», porque assim elle seria capaz de pôr a philosophia dos especulativos a serviço do vasto, lyrico e turbilhonante ideal das massas». Fôra, pois, esse typo, noutras circumstancias, o Messias, o novo Christo, que, ademais, pensava elle estar a epoca pedindo.

Bem sei, confessadamente, em teu livro, Tranquillino é apenas o autor de uma complicada mancha, *Dias de chuva*, e daquella ironica, quasi sarcastica *Sonata em sol maior*, que commemora o dia de Natal. Pelo que elle mostra ser, entretanto, nessas poucas paginas que lhe dá como aos actores se distribuem os papeis, encontra-se tão singular e desabusado sujeito, sob transparentes disfarces, em muitas outras partes de «Visões, scenas e perfis».

Como lhe assenta, por exemplo, ser o nevrotico poeta que expressa suas saudades por uma roceira, em «Darcillinha», quando vem chegando de trem a esta Sebastianopolis, «cidade macabra das Desillusões», a esta «estreita e aba-

fada e estalajada prisão do Rio», mas que, apesar de tudo, bem se vê, lhe é tão cara!

Os *Trechos de uma biographia*, paginas que constituem, ao meu ver, o eixo deste teu livro de agora, ou se referem necessariamente áquelle personagem ou não cabem a qualquer outra criação possível, tanto que tomei a liberdade de transcrever delles os traços com que tenho procurado até aqui dar uma idéa resumida do que seja esse Tranquillino ao mesmo tempo emocionante e equivoco.

É elle — não póde ser outro — quem vae certa noite receber, lá para o lado da Lapa, por certo, as impressões de que dás conta naquella agua forte, a Degas, cheia de coisas difíceis, que chamaste *Café Concerto*.

É ainda o mesmo Tranquillino, sem duvida, quem indo e vindo, febricitante, numa via publica do Cattete, — ao que parece, — toma notas e notas, como um Pissarro accumularia na palheta manchas e manchas, para fazer aquelle quadro cinematico, atormentado, de *A Rua*.

Quem sabe, até, si no ultimo trabalho do livro, *A agonia do Venancio*, não é este, mas sim o proprio Tranquillino quem escabuja inconveniente até á morte, tornando mephitica, repugnante, irrespiravel a atmosphaera de uma sala de hospital?

Eu não estranhara si viesse a apurar que até *Jardins* e *De Santa Thereza á noite*, de que já falei, eram outros manuscriptos que o tremebundo homenzinho te houvesse confiado, elle, que «vivia gaguejando no conflicto entre as idéas em turbilhão e o tempo mais do que escasso para exprimir-as».

Pois que Tranquillino escrevia «cartas allucinadamente licenciosas ao Pae e a amigos reverentes», era ainda capaz de ter produzido *A festa familiar em casa do Telles* e *O suicidio da engole-homem*, a que tambem já me referi.

Para dizer-te tudo o que penso daquelle grande mystificador, eu o julgo sufficientemente jacobino para não duvidar que elle pudesse ter feito tendenciosamente *Lembranças á Mathilda*, que já qualifiquei e, obedecendo ao mesmo estreito sentimento, escrevesse *Club Internacional — Club dos superhomens*, trabalho, diga-se de passagem, dos mais fracos que neste volume apresentas.

«Magro como uma inconsistencia pedante», ao que informas, elle tinha a truculencia bastante, ainda assim, para atirar-se a fazer tambem *A grève* — caricatural e ironica quanto póde ser, — *O Gatuno*, tão cheio de movimento e notas visivelmente flagrantes quanto obsceno, e finalmente *Na redacção de «O Justiceiro»*, sala que parece constituida por gente da Favella, embora mais limpa de roupas e um pouco menos analfabeta. E não sei si Tranquillino não julgaria haver grave injustiça na comparação ao pessoal da Favella.

Vês, pois, meu joven amigo, que o teu livro inteiro pode ser posto muito razoavelmente ás costas daquelle teu estrambotico personagem.

Á vista disso, por que não o fazes definitivamente, tornando tuas obras allonymas? Assim, podias livrar-te da lapidação com que todo o Brazil bem pensante te está mimoseando pela

publicação deste segundo e ainda mais grave peccado que commettes como escriptor.

Talvez tenhas pena delle, lembrando-te de que em vida Tranquillino já foi «o typo integral do «besta de carga», sendo que para tal creatura tudo representava «trabalho» na vida: o ler, o comer, o passear... e o «distrahir-se». Para que, dirás, sobrecarregal-o mesmo na co-va, ainda com essa penosa responsabilidade total?

Queres, sem duvida, que vocês dois sirvam mutuamente de cyrenêos um' ao outro, porque sabes com certeza que, isso sim, estava de accôrdo com o seu gosto, sendo elle «um retrahido que sympathisava extremamente com todos aquelles que, por uma vida aventureira, incorriam na censura geral».

Depois, que diabo! si todo o mundo encarregado de fazer critica pelos jornaes e revistas vê-se na obrigação de prevenir os incautos que pudessem corar e até aprender cousas feias em teus livros, entre esses plumitivos já tem apparecido mais de um reconhecendo-te real talento e elogiando teus trabalhos sob um ou outro aspecto.

Consequentemente, o nosso Tranquillino não participara apenas dos vexames por que tens de passar, mas tambem da satisfação que has de sentir, como todos sentimos quando nos vêm elogios, embora como o trigo entremeado de joio.

Haverá um meio, talvez, no entanto, de se conciliarem as coisas (e eu dil-o-ei daqui a pouco), por modo a não te restar mais di-

reito a teres escrupulo de fazer o que te aconselho.

Se eu opino quasi logo ao iniciar estas linhas que te vaes revelando sob traços que não conheço bem assim em autor algum, é porque esses teus dois volumes fescenninos me parecem, por outro lado, obras merecedoras de respeito no que se refere á intenção intima com que foram feitas. E essa é a razão por que só os hypocritas ou os myopes hão de votar ás tuas paginas um ostensivo horror incondicional ou um desprezo perfeitamente justo.

Mesmo quem não te conheça de perto, si ler com attenção os teus livros, no espirito central que os anima encontrará base para interpretar por modo a fazer-te justiça ainda os mais repugnantes dos teus trabalhos.

Em *Lembranças á Mathilda*, por exemplo (para falarmos apenas do teu ultimo volume), reconhecerá que não tiveste unicamente intenção de produzir uma pagina de «charge» realistica para dar-nos, deante de uma certa agrupação humana, a forte, até suffocante impressão que receberiamos transportados por diabolico encanto, repentinamente, á ilha da Sapucaia. Aquella insistencia com que um adolescente, quasi que a cada instante, pede ao escriba do grupo não se esqueça de mandar «lembranças á Mathilda», insistencia que impõe tal phrase como «leitmotiv» do conto, quasi que transfigura este numa estranha balada, em que, acima de tudo, canta a nostalgia pelas terras distantes daquelles rudés, nauseabundos labregos, ali reunidos num domingo para ditar cartas saudosas aos que ficaram tão longe.

Deste modo, o proprio jacobinismo que se possa ver na intenção daquella pagina, mesmo esse apoucante sentimento se esvae, e ficará patente que, pelo menos no que respeita á sua concepção, *Lembranças á Mathilda* é um trabalho de arte superior.

Apparentemente não se póde dizer outro tanto, é certo, sobretudo com referencia a *A festa familiar em casa do Telles* e a *O suicidio da engole-homem*. Ambos parece que foram realizados apenas por amor á pornographia. A festa do Telles afigura-se-nos mesmo contada com grande exagero, portanto sem ao menos a veracidade que permittiria dar-se a peça como um auto de flagrante, lavrado com a intenção honesta que tem a justiça em casos tães. *O suicidio da engole-homem* ainda é peor, porque ahi tu proprio, sob tua directa responsabilidade, intervens, e num enthusiasmo que não ha senão remedio classificar de obsceno.

Quem tenha, porem, coragem de chegar ao fim deste livro e leia nas ultimas paginas *A agonia do Venancio*, conto tambem ultra-repugnante, como eu já disse, verá, não obstante, que elle representa a «charge» mais convulsa, até mais absurda que se possa fazer contra tudo o que é vil e que é baixo, que elle nos lembra, no seu symbolismo asqueroso, lances tragicos e nauseabundos contados no Velho Testamento.

Temos, pois, de concluir que, a não seres um louco sem nenhuma sequencia logica de espirito, não poderias fazer aquelles dois trabalhos acima referidos com a intenção canalha

que é inevitável se lhes dar, quando lidos isolados.

Assim, nesses casos e que taes, o que haverá é uma lamentável deficiência de expressão para nos revelares os teus verdadeiros intuitos, ou então, estes deverão ser entrevistos, por contraste, na propria ferocidade licenciosa com que fazes taes trabalhos.

Serás um Rabelais decadente, da America do Sul, tonto, bisonho, falho, comparado com aquella grande figura da Renascença, mas emfim, como elle, com intenções que chegam a ser apostolares, sob o disfarce da facecia indecente.

É certo que para isso não bastam simples intenções, que é preciso ter capacidades superiores de escriptor. Essas, no entanto, também as tens, como eu já reconheci quando publicaste «Casos e impressões».

Quem te lê sabendo ler ha de confessar que entre os teus companheiros de geração outro ainda não appareceu com a acuidade de percepção que revelas, no conto, indo além do observado propriamente, dando-nos conta até do que se adivinha e fazendo o leitor adivinhar, por sugestão, muita cousa que não dizes.

Todo o teu livro de que ora falo nos comprova isso. Até nas suas paginas mais obscuras, mais complicadas, mais desastrosas, panteia-se uma natureza verdadeiramente singular, de typo que, seja como fôr, veio para nos dar uma noção da vida differente da que outro qualquer nos dê. Ora, é justamente isso o que mais essencialmente caracteriza o intellectual de alta envergadura. É isso, tanto mais quando a

sua capacidade de expressão, como em teu caso, com todos os teus grandes defeitos e deficiências até aqui, ainda assim corresponde, de modo geral, ás suas vistas. Muitos dos boleos de frase a que te abalanças e muitos dos termos novos que crias, entre os que representam completos insucessos, hão de ficar ampliando as nossas formas de expressão e o nosso vocabulário, de tão vivos, de tão eloquentes, ou de tão subtis, de tão felizmente imprevistos que te saltam da penna.

Finalmente, quem priva contigo, quem conhece tua gravidade «sui generis», isto é, tuas elevadas preocupações, e tua vida, que quasi se poderia chamar de religiosa, embora uma cousa e outra sob apparencias as mais leves, sinão mais bohemias possiveis, por modo a constituireis entre nós um typo que até aqui não se conhecera tal e qual; esse, ainda por esse lado, tem a confirmação de que és de facto alguém com possibilidades para te realizares nas letras por um modo correspondente ao ideal dos grandes ambiciosos, daquelles que querem effectivamente ser, ainda quando á custa de parecerem que não são aos olhos capazes apenas de bem divulgar e discernir os phenomenos banaes dos continuativos, cuja carreira póde ser facil.

Diante de tudo isso, fôra covardia deixar de dizer-te mais uma vez que poderás ser um verdadeiro triumphante amanhã, — talvez, sob certos aspectos, o maior dos nossos contadores, si procurares a perfectibilidade com o mesmo espirito de resolução que empregaste para te affirmares pelo modo perturbador, embora tão condemnavel, por que o tens feito por emquanto.

Vens essencialmente com a natureza de um realista-mystico, tal qual aquelle teu Tranquillino, «filho de uma romantica que falleceu tuberculosa aos 23 annos», educado num collegio catholico, mas que «leu Buchner e Haeckel no saguão da sua Escola superior», e que, «cahindo na vida real, por contingencia, adaptou-se logo a ella, com furor materialistico — evangelico».

Não deverás, conseguintemente, torcer tua indole de modo a falseal-a. Mas é possível escreveres por maneira que os livreiros não tenham de esconder teus volumes ás vistas publicas.

Si achas, embora mal entendidamente, que iria nisso uma quebra de tua dignidade como escriptor, recorre ao teu heroe predilecto, o já tão falado Tranquillino, e põe-lhe sobre os hombros a completa responsabilidade de tudo.

Por esse modo, só lhe hão de chover applausos, ou pelo menos mais applausos que censuras, e tu não ficarás por certo com remorso de o glorificares assim. Tranquillino ainda pode vir a ser nas nossas pobres letras um emuloso do Gargantua e do Pantagrue, creações immortaes daquelle grande espirito sobre o qual disse La Bruyère: «Où il est mauvais, il passe bien au delà du pire: c'est le charme de la canaille, où il est bon, il va jusqu'à l'exquis». Ou, si melhor te aprouver, farás delle um personagem que possa dizer de si mesmo, ainda mais apropriadamente do que até agora, o que Tranquillino já disse, quando escreveu os «*Trechos de uma biographia*»: «Avança e recua, D. Quichote-Sancho. Avança D. Quichote para re-

cuar Sancho. E avança e recua sempre, D. Quichote — Sancho. Em que ficarei afinal? Eu, — um mysterio que por ahi se vae entre outros mysterios, na voragem do mysterio maior,..»

Experimenta: fazendo um bom esforço, Tranquillino é bem capaz de perder ou pelo menos attenuar aquelle vicio, tão afflictivo, da gaguez, que confessa e attribue, como eu já lembrei, ao «conflicto entre as idéas em turbilhão e o tempo mais do que escasso para exprimi-las».

Melhorando, quando nada, a tal respeito, meu caro Adelino, e portanto serenando um pouco, póde ser que por si proprio, espontaneamente, elle perca a mania pornographica, porque lá diz um autor que o desespero e a obscenidade se chamam.

Seja como fôr, devo dizer-te que, ainda mesmo como és até o presente, prefiro o escriptor que ha em ti a esses cabotinos tantos delles de alma negra, mas ameigados de boca, embora, não raro, produzindo coisas torpissimas para saborearem-se em circulos restrictos, gente que vive impingindo pechisbeques como joias massicas aos eternos basbaques, ás vezes a uma sociedade inteira, que elles mystificam, e vão atravessando entre applausos crescentes, cujos écos, de tão estrondosos, hão de causar espanto até a muitos solertes e perspicazes que se incorporaram á claue por velhacaria ou lassidão pusillamine.

«ALGUNS POETAS NOVOS»

por Andrade Muricy.

Rio, 1918.

MEU PREZADO ANDRADE MURICY.

«Alguns poetas novos», paginas de critica que acabas de publicar, bem merecem que as acolham com alegria os teus companheiros de geração.

Não é difficil encontrar-se quem saiba ler versos por maneira a distinguir os que são bons dos que são máos. Para isso nem é preciso que haja criticos. O melhor critico da poesia é o proprio publico. A critica o que faz em geral é, pelo contrario, conturbar facciosa e autoritariamente o juizo espontaneo do leitor.

De modo que o difficil é vir alguém falarnos de versos bem interpretando o que o publico sente, mas que não sabe dizer com precisão.

A primeira condição para sermos critico, consequentemente, é sermos dotado de sympa-

thia. Só comprehende quem sympathisa: a propria palavra o está dizendo.

A segunda é não trahirmos tal sympathia por força de outro sentimento qualquer. É sermos ingenuos na critica como o poeta é ingenuo na creação.

De onde se está vendo que o verdadeiro critico do verso é aquelle que melhor sabe sympathisar com quem o produz e que tanto se doa de trahir o poeta como este de emitir uma nota falha na interpretação da natureza.

Mas por essa razão é que ha muito mais bons poetas do que legitimos criticos. O poeta não tem interesse nenhum em cântar mal; tudo tenta o critico a falsear suas opiniões.

Quem resiste a tanto — e rarissimos resistem — é que pode ganhar fóros de cavalleiro nos arduos torneios da critica.

Parece, no entanto, por estas tuas novas paginas, ainda de ensaio, embora, que tu, meu joven amigo, és capaz de tal triumpho.

«Alguns poetas novos» é um opusculo intelligente e sério quanto póde ser, tanto mais olhando-se para o verdor dos teus annos. De «Literatura Nacionalista», com que estreaste, para este outro livrinho, ha um extraordinario progresso. Estavas ha dous annos muito em via de formação ainda; agora já representas um escriptor com quem é preciso contar-se.

A nebulosa anterior, que trouxeste da provincia, já nos deixava entrever a que hoje começa a realisar-se propriamente. Já se sentia que não era balofo o teu interesse pelas letras, porque por teu lado eras um espirito que vinha com necessidade, propriamente, de pensar.

Era vizível, ainda, que desejavas pensar por conta própria, conseguintemente assumindo a responsabilidade dessa independência. Tudo, porém, que nos apresentavas vinha impreciso e quasi que apenas ruidoso. Reflectias assim a imagem do mundo como o puderas apprehender até então.

Agora, é diferente. Nos dous annos de Rio que já contas, lendo quanto pudeste ler, velhos e novos, os nossos como os estrangeirós, precisaste melhor tuas idéas, e com isso foi-se-te acalmando a excessiva effervescencia inicial.

Com relação á gente nossa, não foram apenas as leituras, mas foi também a convivência directa ou indirecta, com os proprios autores ou com os que delles mais sabiam do que tu, foi isso que ainda melhor completou teus conhecimentos «*sur place*», dando-te, só então, o sentimento de segurança e até de familiaridade que te habilitou a te fundires ao meio carioca, a bem te considerares um homem de letras como os outros que aqui se cruzam no nosso caminho.

Como és joven, porém, dando-se que só a mocidade póde sympathisar integralmente com a mocidade, até chegar a advinhal-a no que ella ainda tem de virtual, muito naturalmente foram os teus companheiros de geração aquelles por quem de novo se te moveu a penna para proseguires na tua obra, agora que já escreves no Rio. Além disso, como os poetas é que mais prompta e vivamente nos sensibilizam, foi um punhado delles, tirados dentre os teus coetaneos, que no caso mereceram tua preferencia.

O maior valor de «Alguns poetas novos» está, como aliás reconheces, em que são estas paginas as primeiras onde já se tenta apresentar em galeria, conjunctos, os novos representantes do verso no Brazil.

O facto de ser um joven como elles que o faz, torna ainda mais curioso este opusculo. Um critico da minha idade, si o tentasse, sem querer fal-o-ia um tanto ou quanto distraidamente, ouvindo mais as musicas já ouvidas que influenciaram nestas, — as de seu tempo, — do que bem sentindo a novidade legitima que haja nas actuaes. O moço, ao contrario, para o que vem apto é para impressionar-se com o rythmo do momento mais do que com outro qualquer, porque esse é o que corresponde á sensibilidade que elle trouxe por força do novo ambiente onde nasceu. Eis a razão por que o joven vibra com o seu companheiro de época como si este fosse de facto o primeiro homem que diante delle propriamente cantasse. Até só elle é que traz ouvidos para bem distinguir o que é representativo do seu tempo daquillo que não corresponde ao diapasão bem actual.

Fica-se, pois, lendo o teu livrinho, meu caro Muricy, quasi que tão encantado como si elle fosse um livro de versos tambem. Pela sua frescura, até pelo que represente ainda de inseguro, defectivo e tartamudeante em noções, traços e expressividades, por tudo, si elle nos faz um pouco sorrir, é com a sympathia que ha em toda alma pelos primeiros albores da manhã. Basta isso para emprestar-lhe muito de poesia, isto é, para confundil-o até certo ponto com o objecto que elle pretende criticar.

Então o elenco de que nos dás o quadro fica integralmente risonho de mocidade também. É uma tēla em que os seus objectos terão particular prazer de rever-se daqui a vinte annos, quando deixarem de ser moços.

Hoje talvez nem todos, á primeira vista, acolham-na com desaffrontado alvoroço. Provavelmente alguns acharão que és critico demais. Puderás ter omittido um traço ou outro, esbaido uma ou outra sombra, prejudicando o acabado do retrato, porem deixando-o mais lindo. Todos secretamente temos a fraqueza de tal voto, em se tratando de nós, e aos moços ella é perdoavel como em ninguem. Mais de um deixará de ponderar, ao certo, que tiveste o bom gosto de só falar nominalmente daquelles que te podiam merecer elogios, e que, assim, só o facto de os mencionares já implica uma eleição, uma aceitação, consequentemente um louvor.

Eu, no entanto, do que gozei, sobretudo, em teu trabalho, foi justamente do muito desenho que elle já tem e da sua distribuição de luz, quasi sempre intencionalmente rigorosa. Tal prazer não gozara si houvesse acaso sentido que o fazias mais por amor á technica, por ostentação de recursos do que pelo desejo secreto de valorisar convenientemente os traços mais bellos, mais felizes dos typos de que nos falas. Justamente porque no fundo tua intenção foi edificante e carinhosa, é que, embora sem falar directamente de ti, por tua vez te retratas, inclues-te nessa mesma galeria, com o ar de uma quasi creança de aspecto algo severo, para

ser, no entanto, intimamente, de uma meiguice mais efficaz, mais impressionadora.

Creio, basta o que digo como justificativa á razão, pela qual me parece que o teu apparecimento na critica é para felicitarem-se principalmente os homens de letras que vêm surgindo comtigo. Essas qualidades que assim tão de passagem te reconheço implicam talento e caracter que, em qualquer parte, são raros, e ainda mais nestas terras, onde as attitudes verdadeiramente nobres e valorosas, na literatura desinteressada, valem por um apostolado sempre mais ou menos doloroso. Apparecer alguém disposto a elle e com os difficeis requisitos que o tornam possível, é uma das maiores garantias para quantos vêm com elle confiantes no valor proprio, mas porisso mesmo sedentos de justiça que se não torça, necessitados de apoio que se não sonegue a quem só de justiça precise e de ambiente digno e são para ter seguro um lugar ao sol.

Mas não são apenas os moços que hão de regosijar-se com isso. Nós outros que já trabalhamos, vendo que a nós succede quem poderá reconhecer bem o nosso trabalho, sentimos tambem o contentamento do lavrador que hoje semeou confiante em que, sinão elle, ao menos outras mãos amigas hão de colher o cereal maduro amanhã.

Nas letras não se morre, si alguém nos apanha a deixa, porque o que vimos dizer é um pedaço de frase que valerá em se lhe ajuntando outro pedaço de frase capaz de completar-lhe o sentido, para que o povo de que somos

representantes inscreva no Tempo a legenda significativa da missão que lhe coube.

É, pois, como quem também espera, que pelo teu trabalho de hoje, enternecidamente, meu sympathico Muricy, dou-te um aperto de mão.

«SOL DE PORTUGAL»

por José Vieira.

Rio, 24 de Novembro, 1918.

MEU CARO JOSÉ VIEIRA

Desculpa-me. Já vae para bem tres mezes que li o «Sol de Portugal», teu livro de viagem ultimamente publicado, mas só hoje, por tantas circumstancias, é que posso escrever-te em agradecimento á gentileza com que me offereceste um seu exemplar e para dizer-te que gostei muito de ler essas paginas.

Vê-se por ellas que já te formaste nas letras, dispondo agora com segurança e brilho do idioma, como um verdadeiro escriptor, e escrevendo sobre o assumpto de que trataes com alma e espirito bem propios de todo brasileiro que mereça influir pelo pensamento na orientação do seu paiz.

Fizeste um livro de piedade e carinho, no seu conjunto, falando da Beira Alta, «a mais portugueza e a mais bella» das provincias do velho reino, hoje tão irrequieto sob o barrete phrygio.

Andaste muito bem. Desamarmos a terra onde temos a nossa origem é não sabermos amar-nos de modo integral. Nós somos ainda europeus e peninsulares muito mais do que pensamos. Sentirmos até certa nostalgia do torrão onde se caldeou pelo menos boa parte do sangue que nos corre nas veias, é tão natural como são naturaes as influencias do atavismo.

Nos estados d'alma que a vista das nossas grandes florestas, dos nossos rios gigantescos em nós produza, ainda entra muito do tom melancolico e doce que os carvalhaes e a flôr da giesta, ou as aguas do Douro, do Tejo, do Mondego, do Guadiana davam ás impressões dos nossos païs. Ainda não ha tempo para nos termos adaptado a este novo e grandioso habitat em todo o nosso ser. Mas, quando mesmo tal adaptação se realise por completo, o novo rythmo do nosso sentir será uma resultante da transformação do sentimento herdado; não ha de ter compasso tão outro como si de origens oppostas viesse. Aquelles proprios brasileiros que em nada participem da origem lusitana não poderão fugir de todo a essa contingencia, influenciados como são pela cultura geral do paiz. É em razão disso, por exemplo, que se pode considerar o portuguez latino.

Como da natureza, assim se tem a dizer dos homens. O portuguez no Brazil, sentimol-o e elle o sente, não é nacional, mas tambem não

é estrangeiro: é simplesmente portuguez. Outro tanto acontece com o brasileiro em Portugal, e (o mais curioso, o mais significativo) até com o portuguez que vive no Brazil: lá nós somos brasileiros apenas, não estrangeiros propriamente ditos. É certo que elles não permitem ao filho de cá exercer lá na terra delles a influencia que exerce o portuguez no Brazil, a não ser que elle se faça portuguez tambem. Mas si não houvesse lá grande força de resistencia, ainda, ao nosso dominio, Portugal já seria o nosso jardim de recreio na Europa, como talvez um dia venha a ser.

Temos de olhar, pois, com enternecimento todo particular para aquellé pittoresco extremo da Europa, que a nós nos parece tão florido e festivo porque no seu destino estava descobrir e amanhar para a civilisação o Brazil.

É curioso: de certo por mimetismo inconsciente de artista, teu carinho pelo assumpto, neste livro, foi a ponto de até escreveres num portuguez talvez demasiadamente de lá, de maneira que o leitor até facilmente imagina houveses adoptado o proprio sotaque beirão ao ditares a ti mesmo as laudas que ias enchendo. Aos olhos dos que assim interpretem o caso, tuas paginas ficam mais pittorescas ainda.

Sentem-se, alem disso, nos teus modos de ver de viajante ainda bastantes maneiras do Eça, do Ramalho, do Fialho d'Almeida, embora sem tanta irreverencia patente como a que elles tinham quando nos falavam de suas excursões pela terra patria.

Não obstante, teu livro é muito nosso numa cousa: no ter sido escripto sempre com a

idéa de um brasileiro que escreve para brasileiros sobre Portugal. Só nós outros poderemos bem divisar os subentendidos, as segundas e terceiras intenções, tanto no que elle tem de piedoso como no que tem de perverso. Sente-se, por exemplo, quando escreves aquellas excellentes e entusiasticas paginas sobre Grão Vasco, o velho pintor portuguez, não esperavas deparar naquella terra com um typo antigo que em trabalhos de téla te desse tão alta idéa de si. O mesmo me aconteceu quando, de passagem por Lisboa, vi o Convento dos Jeronymos, embora já tivesse lido paginas grandemente encomiasticas a seu respeito. Por outro lado, aquella nota tão bem feita sobre a flôr da giesta, — para citar uma nota só, — é de uma diabrura, para não dizer de uma *canaille* que só nos outros podemos bem medir.

São modos de ser inevitaveis em descendentes de um povo europeu desenvolvidos neste novo mundo. É o que se dá mais ou menos com o néo-hespanhol transplatino e transandino; é o que acontece com o filho do inglez nascido na America do Norte. Todos têm para com o avoengo europeu uma impertinencia que no fundo ainda é uma forma de carinho, como são as ousadias da creança com as cans do velho que as põe ao collo e as anima. Vá outra gente falar mal delles diante de nós, e logo o coração se nos confrange. Qual o de nós, por exemplo, que sympathisa com as brutalidades dos conceitos que teve lord Byron em relação a Portugal?

Assim, mesmo que não viesse no teu livrinho aquelle pequeno trecho que chamaste A

Emigração, e a nota, mais ampla, que o acompanha, nem por isso se deixaria de reconhecer que elle é bem nosso.

Infelizmente os factos do dia obrigaram-te a deixar nas tuas paginas tal pagina, aborrecida aos nossos olhos, e sem duvida, pelo mesmo motivo que temos, tambem aborrecidas aos de todos os portuguezes que se possam collocar acima das paixões do momento. É triste que naquella terra se atravesse uma hora tal, que os seus interesses occasionaes a obriguem a uma campanha de descredito contra nós, emquanto d'aqui se lhes responde tão bonacheiramente, que consentinos, até, venham os emigrados de lá (pelas causas politicas determinantes de tal situação) ganhar sua vida no Rio aporтуguezando completamente parte da nossa imprensa, com açambarcal-a, e até, alguns, utilizando-se della para nos dirigir insolencias.

É que, por instincto, nós sentimos que tudo isso não tem grande importancia para os nossos destinos, — por tal modo confiamos nelles. Num momento de máo humor que nos venha, sacudiremos do dorso esses parasitas malevolos, como os elephantes quando se irritam. É possivel que o facto se venha a produzir de modo completo e definitivo daqui a cincoenta annos... Mas que é meio seculo em comparação com o futuro que temos diante de nós?

Basta, em todo caso, haverdes posto tal remate ao livro para que elle tenha perdido as condições de exito, que trazia, aos olhos daquelles de quem hoje depende em bom gráo fazer-se ou não se fazer atoarda em torno do que publica um homem de letras em nossa terra.

Essas é que são as nossas tristes contingencias do instante.

Si, contudo, ao barulho e á vendagem preferes contar com as sympathias e com o apreço dos teus patricios bem patricios, patricios de corpo e alma, que se collocam acima de considerações subalternas e degradantes, deves estar contente e convencido de que são muito sinceros os parabens que te envia um como o

teu

velho amigo.

«O TRIUMPHO»

de Ranulpho Prata

Rio, 9 de Dezembro, 1918.

SR. RANULPHO PRATA,

Com seu livro de estréa, «O Triumpho», mostra-nos o senhor uma cousa: é que vem realmente para escrever. Esse livro é um documento a mais de que o futuro poderá dispor para fazer uma idéa da nossa vida e dos nossos costumes provincianos hodiernos.

É nessa parte que seu romance tem mais valor, encarado de tal ponto de vista. Seus personagens acabam por transportar-se para o Rio, é certo, e aqui é que se dá o desfecho da fabulação, mas nada de interessante sobre o meio carioca nos conta o senhor, como era natural que acontecesse a um moço provinciano.

ainda em seu periodo de adaptação a tal centro.

Sua technica ainda está longe de ser perfeita, sob todos os aspectos, mas também em tão verdes annos não podia deixar de ser assim. O senhor, porem, já tem espontaneidade e até certo ponto uma maneira de escrever pessoal. Já se sente na sua frase, aspera e brusca, a promessa de um rythmo que lembre um tanto essa musica americana cheia de soluções, de paradas imprevistas e de saltos, curiosa e barbara, que hoje por ahí se toca nos cinemas e nos cafés-concertos.

Só lhe falta uma cousa de essencial: é casar a sua sensibilidade com a da sua geração. «O Triumpho» é um *pasticcio* naturalista, e o naturalismo já de ha muito passou. O senhor precisa soffrer e sonhar com os seus companheiros de idade em communhão perfeita para pôr o seu relógio na hora. Já não se trata mais de contar aos leitores patifarias de *parvenus* e rastaqueras afim de escandalisar as almas ingenuas e dar-lhes uma impressão repugnante da vida, sem nos preocuparmos com o effeito moral dessa falta de caridade. Tal orientação já produziu os seus fructos. Foi o materialismo que creou a situação tremenda em que hoje se acha o mundo inteiro.

Porisso os moços bem da hora que trazem algum pensamento já não ostentam mais a attitude sceptica que era de bom tom no tempo do Eça. O senhor notará que até, pouco a pouco, os literatos de salão, no Rio, estão enlanguescendo os olhos, querendo pôr espiritualidade na fala, transcendencia no gesto, mysterio no

pensamento. No fundo, certo, o que elles continuam a ser, de facto, é muito bons pares para o tango. Não obstante, já se vêm arrastados para essas novas monices, pela força das cousas.

É que de tanto horror, de tanto soffrimento como aquelle em que se acha mergulhada a humanidade actual, qualquer cousa de grave tem de surgir por força para o mundo do pensamento. A inquietação em que entramos já nos faz perder a curiosidade pelas anedoctas canalthas, pelos escandalozos *faits divers*, por toda a exposição do modo por que vivem os malandros cujos expedientes ainda lhes permitem continuar na troça, no vicio, emquanto toda a terra se convulsiona.

Conseqüentemente, quem veiu para manejar uma penna, como o senhor nos mostra que veiu, e está na sua idade, não pode ficar por muito tempo na insipiencia de que o seu primeiro livro nos fala. Estou certo de que dentro em pouco o senhor nos demonstrará não serem fallazes as esperanças que suscita com este primeiro livro, do qual muito lhe agradeço a tão generosa offerta no exemplar que me enviou. Creia, já andava envergonhado de lhe não ter ainda escripto uma palavra cumprindo com este dever que hoje cumpri. Mas foi levado por circumstancias forçosas que só hoje me pude desempenhar de tal divida, pelo que termino pedindo-lhe desculpa.

Acredite que lhe é muito affeiçãoado o velho

Seu
collega.

«SERENIDADE»

por D. Laura da Fonseca e Silva

— —

Río, 10 de Dezembro, 1918.

D. LAURA DA FONSECA E SILVA,

«Serenidade» não me deu a impressão que de seu título se podia esperar. Em seu conjunto, pelo contrario, é um livro doloroso, pungente, intimamente desordenado, falto de equilibrio, mesmo, como «Imaginação» e «Poesia» não são. Aliás, que elle não póde corresponder ao seu título, a senhora propria o reconhece muito em parte no poemeto que lhe serve de fecho. É livro que, até nas suas alegrias e trivialidades, reflecte uma phase de vida verdadeiramente convulsiva, tão propria da mocidade, é certo, mas que só passada a tormenta póde ser traduzida por maneira verdadeiramente artistica. Todos

nós, os muito sensiveis, atravessamos essas quadras, que na occasião parece nos vão matar.

Ellas não matam, fecundam-nos, quando somos fortes. Confio que a senhora mostrará que o é. Do seu grande talento é licito ainda esperar-se muito.

Estas proprias paginas, que tal impressão me causaram, por outro lado, fortalecem-me na esperança que enuncio. Varias dentre ellas representam lindas realisações. Citarei: «Fabula», «Simplicidade», «Madrigal-Funeral», «Acenos e sorrisos», «Pesadelo», «A uma pobre mãe», «Icara», «Variações á lua», «Girassol», «Heliotropismo», «Palmeira», «Sacrificio exterior», «Firma-mento», «Creanças e flores».

Alguns destes, pelo menos, sob certos aspectos, são trabalhos cujo valor me parece acima dos que revelam quantos outros a senhora apresentára em livro até aqui. Mais que todos, no entanto, ao meu ver, indica o alto remigio a que se póde elevar o seu espirito, a profundidade que póde attingir o seu pensamento, o poemeto final, que tem o mesmo nome do livro, embora represente, em muito, mais uma nebulosa do que uma realisação, pelo que ha nelle de obscuro, fazendo lembrar as nebulosas dos symbolistas de hontem, principalmente as mais caracteristicas de Cruz e Souza.

Tudo isto, certo, é muito uma questão de gosto. Ninguem negará, entretanto, que numa coisa a senhora evoluiu daquelles seus dois primeiros livros para cá: na sua feição moral. Não se negará isso, nem que tal evolução se deu de um modo verdadeiramente imprevisito. Ella data do seu opusculo «Meia duzia de fabulas», publi-

cado ha mais de um anno. Antes d'elle vir á luz, ninguem imaginaria que em sua natureza, até ahi tão normalmente feminina e de um feminino tão brasileiro, estivesse manejar a satyra com o talento, a coragem e a crueza com que nella a senhora o fez.

Neste livro de agora só um numero se encontra bem correspondente a taes producções causticas. É o intitulado «Vão todos». Mas também só esse vale por todos aquelles outros que primeiro vieram á luz.

Infelizmente, dir-lhe-ei com franqueza, tal evolução se afigura muito ingrata ao meu senso estheticó, produzindo-se numa natureza de mulher. Eu preferiria muito mais que a senhora encontrasse em si outros recursos para manter o seu «tonus» vital, que não esses, tão inexoraveis, tão aberrantes do seu sexo.

Mas, a vida é como é, e cada um dos seus phenomenos revela-se, ante as circumstancias, por leis necessarias. O critico literario não tem o direito de intervir com pretensões orthopedicas na formação da alma dos autores. Esta irá sempre se revelando de accordo com o seu tempo, para bem reflectil-o. Sem esse traço, que a mim tanto me conturba, — sem esse ou outros traços másculos assim, — é possível a senhora não fosse dentro de sua geração uma perfeita precursora do seu sexo, mesmo aqui neste tardo Brazil. Estamos num momento em que, como nunca, não sabemos o que será o dia de amanhã.

De qualquer modo, pareceu-me que devia dizer-lhe, embora assim tão por alto, D. Laura, tudo o que pensava a proposito destas suas

novas paginas; cuja delicada offerta, no exemplar que a senhora teve a gentileza de enviar-me, agradeço-lhe muito, sendo sempre

seu

sincero admirador e amigo.

«MÃO OLHADO»

por Veiga Miranda

Rio, 9 de Dezembro, 1918.

SR. VEIGA MIRANDA.

Agradeço-lhe muito a offerta que me fez do seu ultimo romance, o *Mão Olhado*. Li-o com vivo prazer. Como obra descriptiva e como estudo de costumes nacionaes, alem disso como peça de estylo, — masculino e sobrio, de legitimo bom gosto, — elle representa uma séria contribuição para as nossas letras.

Nós outros, do Sul, ainda estamos bem pobres no genero. Os escriptores do Norte é que têm contribuido mais largamente para constituir-o.

Por que? Dizem que porque elles são mais

vivamente brasileiros do que nós somos. Em certo sentido, acho que sim.

A causa principal disso é o isolamento, a segregação em que permaneceu e permanece, a falta de endosmose de que se resente, — sem immigração, como tem estado até hoje. É raro, mesmo, verem elles, da Bahia por diante, a gente do Sul em suas terras. Nós outros vamos á Europa, aos Estados Unidos, ao Japão, ao Egypto, á China, mas não vamos ao Pará, muito menos ao Maranhão, a não ser pela força de grande necessidade, que raramente apparece. Os nortistas vêm antes para o Sul do que ao Sul propriamente. Os muitos que de lá se despegam quasi sempre não voltam, de modo que nada adiantam para o caso.

Dahi vem que elles lá não têm outro caminho a seguir, para a sua conservação, do que tomarem-se absolutamente a sério, do que mesmo ganharem certo daltonismo, pelo qual se vejam, orgulhosos, homens como ninguém, e mais brasileiros do que os brasileiros de cá.

De facto elles o são, mas como conservadores de um Brazil que no Sul já se vai completamente esbonoando e que até nunca chegou a constituir-se aqui com aquella feição desassomburada, satisfeita de si, — profundamente ingenua e encantadora nessa ingenuidade, — que lá pôde alcançar.

O nortista, geralmente falando, adquira que cultura venha a adquirir, nunca chega a perder completamente, depois, esses preconceitos que em seu meio, quando ainda intacto, forçosamente ganhou. Elle será um excellente brasileiro, mas antes de tudo á moda nortista, adorando

o seu povo e o seu *habitat* acima de todas as gentes e de todas as cousas.

Se é escriptor, na maior parte dos casos sob tal aspecto se ha de revelar. Dahi o ser a romantica, até mesmo a poesia nacionalista, até mesmo a sociologia applicada ao Brazil, muito mais consideravel nos escriptores do Norte do que nos do Sul. Veja-se, por exemplo, o movimento symbolista que tivemos: aristocratico e cosmico como se apresentou elle, quasi que só conta com representantes no Sul.

Nós outros, de cá, não devemos affligir-nos demasiadamente com isso. É preciso que o Brazil areje o cerebro, torne-o mais complexo, mais transcendental, que se interesse, não só pela sua vida, como pela vida do planeta, integre-se na civilização segundo suas forças já lhe permittirem.

Si nós, por exemplo, nos houvessemos interessado pela Grande Guerra, que acaba de passar, apenas no gráo do interesse por ella manifestado lá para o Norte, não teriamos tido estimulo que nos levasse a tomar parte nesse incomparavel conflicto siquer pela maneira tão modesta, em todo caso digna e certa, por que tomámos.

O nosso movimento literario conhecido sob a designação geral de movimento symbolista é o que nos permite podermos affirmar que nas bellas letras não estamos tão retardatarios como estariamos si todos nos conservassemos emperrados ainda na imitação de Zola e de Eça de Queiroz, quanto á prosa, ou dos parnasianos quanto ao verso, ou mesmo na admiração incondicional do scepticismo doloroso, transcen-

dente, de Machado de Assis, que, importante como seja, representa, todavia, um caso esporádico na nossa literatura, essencialmente constructora, quasi sempre, como devia ser.

Em todo caso, convêm não nos perdermos nas nuvens com pretender elevar-nos acima dos interesses regionaes. Precisamos ver, além disso, para não nos envaidecermos, que ainda o Norte, tendo por esses interesses, como tem, tantos extremos, nem por isso deixou de levantar os olhos mais alto, ao seu modo. A maior parte dos nossos modernos pensadores, criticos e historiographos é de lá que vêm: Tobias Barreto, Sylvio Romero, Teixeira Mendes, Joaquim Nabuco, Araripe Junior, Clovis Bevilacqua, José Verissimo, João Ribeiro, Farias Brito e varios outros. E não preciso dizer que, ainda quando tratem de cousas do Brazil, qualquer um desses homens tem capacidade bastante para não se restringir a pontos de vista mesquinha nente nacionaes. Na propria romantica, Graça Aranha só por si revela que os homens do Norte são capazes de interesse universal até fazendo obra de ficção.

Nós, de accôrdo com as nossas circumstancias especiaes, podemos ser mais cosmopolitas do que elles são no seu conjunto, mas é indispensavel não desajermos inteiramente nosso pensamento do sólo patrio.

Felizmente os *Sertões*, de Euclýdes da Cunha, os livros de Affonso Arinos e outros que vão apparecendo de ha uns annos para cá, entre os quaes está tão bem collocado este seu, demonstram que a reacção se opéra.

Ainda outro dia tive occasião de ler a viva

e curiosa collecção de contos que vem a ser o livro *Urupês*, do Sr. Monteiro Lobato, apparecido ha pouco ahi em S. Paulo. Mas muito a pezar meu vi que o seu autor tem por intenção consciente fazer com elle guerra ao caboclo, acreditando que este seja uma creatura irremissivelmente inutil, antes apenas prejudicial nuna terra progressista.

Comprehendo perfeitamente que se possa ter essa impressão do nosso pobre caipira, em face do estrangeiro e mesmo do brasileiro culto, modernizado, que hoje ahi dirige os trabalhos agricolas.

Mas é preciso não esquecer que esse caboclo é o mesmo formidavel mameluco bandeirante, que foi até o extremo Sul, que conquistou Minas, Matto Grosso e Goyaz, que chegou até o Maranhão, que impelliu o hespanhol para tão longe quanto era possível, que dilatou enormemente o Brazil. É elle proprio, apenas personificado agora naquelles dos seus especimens retardatarios, os que hoje não são donos politicos do Estado nem senhores de cafesaes immensos, mas uns pobres parias, corridos por estes e pelo immigrante estrangeiro. É preciso reconhecer-se: mais do que essa triste gente, da sua miseria é culpado o seu proprio irmão triumphante, que não lhe ministra instrucção nem lhe proporciona hygiene em gráo bastante extensivo para assimila-la de modo conveniente ao fim ambicioso que tem em vista.

É claro que taes residuos se tornarão até um elemento perigoso si persistirmos na desidia em que temos vivido para com elles e si continuarem a ser acossados como são, quando elles

representam a massa unica com que podemos contar para fazer frente amanhã ao advena que nos queira porventura absorver.

Bem servidos estaríamos, pois, si os nossos homens de letras imitassem o talentoso Sr. Monteiro Lobato nessa infeliz tenção com que fez o seu interessante livro, da qual, entretanto, mais bem orientado agora, parece já estar arrependido, pelo que se vê no prefacio da segunda edição...

Comtudo, errando ou acertando neste ou naquelle ponto, estamos tambem aqui no Sul concorrendo para enriquecer a nossa literatura regional. Estamos mostrando, como o senhor o mostra de sobejo, que tambem temos escriptores inteiramente capazes para o genero.

Este seu livro trata de casos passados ainda antes da abolição. Dá bem conta da ethica semi-selvagem, por um lado, mas por outro tão séria, tão digna a que então se obedecia nas terras paulistas. Acho que será muito interessante, em todo caso, falar-se tambem da hora de transição presente, das lutas e das agonias resultantes da mesma, mas, é claro, sem o intuito desapiedado que teve para com o caboclo o autor de *Urupês*.

Já vai, porem, muito longa esta carta. Permitta que a termine apresentando-lhe suas sinceras felicitações pelas paginas do seu forte romance o

collega e admirador,

«SENZALAS»

por Alberto Deodato

—

Rio, 19 de Fevereiro, 1919.

Meu caro ALBERTO DEODATO,

Seu livro, «Senzalas», que traz duas novellas e um conto, representando ainda obra de ensaio, como tem de representar, já é uma boa contribuição para a nossa literatura de costumes regionaes.

Não ha duvida, como lhe disse outro dia Alcides Maya, que ella serve muito para uma cousa: para revelar cada vez mais a todos nós, do Norte ao Sul, que somos muito irmãos.

O que me parece, entretanto, necessario é que essa literatura não tenha por fim apenas expôr costumes, nem que celebre a belleza semi-selvagem que ha nestes apresentando o nosso mestiço do sertão como um typo realisado per-

feitamente a nosso contento, e sua vida como um typo de vida que nada mais deixe a de-sejar. Nem isso nem a intenção iniqua e anarchica de arrasar o nosso pobre patricio rustico, que teve o autor de «Urupês», da qual V. fala em seu livrinho.

Achamo-nos num momento que nenhum escriptor tem o direito de desconhecer como excepcionalmente sério no que respeita, conforme diz Rocha Pombo, «a essas populações que vão sendo apertadas entre a civilisação e a rotina immovel e passiva — libertos e caboclos, vindos de duas escravidões — a senzala e a selva».

Pombo acrescenta ainda: «A causa suprema que se institue para o Brazil no seculo XX, é a do resgate dessas forças perdidas.. Si um motivo de justiça, de sabedoria e de humanidade não a inculcasse ao concurso de todas as nossas energias,ahi teriamos a falar por ella a propria razão politica; pois esse sedimento que ficou e que cresce no fundo do nosso organismo ethnico, em varias regiões do paiz já assumiu o character de uma especie de ilitismo irreductivel e hostil, quasi aggressivo, que não demorará a alarmar a propria ordem politica».

Por meu lado, a mim se me afigura que, continuando-se na quasi completa desidia actual relativamente ao que devemos a esses nossos irmãos, não está livre o Brazil de uma sublevação tremenda, que se estenda de ponta a ponta em toda a medula do paiz. Mas no dia em que o homem da floresta se revoltasse contra o parasita da cidade, aqui, poderíamos ter scenas

analogas áquelle tremendo espectáculo que hoje a Russia offerece.

Si, pois, a situação é tal, precisamos até nos nossos trabalhos de arte concorrer para dar o alarma, e até suggerir a orientação que se impõe. Devemos organizar uma cruzada para esse fim, de modo, como ainda opina o nosso generoso, eminente historiador, que nisso consista «a funcção capital de todos os governos, de todas as associações, de todas as vontades, que se adunem para a obra da integração do Brazil».

Felizmente em «Senzalas» já se encontra essa preocupação, não só quando V. rebate o Sr. Monteiro Lobato, de «Urupês», como em certos trechos do seu segundo trabalho, — *Gente Simples*. Não se concordará, talvez, com todas as opiniões que empresta o amigo a seus personagens. Preferir-se-ia que sua referencia ao livro ha pouco lembrado viesse mais bem embutida no trabalho onde figura. Desejara-se que suas paginas do meio para o fim fossem trabalhadas com aquelle esmero que se nota nas do começo.

Tudo isso, no entanto, não impede vaticinar-se que V. ha de ser um triumphante nas letras, si souber querer, e desejar-se que se verifique esse triumpho, porque se reconhece nos seus intuitos seriedade louvavel.

Aceite, pois, os effusivos emoras do

collega, patricio e amigo

«ESPUMAS»

por Amadeu Amaral

Rio, 21 de Abril, 1919.

Meu caro poeta, AMADEU AMARAL,

Talvez lhe tenha causado estranheza meu silencio desde que ha dous mezes nos vimos em S. Paulo, tanto mais que lhe devo um agradecimento pela offerta que tão gentilmente me fez de seu ultimo livro, «Espumas». É, porem, que só outro dia voltei para o Rio e no Paraná mal tive tempo de ler o que levei da Paulicéa.

Nossos encontros ahi foram para mim des- ses que se tem com as fontes por onde pas- samos ás pressas e de que as aguas, que mal pu- demos levar aos labios, deixam-nos com vontade de voltar para melhor saboreal-as, — signal de que ellas não nos pareceram umas aguas

quaesquer. Acredite V. que me inspirou particular sympathia, justamente porque nada offerece com a sua presença do que inspira sympathia facil a todo o mundo. Vi bem no seu vulto simples, algo rustico e secretamente arisco o poeta da *Voz interior*, d'*A Solidão*, dos *Sonhos de amor*, do *Adeus*, de *Surdina*, de *Cyrano* e *Roxana*, do soneto inicial de «Espumas», de *Nuvens*, de *Epistola*, de *Taça vazia*, de *Jesus entre as creanças*, d'*A boa arvore*, etc. Não lhe pude certamente, no entanto, com o meu ar desageitado e talvez arido, significar-lhe o que senti.

Mas basta comprehenda eu que assim deva ter sido para experimentar especial prazer em escrever-lhe estas linhas agora. Bem vejo que quando se tem a felicidade de entrar em contacto com almas como a do poeta sensivel que escreveu aquelle soneto *A meus camaradas*, de «Nevoa», contrahe-se uma divida só pagavel com um pouco de meiguice.

Desde que li, ha tempos, *Arvore da rua*, que depois encontrei no seu primeiro livro, — produção aquella que hoje toda a gente conhece, — imaginei que V. havia de ser assim.

«Nevoa» e «Espuma», os seus dous livros de versos até aqui, falam-nos de una natureza de artista legitimo, que em nada do que canta se desmente, — tal a segurança e perfeição da arte com que sabe expressar-se. Onde, porrem, V. mostra individualidade inconfundivel é nos poemas merencorios e quasi sempre agrestes que com *Arvore da rua* offereçam um ar de familia. Sente-se que a atmospheria de cidade não lhe faz bem.

Assim, talvez porque o poeta de «Espumas» se tenha adaptado algo demasiadamente, para a sua natureza, á vida urbana, sinão mundana, este livro no seu conjunto nos emociona menos que o livro de estréa. Ha em «Espumas» mais literatura; ha em «Nevoa» mais poesia propriamente dita.

Já conheço bem a vida dos poetas pelo tempo que tenho gasto em acompanhá-los, meu amigo. Nenhum delles ha que deixe de offerecer accidentes como este na sua carreira, si não morreu muito moço. Os periodos que nos parecem menos felizes para o verso em taes existencias são, frequentemente, aquelles em que, por instincto, elles andam a procurar estímulo na sua convivencia com os homens e no seu trato com as cousas da vida para se desenvolverem de modo mais complexo e serem depois mais victoriosos. Os que cuidam de evitar declives fugindo á vida como ella é, cedo fenecem, monacordios, monotonos. O que é preciso é acordar-se em tempo das ebriedades perigosas, quando se tem de facto amor á gloria, e voltar ao que se é, fecundado, mas intimamente intorcível, mas superior ás mystificadoras traições do ambiente.

Não sei si me faço entender.

Nossa convivencia foi muito fugaz, talvez, para que V. pudesse bem sentir que interesse eu tenho pelos moços de talento e como desejo lhes ser de uma boa amizade, pela minha lealdade, sobretudo.

Bem pode ser que haja nisso um zelo escusado, porem elle está no meu feitio.

Seja como fôr, espero que V. me desculpará

no que ache que de tal necessito, aceitando um
obrigado sincero e a renovação dos protestos
de muita sympathia com os de elevado apreço
que lhe manda o

seu

affectuoso admirador

«PROBLEMA VITAL»

por Monteiro Lobato

— —

Rio, 19 de Abril, 1919.

Meu caro MONTEIRO LOBATO,

Chego agora ao Rio e não quero demorar por mais tempo a satisfação de dizer-lhe alguma coisa sobre seu opusculo, o «Problema vital», com que me presenteou gentilmente, quando passei para Curitiba por S. Paulo.

Nessa publicação V. se revela um pamphletario ardoroso e persuasivo, tanto quanto se revelara um creador curioso e empolgante em «Urupês».

É verdade que á força de ardor, aqui como ali, não pôde fugir a ser muito unilateral. Em «Urupês» V. fez de Jeca Tatú, — symbolo do nosso caboclo, — uma creatura condemnada para a civilização por organica incapacidade radical. Agora V. quer convencer-nos de que tudo terá

remedio no Brazil, até mesmo o urupê ou cogumelo que viu no typo do matuto, si mettermos hombro com verdadeira decisão e pertinacia na obra da prophylaxia, que mal encetá nos ainda. Já reconhece que «a nossa gente rural possui optimas qualidades de resistencia e de adaptação». Que «é boa por indole, meiga e docil». Que «o pobre caipira é positivamente um homem como o italiano, o portuguez, o hespanhol». Mas que «é um homem em estado latente», possuidor de «grande riqueza em forças, mas forças em estado de possibilidade». Acha que elle «é assim porque está amarrado pela ignorancia e pela falta de assistencia a terriveis endemias que lhe depauperam o sangue, cachetisam o corpo e atrophiam o espirito». Conclue que o caipira não «é» assim; «está assim». Ao seu ver, «isto explica como e por que dos Fernão Dias Paes Leme de outr'ora, terriveis varões enfibrados de aço, resurtiu uma geração avelhantada, anemiada, feia e incapaz. Acrescenta: «Não é a raça — a raça dos bandeirantes é a mesma de Jeca Tatú. É um longo e ininterrupto estado de doença transmittido de pais a filhos e aggravado dia por dia».

Fico muito contente vendo tão de prompto corrigida a visão do brilhante autor de «Urupês» no que se refere á virtualidade do nosso patricio das selvas.

Poderemos discordar ainda apenas quando V. affirma que, nesta terra, «programma patriotico, e mais que patriotico, humano, só ha um: sanear o Brazil». Já não discordariamos si V. ampliasse a significação dessa palavra *sanear* por modo a não se referir apenas á obra do

medico que cura o corpo, mas tambem dos medicos que curam do espirito e do coração.

Nisto eu estou com os positivistas: julgo que as epidemias e endemias, si não provêm das crises moraes, pelo menos com ellas se aggravam. Parece-me, portanto, que ainda ha exagero, unilateralidade, neste seu novo modo de ver.

Do que o Brazil está sobretudo necessitando é, creio eu, de acordar da «bestificação» em que cahiu desde o 15 de Novembro, de tomar posse de si mesmo, depois destes trinta annos de Republica, que não tem sido sua, mas dos politiquieiros e dos militares. O que se me afigura é que esta instituição cada vez vae separando mais o povo dos que detêm o poder, e assim estabelecendo crescente máo estar moral, de onde resulta em muito boa parte ir-se transformando rapidamente o paiz numa immensa enfermaria, reconhecida como tal pela medicina, conforme as eloquentes e pavorosas estatisticas — embora, talvez, bastante exageradas — que ella nos tem ultimamente fornecido e que V. põe em tão grande relevo nesta sua obra de combate. Si não cuidarmos do moral, a sciencia poderá mitigar estes males de hoje, mas outros hão de surgir, quem sabe si ainda mais temerosos.

Não quero dizer que condemno a Republica, mas apenas que ella precisa ser feita por modo a valorisar-nos, em vez de obstar a que até se revele o que já somos. Para isso é preciso que a nossa Constituição reflecta de facto a nossa indole, esteja de accordo com as nossas condições de cultura real e seja-nos um instru-

mento de defeza efficaz, afim de que o Brazil não nos escape das mãos, que elle venha a representar a victoria da nossa raça, e.n vez de ser a sua vergonhosa condemnação. A copia que a nossa Constituição representa da Constituição dos Estados-Unidos não nos serve.

Estou a tal respeito mais com Alberto Torres do que com qualquer outro sociologo que tenhamos tido até aqui. Parece-me que só no dia em que soubermos bem avaliar a importancia da obra deste nosso patricio, no que ella se refere ao Brazil, e procuremos seguir a sério suas indicações, embora modificadas no que elle não pôde desde logo ver claro, só nesse dia é que nos teremos encaminhado para uma solução politica definitiva.

Apraz-me, por outro lado, saber que V. continúa a representar uma bella actividade, não cuidando apenas de trabalhar pela realisação do que no seu opusculo aponta como a unica medida de que tudo no Brazil hoje depende, mas curando tambem de outras causas nossas com resolução, vigor e constancia.

Vejo, assim, que em V. se está desenvolvendo uma individualidade facilmente capaz de tornar-se cada vez mais bem orientada e mais complexa, o que só é para desejar em quem possui o grande talento que V. traz.

Aceite, pois, estas linhas, não só como um cartão de agradecimento, mas tambem como o embora de um patricio que só se alegra e enthusiasma quando vê os moços se irem tornando dignos de inspirar-nos baseada confiança no dia de amanhã para a nossa terra, — embora que vale por um abraço de irmão mais velho.

«A DANÇA DAS HORAS»

por Guilherme de Almeida



Rio, 23 de Abril, 1919.

Meu joven poeta, GUILHERME DE ALMEIDA,

Basta ler-se a poesia que representa o portico d'«A dança das horas» para se conhecer quem V. é. Alma ardorosa, sensível e delicada, sympathico egotista, porque vive a adorar a belleza da sua juvenildadê, ainda tão plena, mas nessa adoração homenageando o que realmente ha de mais lindo e de mais invejavel neste mundo. Vê-se que até o seu amor pelas mulheres ainda é em grande parte um reflexo, no fundo ingenuo, do amor por si mesmo. Mas V. se manifesta com tanta graça, tão poeticamente, que nem isso diminue o sentimento de sympathia que nos inspira.

Certo, na sua arte ainda ha bastante de artificioso, no seu refinamento muito de procu-

rado, na sua massa de idéas não pouco de pseudo-riqueza. Quizeramos vel-o mais claro na sua expressão, com mais côr local nos seus quadros, que não têm quasi nenhuma. Força, contudo, é reconhecer sua estréa como uma estréa brilhante e auguro-lhe uma carreira nas letras muito victoriosa, si não esmorecer nas disposições heroicas, embora por emquanto apenas pagãs, que traz, si puder enriquecer-se no desenvolver de suas tão felizes possibilidades. V. me faz lembrar bastante Rúben Dário nos seus primeiros e flóridos annos de poeta.

Aceite, pois, os sinceros parabens de quem muito lhe agradece a gentileza da offerta que ahi em S. Paulo lhe fez de um exemplar d'«A dança das horas», e assigna-se

seu

admirador

«POEMAS DO SONHO
E DA IRONIA»

por Arnaldo Damasceno Vieira

Rio, 16 de Maio, 1919.

Meu caro ARNALDO DAMASCENO VIEIRA,

Li o teu ultimo livro, «Poemas do Sonho e da Ironia», e o li com toda a attenção que mereces ao teu amigo, que alem da offerta de um exemplar tem de agradecer-te a grande gentileza de lhe dedicares uma parte do mesmo livro.

Tive d'elle a impressão seguinte.

És um poeta de ambição pouco vulgar. Não rendilhas versos por mero desfastio e passatempo. Tens amor á gloria. O sonho de arte em ti é a preocupação maior. Tua vida, sente-se que vás passando-a como na realidade passanna os poetas: em tudo procurando elemento de emoção, porque na realidade tua victoria sobre

a vida só a obtens, a teus olhos, quando podes converter a vida em cantos.

Estes, porem, correspondem sempre á emoção com que os fazes?

Não correspondem. Todo o teu primeiro poema, *Sonho*, por exemplo, fala-nos de uma curiosa inibição relativa, quer dizer, vê-se que elle foi concebido com muito calor, mas que esse calor não pôde ser convertido em legitima poesia. Fica-se frio diante daquelle poema.

Já não é assim diante do segundo, *Amor e morte*. Numeros ahi se encontram na realidade vibrantes, emocionaes: *Nocturno*, *Symbolo esponsalicio*, *Segunda carta*, *Ciume*, *Tormenta*, *Supplica*, *Rainha*, *Rythmo*, *Anniquilamento*, *16 de Dezembro*, *Vendaval*, *Para o exilio*, embora uns mais, outros menos.

O terceiro e ultimo poema, *Ironia*, é, porém, o melhor. Basta aquelle *Escorpião*, que já publicaras avulso e tantos applausos merecera, a *Ultima canção do poeta bebedo* e a *Ballada branca* para affirmar-se que nestas tuas paginas ha cousas excellentes. Si tivesses feito um livro em que essa nota não se perdesse, quasi, entre o lyrismo erotico da maior parte das outras paginas, serias um poeta de feição verdadeiramente propria no Brazil.

Estás moço. Tens ambição a serio. Por que não conseguirás um dia plenamente o que mosttras poder alcançar?

É o que deseja ainda ver quem, agradecendo-te mais uma vez, manda-te os seus carinhosos emboras, sendo, como sabes,

teu
muito amigo

«VIDA E MORTE
DE M. J. GONZAGA DE SÁ»

por Lima Barreto

Rio, 19 de Agosto, 1919.

Meu caro LIMA BARRETO,

Desculpa-me não te haver escripto até agora nem uma palavra de agradecimento pela offerta tão gentil que me fizeste de um exemplar da «Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá». Tenho andado tão cheio de trabalhos e cuidados, que nem para contigo pude ainda cumprir com esse dever.

Teu livro, no entanto, aqui está, lido e relido, esperando occasião, que ora aproveito, cheio de prazer, antes de tudo porque raramente nos vêm ás mãos paginas brasileiras que valham o que valem estas.

Ellas me fazem lembrar uma deliciosa aguarella feita por mão de mestre, symbolisando re-

pousada e meigamente, na paisagem que representa, uma alma dilacerada de artista.

Com uma differença: é que ellas valem por todo um salão de *gouaches* cariocas quasi negligentemente feitas, mas todas felizes porque, como o teu Augusto Machado lá do livro, poderias dizer: «Saturei-me daquella melancolia tangível, que é o sentimento primordial da minha cidade. Vivo nella e ella vive em mim!» Tu és bem irmão dos teus irmãos fluminenses, dos Manoel de Almeida, dos Joaquim Manoel de Macedo, dos Machado de Assis.

Conto em teu romance, assim por cima, uns vinte e tantos rasgões para a natureza por entre os factos da vida dos teus heróes, as idas e vindas, as falas e deblaterações dos mesmos. Elles quasi que só vivem diante da natureza, ainda quando jantam, ou quando guardam defunto. Dahi o ser este livro tão arejado, tão leve, cheirando tanto ás mattas que envolvem esta cidade, ás jacas, ao abacate e á fructa-pão dos nossos quintaes.

Gonzaga de Sá, o heróe da peça, não podia ser mais bem escolhido para o caso do que foi. Descendente como é de Mem de Sá e de Salvador Correia, que puzeram daqui para fóra os francezes, alliando-se a Ararigboia, que fundaram a cidade, que a governaram por tanto tempo representados por filhos e netos successivos, e que ainda hoje, effectivamente, subsistem por ahi em ramos genealogicos authenticos, mais ou menos conhecidos, numa persistencia admiravel e tocante; só esse Gonzaga de Sá, com toda a sua *sympathica* excentricidade de vencido superior, com todo o seu modernismo

e até o seu futurismo, que chega a ser maximalista, elle e não outro estava no caso de ser a figura central do teu livro. Semelhante typo é o symbolo do Rio, é o Rio feito homem, como o Rio por sua vez o symbolisa, como o Rio é a concha, é a secreção desse caracól.

Em Augusto Machado, pseudo-autor da monographia que tua fabula apparenta, vemos a complementação necessaria do typo central para que o livro seja bem curioso e bem deste instante de transição que a grande cidade guanabarina atravessa. O teu intelligente e estrambotico escriba vale hoje, na sociedade, pelo sargento de milicias que Manoel de Almeida poz no Rio de ha cem annos, tanto mais que reúne á sua humilde condição de amanuense aquella outra de que indirectamente nos falas quando elle, em casa de Gonzaga de Sá, olhando para o retrato imperioso de um dos avoengos daquelle typo, imagina que o velho fidalgo vá erguer o braço «de sob a moldura dourada» e sublinhar a seu respeito esta ordem: «Mettam-lhe o bacalhão». É o homem de côr, o Jéca-Tatú das nossas cidades, que tem razão, na verdade, de exclaimar vendo um bando de inglezes passarem carregando ramos de arbustos:

«— Doidos! Pensam que levam o tumulto luxuriante de minha matta nessa folhagem de jardim! Façam como eu: soffram durante quatro seculos, em vidas separadas, o clima e o eito, para que possam sentir nas mais baixas cellulas do organismo a belleza da Senhora — a desordenada e delirante natureza do tropico de Capricornio...»

Augusto Machado é o typo de transição

evoluindo para aquelle capaz de ser o do brasileiro definitivo no futuro. Elle proprio disse que «era já o esboço do que havia de ser, de hoje a annos, o homem criação deste lugar».

Ninguem mais do que elle soffre, no entanto, as consequencias da sua condição transitória, que o meio ainda não aceita. Machado nol-o diz quando se põe a pensar no que seria por ahí pela vida aquelle menino de côr, filho de um homem de côr, o Romualdo, que morrera, e cujo corpo elle velava. A creança, protegida de Gonzaga, seu padrinho, iria estudar. Tinha em toda a phisionomia «uma expressão de intelligencia, de curiosidade e de energia que a sua doçura nativa havia de diminuir». Que seria della então? «Durante annos no ambiente falso dos collegios e escolas, a sua situação na vida não se lhe representaria perfeitamente. Viriam os annos e a ancía que o estudo dá; viria o mundo social, com a sua trama de conceitos e preconceitos, justos e injustos, bons e máos — trama unida e espinhenta, contra a qual a sua alma se iria chocar... Era então a dôr, as deliquescencias, as loucas fugidas pela phantasia... Era o doloroso peregrinar com o opprobrio á mostra, á vista de todos, sujeito á irrisão do conductor de bonde e do ministro plenipotenciario... Era sempre, nos cafés, nas ruas, nos theatros, andando vinte metros na frente um batedor que avisava da sua presença e fazia que se preparassem as malicias, os olhares vesgos e idiotas... Coitado! Nem o estudo lhe valeria, nem os livros, nem o valor, porque, quando o olhassem diriam lá para os infalliveis: aquillo lá pode saber nada!»

Terminando estas suas conjecturas, Augusto Machado nos diz: «Tive uma pena infinda, immensa, affectuosa por aquella pobre alma orphã tantas vezes; eu tive uma immensa tristeza que, aquella intelligencia não se pudesse expandir livremente, segundo o proprio caminho que ella propria traçasse...»

Não sei, meu Lima Barreto, mas eu creio que a esse teu collega de officio passou-lhe pelos olhos algum dia aquelle «Emparedado» de Cruz e Souza, que eu tenho lido com os olhos humidos tantas vezes. Principalmente estas considerações finaes m'ò recordam.

Será por isso que elle faz Gonzaga de Sá dizer tão linda e amargamente uma vez:

—«Não se corre *nem* para a morte, a morte a quem amo...»

Seja como fôr, o que o salva, a este Jéca-Tatú carioca, é que elle verifica com orgulho «nada ter perdido das acquisições dos seus avós, desde que se desprendêram de Portugal e da Africa; é que elle já se apoia «nas cousas que o cercam, familiarmente», e que «a paisagem que o rodeia não lhe é mais inedita: conta-lhe a historia commum da cidade e a longa elegia das dores que ella presenciou nos segmentos de vida que precederam e deram origem á sua».

É por isso que elle diz com razão *in petto*, áquelles inglezes que passavam carregando ramos de arbustos: «Vão-se, que isto é meu!»

Certo, ás vezes Machado se põe a pensar que «sobre a convexidade livre do planeta que o fez, não tem um lugar, um canto, uma Ilha, onde possa viver plenamente, livremente». Dahi a pouco, porem, resigna-se, reconhecendo dian-

te do scenario carioca: «Sonho tambem por minha conta, ao geito dos meus mortos; e os meus sonhos são mais bellos porque são imponderaveis e fugaces...»

Bem estudado o teu livro, Augusto é até quem mais nelle avulta. A historia de um outro que elle conta é apenas um pretexto para falar de si. Que nos revela Gonzaga de Sá principalmente? No seu perfil aristocratico, com sua «bocca de moça», pinta-nos a adoração de quem o traça pelo branco que o é no que tem de nobre, de generoso, de intelligente, alliando a isso a condição de brasileiro da gemma.

É curioso: Machado o ama de tal modo que até o faz tão parecido consigo como podia ser.

Fal-o bohemio, como é elle, tomado de paixão pelo Rio até a medula, com a mania ambulatória, sobretudo para andar namorando a cidade, na magnifica natureza que a emmoldura, e no que ella tem de velha, de tradicional, tanto quanto o tempo de que elle, Gonzaga, dispõe e as pernas que o servem lhe permitem.

Este bohemio é um solteirão, como Augusto, mas repete não sei quantas vezes que «Venus é uma deusa vingativa», e anda constantemente, quando sosinho a uma mesa, rabiscando traços de uma phisionomia humana... talvez os de um typo feminino que nunca pôde esquecer. É um sentimental, é um lyrico.

Alem de bohemio, um sujeito de idéas extravagantes, tal qual ainda Machado, mas todas harmonicas num sentido: no da sympathia pelos excluidos, pelos recusados, pelos que nesta terra soffrem injustiça.

Que nota arguta e amarga aquella de quando elle pergunta:

«—Por que razão, Machado, todas as mulheres nesta terra têm medo dos homens?

«— É porque os homens não são bons.

«— Eu creio que sim. Aqui não é a mulher que quer enganar o homem; é este que quer enganar a mulher».

As sympathias humanas de Gonzaga para quem principalmente se voltam? Para a gente de côr. O unico verdadeiro amigo que elle conquista na repartição onde trabalha é um continuo, o mulato Romualdo, que elle aceita para seu compadre e cujo filho, ficando orphão, elle leva para casa e trata de educar como si fosse um seu filho proprio. Pelo Ignacio, um preto velho que o serve, que nascera escravo uns dias antes d'elle, e que por isso fôra liberto na pia, humilde creatura que o acompanha desde os seus primeiros annos, por este preto tinha um enthusiasmo e uma ternura tocantes. «Eu não o chego absolutamente a comprehender, dizia, acho-o obscuro; mas me deslumbra — é curioso!.. Ás vezes, confesso, me parece uma subalterna dedicação animal; ás vezes, tambem confesso, me parece um sentimento divino... Eu não sei, mas amo-o». Tambem parece que Augusto Machado, desses typos intelligentes que frequentam por ahi cafés e rabiscam literatura, é o unico com quem elle se pôde ligar.

A prova, comtudo, de que os brancos que com elle se parecem não são os unicos que o Augusto adora está na linda criação daquelle D. Escolastica, tia de Gonzaga. Ella faz lembrar os melhores retratos da gente daquelle epoca que

ainda encontramos ás vezes nalguma casa de velha familia aqui no Rio. «Muito clara, com uns olhinhos verdes e um meudo perfil de creança. Tudo era candura e sympathia naquella velha solteirona. A alvura do seu casaco resaltava extraordinariamente, immaculada, e seus cabellos brancos, já com aquelle tom amarello da grande velhice, eram apanhados em bandós, com uma rede de linha preta». Nunca mais esqueçemos estes traços.

Esta senhora, que fôra quem acabara de crear Gonzaga (a mãe lhe morrera quando elle tinha oito annos) vivia a fazer queixas do irmão.

«Tu não me comprehendes, Escolastica, apazar de me haveres creado», diz elle uma vez.

«Sim, de certo, a velhinha retruca; essas maluquices... Ha dias, ella explica, que elle me chega aqui á meia noite... E sem jantar! Não sei onde anda... Chega cansado... E não é tudo: ha noites que passa em claro, a ler, a ler».

Não se parece, pois, com o velho Gonzaga. Em todo caso, em taes queixas Augusto Machado o que vê é «o interesse affectuoso com que ella seguia a vida do sobrinho», é uma cousa parecida com «um amúo entre irmãos de vinte e poucos annos».

Depois, esta D. Escolastica lhe fala do Rio antigo:

— «Desde que ouvi o Gottschalk não tive mais animo de me sentar ao piano. Só quem o não ouviu! Era macio, que cousa! Tinha não sei o que nas mãos...»

E continúa:

— ... «fui ao beneficio da Stoltz. Nunca houve aqui um beneficio como o della...»

De maneira que diverge menos de Sá do que a principio pode parecer. Ama-o, e gosta de falar do Rio do seu tempo, é mesmo uma representação viva do Rio já historico, como elle é.

Todo o teu volume é assim. Do que nelle se pretende falar, não é apenas desta Sebastia-nopolis querida, mas do que ella tem de mais caracteristico para o carioca com verdadeira alma de artista, de cousas que já vão longe, de typos que sobre essas cousas podem discorrer e que dellas tem o aroma, os ares preteritos, de bairros humildes, de paragens que já viveram, agora abandonadas.

Uma vez, andando de passeio, e desviando-se da estação da Leopoldina, de que parte o trem para Petropolis, Gonzaga convida Augusto Machado, que o acompanha, a irem visitar o Engenho da Penha, o qual viu D. João VI e fica de frente ao Galeão, á ilha do Governador, mais ao Fundão, logares todos elles historicos.

«— Fugi dessa gente de Petropolis, explica depois, porque para mim elles são estrangeiros... Eu sou Sá, sou o Rio de Janeiro, com seus tamoyos, seus negros, seus mulatos, seus cafusos e seus «gallegos» tambem.

Mas o proprio Botafogo, a Tijuca, a Gavea, Santa Thereza, a bahia de Guanabara, os suburbios, tudo que é do Rio trata-se nestas paginas com tintas e estylo completamente nossos, sem artificio, sem os convencionalismos e as predilecções da gente elegante, viajada, atrancezada, banal.

É que o amor de Augusto Machado por sua cidade é um amor quasi sombrio, tão serio e tão cheio de zelo como si fosse por uma esposa. Elle

a estuda desde quando a sua bahia ainda era «um valle submerso», para mais completamente comprehendel-a, possui-a, adoral-a. Não é de um objecto assim querido que se ha de falar com rhetorica e frases gommadas.

Mas talvez elle ame o Rio tão dramaticamente, tão interessantemente porque só nesse amor se apoia para conciliar-se com a existencia. Será, no entanto, porque creaste esse typo assim e lhe emprestaste a autoria do livro que não foste embaraçado pela banalidade e falsidade contemporaneas na tua visão de carioca e que pudeste dar-nos estas paginas, — acto de fé nacionalista, bairrista, tão radical quanto é possível, mas ao mesmo tempo o mais sympathico e de melhor quilate que nos seja licito exigir.

Dêves a tal criação, alem disso, ser este, no fundo, um romance differente dos que se fazem por ahi, segundo o teu Gonzaga, paginas onde se encontra «a historia trivial de uma moça de Botafogo ou de Petropolis que namora o Dr. Frederico, mas que para casar com elle precisa que o Dr. Frederico se empregue. Vae então a moça á «superiora do collegio das irmãs. Esta escreve á mulher do ministro, antiga alumna do collegio, que arranja um emprego para o rapaz. Está acabada a historia». Gonzaga pergunta quando se verá na nossa terra «um Dostoiewsky, uma George Eliot, um Tolstoï, — gigantes destes, em que a força de visão, o illimitado da criação, não cedem o passo á sympathia pelos humildes, pelos humilhados, pela dôr daquella gente donde ás vezes não vieram». Pois Machado, que é com quem elle conversava estas cousas, podia responder-lhe que não desesperasse, si

já tinha em mente fazer este livro. Porque si elle por um lado é tão profuzamente pittoresco, por outro é de modo bem característico o romance dos humilhados, dos refugados, dos tristes, aqui no Brazil. É menos um livro que uma queixa, um desabafo, um sudario. É o «Emparedado» de Cruz e Souza desenvolvido, humaniado, levificado, cheio de côr local, e, apesar de tudo, de uma mansidão, de uma confraternidade que em Cruz não se encontra, porque mesmo seria absurdo querer encontrar. Cruz e Souza é um negro *pur sang*. Augusto Machado, si vem da Africa, já vem tambem de Portugal, como elle mesmo nos diz.

Por tudo isso, no entanto, «Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá» não é livro para ser sinceramente amado nem siquer bem comprehendido por muita gente nesta geração. É preciso não ser ignorante por completo da nossa historia, sobretudo da historia fluminense, saboreal-a bem á brasileira, e a len disso pelo menos já ter vivido muito no Rio, já havel-o incorporado, consideravelmente ao nosso intimo ser, nada trazendo nalma de *almofadinha*, que é como se designam os alfenins da hora, para estarmos bem aptos a gozar estas paginas no que ellas offercem de mais nosso, de mais raro e de mais dramatico.

Uma das bellezas deste livro é elle não ser nem naturalista, nem symbolista, nem outra coisa assim; é ter sido feito sem preocupação de escola, sem tendencia moral capaz de conturbar-lhe a ingenuidade, a imparcialidade, a hombridade artistica por modo grave. Mas tambem isso o prejudica no momento, quando ainda tanta gen-

te vive ahí de queixo cahido pela literatura truculenta e mirabolante de aque n e de alem mar, ou então fingindo alma brumosa, para imitar exteriormente algum belga de verso novo.

Felizmente ha muita facecia por entre tanta cousa séria que eu réferi, e neste ou naquelle episodio nota-se que Augusto não pôde fugir de todo a certo preciosismo de conceito, a uma ponta de pedantismo, a um nadinha de livresco, cousas sem as quaes elle não seria bem nosso nem bem deste tempo, tão trocista por um lado e por outro tanto para ser troçado.

No que não se prestou attenção por ahí, parece-me, foi no maximalismo desta «Vida». Agora toda gente deixou de condemnar o que se escreve pelas idéas que acaso se defendam. Parece que todas as idéas são boas... Depois, este teu amanuense é um bolchevista lá a seu modo, que faz os seus personagens de vez em quando dizerem cousas suaves como estas:

«— Não; a maior força do mundo é a doçura. Deixemo-nos de barulhos...»

Ou então, a proposito dos ricos, esta outra:

«— Para quêl... Antes esses continuem a existir com as suas riquezas, porque a gente ao menos tem a esperança».

Graças a ser assim o anarchismo do teu collega de officio, é que não perturba sensivelmente o repousado que ha no livro.

Não concordo numa cousa: em elle, quando Gonzaga se despede do leitor, ao voltarem os dous uma noite do theatro, fazel-o reflectir bruscamente, vindo no bonde uma «rapariga da Lapa»:

«— O que sinto é que essas senhoras não

sejam diferentes das de sociedade. Si o fossem, eu talvez experimentasse».

Só si o homem já estava de todo maluco. Porque essa reflexão seria máis logica no proprio Augusto Machado, o qual, como lá para traz referi, contemplando o retrato de um avoengo de Gonzaga, imaginou (para vergonha nossa) que o velho fidalgo ia erguer o braço e mandar metter-lhe o bacalháo. Era esta, pois, de sua parte, uma vingança muito explicavel quasi ao terminar do livro; em Sá, pelo contrario, é em prestar-lhe, em vez de um espirituoso *mot de la fin*, uma cuspalhada para o ar.

Mas este, como os outros pequenos senões que apontei, vem aqui apenas para fazer uma leve sombra no quadro, cousa que toda critica deve representar.

Teu livro faz inveja a um homem, meu Lima Barreto. É dos que os vindouros hão de por força procurar para conhecerem, sorrindo commovidos, o que já se passou. Lembra lagos candidos, mas profundos, reflectindo paisagens e céos.

Demorei-me a escrever tudo isto porque ao menos por esse modo, embora enfastiando a mais de um, quiz prestar-te uma homenagem, demonstrar-te minha admiração.

«POEMAS E SONETOS» (*)

de Ronald de Carvalho.

Rio, 31 de Agosto, 1919.

Sr. RONALD DE CARVALHO,

Seu livro «Poemas e Sonetos», de que lhe agradeço a delicada remessa, é muito interessante. É o livro de um novo poeta que tem o direito de ocupar um lugar seu nas nossas letras. Isso nas qualidades como nos defeitos que lhe são próprios.

O senhor se revela, na poesia, o represen-

(*) Esta carta mereceu uma resposta do Sr. Ronald de Carvalho, á qual repliquei com segunda. Ambos esses documentos, publicados logo na «America Latina»; revista que teve curta duração, figuravam agora neste volume. Infelizmente tiveram de ser excluídos á ultima hora com varias outras paginas pela necessidade que no meu prologo explico.

tante maximo, por enquanto, de uma corrente, ora em desenvolvimento aqui, e que resulta da influencia dos symbolistas belgas e francezes. Sobretudo, por um lado, dos chamados melancolicos, como Samain, Rodenbach e Maeterlinck, e por outro dos chamados néo-classicos, que em H. Regnier e J. Moréas tem os seus mais insi-gnes modelos.

Na Europa esses homens concorreram principalmente para dar equilibrio plastico ao verso, convulsionado que fôra este pelas audacias extremas do proprio Moréas, no começo, de Vielé-Griffin, de Kann e outros, e para aristocratisar ou pelo menos dar compostura aos sentimentos de revolta, desgosto ou tédio de um Verlaine, de um Rimbaud, de um T. Corbière. Assim, sem marcar discontinuidade alguma, sem negar ou calar as fontes em que se inspiraram, sem deixar de honrar os homens que tiveram por mestres, elles, comtudo, viabilisaram a corrente para uma vulgarisação que lhe permittiu ser a corrente da moda, afastando definitivamente o velho parnasianismo do caminho.

Os imitadores de tal grupo aqui, no entanto, vieram para realizar certo mimetismo tactico, que os tornasse compativeis com os mestres representantes do Parnaso, os quaes dominavam ainda, tendo apenas passado por ligeiro colapso, quando os nossos primeiros symbolistas os inquietaram um instante, devido á violencia com que desferiram vôo, ha vinte annos. Esse mimetismo consistiu na sobriedade que trouxeram em todos os sentidos, ainda melhor confirmada pelo prisma outonal da sua visão esthetica. Encontrando aqui os velhos mestres da

escola decahida em França já maduros na idade e ainda exasperados com o atrevimento daquelles discolos iniciadores a que me referi, não podiam deixar de merecer da parte delles, si não viva e legitima sympathia, pelo menos inteira benevolencia politica. Para melhor socegal-os fizeram mais: calaram systematicamente os nomes dos seus antecessores, dos verdadeiros mestres do symbolismo n'ó Brazil, si não, ajudaram os resistentes adversarios destes a denegril-os, a combatel-os á surdina, de modo que elles nem por sombra prejudicassem os que continuavam senhores da situação e aos recém-chegados, que de uma e de outra corrente procediam. Assim, puderam fazer blóco de mistura com os epigonos do parnasianismo, ainda muito numerosos entre nós, graças aos credits inalterados dos mestres, aqui, da velha corrente, e alastraram-se por toda parte, sobretudo pelo mundo *snob* que ha trinta annos mal existia no Brazil, e pelas revistas mundanas, successoras das legitimas revistas literarias, agora todas extinctas.

É claro que de tal connubio só podia resultar proveito exterior para os parnasianos e uma apparente discontinuidade na historia da nossa evolução literaria. Essa mystificação já vinha de longe, aliás, quando Alphonsus Guimarães e Graça Aranha — dois symbolistas, — e Euclides da Cunha, — inconsciente néo-romantico, — ligavam-se aos renaniano-naturalistas predominantes na «Revista do Brazil» da terceira epoca.

Em meios como é o nosso, ainda tão catholicos, sob quasi todos os seus aspectos, muitas dessas incoherencias explicam-se á primeira vista

por amizades pessoaes, com uns, e falta de relações, com outros, como é o caso de Euclides da Cunha e de Graça Aranha, e talvez seja tambem o de Alphonsus, residente em Minas e a quem eu, por exemplo, não conheço nem de vista.

Sabe-se, no entanto, que as grandes sympathias entre homens de letras nunca obedecem a razões assim, que todas estão sujeitas, no fundo, áquillo que Nietzsche designa por *volonté de puissance*. Todos nos unimos, por instincto, áquelles em companhia dos quaes podemos realisar-nos do modo mais pleno permittido no meio onde aconteceu desenvolvermo-nos. Graça Aranha e Euclides da Cunha, necessitados como vinham de grande successo, de larga vulgarisação, pela indole do seu talento, não podiam de modo algum resignar-se a fazer grupo com um Cruz e Souza, com um Gonzaga Duque, mesmo com um B. Lopes, em terra onde esses typos estavam irremediavelmente condemnados naquelle tempo a ter uma gloria exigua. Alphonsus Guimarães, néo-classico, que parece um eco tardio dos arcades outr'ora florescentes lá em Minas, si não vinha como os dous primeiros necessitando vivamente de propagados applausos, tinha de ser antipathico (pela sua ingenuidade e timidez montanhezas) ás attitudes escandalosas que os seus companheiros de escola literaria é contemporaneos no Rio, desabridamente tomaram. Era, pois, natural que a taes companhias preferisse, fosse como fosse, a de um Verissimo, a de um Machado de Assis, cuja postura e gravidade *vieux genre* correspondiam melhor á sua indole.

É o mesmo que acontece hoje com os modos da corrente que o senhor, talvez sem querer, como poeta chefia. Esse estado d'alma «cinza e ouro» (para utilizar o título de uma parte de seu livro) e essa tendencia classica, que os caracterisam, mas já de modo muito differente do simples provinciano Alphonsus Guimarães, porque os senhores vêm muito mais civilizados, mais requintados do que elle, fal-os necessitar de um meio luxuoso e artificial e dos applausos desse meio, onde um Bilac, um Alberto de Oliveira e outros retesados parnasianos hão de forçosamente gozar de muito mais voga do que um Cruz, um Duque, um Emiliano Perretta, um Silveira Netto, iniciadores como foram estes daquela aristocracia intellectual de que é propheta Mallarmé e que nada tem de exterioridades mundanas, por conseguinte ainda perfeitamente incomprehendida pelo ingenuo snobismo carioca e paulista. Assim se explica por que os senhores ostensivamente se ligam a uns e pelo menos tacitamente negam as suas affinidades com os outros.

Felizmente de tal incoherencia não resulta todo o mundo haver esquecido por maneira definitiva esses de que os senhores, com cautela, se afastam. Um Hermes—Fontes, um Pereira da Silva, — os dois nomes mais fortes, por emquanto, na poesia da nova geração, — um Lima Barreto, um Adelino Magalhães, — os dois contadores que tem revelado mais talento até aqui entre os que essa mesma geração já pôde apresentar, — e tantos outros que se estão desenvolvendo, sem duvida com menos successo mundano que os senhores, mas na realidade

cheios de promessa; todos confessadamente se ligam áquelles artilheiros que lhes abriram o caminho numa batalha tão porfiada e tão nobre, por modo que não ha o menor perigo em que a solução de continuidade effectivamente se reproduza attestando completa desorganisação em nossa historia literaria.

Mais tarde se reconhecerá, talvez, que o proprio desvio occasional que os senhores realisam não é mais, no fundo, do que um movimento estrategico instinctivo, afim de captarem o snóbismo brasileiro para as letras (elle que já foi de ha muito captado para a musica), e assim distenderem o nosso mofo meo ledor, que decerto acabará aceitando todos os legitimos valores nacionaes.

De qualquer modo, o senhor me parece o mais innocente entre todos os novos symbolistas com referencia a esse esquecimento daquelles que os precederam no Brazil. Vê-se por seus *Poemas e Sonetos* que o senhor se educou na Europa. A atmospheria que quasi todas as suas paginas respiram é a dos museus, da sociedade, dos céos e dos campos de alem-mar. Sua lingua, vê-se que o senhor a alcançou por estudo e boa intuição nos mestres portuguezes e nacionaes, sem toque popular nenhum, que lhe viesse da convivencia reiterada e apaixonada com o nosso povo. Dados os seus instinctos aristocraticos, tão respeitaveis num artista, quando legitimos, (e o seu caso é esse), nada mais natural do que a sua predilecção, chegando ao Brazil, pelos mestres para que se voltaram aquelles dos moços seus conterraneos cujo pendor esthetico melhor se casa com o seu. Assim, *Poemas e*

Sonetos vem a ser entre todos os livros brasileiros de feição symbolista o mais directamente influenciado pela gente e pelas cousas da Europa. Ainda nenhum dos nossos modernos poetas conseguira assimilar tão integralmente como o senhor a maneira civilisada dos novos artistas de lá. Cruz e Souza, Emiliano Pernetta, e outros dos que crearam o genero entre nós, não tinham a cultura que o senhor pôde lá adquirir; era-lhes forçoso, conseguintemente, imitar deformando, e a todos os outros que vieram depois delles, não só tambem faltou essa cultura, como já influenciaram, ás vezes sem elles saberem, os seus antecessores no Brazil, a quem pode o senhor, entanto, nem ter lido no periodo decisivo da formação do seu espirito.

Porisso mesmo não conheço outro livro, do romantismo para cá, tão flagrante e ingenuamente alienigena, quasi que até o fim, como este com que o senhor se impõe brilhantemente ás letras nacionaes. O senhor poderia dar-nos conta da atmospheria européa fazendo-nos sentir, não obstante, ser nosso, si houvesse em sua natureza sufficiente resistencia ethnica para se submeter á influencia estranha de um modo menos passivo. É verdade que nesse caso a differenciação resultaria quasi que só do que o senhor tivesse de barbaro, de *rasta*, como se verificasse nesses outros que andam por ahi a querer transportar para os horizontes tropicaes os canaes de Bruges e para a nossa incipiente civilização as scenas mundanas e *demi-mondaines* dos cafés concertos e da *Rue de la Paix*, em Paris.

Assim, não ha duvida, do ponto de vista

nacional, o maior defeito do seu livro está nesse estrangeirismo massiço que elle representa.

Nos *Poemas e Sonetos* encontram-se numerosíssimos versos como estes:

«E os rebanhos, que vão na neblina lunar,
Agitam mollemente, ao longe, as curvas lentas
Das estradas de esmalte ao rudo som das frautas.»

Ou estes:

«Amei as torres medievaes
De pedra escura e burilada,
Os plenilunios e os choupaes»

Ou ainda estes:

«Coroada de jasmims, de pampanos e rosas,
Coberto de trigaes maduros, sobre os rios,
A tua imagem real veste-se de cristaes.

Versos. como se vê. que pintam paisagens europeas, ou dão conta da atmospheria de lá por qualquer modo. Causa-nos estranheza deparem-se-nos entre tantas cousas que não são nossas «uns gaturamos de plumas de ouro», e «uma cesta de amoras». Mas isso apenas uma vez.

Não é impossivel, comtudo, que, si eu fosse academico, concorresse com meu voto para que o senhor pudesse publicar o seu volume, como

publicou, estampando na capa este parenthese: (Obra premiada pela Academia de Letras). Eu não sei sequer como seu livro veio a ser premiado; ignoro que outras obras entraram em concorrência com elle. Mas o que posso dizer agora é que, apesar de tudo, revelar-se um poeta como o senhor se revela com este livro não é nada commum no Brazil.

Lendo-se taes paginas, vae-se acompanhando o desabrochar de uma alma e quando se percorreu a ultima vê-se bem que nos despedimos de um joven ainda. Mas esse moço já tem perfeita segurança na penna, e tal segurança não procede unicamente da espontaneidade, como é tão frequente entre nós, mas vem de excellente estudo e por certo de exercicios acurados, diurnos.

O senhor é, pois, um elemento desses que tanto nos vão faltando, vindo assim feito para fazer honra ás letras com as boas letras que traz, e permittir-nos uma certa resistencia aos improvisados pretendentes á gloria como si fosse a aventura banal.

Reunido ao estudo e preparo, o senhor traz na realidade talento. Basta lermos o soneto inicial de seu livro, para ver que *alguem* se nos apresenta de facto merecendo ser acolhido a serio.

VIDA

Para um destino incerto caminhamos,
Tontos de luz, dentro de um sonho vão;
E, finalmente, a gloria que alcançamos
Nem chega a ser uma desilusão!

Levanta-se da sombra, entre altos ramos,
 Como um fumo a subir, lento, do chão,
 A distancia que tanto procuramos
 E os nossos braços nunca attingirão!

Mas um dia, perdidos, hesitantes,
 A alma vencida e farta, as mãos tacteantes,
 De repente, paramos de lutar,

E ao nosso olhar, cansado de amargura,
 As montanhas têm muito mais altura,
 O céu mais astros, e mais agua o mar!

Vê-se por ahí que ha no senhor não só pensamento, que não anda a granel, como poder de suggestão, cousa ainda mais rara, que indica sensibilidade fóra do common, sem a qual não se pode ser um artista.

Todo o seu livro confirma-nos o que os primeiros versos indicam. Ha um punhado de poesias nelle que por sua belleza salvam a obra inteira, tanto mais tratando-se do livro de um moço. *Allegoria da tarde, Manhã de inverno, Na doçura da tarde*, o terceiro numero em *Deante da Vida, Velhas imagens, Pastoral, Vinho amargo, Florestas iracãs, A Resposta do Homem, Deus, A um Filho Prodigio*, são as que eu prefiro, entre muitas que têm qualidades para merecerem outras preferencias.

O volume não é movimentado, variado como se poderia desejar. A natureza que nelle se reflecte é mais a de um aristocratico egotista do que a de um homem cuja sociabilidade, cujo amor pelos outros homens nos conforto, anime e leve de companhia para batalhas fecundas.

Ha no senhor um delicado epicurismo que o inclina para as attitudes pausadas, sinão para o repouso confinante com a inercia. Case-se a isso o pendor para a melancolia, talvez mais por contágio das convivencias livrescas, do que pela exigencia de sua natureza juvenil, em todo caso accentuadissimo no modo de ser por que o poeta se nos apresenta, e é facil prever-se que um dos outros defeitos do seu livro esteja, como está, na monotonia e artificialidade dos que não têm, afinal, muito a contar-nos de si e nem ao menos na exposição do que contam offerecem a vivacidade sympathica dos espiritos ingenua e indominavelmente originaes.

Ha nobreza e elevação, porem, na sua linha geral, ha distincção em cada um dos seus movimentos. O senhor trouxe, alem disso, para a nossa esthesia, assimilando, embora, uma visibilidade combinada de sensualismo e espiritualisação de um toque ainda não imitado entre nós tão bem. Dos mestres francezes e belgas que lhe são modelos o senhor é o melhor discipulo brasileiro até hoje, sob esse aspecto. Premiando-o a Academia de Letras reconheceu, sobretudo, a cristalisação de uma maneira nova na poesia no que menos lhe podia repugnar aceitar-a. Com o senhor venceram um pouco perante esse tribunal todos os symbolistas do Brazil.

Quem leia attento as derradeiras paginas dos *Poemas e Sonetos* ha de ver que no espirito do seu autor juvenil algo se passa de novo, entreabrindo-se-lhe um horizonte não presentido até ha pouco.

Concíta, aconselha e pondera elle em:

A UM FILHO PRODIGO

Volta! ainda é tempo, branca no horizonte
Tua aldeia sorri sobre a collina.
Cumpra-se nesses valles tua sina,
Seja teu mundo esse tranquilo monte.

Seja teu mundo essa encurvada ponte
Que sobre o rio, tremula, se inclina,
E esse trecho de céu que te illumina
A larga, franca e pensativa fronte.

A vida ahi fóra, em ondas, tumultua.
Ouve teu rude coração. Recua!
Volta aos humildes, mas felizes tectos;

Que as estrellas terão mais calmos brilhos
Para velar o somno de teus filhos,
E a terra sorrirá para teus netos.

Não vemos aqui o poeta, repatriado, sentir afinal o calor da patria, ainda fosca, mas sua, penetrar-o até o amago, seduzil-o sem que elle saiba, e vencer afinal as outras terras, cheias de encantos facticios, alem de tudo porque são alheias, mas que dominaram até ha pouco, ainda mesmo distantes? E não se vê que só com isso elle se humana, querendo radicar-se novamente ao solo de que o tinham desplantado e pensando em perpetuar-se em filhos e netos para os quaes as estrellas «terão mais brilhos» e a terra «sorrirá»? Tal novo sentimento, tal revolucionario parecer não procederá muito em

parte da influencia que a corrente nacionalista, mais uma vez desperta no Brazil agora, já teve tempo de exercer sobre a sua natureza ductil e amorosa? Seja como fôr, bastam taes indicios para trazer-nos a esperança de vermos desabrochar em obras propriamente fecundas esta segura e aparelhada intelligencia, apezar disso até agora apenas curiosa e brilhante.

Depois, aquelles ainda mais derradeiros sonetos *Deus, A resposta do Homem, Pó, e No alto da montanha* dão-nos conta de preocupações transcendentales, sombrias, revelando quanto estamos longe do epicurismo dolente, mas superficial que nos impressionou até não ha muito.

Permitta o senhor que eu transcreva aqui

«A RESPOSTA DO HOMEM

«Homem! que queres mais? Dei-te a alegria
Que move os mundos harmoniosamente,
E o céu cheio de estrellas, e a poesia
Da aurora casta, e a lagrima do poeta;

Dei-te a floresta espessa e a pedraria
Limpida, a agua das fontes, transparente,
E o vinho de ouro, a flor tremula e fria
E o silencio, mais sabio que a serpente.

Dize, que queres mais? O amor, a gloria,
A força, ainda mais bella que a belleza,
A eternidade na hora transitoria?

Que queres mais, se as tuas mãos têm tudo,
Se é toda tua a immensa natureza?
E o Homem olhou a terra, e ficou mudo...»

Com esses tão bellos versos, si o senhor não se oppõe, emparelharei finalmente estes outros:

«DEUS

A que terras sombrias e geladas,
Fantasma, nos conduzes? Que florestas
De arvores negras, solidões funestas,
Guardarão nossas almas torturadas?

Depois de tantas illusões falhadas,
Entre vãos desesperos e entre festas,
Na successão de noites e alvoradas,
Só 'tu, funebra horror, só tu nos restas!

Só 'tu, funebre horror maravilhoso,
Que não dás um minuto de repouso
Ao nosso humano, estreito coração;

Só 'tu, figura pensativa e estranha
No alto da tua tragica montanha
Onde nem chega a nossa maldição!»

Sentindo-se bem o valor de taes sonetos, vê-se que futuro ainda se pode abrir para o autor deste livro, futuro indefinido, mas cheio de possibilidades, quando o mundo atravessa horas como as actuaes, que o senhor não demorou a apprehender, pelo menos sob o aspecto da sua gravidade, o qual, sem querermos, nos leva a erguer os olhos dolorosamente para o alto.

Assim, *Poemas e Sonetos* não representam apenas umas paginas na altura de merecerem o que ja tiveram, mas são o prenuncio de uma obra de muito mais serio valor.

É o que lhe pode com sinceridade e franqueza dizer quem se subscreve, meu joven compatriota,

seu

grato admirador

«URUPÊS E O SERTANEJO»
BRAZILEIRO»

por Leonidas Loyola

Rio, 17 de Setembro, 1919.

Prezado LEONIDAS LOYOLA,

Muito grato pelo
offerecimento carinhoso do teu opusculo «Urupês
e o sertanejo brasileiro».

Já o tinha lido, quando publicado em jornal, e ora o releio com prazer. É um trabalho cheio de sinceridade e franqueza, feito por amor á justiça e repassado de um sentimento patriótico muito são.

É preciso, não tem duvida, impedir que o grande e incontestavel successo de livraria obtido pelo brilhante livro de contos de Monteiro Lobato perturbe a nossa orientação no que respeita ao modo por que devemos encarar o caboclo. Este é o musculo de resistencia verdadeiramente brasileiro com que podemos contar. Si o desmoralisassemos, porisso mesmo im-

plícitamente proclamarmos de modo antecipado e estúpido a dissolução do Brazil.

Teu opusculo é um esforço muito meritorio em tal sentido. Resume todos os argumentos capazes de se opporem a que se confunda Jéca Tatú, — o typo de um mameluco decahido, que se encontra em S. Paulo, — com o sertanejo brasileiro em geral. Mas, não só demonstra o absurdo que haveria em tal confusão, como a injustiça que se praticara em malsinar esse proprio caipira que Monteiro Lobato observou na terra dos bandeirantes.

O que fôra de justiça pôr tambem em relevo, comtudo, é que o autor de «Urupês» se arrependeu de seu gesto, cousa que logo se viu por uma nota que publicou na 2.^a edição daquelle, hoje, famoso livro, e depois no opusculo «Problema Vital», onde se penitencia longamente de tal culpa. Pena é que taes ultimas paginas não tivessem logrado a repercussão e a fama que lograram as outras. É que ellas representam um pamphleto, decerto nada vulgar, mas sem a belleza que a imaginação e o ardor néo-romanticos do artista palpitante em Monteiro Lobato puzeram em «Urupês».

O segredo principal do successo que estes obtiveram está ahi. Depois é que se deve lembrar a vantagem que teve o autor em utilizar um excellentes aparelho, como é aquelle de que dispõe para o serviço de sua *Revista do Brazil*, e a boa sorte que lhe sorriu em haver apanhado de Ruy Barbosa um estrondoso reclamo, quando o Brazil inteiro era todo ouvidos para o seu grande homem, na campanha da ultima eleição presidencial.

Porque o maior motivo de «Urupês» ter-se quasi equiparado em successo real a «Os Ser-tões» de Euclides da Cunha e a «Chanaan» de Graça Aranha, ficando, portanto, muito acima de outros modernos livros de literatura regional, é que, como esses dous outros, elle resulta de uma sensibilidade propriamente nova, a sensibilidade néo-romantica, em que o mysticismo actua poderosamente, correspondendo á solicitação, embora talvez ainda inconsciente, do momento em que estamos. Defeitos e deficiencias que o livro tenha, como tem, se esquecem, si não passam despercebidas, co no sempre aconteceu ás obras que vem de modo nitido e accorde com o gosto geral de dado publico, marcar uma evolução literaria opportuna.

Não sei si assim bem te demonstro por que discordo do teu parecer quando dizes que não consegues «achar a razão por que esse livro tem obtido tamanha aceitação por parte do publico que lê».

Muito me alegre, Leonidas, em ver-te cada vez mais interessado pelas letras e com ardor crescente sobretudo pelo que nellas encontras de estímulo ao teu amor pelo Brazil. És um nacionalista por natureza e si continuares a obedecer intelligentemente a esse teu pendor dentro da esphera que cabe a um intellectual, poderás muito bem ser um triumphante amanhã.

É o que te deseja de coração o

teu

certo e muito grato

«A QUESTÃO SOCIAL NA PHILOSOPHIA
DE FARIAS BRITO»

por Jackson de Figueiredo

Rio, 6 de Novembro, 1919.

Meu prezado JACKSON,

Teu ultimo opusculo, «A questão social na philosophia de Farias Brito», é dos mais serios trabalhos que já se tenham feito no Brazil sobre este assumpto.

Revela progresso cada vez maior no joven escriptor que és, de um ponto de vista raramente apercebido, siquer, pelos moços nossos patricios. Caminhas cada vez mais para a clareza, para a simplicidade e para a despreocupação com effeitos baratos, para a renuncia de todos os meios que mais facilmente, em toda parte, mas sobretudo nas terras de falsa cultura, trazem para o homem de letras o successo e a voga.

Dir-se-ia que fizeste este ensaio apenas para ti mesmo, querendo resumir para teu proprio uso tudo quanto Farias Brito escreveu de interessante á questão de que nessas paginas se trata. Emquanto te conservaste á mesa, parece, não te lembraste do publico a que tinhas de offerecer, empós, o fructo do teu labor.

Porisso mesmo, comtudo, não se pode resumir com mais habilidade e probidade do que fizeste o pensamento do insigne philosopho para tornal-o conhecido áquelles capazes de se interessarem pelo assumpto no que tenha este de capital e de sério verdadeiramente. Os que vivem pensando sobre os factos mais culminantes do momento com a gravidade que o estudo e o legitimo interesse pelo homem nos dão, os que emfim se pareçam, sob esse aspecto, comtigo, esses é que podem ser os teus perfeitos leitores, quer dizer, os que te acompanhem de principio a fim entendendo-te e prezando-te até nas tuas inconscientes intenções.

Porque, a meu ver, as tens neste ensaio, como todos realisando um acto qualquer. Nunca podemos explicar-nos por completo, siquer a nós mesmos, os motivos dos nossos impulsos, das nossas realisações. Acontece ás vezes que o mais poderoso dentre elles é o que escapa justamente á nossa percepção.

Afigura-se-me que tu quizeste fazer este resumo sobretudo para ter diante de ti mesmo o pensamento do nosso grande amigo por modo que esse pensamento não te fugisse, afin de melhor conversares com Farias, symbolisando-o nas suas idéas, como no que ora do que elle foi nos resta de mais tangente. Vê-se que tu ne-

cessitas de falar-lhe quasi como si ainda não tivesses comprehendido que elle morreu, e presume-se que tal necessidade virá, mais do que de tudo, da ancia e n que teus pensamentos te lançam.

Si assim não fosse, teu opusculo, tão bello, embora tão severamente bello, visto á luz com que o allumiei até este ponto, fôra um trabalho ingrato por outro aspecto.

Em essencia, evidencias que no entender do autor de «Finalidade do mundo», é «a religião o alicerce mesmo das sociedades». Mas o fazes com que fim? Com o fim de chegares a tornar incontestavel que para Farias «o que significava todo o tumulto anarchico do mundo moderno era a morte da religião dominante, a morte, portanto, do Catholicismo, em todo o Occidente», embora reconhecendo que no entender do philosopho, para quem «a religião é a philosophia mesma, passando da ordem theorica para a ordem pratica», diante da situação actual «faze-se necessaria uma crença nova capaz de sustentar o espirito publico, em harmonia, não só com as aspirações emocionaes do espirito moderno, mas tambem com as novas descobertas da sciencia e da industria, bem como em conformidade com as ultimas investigações da especulação philosophica». Não escureces esse pensamento, capital na sua obra, nem mesmo que elle achava, para assim opinar, que «hoje, depois de dezoito seculos de actividade e trabalho, depois de dezoito seculos de luta e sacrificios extremos, a civilisação excedeu sem duvida o ideal realisado pelo Christianismo, tal como o constituiram as convenções da Igreja».

Não faltará, porem, quem ajuize, poucos, pelo contrario, deixarão de pensar que emprehendeste o teu escripto para procurar convencer-nos, no teu crescente ardor pela religião de Roma, que Farias Brito, do seu ponto de partida em diante, a não acompanha apenas por um erro de apreciação, por não ter aprofundado em tempo «a obra dos pensadores catholicos», que o levariam a saber ajuizar «de affirmações taes como a da morte do Catholicismo», e a alcançar «quanto a revelação pode ser e deve ser acatada pela razão».

Para persuadir-nos melhor de que assim havia de ser, contas que o proprio Farias, conversando contigo, esteve muitas vezes por esta ultima affirmacão.

Mas, porque elle «não pôde penetrar mais cedo a grandeza da Religião Catholica», a teu ver seu esforço foi negativo, pois achas que «negativo tem sido todo esforço desgarrado do seio materno da Igreja». Accentuas melhor este modo de ver sua obra, no que ella interessa á presente questão social, dizendo, quasi ao terminar, que os dous ou tres pontos em que elle «procurou orientar positivamente as nossas energias são os mesmos da Egreja e podem ser encontrados até naquella pagina immortal de Leão XIII sobre a condição dos operarios». Accrescentas que, de seus livros, «tudo o mais, alem da critica severa aos systemas propostos por outros pensadores, tudo o mais, sempre inspirado no seu alto espirito de justiça, sempre inspirado no seu grande coração, não tem a forma definida, definitiva, das idéas que podem ser ensinadas á multidão». Que «a originalidade de Farias

Brito está em ter sido quem foi numa época como a nossa, em que todos querem ser originaes, mesmo com sacrificio da verdade». Que, finalmente, «Farias Brito, por si só, chegou a conclusões que são quasi as mesmas dos pensadores catholicos, tal o seu amor á logica, tal a sua boa fé no julgamento dos factos».

Ora, que é que parece dever induzir-se de tudo isso? Raros deixarão de pensar que seja teres em vista, pelo menos subconscientemente, persuadir, por ultimo, teu leitor de que, em vez de ler Farias Brito, melhor fará, querendo orientar-se devidamente sobre a questão social, quem leia Leão XIII e os outros escriptores da Igreja que a tenham discutido. Consequentemente, quasi todos acharão tambem que, em vez de teres escripto uma obra de propaganda das idéas do nosso amigo concernentes á grande questão do dia, o que fazes, afinal, é um opusculo em que as combates por desaccordes, quanto o sejam, com o programma da Igreja Romana. Assim, julgarão, por força, haver em ti um advogado contrario, em ultima analyse á causa que elle parecia propôr-se patrocinar.

Até certo ponto, na verdade, assim é. Basta que Farias Brito houvesse tomado a resolução de procurar a verdade por si, para ser um fructo ou um filho da Reforma, de que a Revolução foi a consequencia inevitavel. Todos os verdadeiros individualistas estão de costas para a Igreja. Ou esta faz o mundo retroagir até aquelle ponto de partida, ou o mundo ha de fazel-a ruir no que a ella lhe é verdadeiramente essencial.

Pode-se mesmo alcançar, como eu alcanço, «quanto a revelação deve ser acatada pela ra-

ção», conforme o que se entende como revelação, e que a religião não é «a philosophia mesma», segundo também eu penso, mas estar longe de ser um catholico.

De modo que é logico não poderes fugir a dar-nos combate, uma vez que te proclamas completamente conquistado pelo catholicismo. Acima de qualquer outro dever tem-se de collocar os deveres de consciencia. Serás mais intimamente nosso amigo combatendo-nos para ficares de accordo contigo do que entrando em discordia intima para te dizeres perfeitamente alliado conosco.

Mas, ainda assim, catholico como estás, sente-se que essa necessidade tão viva que ha em ti de continuares a conversar Farias Brito vem de que o teu catholicismo ainda é um modo de ser da tua ancia pela verdade. Elle representa por emquanto, acho eu, uma experiencia, a experiencia de um desilludido de outros processos para alcançar tranquillidade, segurança.

Essa a razão por que, ja tendo transposto o vallado que nós ainda não transpuzemos e que pelo menos a Farias Brito ja agora é impossivel transpôr, ainda lhe olhas e olhas a nós outros como a teus irmãos com quem melhor te podes entender pelo sentimento, embora discordando delles pelas idéas. Dahi não estar em tuas forças abandonar Farias nem uma hora, talvez, mas achares, por certo, sempre deficientes todos os meios a que recorras para viver em colloquio espiritual principalmente com o companheiro que ja desta vida se foi. O discordares delle é quasi o unico meio de que dispões para com elle continuares a viver em espirito.

Afinal, unes-te a nós, como nós nos unimos a ti, na vontade de crer, e esta, penso eu, é a situação de todos os espiritos que representam propriamente vida no instante actual.

A nossa nobreza será correspondente á sinceridade de que sejamos capazes ao reconhecermo-nos em tal situação. O reflectirmol-a com coragem será a nossa gloria, na humildade do papel que nos cabe.

Aqui escrevo, meu Jackson, o que me vae nalma sem refolho nenhum. E é porque te sinto como te digo que recebo mais este trabalho teu carinhosamente, sendo sempre o

teu

«PEQUENA HISTORIA
DA LITERATURA BRAZILEIRA»

de Ronald de Carvalho

Rio, 10 de Dezembro, 1919.

Meu caro Sr. RONALD DE CARVALHO,

Li até a ultima pagina sua «Pequena Historia da Literatura Brasileira». Estou certo de que com o correr dos dias toda a gente que entre nós tem amor ás letras ha de fazer o mesmo que eu fiz.

Ahi está o primeiro elogio do seu livro. Elle póde ser o *manual* da nossa literatura: é o que mais se presta a isso até aqui. O compendio de Coelho Netto, mais o de Sylvio Romero e João Ribeiro, como diz Medeiros e Albuquerque no prefacio deste seu livrinho, são «de intuitos pedagogicos». Quer dizer: serão procurados por necessidade; basta isto para mui-

tos os consultarem, mas para serem por poucos verdadeiramente lidos. Estas paginas que o senhor nos dá representam obra desinteressada, feita mais ou menos com o esmero com que se fazem romances ou poemas. Têm mesmo um longe de poesia. Realizada por um critico que, alem disso, é um poeta intelligentissimo, musical e suggestivo, é como um prisma em que se reflecte a belleza que já pôde revelar o espirito humano, do seculo XVI para cá, numa grande terra menina, onde ainda hoje se estão cruzando brancos, caboclos e negros para fazer uma humanidade nova.

Desde a *introducção* mostra o senhor não se haver poupado a penosas leituras para contar-nos como se liga a America ao velho mundo; Depois, capitulo por capitulo, começa por uma nova exposição desse mesmo character, sempre muito bem organizada, pela revelação de quanto lhe interessa o universal, com o fim de illuminar intelligentemente, pertinentemente o assumpto particular da occasião.

O prisma que é este livrinho nada representa de impessoal, comtudo. O autor dos «Poemas e Sonetos» tem aqui intuitos perfeitamente brasileiros do começo ao fim.

Logo no primeiro typo consideravel que pôde apresentar-nos, Gregorio de Mattos, não vae a ponto de fazer delle, como fez Araújo Junior, «o satyrico mais acabado» e o autor do «livro mais curioso que já sahio da penna humana», mas tambem não acompanha José Verissimo, a quem parece o Bocca do Inferno «se não distingue dos poetas portuguezes e brasileiros seus contemporaneos». Formando antes

com Sylvio Romero, o senhor cita uma frase de Faguet, quando este commenta Villon: «Ce truand fut presque un grand poète». E diz: «O conceito não ficara mal, se fosse applicado a Gregorio de Mattos». Eu concordo com o senhor. Depois de transcrever uns versos em que o poeta ataca os grandes da colonia, commenta: «Suas invectivas contra os nobres não param ahi; deixou sua musa faceta varios retratos, ou melhor, varias caricaturas excellentes *dessa casta de creaturas que vinham para aqui encher o pandulho magro e a bolsa vasia, e maldizer da terra e dos seus naturzes*». Não ha nisto nenhuma impassibilidade; ha, pelo contrario, um espirito de nativismo que muitos condemnarão em um historiador.

Mas, si aqui o senhor é tendencioso, não o é por motivo de animade com o poeta, sim por um espirito piedoso muito sympathico.

José Verissimo já não se revela assim na sua «Historia da Literatura Brasileira». Vê-se claramente, escrevendo-a, ten o intuito de ser como, aliás com razão, elle julga que João Francisco Lisboa foi: «... um dos nossos primeiros europeus, pelas lucidas qualidades do seu claro genio, tento da civilisação e desdem dos nossos parvoinhos preconceitos nativistas e ainda patrioticos». João Lisboa foi um dos seus modelos mais queridos. Porisso, continuando a tratar de Gregorio de Mattos, para que saibam que elle não é ignorante, Verissimo denuncia o poeta como «servil imitador» do hespanhol Quevedo, tal qual, na metropole, o foram uma caterva de versejadores, que cita, todos coevos do terrivel satyrico.

Havia tambem no nosso consideravel critico a digna ambição de ser o contrario do que lhe parece que Tobias Barreto foi: um «mestiço impulsivo e mal creado». Verissimo propoz-se a ser o «*honnête homme* consoante Laroche-foucauld». Repetia em conversa muitas vezes aquella sentença do grande francez: «Diseur de bon mô, mauvais caractère». Dahi, desde logo, sua falta de sympathy pelo bohemio bahiano do seculo XVII. Havia de causar-lhe por força repugnancia o «satyro extremamente caroavel de mulatas e creoulas» que «prodigalisou-se em versos amanteticos, babosos, de velho femieiro, a esse typo feminino, de que a Bahia teve sempre a primazia».

Conhecendo-se estes traços phisionomicos de José Verissimo, explica-se facilmente por que elle tem sempre mais ou menos frieza, sinão pé atraz, não só com o primeiro typo de vulto que appareceu nas nossas letras, como com todos os bohemios ou simplesmente «mal creados», irregulares, que vieram depois d'este.

O peor é que deixa um tanto de ser na realidade «europeu», perde, certo «tento da civilisação», fica elogioso demais, ou pelo menos demasiado effusivo, comparativamente, quando fala dos typos «sérios», de que procurou ser muito amigo, de um Machado de Assis, de um Joaquim Nabuco, de um Taunay, de um Eduardo Prado, cousa que naturalmente ha de irritar os amigos e admiradores dos pobres diabos ricos de talento ou dos indisciplinados que lhe soffrem os severos conceitos. Eu confesso que aos meus olhos, pelo contrario, assim se torna elle mais humano, mais pittoresco e saboroso.

Critica não exclue parcialidade: que esta se, a involuntaria é quanto se póde exigir de quem toma da penna para julgar.

Não concordo com Medeiros e Albuquerque, a quem parece que «Sylvio e Verissimo tinham um defeito: não sabiam escrever». Acho que, no essencial, sabe escrever todo aquelle que expõe claramente o que pretendia expôr. Nisto está comprehendido até o conhecimento do dictionario e da grammatica. Sylvio e Verissimo explicaram-se e até retrataram-se muito bem no que deixaram escripto. A seu modo, tinham estylo. «O estylo é o homem». Tratando-se de J. Verissimo, é natural que seu estylo fosse como elle foi. Com o senhor não se dá o mesmo? O senhor é mais comprehensivo, mais livre de preconceitos do que elle foi. Juntem-se a isto as suas outras qualidades, a que já me referi por alto, e comprehender-se-á com facilidade por que o seu livrinho ha de ser muito mais lido e mais geralmente sympathisado que a «Historia» daquelle nosso valoroso autor.

Sylvio Romero tambem não lhe póde offerer concorrencia com os seu dous grandes volumes. Antes de tudo, porque estes são dous e são grandes. Depois, é certo, o trabalho de Sylvio em nossas letras, conforme a opinião de Medeiros, «foi prodigioso». Elle, Tobias, Clovis e Araripe, como criticos, marcam uma revolução nas mesmas. A proposito de Sylvio, principalmente, póde-se perguntar como o senhor pergunta: «Quem se preocupara antes delle, tão ponderadamente, com a nossa poesia popular, com a mysteriosa *psyche* das duas raças aquí escravizadas pelo conquistador solerte e brutal?

Quem descera, tão demoradamente, a sonda em nossa alma inquieta e medrosa, dolente e exaltada, de mestiços? Quem auscultara, com tanta precisão, o latejar desse caos ethnico brasileiro?». Mas a sua propria historia da nossa literatura «revê», como o senhor diz, repetindo a opinião geral, «um temperamento franco de polemista desabusado».

Quasi de começo a fim, a proposito de cada autor que critica, faz Sylvio a critica do que outros tinham dito sobre aquelle personagem. Traz, conseguintemente, o leitor quasi tão preocupado com a pessoa que lhe fala como com o objecto essencial daquella pagina.

Alem disso, o sociologo que elle é anda sempre antes do critico literario propriamente dito. Elle é um Taine pelo avesso, neste sentido: um Taine de que o que se vê sobretudo são os andaimes, isto é, a sciencia, as theorias, os a proposito, simão os sem muito a propsito do assumpto em questão.

Accrescente-se a facilidade com que se apaixonava pró ou contra os autores e quem os commentara, attingindo ás vezes até a cegueira, mas a facilidade com que não raro emendava a mão para cahir em excessos oppostos, porque no fundo Sylvio era uma creança, era incapaz de odio, propriamente dito, a ninguém.

Dispondo-se de todos estes elementos, comprehender-se-á que o seu livro seja, de facto, como elle o quiz fazer, «um trabalho *naturalista* sobre a historia da literatura brasileira», mas de que o melhor dos retratos, o mais curiosamente feito, aquelle que mais clara idéa ha de no futuro dar de um nosso homem de letras,

como o nosso meio actual o formou, será, penso eu, o próprio retrato do seu bravo autor.

Uma das injustiças que se fazem a Sylvio Romero é dizer-se que elle não tinha discernimento na critica literaria. Elle o tinha, e muito, ás vezes, quando não se deixava levar por esta ou por aquella paixão.

A prova está, para citar um só exemplo, na agudeza de vistas com que elle soube caracterisar Fagundes Varella, cousa que não é muito facil.

O que distingue este nosso typo de todos os outros poetas brasileiros é o *aura* que d'elle se desprende, como dizem os occultistas. É o *aura* de um alcoolatra de genio. Fagundes tem muito de Edgard Pöe desse ponto de vista. Ha no seu cantar, embora tão nosso, um timbre soluçante e pungente diverso de quantos cantares já conheciamos; como a sua dolencia, como tudo que ha de indefinivel em seu perfil falamos de um ser que passou por este mundo num como somnambulismo perenne, numa meia ebriedade só. Ha em torno d'elle, dir-se-ia, um halo quasi que de nume. Bastara que elle tivesse produzido o *Cantico do Calvario* para todos quantos têm, na verdade, visão esthetica sentir-no mais ou menos assim. Elle é de um lyrismo dionysiaco, tanto quanto o póde ser um brasileiro e um christão. Varella viverá principalmente na lenda.

Pois bem, veja-se a critica de Sylvio sobre Fagundes e verificar-se-á que elle diz mais ou menos estas mesmas cousas, apenas sem belleza e sem que se lhe sinta grande enoção. Ao lado do seu juizo, o juizo de José Verissimo, sobre

essa nossa individualidade irresistivelmente sympathica, é apoucado, de certo porque Varella foi um bohemio vicioso e porque tambem essas qualidades de que falei são cousas imprescindis, ficam quasi, por assim dizer, para além da litteratura. J. Verissimo é pouco alado; radicalmente, mas estrictamente um literato.

Tratando-se, no entanto, de dous poetas como Santa Ritta Durão e Basilio da Gama, vê-se como a paixão predominante em Sylvio Romero o conturba.

O senhor transcreve aquelle juizo de Almeida Garret: «O «Uruguay» de José Basilio é o moderno poema que mais merito tem, na minha opinião». Basta isso para caracterisar o «Uruguay»; sobra em Garret autoridade para tanto.

«O valor do «Caramurú» (de Santa Ritta Durão), escreve Sylvio Romero, está en ser uma especie de resumo da vida historica do Brazil nos tres seculos em que fomos colonia... O poema tem, alem disso, bellos especimens de poesia. O episodio de *Moema* é deste genero». Dizeres que tambem são muito justos. Antes Romero já tinha feito bons elogios ao «Uruguay». Mas, lendo-se por extenso o que elle escreveu sobre uma e outra obra, vê-se que, si de qualquer sorte prefere uma dellas, é o «Caramurú». O sociologo aqui vence o estheta. Porque não ha duvida que o «Caramurú», obra de poesia, como tal é, no entanto, muitas vezes inferior ao «Uruguay». Demonstra-o em formosas paginas José Verissimo, e o senhor acompanha-o entusiastamente, em lindo resumo.

Voltando particularmente ao amigo, é op-

portuno dizer-lhe: não obstante todas as suas qualidades de éxito que já mencionei, eu não acharia pertinente escrever-lhe esta carta cotejando o seu livrinho com as importantes obras daquelles seus predecessores, si apenas taes qualidades lhe reconhecesse. O senhor poderia ser um artista da palavra, mas sem originalidade nenhuma como critico.

É porque a tem, é porque de facto contribuiu para que se vá fazendo a historia propriamente dita da nossa literatura, que seu resumo representa cousa na verdade merecedora de toda a attenção, tanto mais sendo escripto por um moço de menos de trinta annos.

Já não é o livro de um naturalista como o foi Sylvio, sobretudo por suas theorias, Verissimo, por seu temperamento, por sua intuição, Arape pelos seus processos. É o ensaio do herdeiro de toda a moderna critica até aqui, mas já tocado desse *mysticismo do bello* a que o senhor se refere a proposito dos symbolistas.

Dahi o seu estylo, que denuncia tão fina sensibilidade, mas estylo tão desarraigado, tão cósmopolita, que me pareceu nos «Poemas e Sonetos» provir de sua educação no estrangeiro. Vejo agora que elle procede mais de suas qualidades basicas como escriptor, de sua espiritualidade instinctiva, de sua tendencia para o universal, de sua aversão á literal «realidade circumstante», de sua preferencia em descrever «o sentido» em vez d'«o observado», como acontece com aquelles artistas de que o amigo fala caracterisando as tendencias da nova escola.

Mas, porisso mesmo, tambem dahi o quê de tom de poema que ha no deste livrinho,

e porisso tambem a sua talvez involuntaria tendencia apologetica, dando-lhe um ar visivelmente néo-romantico. O senhor, ao contrario do que pensa, com razão, de Machado de Assis, mais se extasia com as cousas do que é attento a ellas.

Dahi, ainda, não serem apenas muito bem organisadas, mas excellentes suas entradas de capitulo, em que fala do phenomeno mundial a que se liga o da época no Brazil sobre que vae entreter-nos. É de tal modo que taes paginas, si não são a parte absolutamente superior do livro, figuram pelo menos sempre com segurança entre o que de optimo nelle se encontra.

Dahi, finalmente, o ser este manual antes uma pequena historia da poesia do que da litteratura brasileira, pois, na sua selecção, ainda mais rigorosa que a de José Verissimo, quasi que só escapam poetas da prosa e do verso, o que permite ainda tornar-se mais accessivel e seductor o volume.

Vemos, assim, que já estamos a boa distancia do poderoso, mas prosaico tumulto de Sylvio, da forte, mas excessivamente desengañada e vetusta sabbatina de José Verissimo, mesmo do esthetico, mas muitas vezes por demais phantasioso dilettantismo de Araripe Junior.

No meu joven amigo, porem, a reacção espiritualista que o symbolismo já implica (portanto o subjectivismo, que, como diz muito bem, «é um modo velado de se traduzir o orgulho individualista»), tal reacção não se combina tão exasperadamente como nos proceres do movimento com a crença, segundo suas proprias pa-

lavras, em que «a cada exemplar humano corresponde um deus infallível», de cujo deus «o instinto vem a ser a imagem». O senhor acha, com um E. Seillière, que a parte mais nobre do nosso mecanismo interior não é o instinto, mas «é e será a razão». Ainda neste livro, pois, como nos «Poemas e Sonetos», é um symbolista néo-classico.

Dahi não poder ser um individualista característico, não pretender arrebatarnos com a sua critica, principalmente pelo espectáculo que nos offerece o proprio critico, á feição de um Peladan, de um Mallarmé, até mesmo de um Romain Rolland. O senhor de bem visível apenas revela a vaidade de querer ser comprehensivo, quando não possa chegar a mais. Nesse sentido representa, pelo contrario, uma nitida opposição á corrente predominante dos que se impoem mais pelo temperamento do que pelo espirito propriamente dito.

Falando, por exemplo, de Gonçalves Dias, pretende interpretar-o melhor do que os seus antecessores, descobrindo que «a sua feição primordial, interior», é a de um pantheista.

Parece-me forçada essa interpretação. Eu acho que só Alberto de Oliveira é que chegou na nossa literatura á verdadeira poesia, sob esse aspecto, de um modo na verdade predominante.

Creio que José Verissimo traduziu a opinião nacional nestas palavras: «O balbucio de Magalhães e Porto Alegre era já em Gonçalves Dias a fala clara, perfeita e melodiosa. Com muito mais harmonia, mais intimo e mais vivo sentimento, mais espontanea e original inspiração, maior sensibilidade emotiva, havia refervan-

temente nelle dons de expressão muito superiores... Com elle achava enfim o lyrismo brasileiro a sua expressão mais eminente, a sua feição modelar».

Depois de Gonçalves Dias, accrescentarei, tem-se dado notas lyricas mais altas, em certo sentido mais geniaes, mas talvez, umas, menos verdadeiramente brasileiras, quero dizer, menos em correspondencia com a nossa *psyche* até aqui, outras menos puramente poeticas do que as que deu o autor da *Canção do exílio* e de *Ainda uma vez, adeus*.

Falta, porem, no vigoroso e febril escultor dos indios de *Y juca-pirama* siquer uma peça das que elle votou á contemplação da natureza que nos esteja na memoria ao menos por um verso, Prova de que não é ahi, por forma alguma, que elle avulta de modo a ser o nosso pantheista por excellencia.

Si, todavia, o symbolismo néo-classico póde ser mais comprehensivo que o oútro sem dynamisação ou mistura alguma, elle, de si, mystico e racionalista a um tempo, representa um conjunto antithetico, como tal de feição compósita e illogica.

É porisso que o senhor, embora não queira ser um partidario do predomínio do instincto, confessa, confundindo o egotismo com o scepticismo, que «egotistas somos todos nós, desde que, em face da cathedral gothica da Idade Média, que era o dogma de pedra, immutavel e pesado, se elevou o demonio subtil do Renascimento, que é a graça de poder duvidar de tudo». É que o senhor é sceptico e egotista a um tempo. Dahi o notar-se muita influencia na

sua cultura, como crítico, do egotismo perturbador de um Bourget, do epicurismo de um Anatole France, da subtileza, do engenhoso, mas sem grande arranco, de um Faguet.

Sendo assim, não admira lhe parecesse que Machado de Assis «é o maior romancista da lingua portugueza», Machado com toda a sua duvida, dolorosa e sorridente, mas como quer que seja nada ou quasi nada constructora, porque até de uma significativa pouco attingivel para a intelligencia commum, Machado com todo o seu allegorismo, que ainda mais hermetico ha de mantel-o em todos os tempos aos olhos da maior parte dos leitores de romances.

Pois não lhe bastava dizer, como disse depois, justamente: «Machado é sem contestação, sob variados aspectos, o mais significativo dos escriptores da lingua portugueza, e, especialmente entre nós, ficará como exemplo de discreção, graça de estylo e finura de percepção?»

Para mostrar-nos como sua natureza sympathisa, por emquanto, com a daquelle nosso illustre patricio, o amigo, falando a seu respeito da «duvida metaphysica», escreve um fino pedaço, que produziria muito effeito perante a nossa Academia de Letras em discurso de recepção.

Vê-se, pois, do poeta «cinza e ouro» que ha nos «Poemas e Sonetos» ainda restam vestigios patentes no autor da «Pequena Historia». Elle, afinal, é uma individualidade, quero crer, ainda em plena formação. Nós, aliás, nos formamos até a morte.

Parecendo, contudo, entregar-se de corpo e alma a Machado de Assis, dando a illusão de

que se incorpora incondicionalmente ao côro do instante, o qual a proposito delle e de outros faz a apotheose daquelle elegante «duvida metaphysica», a que já me réferi, isto é, em ultima analyse, do epicurismo burguez, consequentemente do materialismo mais ou menos disfarçado, que mantem nas suas respectivas posições todas as forças ora triumphantes; assim parecendo, o senhor, não tarda muito, ao escrever o seu ultimo capitulo, occupa-se relativamente em numerosas paginas, e de intenção perfectamente nobre, com o typo de Cruz e Souza.

Não ha grande escandalo nisso. Já Sylvio Roméro publicou ha bem annos larga pagina, a mais elogiosa possivel, a seu respeito. José Verissimo, a proposito de seus «Ultimos Sonetos», quando estes vieram em livro, fez *amende honorable*, tanto quanto, para resalvar a sua decencia, podia fazer. Já na Academia se produziu o seu elogio.

Embora. Ainda assim o senhor demonstra, sejam quaes forem suas ligações com os naturalistas e parnasianos que ainda chefiam a litteratura official do Rio, como lhe é indispensavel gozar de autonomia.

Fazendo critica ao poeta negro, refere-se o meu amigo apenas por cima aos intuitos heróicos do papel que Cruz e Souza se propoz a representar na vida. Não reconhece explicitamente que, pelo relevo que aquelle temperamento selvagem deu a tal attitude, «ella começa a marcar mais nitidamente uma nova ethica nas nossas letras, como eu digo na «Critica de Hontem», tirando-as do dilettantismo colonial em

que todos, mais ou menos, subordinados ás condições do meio, até então as conservaram, e impondo-lhes, a ellas, uma missão transcendental, apostolica, fazendo-as órgão, aqui, de uma reacção decidida e séria contra o que tem de inferior, de bastardo, de illusorio a atmospherá creada pela civilisação actual». Não viu que sua obra, altamente affirmativa e intrepida, está entre nós, pelo menos de certo ponto em diante, antagonica á obra de Machado de Assis.

O senhor o que reconhece é que os defeitos de Cruz e Souza «não justificam o desprezo em que ainda o têm as *rodas officiaes da literatura nacional*». Que «as incorrecções que porventura apresenta, as obscuridades, os illogismos, a falta de transparencia de alguns symbolos são amplamente compensados pela agudeza da sua emoção, pela honestidade da sua queixa immensa de humilhado. Que «ha em Cruz e Souza, apesar de todas as suas insufficiencias, a força de um precursor», nelle, «que introduziu nas nossas letras aquelle *horror da forma concreta*, de que já o grande Goethe se lastimava no fim do seculo XVIII.»

Não se póde exigir mais ao amigo, — devo reconhecer, — ante o seu modo de ser até aqui e o ambiente em que respiramos.

Faz o senhor a outros justiça, ainda, por modo tambem desaccorde com «as *rodas officiaes da literatura nacional*». Não conheço paginas mais intelligentes, decididas e equitativas que as suas a respeito de Sylvio Romero, de Tobias Barreto e mesmo de todo «o movimento *germanista do Recife*», que os influentes no Rio procuraram sempre menoscabar. Por outro lado,

suas tão exactas paginas sobre Castro Alves representam uma bonita reacção contra a má vontade com que, a um tempo, os parnasianos do Rio e os *germanistas* do Recife sempre o viram, embora o fizessem em opposição ao invariavel sentimento nacional.

Relativamente a épocas mais anteriores que o romantismo, o seu juizo não é tanto o que com propriedade se póde chamar original. Era impossivel outra cousa: falta-lhe ter vivido sufficientemente ainda para *possuir* toda a nossa litteratura. Os autores não basta lê-los, é preciso trazer-os connosco de memoria muitos annos para na verdade se cristalisar o nosso definitivo sentimento sobre elles. Dá-se em nós individualmente phenomeno identico ao que se dá nas collectividades sobre o mesmo objecto. É assim que a verdadeira selecção se vae processando.

Quando o amigo não cria propriamente, porem, sabe discernir com penetração e bom gosto, e sabe resumir, synthetisar com harmonia e boa forma, que nos dão a illusão do inedito. Em muitos casos, mesmo, não é pura illusão; o senhor, com seu verbalismo emotivo, sabe integrar ou allumiari juizos ainda insufficientemente expressos, pôr mais em relevo um traço predominante na feição de dado autor, que por falta d'isso ainda se achava confusamente caracterizado.

Não lhe quero falar sobre defeitos de pormenor sinão para manifestar-lhe minha pena por vel-o affirmar, quando trata do marquez de Maricá, que antes d'elle o paradoxo era «perfeitamente inedito em nossa litteratura». Pelo seculo

XVIII já existia o tão notavel, embora tão esquecido, Mathias Ayres, esse sim, com muito mais propriedade do que o foi Maricá, digno de ser considerado o Larochevoucauld da lingua portugueza. Paulista de nascimento, Mathias, comtudo, como o senhor sabe, viveu quasi que toda a sua vida em Portugal. Mas, collocando Antonio José, conforme o senhor colloca, no quadro da literatura brazileira, é inteiramente injusto excluir delle aquelle insigne moralista.

Por ultimo ainda me permitto opinar que fôra melhor num trabalho desinteressado não ter o senhor feito referencia a contemporaneos ainda vivos que não eram de indispensavel citação, tanto mais si o amigo os cita esquecendo outros typos mais apositados.

Nada impede, todavia, que seu livro seja um producto de precocidade admiravel e que se reconheça no senhor grande talento junto a uma cultura da qual nenhum outro moço ora na sua idade já deu prova, por obra propriamente litteraria, no Brazil.

O meu joven amigo representa, pelo conjunto de suas capacidades como critico, uma garantia que na verdade alegra quantos, entregues ao labor das letras por amor ás letras, precisam confiar aqui no dia de amanhã. Assim o futuro venha dar-nos ainda mais razão.

Desculpe-me o abusivo tamanho desta carta. Com ella quiz, principalmente, demonstrar-lhe quanto merece o seu bello esforço aos olhos do

Seu
amigo e admirador.

«ROMAIN ROLLAND»

por Tasso da Silveira

—

S. Paulo, 18 de Fevereiro, 1920.

MEU PREZADISSIMO TASSO DA SILVEIRA,

Nestes dias que estou passando em São Paulo, dias todos, até aqui, de máo tempo, pude reler o livrinho que acabas de publicar, teu «Romain Rolland», e com elle «Au dessus de la Mêlée» e «Les Precurseurs», ultimas paginas do autor que no teu notavel ensaio estudas.

Este representa uma novidade propriamente dita em nossas letras. Romain Rolland ainda é muito mal conhecido no Brazil. «Jean Christophe», seu extraordinario romance, poucos, relativamente, o terão lido, por emquanto, entre nós. A noticia mais espalhada sobre quem seja aquelle que o escreveu é esta: trata-se de um

romancista que antes da guerra «tinha alguns admiradores e sobretudo admiradores inconscientes nos salões exóticos de Paris». Vindo a guerra, foi elle para a Suíça, onde se refugiou e principiou a escrever os artigos depois publicados num «pretencioso folheto», que chamou «Au dessus de la Mêlée». Revelou-se com isso «um germanophilo», fez-se por essa forma «o chefe dos derrotistas», sendo «o unico francez neutro» que até hoje se conhece. Transcrevo os trechos que ponho entre aspas de uma correspondencia publicada em jornal matutino do Rio ha mais de um anno e que por acaso guardei.

Si essas informações fossem verdadeiras, nada mais condemnavel do que, por espirito de novidade, vires offerecer á tua geração, como offereces, um opusculo tratando de tão extravagante e odiosa creatura.

Ao contrario disso, julgo que não podias escolher assumpto mais digno de empolgar um espirito de moço e de levar-o a fazer proselytismo entre os outros moços como elle, tratando-se de um typo estrangeiro.

Romain Rolland é o autor mais interessante que nestes ultimos tempos a França offerece nos dominios da arte escripta propriamente dita. Só depois de conhecê-lo é que evidentemente vi surgir uma literatura nova naquella terra maravilhosa. Elle não é «o chefe dos derrotistas»: é o chefe do novo espirito francez. «Talento rigorosamente balzaqueano», como dizes muito bem, entre elle e Balzac ha, comtudo, esta differença: Romain é de uma sensibilidade essencialmente da hora; é a hora, -- póde-se dizer é o minuto em que estamos, mas

dispondo da mais viva e aguda expressão. É a hora principalmente nas suas sagradas ancias e nas suas santas esperanças. É a hora até no que ella tem de ingenuo, de ideólogo, de infantil, numa teimosia que nos faz sorrir, mas que ao mesmo tempo nos emociona fundamente.

Assim, Balzac, o creador do romance propriamente dito, como repetes, é o autor da epopéa do *Domus*, enquanto que elle, Romain Rolland, o que pôde crear foi, como assignalaram lá fóra, o D. Quichote do Rheno. Jean Christophe, sôb certos aspectos, vem a ser o typo mais nobre possível do europeu deste instante, um pacifista ingenuo, quasi basbaque, cujas linhas roçam pelas do cavalleiro andante da Mancha, que Cervantes creou. Por cumulo de ingenuidade, o moço escriptor francez personificou-o num compatriota de Hæckel, de von Bernhardi, de Thomas Mann, de Ostwald, daquelles noventa e tres intellectuaes que para eterna vergonha de sua patria assignaram a célebre *adresse* em que deram a Allemanha como innocente de todo e qualque dos crimes com que iníciou a Grande Guerra.

É claro, Romain Rolland escreveu seu grande romance antes da tremenda catastrophe. Espirito profundo, a um tempo analysta e intuitivo como só podem ser as intelligencias geniaes, não soube então prever a tempestade que se approximava?

Na anteface de «*Au dessus de la Mêlée*» vem citado um trecho «prophético», como justamente o classificas, meu amigo, do proprio «*Jean Christophe*», que se nos depara antes de terminar o ultimo volume, e em que se vê, syntheticamente,

adivinhado o quadro do «incendio», quando elle começa a lavar, em vez «da ressurreição physica e moral das raças do Occidente», com que o romancista sonhara.

É innegavel, pois, que o proprio Romain, acompanhando o desenvolvimento dos factos no mesmo tempo em que escrevia sua alentada obra, foi o primeiro a reconhecer a inutilidade della, a tal respeito, antes mesmo de havel-a terminado.

O que, porem, lhe causou verdadeira decepção, como o confessa em «Au dessus de la Mée», foi a attitude dos intellectuaes allemães, nos quaes acreditava sinceramente. E desse engano é que resultou, por certo, o haver personificado elle seu heroe em um artista nascido lá para o outro lado do Rheno. «O que torna, sobretudo, pungente este drama, — escreveu então Romain — é que nenhum dos que constituem a nata intellectual e moral da Allemanha, acredita nem por sombra nos crimes do seu governo; nenhum nas atrocidades commettidas em Wallonia, no Norte e no Este francez durante as tres primeiras semanas da guerra; nenhum (parece que por uma apostá) na devastação voluntaria das cidades da Belgica e das ruinas de Reims».

Diante de tal decepção, no entanto, como reage o romancista? Invectiva-os, não ha duvida, a esses «desastrados», a esses «conductores allucinados», os quaes, por «orgulho imbecil», em vez de estygmatisal-os, exaltam os crimes que para sempre os hão de envergonhar na historia.

Nem, porisso, todavia, volta as costas definitivamente áquelles desses réos estrangeiros

que antes da guerra elle contou entre os seus amigos. Não volta as costas á propria Allemanha, pensando no dia da paz.

O que elle quer é que a França combata, embora arrastando para a carnificina até a nova geração de intellectuaes, enquanto a Allemanha os poupa quanto póde, mas que combata de modo que saia immaculada da guerra atroz, como nella entrou, porque elle prefere vel-a esmagada a vel-a morta no que constitue o seu espirito.

A guerra, para elle, é principalmente a obra do feudalismo nas suas ultimas tentativas re-trogadas, e do imperialismo industrial.

«Só um genio napoleonico, escrevia Romain naquella pagina prophetica de que falei, poderia impôr a esta vertigem um fim determinado, escolhido. Mas genio de acção não havia em parte alguma da Europa. Dir-se-ia que o mundo escolhera para governal-o os mais mediocres. A força e o espirito humano estavam alem».

Comprehende-se perfeitamente, como tu proprio reconheces, que tal attitude, num francez, não causasse quasi que unanimemente outra cousa sinão indignação e repulsa dentro da França, durante aquelles longos dias tremendos em que se esteve decidindo da sua vida ou da sua morte, achando-se a nação inteira de armas na mão. Comprehende-se que tal generosidade não fosse tida apenas por imbecilidade, mas até por culpouso conluio com o inimigo. Não havia como tolerar no solo francez tão perigoso, tão pernicioso discolo. Ouvido e imitado, acaso, largamente pela turba, ou mesmo apenas pelos intellectuaes, esse, quando menos, vaidoso rhetorico, parece que nascido sem nervos e até

sem brio, esse macaco de Goethe diante da Revolução Franceza, onde se iria buscar toda a cegueira sublime com que no Marne e em Verdun se produziram os milagres de resistencia e repulsa que decidiram da sorte da guerra, tornando inevitavel a derrota da Allemanha? Nós mesmos, estrangeiros e separados dos combatentes por um oceano, deste outro lado do mundo, nós que eramos pelos aliados, cerramos o coração aos seus inimigos e calamos systematicamente tudo o que pudesse reduzir a menos o entusiasmo do mundo em favor dos que achavamos serem os unicos capazes de salvar a civilisação neste prelio sem equal.

A verdade, no entanto, é que ter havido um francez capaz de assumir tão singular attitude, capaz de arriscar seu nome, sua felicidade e a propria vida para em meio do torvelinho não perder de vista o dia seguinte ao da paz; tal aberração representa mais um milagre que confirma ainda melhor a grandeza incomparavel do espirito daquelle povo.

Não ha duvida, a guerra veiu evidenciar mais do que tudo a ingenuidade dos pacifistas. Agora ficou demonstrado quanto o homem está longe ainda de poder inspirar confiança por maneira a tornar plausivel o sonho desses ideologos. O modo louco e selvagem por que todos os povos que entraram na luta atiraram-se a destruir uns aos outros, antes nos faz sombriamente receiar um irremediavel sossobro amanhã do que ter crença na victoria definitiva dos obsidentes, ainda hoje, na idéa de acabar com as lutas armadas.

Por outro lado, no entanto, cada vez se

torna mais patente que das duas uma: ou a Europa, seja como fôr, se une, confederalisa-se ainda em tempo, ou o dia se approxima, a largos passos, em que essa união, ahí irrevogavelmente imposta pelas circumstancias, se parecerá, como diz o nosso autor em «Les Précurseurs», com a do paralytico com o cego.

O Oriente já se approxima. O bolchevismo, que é uma criação do genio russo, semi-oriental, só na Allemanha encontra agora uma barreira; transposta esta, elle avassalará, mais ou menos, o mundo.

Já estamos vendo, conseguintemente, no instante actual, que foi sabio esse francez, aparentemente ingenuo até a verdadeira ineptia em recusar-se fechar as portas do seu coração e do seu espirito definitivamente á Allemanha.

A acção que elle hoje desenvolve em seu paiz, é certo que ainda ausente, mas com o concurso, já agora, de outros illustres francezes, vai-se tornando cada vez mais indispensavel para impedir que a França caia esmagada sob o peso da sua victoria, como estupidamente a Allemanha de 1870 cahiu. No momento em que escrevemos, esta questão relativa aos criminosos da guerra, por exemplo, está cheia de perigos, si não houver força bastante para acordar os victoriosos e fazel-os comprehender que elles não devem exigir da Allemanha se colloque moralmente ella abaixo da Cafraria, entregando de motu-proprio aos alliados seus filhos mais illustres para serem expostos á ignominia de um tribunal necessariamente apaixonado e suspeito.

O mundo não deve nem póde perdoar á Allemanha os seus crimes. Mas o mundo deve

concorrer para evitar que os aliados se equiparem aos criminosos de hontem, violentando-os na sua honra, nos seus brios mais elementarmente humanos. Os grandes culpados, como sugeria Romain Rolland mesmo antes, bem antes, de terminar a guerra, pōderiam receber a justa sentença de que se tornaram passíveis sem essa exigencia, na verdade peior que a de Shyllock.

O Brazil, que, na medida de suas forças, se portou com toda a dignidade diante do grande acontecimento, tem o direito de ser amigo, principalmente da França, como sempre foi, falando-lhe com toda a sinceridade, com toda a franqueza, ora que a franqueza e a sinceridade são o melhor serviço que lhe podemos prestar.

Teu bello opusculo, pois, meu caro Tasso, sobre Romain Rolland vem num momento que não podia ser mais opportuno. Sua opportunidade ainda é mais viva escripto como elle foi por um representante da gente nova e sobretudo para os novos que com elle chegam. Seu heroe, Jean Chritophe, que no fundo é o proprio Rolland, merece, na verdade, como dizes, ser considerado por ti e pelos teus coevos «como um companheiro de jornada, mais do que isso, um doce irmão mais velho, experiente e sabio». a indicar-vos «a rota mais segura». Concorro ainda contigo noutro ponto, em que continuas a falar de Jean Christophe por ti e pelos teus, naquelle em que dizes: «A sua significação symbolica se confunde, por certa forma, com a significação profunda de nosso destino, que antevemos como um sacrificio, sim, porem fecundo e renovador, porque será feito em nome do ideal

e do nosso perpetuo desejo de perfeição e de pureza».

Certo, Romain não pode ser um mestre incondicional para os moços brasileiros. A superioridade que as novas gerações nossas devem mostrar sobre as que as precederam aqui é a de comprehenderem que já é tempo de irmos ensaiando um pensamento propriamente nosso, tanto mais sentindo, como já sentimos, que o pensamento europeu se vae tornando deficiente para a solução do problema universal.

Em Rolland, por exemplo, «é notavel, como escreves muito bem, a convicção intuitiva que elle tem do fim moral do homem. Em muitas das suas paginas, vê-se o heroe do romance vacillar entre mil solicitações que o arrastam, mas acabar, por fim, cedendo a uma razão superior, cuja força irresistivel não comprehende». «Não comprehende, pela «ausencia», que ha nelle, de «pensamento metaphysico», o que faz com que seu heroe se desvie «involuntariamente do terreno das cogitações transcendentales, são palavras tuas, para concentrar-se, na intensa acuidade, sobre os problemas mais propriamente humanos da Arte, da politica, da moral pratica, dos phenomenos sociaes».

Mas ahi é que está a sua deficiência em comparação com Balzac. É a deficiência propria de sua hora, toda voltada, como está, e cada vez mais, para a solução dos chamados «problemas humanos», esquecida do que de facto é o mais humano dos problemas, o problema religioso.

Porisso muito justamente Jean Christophe foi appellidado o D. Quichote do Rheno. A

Europa inteira com elle se parecerá, caso persista, como parece que vae persistir já por impotencia organica, nesse daltonismo funesto.

Jean Christophe ou Rolland merece, porem, ainda assim, ser considerado, mesmo desta parte do Atlantico, um companheiro mais velho da mocidade que contigo ahi vem, por ser ao menos, como alcançaste, «o paladino intransigente da sinceridade na vida, da veracidade absoluta de todos os nossos gestos e palavras». Devido a tal modo de ser é que elle «nos suggere, em linhas definitivas, com todos os seus cumes illuminados e os seus abysmos de amargura, conforme ainda observas, o mundo do nosso intimo problema, do problema do homem contemporaneo, perdido, como nunca esteve homem de era alguma, no trevoso *mare magnum* da duvida sobre a sua propria significação, sobre o verdadeiro valor de suas creações, sobre a indecisão dos seus destinos».

Depois, nós tambem não podemos ser indifferentes a todas as questões que Romain leva mais a peito. Com o mundo europeu a propria America do Sul terá de passar por uma transformação compativel com a sua cultura, as suas possibilidades, em tudo quanto os europeus consideram mais instante de renovação. O reflexo dos acontecimentos que lá se derem ha de ser aqui inevitavel. Apenas o que é para desejar é que já possamos, como eu dizia acima, ser imitadores menos servis, de modo que, imitando, possamos offerecer qualquer cousa de criação tambem, e criação que nos honre.

Felizmente, como reconheces, teu trabalho antes se devera chamar «O Jean Christophe

de Romain Rolland». Porque é sobretudo desse extraordinario romance que nos falas. Mas era necessario falar principalmente delle, porque é pela importancia de sua obra prima que Romain pôde representar hoje a significativa individualidade que representa. Sem que se reconheça a superioridade desse livro, não se pôde comprehender por forma alguma o que ha de plausivel, até de natural, na attitude mantida por seu autor durante os tremendos dias que passaram.

Não conheço outro teu companheiro de geração que pudesse mais a meu contento sahir-se do que te sahiste da nobre tentativa que estas tuas paginas representam. Comparado com o que já nos déras, teu «Romain Rolland» representa um extraordinario progresso no espirito em formação que ainda tens de ser, por teus verdes annos.

De qualquer modo, já podemos considerar este opusculo como o trabalho de um pensador. Elle é dos que mais honram até aqui a tua geração. Quem o souber ler não tem mais o direito de poder duvidar que entre os novos venha alguém capaz de honrar o nosso pensamento pela forma mais alta, mais nobre, mais corajosa e mais sympathica sob que até hoje tenhamos podido revelar-nos.

Jackson de Figueiredo disse com razão que «Romain Rolland» é «uma das paginas mais serias na nossa historia literaria, no sentido de que já nenhuma appareceu tão despida de artificios e mostrando tão funda, intima e fraterna ligação com este formidavel mundo de dôres e ideaes, de que o creador de «Jean Chris-

tophe» faz a maravilhosa pintura, a summa sentimental e idealista».

É porisso que daqui de longe, meu prezadissimo e joven amigo, envio-te um estremecido abraço nestas apressadas linhas».

«EMILIANO PERNETTA»

por Andrade Muricy

Coritiba, 12 de Março, 1920.

MEU PREZADO ANDRADE MURICY,

Escrevo-te de nossa terra, onde pude ler mais demoradamente tua lucida e brilhante monographia sobre Emiliano Pernetta.

Antes de tudo, muito e muito grato por me haveres consagrado essas paginas, que te vêm caracterisar já de um modo bem decisivo como escriptor.

Teus anteriores trabalhos revelavam em ti, não ha duvida, uma incontestavel vocação critica. *Alguns poetas novos*, sobretudo, já te dera um lugar ao sol entre os de tua geração como de alguém que representasse nella o que no individuo representa a capacidade introspectiva.

Foste o primeiro, de facto, com esse opus-

culo, que nos offereceu uma vista de conjunto dos novos representantes da poesia no Brazil, incluindo-te implicitamente, como então eu disse, no grupo, porque o critico literario propriamente dito tambem é um poeta: é o idealizador dos idealistas.

Agora, porem, estas novas paginas já te dão maior complexidade. Vê-se por ellas que teu interesse não é apenas pelos que vêm contigo, mas por toda a literatura nacional; que tens hombros para continuares a obra dos fundadores da critica e da historia literaria no Brazil.

Andaste bem, a meu vêr, occupando-te de Emiliano Pernetta ao entrares assim mais em cheio na seara em que te apraz exercitares-te. Andaste bem, porque vens logo dilatando o terreno, creando, tornando uma determinadã attitudẽ, affirmando-te consequentemente como uma nova individualidade. És tão pertinente falando-nos do singular poeta da «Illusão», a proposito da poesia brazileira, como Tasso da Silveira tratando de Romain Rolland para dizer-nos alguma cousa da literatura universal.

Com isto reconheço, infelizmente, como estamos sendo tardigrados e mesquinhos.

Emiliano Pernetta é uma individualidade que já devia estar collocada no quadro da nossa literatura quasi que de um modo historico. Embora ainda vivo e ainda vivaz, podendo exercer influencia activa no que seu talento tem de futurista, no bom sentido da palavra, como observaste perfeitamente, e, ainda mais, continuando a produzir com as intermittencias e no silencio, quasi que no mysterio naturaes á sua exqui-

sita maneira de ser, elle, entretanto, no conjunto de sua phisionomia, é representante de uma hora, nas letras sul-americanas, que já não se confunde com a hora actual.

Foram taes, porem, até aqui, o zabumba e o fogo de Bengala feitos á demorada, e por fim, tediosa passagem dos representantes do parnasianismo entre nós, que, não só o vulgo, mas até ouvidos finos, vistas argutas, não poucas, houve e ainda ha, por enquanto, que mal se aperceberam e se apercebem do vulto inconfundivel desse nosso poeta, cujas notas, a um tempo freneticas e flebeis, como as soubestes caracterisar tão bem, dão ás nossas letras um sabor sem o qual ellas não teriam reflectido certos tons peregrinos, como os que um Baudelaire, um Verlaine, um Mallarmé, um Francis James acharam para enriquecer a gamma da musica verbal no Planeta.

Depois, como dizes muito bem, «quasi todos os mais consideraveis poetas brasileiros dos ultimos tempos formaram sua nomeada á plena luz da nossa metropole intellectual. Os outros, os que se deixaram ficar na provincia, irradiaram muitissimo menos seu prestigio». O Rio de Janeiro torna-se cada vez mais absorvente, vamos ficando, como por ironia, cada vez mais centralisadores, depois que o paiz se instituiu em federação. Emiliano Pernetta, residindo aqui no Paraná, como reside, foi ainda prejudicado em nosso tempo por tão deploravel circumstancia.

Esta de que provirá?

Ella provém, a meu ver, de uma lassidão moral sempre crescente, por enquanto, em todo

paiz. Provêm de que os nossos Estados, dia a dia, vão perdendo todo o pouco sentimento autonomico que já tiveram, perda esta consequente da passividade com que se vão submettendo aos detentores do poder em qualquer sentido aquelles que se viram vencidos na luta travada por amor dessê mesmo poder.

Desde que esta já quasi não existe nos Estados, sentem os nelles influentes sob qualquer aspecto que para se perpetuarem nas posições basta-lhes viverem alliados aos poderes centraes do paiz. Politicamente é o Governo Federal que'n pôde intervir por modo a fazer cahir por terra qualquer Governo de Estado. Literariamente o Rio é que tem uma imprensa capaz de levar aos quatro cantos do Brazil o nome de um autor qualquer. Si já se não vêm nos Estados movimentos intellectuaes consideraveis como os que houve até ha pouco em diferentes delles, conforme neste livrinho demonstra, o pratico, para quem está fóra do meio carioca, é tratar de obter as boas graças dos literatos e dos jornalistas que residem ahi. Mas, porque assim acontece politica e literariamente, o centro, tendo o sentimento da sua força cada vez maior, vaê tratando cada vez mais desdenhosamente esses desafortunados provincianos.

Dá-se, porem, ainda peor. Justamente porque o paiz abdica de si mesmo e entrega-se de pés e mãos ao Rio, o Rio vaê perdendo sua condição de legitimo reflector da opiniao nacional e tornando-se apenas um órgão artificial, cheio de caprichos, tyrannico, em tal sentido. A corrupção vai podendo lavrar mais e mais. A imprensa, que devia guiar o poder,

ora torna-se cúmplice dos seus desvarios, ora reflecte o máo estar, a anarchia dos espiritos.

Assim, forçosamente, as letras, que são o que nos preocupa a proposito de teu trabalho, meu caro Muricy, hão de abastardar-se. Ha de ser facil em horas destas produzir-se verdadeira mystificação nesse terreno, da qual resultem falsas victorias ahí na Capital do paiz, que venham aggravar ainda mais a situação dos literatos provincianos, tornando mais difficil qualquer justiça a respeito dos mesmos.

É o que effectivamente se dá. Bem sabes que hoje no Rio a filaucia campeia, que poetas, dos melhores, que prosadores, dos mais bem dotados, mesmo entre os que residem ahí, vêm-se quasi que obscurecidos pela nuvem de gafanhotos literarios que, salvo as devidas excepções, apoderaram-se das revistas mundanas, das folhas que vivem mais de expediente do que por contarem com elementos de vida propria, e até de jornaes consideraveis, mas que leviamente, vão cedendo ao influxo occasional desses falsos valores.

É por tudo isso que autores como Emiliano Pernetta ainda não gozam no paiz da reputação que merecem. E ven dahi que trabalhos honestos e corajosos, como o teu em favor do nosso digno patrioio, representam ainda verdadeira novidade em nossas letras, são opportunos quanto possa um trabalho desta ordem ser.

Parece-me que andaste muito bem em te referires ao Sr. Vicente de Carvalho do modo por que o fizeste a proposito de Emiliano Pernetta. Trataste desassombradamente de mostrar que o poeta paulista, notavel embora como é,

não vale mais, e sim tem sido apenas mais favorecido pela critica nacional, do que o poeta paranense. Julgo, todavia, que não expuzeste todas as razões desse favor maior.

Achas que o nosso «Heine» teve «uma franca victoria» em razão do seu «lyrismo claro, simples e formoso, ás vezes até dramatico», enquanto «Emiliano é mais *difficil*, transmittindo-nos commoções para a comprehensão das quaes o grande publico não está preparado»,

Assim é, em parte. Mas outro elemento que influiu poderosamente para as honras com que se tem distinguido no Rio o Sr. Vicente de Carvalho é o l'elle ser paulista e de influencia consideravel na Paulicéa. S. Paulo, como não ignoras, é o unico Estado, actualmente, que o officialismo literario do Rio mostra considerar, a tal ponto que a cousa já sóbe, em certos casos, a verdadeira adulação.

Nisto, aliás, revelam-se os thuriferarios excellentes negociadores, porque S. Paulo lhes compensa regiamente taes zumbaijs, sendo hoje a mais forte columna exterior em que se apoiam as glorias officiaes cariocas. Os literatos mais influentes de S. Paulo, velhos e moços, continuam por enquanto, quasi todos, predominantemente parnasianos e naturalistas, ou pelo menos em absurda symbiose com estes, fazendo ouvido mouco a todo movimento que em qualquer outro sentido se dê no Rio, sem maltratar a ninguem, é certo, mas sabendo medir com muita tactica e muito tacto os meros deveres de cortezia para com os que lhes vão mal recommendados pelo academicismo metropolitano.

Diga-se mais, e para honra de São Paulo, que essa mirifica *entente* pôde estabelecer-se e vae-se mantendo firme até hoje porque, além das vantagens platonicas, já são grandes as de character mais pratico della auferidas pelos solértes alliados do Rio. O meio paulista já consume grande parte das edições de obras impressas em qualquer parte do paiz, quando sua imprensa se combina para fazer-lhes estrondosos reclamos. Também são rendosas as conferencias que de visita ahi realisam os literatos vindos da capital do paiz, quando os apoia francamente a nota intellectual de S. Paulo. Os proprios *pistolões* que se obtenham dos politicos da Paulicéa são muito efficazes aos que se valem das letras para se irem fazendo cabides de empregos no meio carioca, e sabemos todos que em S. Paulo as letras e a politica geralmente caminham de mãos dadas, graças ao espirito sensato dos herdeiros dos bandeirantes.

Estes talvez não ignorem que á socapa não poucos dos seus intimos entre a gente literaria do Rio riem-se bastante delles, quando voltam de seus fructiferos passeios ao opulento emporio da terra do café.

Sabem elles, porem, que isso não obsta estenda-se cada vez mais o seu prestigio, mesmo o seu meio predominio sobre todo o paiz, creando para si uma excepção desconforme no quadro geral da Republica que acima debuxei. Elles são uns bons pragmatistas: querem os resultados positivos; não se importam com secretas e inoquas malicias. Apenas com isso vão concorrendo para empecer ainda mais o evoluir do Brazil no terreno das letras.

Mas, voltando ao teu livro, deve-se reconhecer que elle não tem unicamente o merito de representar um intelligentissimo e fino elogio do autor da «Ilusão». A proposito de Emiliano Pernetta traças umas paginas de historia e critica do symbolismo no Brazil tão opportunas como as que mais o sejam. Notam-se, aqui ou ali, algumas lacunas, que mais de espaço has de necessariamente supprir. Ainda assim não conheço outras paginas superiores nem eguaes ás tuas no seu intuito propriamente historico.

O assumpto antes de ti achava-se quasi intacto até ha pouco por parte dos que nos estão succedendo. Ronald de Carvalho foi o primeiro dentre os novos que o abordou na sua «Pequena Historia da Literatura Brasileira», sem o desenvolvimento, contudo, que lhe das agora, no que respeita ao estudo de varios typos representativos dessa hora fugaz, mas incontestavelmente fulgurante. É pena houvesse esquecido uma figura como a de B. Lopes, que Ronald mencionou com muita justiça.

Creio, bastam estas linhas para deixar bem patente que te vens collocando como critico de um modo que vale a pena, porque trazes, ao par de um vigoroso talento, toda a independencia precisa para nesse terreno fazeres o que se deve chamar uma obra. Voltando-te, sobretudo, para os que ainda hoje têm sêde de justiça em nossa terra, entre os que até aqui a honraram pelas letras, ganhas direito á maior sympathy, tanto mais que para isso não achaste necessario recorrer á violencia, ás diatribes, nem mesmo ao faccionismo inintelligente dos que julgam poder edificar atirando lama, dos que

pretendem prevalecer por suas opiniões odientas e tresloucadas.

É quanto, assim fóra do meio onde mais normalmente póde trabalhar, acha para dizer-te aquelle que te envia pelo teu valioso opusculo um abraço como de irmão mais velho, reiterando-te os seus vivos agradecimentos.

«A PULSEIRA DE FERRO»

por Amadeu Amaral

Rio, 3 de Janeiro, 1921.

MEU CARO AMADEU AMARAL,

Li de um folego
«A pulseira de ferro», de que tão amora-
velmente me offereceu V. um exemplar.

Venho agradecer-lhe o presente e dar-lhe
os meus parabens.

Porque é um trabalho de particular valor
essa novella.

Parece feita, realmente, assim á primeira,
sem outra intenção «a não ser, como diz V. no
prologo, a que move todos os contadores desin-
teressados de historias». Feita como os bons e
ferteis pintores naturalistas trabalham seus qua-
dros: com emoção, mas quasi desambiciosamen-
te, apenas para manter-lhes o *onus* vital por
meio de um trabalho honrado.

Antes de tudo, mui singela verdade na apresentação do ambiente em que as scenas se passam. Candeias, como se chama o local, é realmente um nosso lugarejo de roça, sem falsamentos românticos, como também sem excusadas minucias de chromo. Vamos conhecendo o meio material ao mesmo tempo que conhecemos as almas. Mas, porisso mesmo, que movimentação e que arejamento na paisagem!

A singeleza com que nos fala V. das cousas é a mesma com que apresenta e movimenta os typos, contando, por conseguinte, os factos. Nada no seu estylo que pareça *literatura*, quero dizer, nada de linguagem artificial para fazer effeito, para mostrar indirectamente suas leituras ou inculcal-o como um sujeito de visão toda sua.

Antes afigura-se-nos vel-o recalcando-se, já quando fala da natureza, — com que o sentimos, como excellentemente brasileiro, em harmonia ainda mais ardorosa do que parece, — já quando nos fala das creaturas e da vida que estas levam ali num desvão do mundo.

A unica tragedia que ha em «A pulseira de ferro» é a da filha do ferreiro, que se suicida porque o povo a calumniou e ella, em consequencia, viu-se revianamente desprezada pelo primo, quasi noivo. Essa historia, porem, é o que de modo mais fugitivo ali se expõe. Porque V. não fundamenta melhor aquelle acto de desespero, fica-se até pensando que a moça foi meio tresloucada.

O padre Guilherme, a figura principal da novella, typo tão sympathico no soffrimento que lhe impõe o lugarejo onde é vigario, porque

elle se abalançou a praticar um acto de verdadeiro heroísmo, creando um engeitado, exposto na igreja; esse padre afinal moralmente diminue-se com ir-se embora de Candeias. Na verdade, por que se vae? Porque tambem não tem força para arrostar com a calumnia, — cousa a que o proprio *egotista* do bacharel Velloso soubera ficar superior.

Este mesmo, contudo, basta viver ali solteirão, sem fazer muito caso nem «de si mesmo nesta vida», retrahido, obscurecido, diminuido, — como reconhece, — para conquistar-nos apenas a meia sympathy que podem conquistar os fracos.

Não ha duvida, esses são typos muito reaes. Mas que seria do mundo, meu amigo, si elles fossem os seus typos mais romanticaveis?

Não sei, porem, o que nos diz que taes personagens sahem d'alma a V. pintados assim para falar-nos de certa timidez que o impossibilita de mostrar-nos por completo um grande fundo idealista.

Parece que lhe sahiu esta novella como uma dolorosa musica de Beethoven dedilhada negligentemente e abafadamente por amador solitario. Nem todos, porisso, hão de bem sentir-a.

Mas vem dahi, a meus olhos, o valor nada commum que tem «A pulseira de ferro». Ella, afinal, importa em mais que os trabalhos dos simples naturalistas honestos. Foi feita, sobretudo, para um desabafo, embora com muita discreção. Seu titulo é symbolico, a esta luz: a pulseira aqui é um tanto synonyma de algema. Taes paginas falam-nos do tempo em que estamos:

este reduz, mais ou menos, ainda os espiritos mais valorosos, principalmente quando elles não têm certa insolencia para contrastal-os um pouco sem olharem ao que esse contraste lhe custe.

Não sei que impressão lhe causarei com estas linhas. Creia, entretanto, foram ellas feitas com intenção muito carinhosa, pois cada vez quem lh'as envia com mais fundamento acha que pode subscrever-se um

Seu

amigo e admirador

«MOCIDADE»

por Affonso Schmidt

Rio, 8 de Dezembro de 1921.

SR. AFFONSO SCHMIDT,

Mando-lhe parabens pelo seu livro de versos, «Mocidade», que teve a gentileza de enviar-me.

É um livro de poeta.

Não o vemos sózinho nestas paginas, mas de mãos dadas com tantos outros seus coetaneos cujo ar, cujas maneiras, cuja toada caracterizam o momento actual na nossa poesia. *Senhora Dona Sancha, As pallidas, O ultimo Pierrot, Succubo, Anhangabahú, Cubatão, Variações sobre o beijo*, estes titulos, só por si, falam-nos do tradicionalismo, do preciosismo e do néo-romantismo para que tendem os jovens poetas de hoje.

O senhor se distingue, entretanto, dos ou-

tros por certa visão própria, a lembrar-nos vagamente o Rheno, cousa que aliás o seu nome explica, e por outro lado fazendo-nos entrever vivo interesse, quando não seja verdadeiro entusiasmo, pela questão social, a que são indifferentes quasi todos os rapazes dados ao verso, hoje, no Brazil.

Sobretudo, porem, o que mais valorisa seu livro é que o senhor traz a sensibilidade por que se immanam entre si os verdadeiros sonhadores de todos os tempos, quantos sentem de facto que

«Nossa vida é uma dôr harmoniosa,
Uma orchestra de sons velados, uma
Surdina á qual a gente se acostuma
E, deixando de ouvir, julga que goza.»

Quem vem para cantar vem sentindo assim,
e tem isso por seu tormento, mas tambem por
seu gozo, porque

«Nessa grande harmonia silenciosa
O soffrimento por egual se esfuma:
O mar tem um lamento em cada espuma,
A terra tem um grito em cada rosa..»

Bastariam essas duas quadras daquelle soneto *Dor harmoniosa* para demonstrar-nos o que digo acima.

Tambem *As pallidas*, outro soneto, não o escreve quem tenha nascido apenas para fingir de poeta. É um dos melhores que já vi:

«São muito louras, muito delicadas...
Moram numas vivendas tão singelas
Que a gente, sem saber, attenta nellas
Como que adivinhando namoradas.

«À noite se debruçam nas janellas
Sem olhos, sem ouvidos, sem risadas,
Sentindo o bafo quente das calçadas,
Onde se arrastam folhas amarellas.

«Tempos depois, aprestos de partida;
Vão para as serras, pallidas, sem vida...
O pranto os olhos maternas arraza...

«E' quando a gente volta á casa, um dia,
Vê trancada a janella que sorria
E lê na porta: «Aluga-se esta casa».

Senhora Dona Sancha, Febre, Fraulein, O ultimo Pierrot, Os loucos, Cresco, As sombras, Alta noite uma rua... E a vida passa, A Terra, A Belleza, — chave de ouro do livro, — são outras composições algo fôra do que se faz por ahi.

«As sombras», particularmente, lembram certos contos do singular Adelino de Magalhães, como feliz instantaneo, de tendencia anarchista (no que essa tendencia tem de aceitavel para a arte), que intimamente vêm a ser.

Mas não posso alongar-me.

Sirvam estas linhas para justificar o aperto de mão muito caloroso que lhe manda, meu caro poeta, o seu velho collega nas letras.

«FLOR DE MANACÁ»

por Brenno Arruda

Rio, 22 de Dezembro de 1921.

Meu caro BRENNO ARRUDA,

O anno passado, escrevendo a Monteiro Lobato sobre seu livro de contos «Cidades mortas», dizia eu que estava de accôrdo com Tasso da Silveira, onde elle observa que Pereira da Silva, entre todos os nossos recentes poetas, era quem tinha mais nitidamente aquella musica interior tão brasileira que ha em nossos românticos, os do verso, como os da prosa, — sobretudo, a meu ver, de Alvares de Azevedo e Manoel de Macedo em diante.

«Essa musica interior, acrescentava eu, e as maneiras ingenuas daquelles homens me fazem pensar um pouco no tom e no gesto peculiares aos autores russos, e talvez procedam,

como nestes, de uma civilização cujo fundo ainda é muito primitivamente christão, muito communitario».

Tambem achei que Tasso notava acertadamente já estarem longe os naturalistas, aqui, de ter esses caracteristicos assim, e que nos nossos symbolistas do verso nem quasi mais percebemos tal cousa, facto que infelizmente revela como taes 'autores se afastaram de seu povo. «É que a influencia do estrangeiro (dizia eu, ainda, para explicar as observações do joven escriptor) foi nelles excessiva; mas tambem elles não lograram popularidade alguma, em comparação com os romanticos».

No teu estudo sobre Adolpho Caminha, que foi das paginas mais notaveis lidas nas «Vespe-
raes literarias», ainda ha pouco, dizes tambem, meu caro Brenno, falando embora apenas dos naturalistas, que estes já passaram, que a propria obra de Aluizio de Azevedo, «o maior e o mais laborioso» entre os representantes dessa escola, aqui, «vae sendo gradualmente esquecida á falta de quem a leia e estime». E por que? Parece-te que é porque o realismo «constituiu uma forma de arte contraria inteiramente ao temperamento da nossa raça»; que «esta o repelliu sempre, em virtude da sua propria natureza; que «somos uma raça idealista, com o coração sempre movido á procura dos rythmos»; que «toda a vida exacta, crua, natural, quotidiana... repugna aos nossos sentimentos e ao nosso caracter»; que essa raça, finalmente, «emballada ao nascer e ao formar-se, por uma grande geração romantica, soffre ainda hoje o influxo poderoso da obra dessa geração».

Na verdade, contestar-se que Alencar, Macedo, Casemiro de Abreu, Castro Alves, Fagundes Varella, sempre foram, mesmo a través de toda a moda realista e symbolista, dos nossos autores mais populares, e ainda o são até hoje, é querer negar o que salta aos olhos. Basta que se consultem as contas de venda nos livrefnos.

Por outro lado, quem quer que houvesse ouvido na Bibliotheca Nacional, ou lido mais tarde no «Jornal do Commercio», aquelle teu bello trabalho, não precisava ter conhecido antes teu livro de contos, «Aguas de primavera», para adivinhar mais ou menos, que «Flôr de Manacá», representaria, quando nada, uma bem nitida tentativa de reacção contra os processos artisticos daquelles que entendias contrariarem a nossa indole nas obras de ficção.

Era preciso ver, não obstante, si terias feito correspondentemente, por exemplo, o que Pereira da Silva realisou no verso, embora o poeta e o prosador se definissem cada qual com a sua indole, com o seu temperamento, mui differentes entre si. Em «Aguas de primavera», tem mais valor o que é justamente mais risonho, mais optimista, ou, pelo menos, mais revelador de confiança no que o proprio mundo seja capaz de offerecer-nos. No extraordinario poeta das «Beatitudes» o que se exalta principalmente é a Dôr, pela crença em uma finalidade metaphysica para a qual a vida aqui na terra não é mais que uma phase de amarissima transição. Elle é um christão quasi como o foram os nossos românticos.

Pereira da Silva, entretanto, si recorda até

certo ponto sobretudo Fagundes Varella, é irrecusavelmente um Varella de hoje, quero dizer, um Varella que viveu, por constante lição, com E. Pöe, com Beaudelaire, com Samain, com Rodenbach, com Antonio Nobre, com Cruz e Souza, com Emiliano Pernetta, mas por isso mesmo uma individualidade pertinente, interessante, nova.

Conseguirias, fazendo uma novella, dentro da tua natureza, afirmar-te igualmente assim? O facto de reconheceres o «influxo poderoso» que o Brazil soffre ainda dos românticos não te arriscaria a esquecer-te de que, seja como fôr, mais vale não procurar popularidade que simplificar-nos artificialmente, que fabricar ingenuidade e sentimentalismo como tantos ha vinte annos fabricavam satanismo? Verias que, por exemplo, nem a menina mais ingenua de hoje deixaria de sorrir lendo «A pata da Gazella», pela inverosimilhança, a infantilidade do seu enredo, e que nem mesmo a psychologia de «Sonhos de Ouro», o melhor, o mais delicioso romance de cidade que Alencar nos deu, é hoje inteiramente aceitavel, aos olhos de um rapaz que bem aprecie o Machado de Assis das «Memorias de Braz Cubas», para cá? Compreenderias que não se trata propriamente de involução para um pensamento e uma forma obsoleta, mas, haja o que houver, de ser quem somos hoje, de facto, isto é, os herdeiros dos naturalistas e dos symbolistas, sem que sejamos (mais, embora, symbolistas nem naturalistas? Alcançarias que justamente em razão de já vermos tambem um tanto a frio essas duas ultimas correntes é que podemos, em todo caso, ir sentindo melhor os

nossos românticos e reconhecendo que elles ao menos têm o grande valor de haverem sido os primeiros e os unicos, até aqui, a falar uma linguagem mais nossa, no intimo porque fallaram mais do que outros quaesquer com a nossa alma, e por isso com a musica interior que nos é propria?

Concluiarias, então, que o que nos cumpre é apenas desestrangeirar-nos o quanto pudermos, approximar-nos da nossa gente como os românticos se aproximaram, até o ponto de lhes apanharmos a toada, no que seja possivel, não, porém, para idealisar nossos typos, nossas coisas com psychologia fantasiosa, mas antes que tenha tanto de sympathica quanto de sincera, de vez, se possivel de educativa?

Sim, por esse caminho integraremos a nossa literatura, estimando e fazendo estimar convenientemente o ainda pequeno pugilo dos autores nacionaes que, não só desde os românticos, mas até deste Anchieta, vêm delineando, organisando, crystalizando pouco a pouco, a nossa, por enquanto, tenra e incerta psyche. No teu ensaio sobre Adolpho Caminha reconheces muito bem que, tratando-se dos nossos, ainda não pode haver «escriptores desconhecidos nem escriptores vivos na nossa memoria». Que os proprios naturalistas não merecem as «sombras silenciosas e solitarias do olvido». Quer dizer que «somos poetas, romancistas, artistas de um paiz em vertiginosa formação», mas por isso mesmo todos merecedores de ser lembrados, por enquanto, ao menos como forças iniciaes.

É, porém, indispensavel assentar-se que, si «somos uma raça idealista, com o coração sem-

pre voltado á doçura dos rythmos, e que, se «toda a vida exacta, crua, natural, quotidiana... repugna aos nossos sentimentos e ao nosso character», não devemos julgar-nos incapazes de amar a verdade na arte, comtanto que ella represente o ideal do real, como ha de representar sempre nas legitimas obras-primas de qualquer literatura consideravel. O naturalismo errou, e hoje paga o seu erro, pela estreiteza de vistas, com que imaginou o verdadeiro, como se viu acontecer com o romantismo, mas este pelo modo falso de conceber o que fosse idealisação.

Atravessamos uma hora em que as nacionalidades ou já estão passando ou irão passar daqui a pouco por crise tremenda, hora em que ellas vão ser experimentadas de maneira tal, que só as mais vivedouras é que ficarão de pé.

Ver-se-ão condemnados a um maior ou menor sacrificio mormente os pequenos paizes cuja feição propria não seja tão inconfundivel que, caso elles sujeitos a outros, só possam concorrer para quebrar-lhes a unidade, no que respeita ao character, á intima psyche, e portanto para enfraquecer quem os violente. As pequenas patrias são as mais arriscadas, ou então os paizes grandes, mas cujos membros, até os mais extremos entre si, se não solicitem necessariamente, como o iman attrae o aço, solicitação que só se dará si taes membros se parecerem uns com os outros como nenhum delles com qualquer parcella estranha á commuidade que actualmente os entrelaça.

A geração actual tem, pois, sobre seus hombros uma responsabilidade formidavel, sobretudo nas terras cuja organisação ainda se processa.

Vem dahi o movimento nacionalista que por toda parte se está produzindo, e, por instincto, reflectindo em quasi todas as manifestações artisticas.

Antes, mesmo, da grande guerra já se vinha iniciando elle, no Brazil.

Escriptores interessados pelas nossas cousas e os nossos problemas nunca deixamos de tel-os, entre os classicos, os romanticos e os naturalistas.

De Graça Aranha, Euclides da Cunha, Alberto Torres, Rodha Pombo e implicitamente Farias Brito, para cá, é que, porem, tal interesse passou a ganhar certo ardor, que o tornou lyrico ou epico, até mystico, como observei escrevendo sobre o derradeiro desses autores.

Esse forte sopro poetico e esse mysticismo (o ultimo entendido á moderna) é que nos fazem ir entoando instinctivamente com os romanticos, os quaes, aproveitando o grande arranço facultado em todo o occidente á hora litteraria e artistica em que surgiram, puderam ser corajosamente brasileiros, como ainda não se fôra até então.

O que, todavia, distingue qualquer dos nossos ultimos escriptores eminentes, quer os autores de ficção, quer os sociologos ou philosophos, o que os distingue mais necessariamente dos nossos romanticos, é a preocupação, consciente ou inconsciente, de fazer a psychologia rigorosa, embora não pessimista, de nós mesmos, ou pelo menos a de representarem genuinamente o que já possamos reconhecer como nossa psyche, e dahi tambem a de nos indicarem uma orientação accorde com o nosso modo de ser.

É essa a differença que vae, por exemplo, entre os «Factos do espirito humano», de Gonçalves de Magalhães, e «O mundo interior», de Farias Brito, ou entre «Chanaan», de Graça Aranha e «O Guarany», de José de Alencar, ou ainda entre «A organização nacional», de Alberto Torres, «Os Sertões», de Euclides, e quasi toda a literatura politica ou social de 1830 até 1870.

Os naturalistas, como, por exemplo, Sylvio Romero e Aluizio Azevedo, foram, afinal, os iniciadores de tal tendencia, mas com excessivo pessimismo e muito embaraçados pela influencia de certas idéas, preconceitos e processos tomados de boa fé, mas funestamente, aos estrangeiros. Faltou-lhes em ingenuidade, e n profundidade, em intuição, o que lhes sobrava em influencia livresca. Porisso mesmo, comtudo, muito em parte, é que lhes foi relativamente escassa a sympathia do meio para que e por amor do qual trabalharam intemeratamente. Deve-se-lhes, não obstante, terem feito os primeiros reconhecimentos, influenciando assim para produzir-se a hora actual. Todos os nos seus herdeiros, os que collaboramos na feição do instante presente.

O que se vae seguir vae ser decisivo, repita-se, e ainda mais para nós do que para aqueles que já tem perfeita consciencia do que são, mas tendo porisso mesmo um programma bem definido e bem aceito por todos que o constituem, quando menos nas suas linhas geraes.

Instinctivamente estamos dando um almiré em todo o paiz, recorrendo até ao sertanismo e ao caipirismo, cobrindo de grandes applausos,

às vezes hyperbolicos, um Affonso Arinos, um Catullo Cearense, falsificando, com a melhor intenção, nos proprios salões, a linguagem matuta, e misturando no theatro o velho «maxixe» obsceno com a «chimarrita» dansada de tamanhos sob grandes chapéos de palha e com caras aparvalhadas, como se dança lá na roça em casa de «seu coroné».

Queremos conhecer-nos e prezar-nos segundo somos sem ver até que nos arriscamos a perder o sentimento da medida. E o perderemos, si arvorarmos estultamente em Homeros trovadores muito curiosos e valiosos, que possuímos, mas, de certo ponto em diante, desorientados ou cabotinantes.

Não faremos mais do que praticar, então, um allucinado bolchevismo literario, anarchisando a nossa taboa de valores, com o applauso e a collaboração de estrangeiros de falso gosto, si não solertes.

Nestes, afinal, — vejamos bem, — o maior interesse está em que nos morphinisemos por qualquer modo, para não chegarmos ás ultimas consequencias legitimas de um nacionalismo corajoso, embora bem entendido e são. Si nos formos satisfazer com a gloria de produzir esses «genios» analphabetos ou propositadamente barbaristas e solicistas, mostraremos apenas que ficamos idiotas.

Não, a obra que cumpre á geração actual é, sobretudo, ver si tomamos posse de nós mesmos, mas justamente por ganhar a consciencia do que somos de facto, sem deprimentes preconceitos bebidos na falsa sciencia, já hoje desmoralisada entre os proprios europeus, que pre-

tendia fazer do louro dolichocephalo um tabú sacrosanto, em todo caso bem compreendidamente criticos e positivos, para não resultar dos nossos ardorosos esforços uma obra negativa, contraproducente, o que sempre em taes casos resulta aos povos inviaveis.

É exactamente, meu generoso amigo, porque tua novella, «Flôr de Manacá», de paginas tão delicadas e tão amoraveis, não contraria, antes vem prévia, nitidamente accorde com estes meus modos de pensar, que achei haver pertinencia a seu proposito em quanto acima escrevi.

«Flôr de Manacá» não traz o ardor lyrico daquelle poema sem versos propositaes, — «Chanaan». Não chega mesmo a ter o perfeito encanto, a rara doçura e meiguice de «Jana e Joel». Pelo seu lado artistico revela que o autor, bem moço ainda, não se apropriou inteiramente de quanto o estudo, no que respeita á lingua, e á pratica de escrever, no referente á feitura geral, podem nos dar.

Vê-se, alem disso, que este livro mais o quizeste como elle sahiu do que na verdade elle se te impoz pela força de inspiração com que tenha vindo.

Foi aqui José de Alencar, sobretudo, o teu sagrado demonio inspirador, e o não occultas, pondo no seu pedestal, como tão sympathicamente puzeste, o digno ramalhete que é «Flôr de Manacá».

O arguto e sensível José Vieira, teu intimo camarada, na sua critica, sob pseudonymo

conhecido, a esta novella, diz-nos bem expressamente, aliás, que ella «foi composta e publicada com a intenção de reviver o typo da novella creada por Macedo e Alencar».

Tu proprio, no discurso com que agradeceste a festa realisada em tua honra, pela publicação do mesmo livro, confessaste que elle «é um esforço consciente pela involução, no pensamento literario, ás formas tradicionalistas da nossa cultura».

Com tudo isso, conseguiste uma realisação legitima no genero, e por modo que ella ficará marcando momento especial na romantica brasileira.

«Flôr de Manacá» — não é exacto? — tem muito simples entredo. Vae do Rio para a fazenda paterna, de onde viéra pequena, uma moça que, pelos encantos, mas tambem pelos defeitos adquiridos na educação e nas convivencias mundanas da Capital, facil, tonta, impiedosamente tira o noivo á «Flôr de Manacá», sua terna irmã, — creada, educada e vivida que foi esta na pureza, mas tambem na timidez simploria e canhestra da roça. É só.

Quasi que desde o começo do livro adivinhamos como as coisas irão terminar. Era inevitavel esse inconveniente, desde que figuram na fabulação um rapaz casadouro e, fóra sua irmã, duas unicas moças com uma das quaes elle se poderia unir.

Apezar disso sempre se quer vêr si tudo sahe como se conjectura, porque levas o enredo com habil gradação.

Depois, pintas com tão profunda sympathia esses nossos patricios e outros typos indispen-

saveis a completar o ambiente, que, ainda mesmo si corressemos logo ás ultimas paginas, para conhecer com segurança o desfecho de antemão, teriamos prazer em passar algumas horas na convivência de taes creaturas, por teu intermedio.

Encontramo-nos em «Flôr de Manacá» com serranas paragens visinhas do Rio, sinão em tudo eguaes, pelo menos bem semelhantes a outras que nos têm acolhido quasi todos os annos, durante os mezes de extraordinario calor. E por tal modo as trata, com tanto colorido, com tanto amor, tão precisamente e com tal peculiaridade, que até parece aquillo uma antecipação: chegamos quasi a persuadir-nos que já estamos respirando outra vez aquelles virgens perfumes, que oxygenamos os pulmões naquellas altitudes umbrosas, sedativas, apaziguadoras.

Bastara isso para bem recommendar o livro.

Elle vae mais longe, todavia. Com muito sã humanidade e muita subtileza no processo, para que este não seja anti-esthetico, ao mesmo tempo que acaricias uma e outra moça, e até o proprio rapaz (coitado, afinal de contas realmente perdoavel), pões sobre a cabeça da «Flôr de Manacá» uma auréola de martyr tão sympathica, que porisso mesmo contigo lastimamos a hora actual, em que as meninas provincianas ainda se acham, por sua educação deficiente, tão desarmadas para a luta da vida, mas em que, por outro lado, as nossas «melindrosas» da Avenida e dos cinemas representam um typo de transição perigoso, lastimavel, tambem, pela educação incompleta, superficialissima, errada, que lhes dão.

Mas assim te distancias do romance alencariano tanto quanto a nossa hora já está distante daquella em que foram escriptas pelo grande cearense as lindas paginas de «Sonhos de Ouro». Não fazes obra romantica propriamente dita, obra para agradar as mulheres, embora tambem estejas muito longe de utilizar aquelle processo violento e brutal de Aluizio, por exemplo, em «O Homem».

O que procuras, em ultima analyse assimilar do autor de «Cinco Minutos» e d'«A viuvinha» é o seu genuino brazileirismo, na extraordinaria sympathy, no carinho que nossa terra e a nossa gente lhe inspiram, mórmente tratando-se da mulher.

Si consegues muito, porem, em tal sentido, sem prejuizo da verdade, é porque tua idealização é mais perfeitamente orientada que a da escola a que Alencar e Macedo se filiaram, mas, alem disso, tambem porque tua concepção do verdadeiro é muito outra que não a que trouxeram os homens do naturalismo. Entre estes ultimos e a nova geração não se metteu embalde o symbolismo de permeio. Este, fosse como fosse, levantou as almas por modo que em literatura ser materialista hoje é ser myope, embora ainda não se exija um espirituallismo bem definido e muito menos sujeito a dogmas. O teu, com o optimismo e humanismo que te distinguem, creio que participa dessa feição vaga e dessa perfeita liberdade, mas nem porisso deixamos de sentil-o. E é, acho eu, porque sufficientemente já o percebemos que podes ter uma visão das coisas e dos seres, ainda mais dos seres humanos, em que já não

sentimos só muita sympathia, mas até certo ar de doçura, de bondade, talvez de piedade christã.

Vem dahi, na minha opinião, que pudeste voltar a Alencar no que elle tem de melhor, — menos suas consciences vistas estheticas, do que sua psyche genuinamente nacional, porque sympathicamente accorde com o religioso sentir do nosso povo.

É o que acontece ao autor de «Solitudes», ainda mais profundamente, recordando-nos elle os poetas de ha cincoenta annos, com especialidade o autor daquella pagina genial, — o «Cantico do Calvario».

Essa volta, contudo, não significa uma «involução», no sentido scientifico da palavra, mas uma «restauração», porque apenas representa uma repulsa ao estrangeirismo que momentaneamente se apossara da nossa literatura.

Foi a philosophia materialista e foi a perda até do respeito ás nossas crencas traditionaes, que levaram um Aluizio Azevedo, um Julio Ribeiro, um Adolpho Caminha a olhar aos seus personagens, até os femininos, com a dureza, sinão a brutalidade, que tinham os pintores realistas seus coetanos, impondo indecorosas posturas aos modelos que lhes cahiram nos «ateliers», apanhando as mulheres ás vezes só pelas nadegas, ou, quando muito, accusando-lhes o rosto, mas frequentemente coberto por basta cabelleira que ao menos assim, não sei si contra os calculos rasteiros daquelles fanaticos do nú, salvava-lhes o pudor, inseparavel do sexo.

Para mim é, mais do que tudo, teres podido fugir até mesmo ao scepticismo frivolo, de um Eça ou ao intelligentissimo diabolismo amar-

go de um Machado de Assis, haveres conseguido olhar, principalmente, ás nossas moças como quando somos irmãos ou pais dellas olhamol-as, aqui no Brazil, sem que lhes falseasses, — no entanto, a psychologia para abonital-as, conforme procederam Macedo e Alencar; é isso o que constitue a novidade, a originalidade, o maior valor de teu livro.

Por esse modo reatas a série das obras que mais normalmente representam a nossa romantica, e que o demonstram sendo as preferidas pelo nosso publico ainda immune de snobismo, — pelas mulheres, antes de tudo, que afinal é para quem os romances, as novellas mais particularmente se destinam.

O successo de livraria que já alcançaste, sendo um novel artista como és, insufficientemente conhecido ainda, bem que o comprova.

«Chanaan», de Graça Aranha, ficará na litteratura destes nossos ultimos vinte annos como uma pagina de alto lyrismo em prosa que por si só poderia salvar entre nós da taxa de mediocridade o que a tendencia symbolista nos inspirou em tal genero, ao mesmo tempo que inicia como obra de ficção o nosso néo-romantismo, seja ou não seja o seu autor favoravel por theoria a essa nova corrente litteraria.

O que, porem, lhe dá certo ar de estrangeirismo é Maria, sua heroína, — uma teuto-brasileira, — lembrar-nos muito flagrantemente a Margarida de Goethe, indo nisto, entretanto, por outro aspecto, tambem o elogio de tal creação. Ella registra o phenomeno de uma transfusão nova no sangue do paiz.

Depois, «Chanaan» apresenta outro defeito: é a falta de uma fé inabalável nos nossos destinos como povo de origem néo-latina. Ali como que mais se reconhece e proclama a supremacia do teuto-germânico do que se diz á gente da America do Sul o que lhe dizia um Ruben Dário para que ella não perca, antes alimente a sua altivez. Graças ao grande cataclysmo de 1914, os pontos de vista do nosso valoroso escriptor são hoje inteiramente outros, por modo que «Chanaan» ficará também caracterisando um estado d'alma no antes da guerra, estado, sinão geral, pelo menos, com um a grande numero de espiritos representativos nesta parte do Continente.

«Jana e Joel», de Xavier Marques, por seu assumpto, por seus typos, por sua atmosphera, é uma novella profundamente nossa, e de execução bem rara em nossas letras. Vale por outro poema em prosa, como vem a ser também «Iracema». Resulta, no entanto, de uma sensibilidade preterita, já nasceu como uma menina que apresentasse os cabellos lindamente empoados. Em nada póde concorrer, pela philosophia que a inspira, para avigorar as idéas — forças de que necessítamos no momento actual. Procede do falso primitivismo de Jean-Jacques; lembra extraordinariamente, porisso, «Paulo e Virginia», de Bernardin de Saint-Pierre, e a «Graziela», de Lamartine.

«Flôr de Manacá», eu já disse, meu caro Brenno, não se póde medir com essas obras culminantes em seu surto, que ainda é modesto, nem na sua execução, que reflecte naturalmente mocidade.

Vem, comtudo, mais perfeitamente nacional e de um pensamento — como diria? — mais orthologico que um e outro desses tão justamente gabados livros.

Marca, em seu genero, a volta dos moços letrados para o modo simples de ser do nosso povo, não, entretanto, por mimetismo inferior, o do astucioso politico que bate ao peito a rir por dentro, acompanhando Nosso Pai em Minas, mas pela repulsa a tudo que seja funesto estrangeirismo, tudo que possa concorrer para pôl-os em conflicto com os seus, sem aproveitar á nossa legitima evolução.

Alem disso, meu distincto Brenno, «Flôr de Manacá» é obra que se lê com prazer de principio a fim: é uma novella realisada, torno a dizer.

Ainda por seu lado esthetico ella, consequentemente, justifica os vivos applausos e animações que vaes colhendo e a que te peço reunas estas sinceras palavras de teu gratissimo

«POPULAÇÕES MERIDIONAES
DO BRASIL»

por F. J. Oliveira Vianna

Rio, 4 de Janeiro de 1922.

Sr. F. J. OLIVEIRA VIANNA.

Ha quasi um anno que, por amabilidade sua, pude ler o excellente volume «Populações Meridionaes do Brazil», com que o senhor encetou a publicação de uma obra de mais cinco volumes alem desse, e que representará de facto, quando concluida, uma philosophia da nossa historia social, quer dizer, uma explicação de como se formou esta nova sociedade com a alma que já tem hoje. Até agora, entretanto, a vida não me permittiu escrever-lhe agradecendo-lhe a gentileza da offerta, porque eu fazia questão de juntar a esse agradecimento algumas palavras de justificado applauso.

Vi logo que seu livro não lograria a facil carreira triumphante e ruidosa de outras publi-

cações dentro destes ultimos vinte annos com preocupação semelhante, embora mais restricta.

É que elle não traz nem, por exemplo, o sopro epico d'«Os Sertões», nem o irresistivel, sobretudo para a terra dos bandeirantes, onde appareceu, de «Urupês».

Não ha duvida, meu patricio, este seu primeiro volume quasi que se poderia chamar «A Vicenteida». Nelle se defende esta these: «O dominio rural é o centro de gravitação do mundo colonial, no Brazil», e os «latifundarios vicentistas», esses «homeriadas titanicos», na sua admiravel capacidade expansionista e constructora, para o sul, oeste e norte, valem como heróes por excellencia da prodigiosa creação que esse mundo vem a ser. Dir-se-ia taes paginas eram aptas, pois, a despertar, ainda mesmo em prosa, como são, ao menos calida sympathia, como a que desperta, por exemplo, «O Caçador de esmeraldas», em que Bilac engrandece a acção de um latifundario, quando este se transporta para o sertão mineiro como caudilho bandeirante, propulsionado pelo sonho de thesouros fabulosos que era collectivo, de um extremo ao outro do paiz, por aquelle tempo.

Em «Populações Meridionaes do Brazil», porém, o que se empreehde, aliás pela primeira vez, é sobretudo o elogio do fazendeiro, isto é, do latifundario mais propriamente dito, que é o agricultor, typo sedentarista, mas, porisso mesmo e por outras razões, o de apparencia mais prosaica entre quantos já pudemos cristalisar.

Depois, o senhor neste livro, como bom discipulo dos continuadores de Le Play, cuja sciencia elles remodelaram inspirados, sobretudo, pela

anthropo-sociologia, tão preconceitosamente germanista, dos Gobineaus, Lapouges e Ammons, não só institue o fazendeiro como o creador por excellencia ao menos do nosso vasto arcabouço social, como ainda o considera um typo aryano quasi puro, e a aristocracia rural que elle institue «o centro de polarisação dos elementos arianos da nacionalidade». Para isso assignala o senhor nessa aristocracia (outro escrevera: empresta-lhe) uma impermeabilidade admiravel, adquirida por sua grande repugnancia de cruzar com os representantes de outras raças que aqui se lhe deparam, o indio e o negro, principalmente com o ultimo. Essa repugnancia lhes dá resistencia e predominio taes, acha o senhor, que, si ainda assim se produz o mestiço, para viver elle tem de aryanisar-se perfeitamente nas suas tendencias psicologicas e sociaes.

É o contrario do que sustentava Sylvio Romero, no entanto igualmente admirador dos Lapouges e Tourvilles. Pensava elle — ninguem ignora — que nós todos, ao menos psicologicamente, somos hoje mestiços, pela influencia da atmospherá moral e intellectual em que respiramos e para que tanto concorreram o negro e o indio.

Parece-me, de facto, que outro escriptor poderia sustentar justamente a these opposta á sua, meu illustrado patricio: a de que o clima, o latifundio, o indio e o negro fizeram do nosso fazendeiro um typo *sui generis*, creando, de companhia com elle, aqui, uma civilisação bem diversa da que teriamos, si esse achamboado capitão-patriarcha não fosse mais a resultante que o modelador deste novo mundo.

Seria licito ao mesmo escriptor lembrar que a propria religião do peninsular europeu se modificou grandemente aqui, de modo que hoje offerece aspecto inconfundivel com qual-quer outra modalidade catholica, no Velho e no Novo Mundo. A proposito, consinta ó senhor que eu lhe manifeste pena em vel-o, sob o influxo de tendencia accentuadamente materia-lista, calar por completo neste seu volume a influencia tão primacial que teve esse elemen-to sociologico no modo pôr que nós organi-sámos.

Alem da lacuna que representa, é este um dos aspectos por que sua obra, ainda no ini-cio, parece menos deste momentô do que de quando o scientificismo vinha contrastando vio-lentamente com a nossa literatura romantica para escandalisar, para dar mais na vista, — cousa tão necessaria a um prompto successo entre nós.

Ao mesmo tempo que ora se pronuncia in-contestavel inclinação espiritualista, pelo senhor assim implicitamente contrariada, ha, desde Al-berto Torres, tendencia crescente para vermos no systematico elogio ao typo do particularista, do louro *dolichocephalo*, um dos habeis recursos de propaganda inventados sobretudo pelos pan-germanistas, mas de facto sem grande valor scientifico, e essa nossa recente orientação até nos abala a crença na supremacia incondicional do generico typo aryano.

Assim, a mestiçagem forçosa affirmada por Sylvio é presentemente acolhida em nosso meio com desassombro e até com mais *sympathia* que esse aryanismo *quand même* de «Popula-

ções Meridionaes do Brasil». E, pois, o fazendeiro de sangue aryano extreme, ou quasi extreme, que o senhor institue como pedra angular dessas populações, alem de ser um typo de apparencia pouco poetica, como eu já disse, ganha certa impertinencia caracterisado assim.

Olhe: o segredo maior do enthusiasmo por emquanto sempre crescente que suscitam as paginas d'«Os Sertões», está justamente no facto de valerem ellas pela epopéa do mestiço, no Brazil, apezar de todo o scientificismo de que Euclides da Cunha era imbuido. Nelle o espirito que uns chamarão doutoral, outros scientifico, foi sobrepujado pelo homem, sob tal aspecto.

Com estas considerações, julgo haver indicado por que principalmente, a meu ver, este seu livro, meu valoroso collega, será, relativamente falando, de lenta e discreta penetração em nosso meio intellectual, como aconteceu, por exemplo, com aquella grande obra de H. Taine, «Origens da França contemporanea», — guardadas as devidas proporções.

Dirão — quem sabe? — que nenhum trabalho menos lisongeiro ao nosso baixo — povo qual seja «Urupês», — de tão ruidosa e subita carreira, não obstante. Mas é que «Urupês» foi produzido em S. Paulo e em S. Paulo, principalmente, alcandorado, com o reforço occasional, embora, do grande reclamo que lhe fez Ruy Barbosa, porque, no fundo, como eu já disse uma vez, elle não é mais que o ponta-pé do Jeca triumphante ao pobre-diabo seu patricio que decahiu até merecer o cognome de um animal forçado a enterrar-se para defender a vida, — o de um miseravel e obscuro tatú. Os cafesistas

impantes acharam muita graça naquillo. Afinal, reconheça-se, quasi que apenas graça: não houve grande maldade no caso. O proprio brilhante Lobato, seu autor, dahi a pouco pedia perdão á victima da injustiça clamorosa que com ella commettera. É um dos phenomenos literarios mais curiosos e significativos do momento actual.

Outros aspectos, porem, «Populações Meridionaes do Brazil» offerece pelos quaes se impõe como pabulo desde logo visivel, indiscutivelmente necessario á economia intellectual do paiz, realise-se como se realisar a sua assimilação.

Antes de tudo, o senhor diz muito bem que não ha nelle «nenhum resaiço de pessimismo ou descrença». É isso o que o põe inteiramente de accordo com a nossa atmospherá intellectual em organização á hora presente.

Que importa tenha o senhor como victoriosos arianos, transportados do Tejo ou do Minho, os nossos latifundarios, uma vez reconhecendo o facto de haverem elles tão cedo contrariado seus preconceitos de raça, que já «nos ancestraes de muitas familias da epoca das «bandeiras» figuram cruzados mamelucos?»

Registrando esse facto, porisso mesmo o senhor attribue tal victoria ao peninsular assim ~~imperado~~. O mais é menos questão historica do que estrictamente scientifica.

Alem disso, outro recurso de que o senhor se vale, os mestiços superiores, «os que vencem e ascendem em nosso meio, durante o largo periodo da nossa formação nacional», isto é, o mameluco, em quem «é maior» do que na gente de raça servil «a capacidade de ascensão e classificação», e o «mulato superior», com sangue

negro, mas de boa tribo, como são, — ensina o senhor — os «egbas», os «yorubas», os «minas»; esse recurso permite-lhe não deixar tão sózinhos no commando os «aryanos» vindos da península. Entre elles muitos e muitos haverá que antes mesmo de passar a linha já tiveram o sangue *baptisado* não só pelo arabe, em que ha tanta mestiçagem, mas por alguns desses negros, de «nação» boa ou má (os negros abundavam em Portugal até antes de ser descoberto o Brazil) e depois por um grande numero de mestiços ja produzidos aqui, mas que procuram passar por verdadeiros brancos.

Finalmente, ao proprio «transbordo das senzalas repletas», ás «recovas da escravaria», ao «sobejo» da «mestiçagem das fazendas», mame-lucos, cafusos, mulatos alforriados, «egressos do trabalho rural, ociosos e inuteis», ao «vadio das estradas, o caçador bandoleiro, o rixante, o brigão, o valente dos engenhos», ainda a esse o senhor dá um importante papel: o de «elemento combatente, indispensavel á defesa do dominio». É elle agora «o seu guarda, o seu infante, o seu soldado». Sob a garantia da bravura dessa recua, «o labor agricola se opera tranquillo e fecundo», construindo a riqueza e dando á aristocracia colonial a base de seu poder. «Esse pelotão de mestiços é como que a blindagem viva do dominio rural. Protege-o como um tegumento impenetravel. Dentro dessa cercadura tutelar, o dominio se propaga, seguro e desafogado, pelos sertões em fóra... Eliminae-o. Para logo os engenhos e os curraes se submergiriam no tumulto da barbaria tropical. E o povoamento teria que recuar até a costa, parando na linha estreí-

ta dos littoraes». O que é o mesmo que dizer: sem essa «ralé», que um pouco mais tarde se fará «o peso específico da população dos moradores», não se convertera o latifundario no *typo sul generis* do fazendeiro. Este, de certo ponto em diante, é um producto dessa plebe, também unica no seu feitiço.

Depois, o fazendeiro que é o heróe do seu livro, meu collega, não vem a ser propriamente aquella antipathica figura de relho na mão, verdugo de um mundo de negros e sultão de pobres moças escravas, que os novellistas da epoca romantica e por fim, ja no periodo abolicionista, a «Revista Illustrada», de Angelo Agostini, como os jornaes pamphletarios de Ferreira de Menezes e José do Patrocinio, expuzeram, carregando nos traços, á aversão nacional. Seu *typo* é antes verdadeiramente benemerito, porque ninguém mais do que elle lutou e soffreu para que esta terra não fosse uma simples expressão geographica. Elle começou a esboçar-se ja nas figuras lendarias do Caranurú e de João Ramalho, e nas dos donatarios que se sacrificaram aqui pelo seu dominio, quasi todos tão valentes quanto infelizes. Depois ja lhe vão accentuando melhor os traços os que para o sul e para o norte combatem com sua *gens* os temerosos assaltos dos indios, a pirataria e as tentativas, mais sérias, de fixação do estrangeiro, desde Villegaignon, no Rio, até os hollandezes, no norte, dentro da grande facha que por tanto tempo occuparam. Na exploração do Amazonas, na manutenção da Colonia do Sacramento, ou, antes, na colonisação do extremo-sul, na revolta de Beckman (esse mallogrado senhor de engenho

em Mearim), na destruição dos Palmares, na epopéa dos bandeirantes, na guerra dos mascates, na Inconfidencia Mineira, finalmente em todos os grandes factos politicos e sociaes do seculo XIX até a guerra do Paraguay, esse typo, que de cada vez mais se cristalisa, é o do nosso capitão-civil por excellencia, o chefe que de facto, pela differenciação cada vez maior que se vae estabelecendo entre elle e o emigrado lusitano, pelo seu genuino brazileirismo, não grada a natural aristocracia que representa em face da plebe dominada por elle, pertinaz, valorosamente afeiçoa e emancipa o Brazil.

É justamente porque o senhor descobre esse prestante, intrepido «latifundario» e o tumultuoso «elemento combatente» que elle capitanea — aquella «blindagem viva do dominio rural», — que, sem refazer-a, nos leva a ler a nossa historia por modo bem diverso, e no entanto muito convincente, daquelle por que a tinhamos lido na exposição dos seus factos, até hoje, salvo alguma exaggeração, principalmente quando o senhor faz a apologia de tal caudilho. Até nessa descoberta é que está toda a maior originalidade da parte de *Populações Meridionaes do Brazil* em que vem explicada a formação de taes populações, com que a das septentrionaes, é certo, tanto se parece, pelo menos a esse respeito.

Porisso vem o senhor, de facto, como diz, «fazer justiça a essas gentes obscuras do nosso interior, que tão abnegadamente construíram a nossa nacionalidade e ainda a mantem na sua solidez e na sua grandeza».

É excessivo affirmar-se, — acho eu, — que

ellas foram «esquecidas até agora pelos nossos publicistas, historiadores e estadistas». Não ha como escrever a nossa historia ou commental-a deixando no esquecimento, ou mesmo na penumbra, muitos desses capitães e as multidões que elles movimentaram ou que com elles firmaram pé na defeza do ecumeno contra o estrangeiro ou contra o barbaro e até en luta com a autoridade e a propria massa reinicola, ou pelo menos com o espirito peninsular. O que, porem, faltava até aqui era estabelecer a perspectiva necessaria para bem abranger-se de um só lance de vista, em seu conjunto e em toda a sua extensão, o papel desse Brazil, na maior parte, é exacto, subterraneo, por assim dizer, mas que não tarda se torna formidando, irresistivel em face da meio assombrada, mas, porisso mesmo, prudente, astuciosa, quasi amovavel metropole.

É isso que o senhor vae conseguindo pôr em evidencia neste seu livro desde quando o phenomeno se torna sensivel: muito antes, digamos, da epoca em que a historia evidenciou até hoje o prestigio do brasileiro no Brazil.

De facto, como o senhor no correr da obra largamente demonstra, desde o I e II seculos a vigorosa aristocracia territorial que floresce em S. Vicente e S. Paulo ganha ascendencia de formação puramente nacional e que assenta «sobre a sesmaria, sobre o dominio rural, sobre o latifundio agricola e pastoril», de modo que «contrabalança e supera a dos proprios delegados politicos da metropole».

Pela propria organização dos juizes ordinarios que, ja por influencia de taes cabecilhas, é de character electivo, essa justiça «está con-

demnada a ser facciosa». É claro: «De posse das camaras municipaes e do apparelhamento eleitoral, os caudilhos ruraes só escolhem para os juizados os principaes do seu clan, homens da sua parcialidade e confiança». Contra esses juizes «ha o recurso para os juizes e tribunaes superiores». Essa machina, porem, de ouvidores, corregedores, Relações, Desembargo do Paço, quer pela extensão das comarcas, quer pela distancia dos termos dos juizados ordinarios e a séde da ouvidoria, ou pelo pequeno numero das Relações, ou ainda pelo facto do Desembargo residir em Lisboa, «funciona mal; não offerece garantia alguma, certeza alguma, probabilidade alguma de victoria». Como os magistrados, os capitães-móres, tambem de character electivo, são homens de facção. Assim, pois, corporações municipaes, judicaturas, capitannatos, tudo corrupto e venal, obrigam os mercadores, os artifices, os pequenos lavradores, os foreiros, os colonos, os aggregados, a patulêa dos mestiços, a procurar o amparo dessa «poderosa olygarchia de lavradores do paiz». Mas assim, «fraca diante desses caudilhos, incomparavelmente mais poderosos do que ella, a autoridade publica não póde contel-os nem reprimil-os». Não tem remedio sinão transigir para evitar que seja ostensivamente desrespeitada. E ainda quando o é, a metropole quasi sempre perdôa, amnistia os culpados, como si conspirasse contra a sua propria autoridade, até um dia em que possa reagir.

Tudo isto não demonstra, effectivamente, que o brasileiro, personificado no latifundario, muito cedo preponderou aqui, podendo assim crear, pouco a pouco, um espirito novo, o es-

pirito americano, com a modalidade que nos é própria?

Mas até hoje essa preponderancia não era evidente, pelo que lemos em nossos historiadores, sinão do periodo da independencia em diante.

Assim como, innegavelmente com viva originalidade, reinvidica o senhor para os vicentistas tal benemerencia, mostra em seguida, tambem com argucia, que o seu anarchico poderio soffre aqui no sul, afinal, o primeiro eclipse, pela necessidade em que se viu a metropole de reagir, quando, ja bem aproveitada a energia selvagem daquelles turbulentos caudilhos, feitos agora bandeirantes, aberta francamente a epoca das lavras, era necessario manietal-os com toda a força de que fosse capaz a justiça d'El Rei para que este não sahisse roubado no quinto de ouro e no monopolio dos diamantes.

Parece-lhe, ao senhor, que «enquanto as bellas jazidas não se lhe revelam, a corôa portugueza tem todo o interesse em tolerar a altiva independencia em que vivem os caudilhos paulistas». Que «reprimir essas forças de expansão e conquista seria contrariar os interesses da propria metropole». E que, pois, até enprender-se a exploração systematica das riquezas das minas portentosas», para esta a mais sabia attitude é justamente fechar os olhos aos desmandos dessa poderosa olygarchia de sertanistas intrepidos que devassam toda a immensidade do deserto tropical, arrebatados pela antevisão resplandecente das serras das esmeraldas e dos campos de ouro».

Foi assim, com certeza, até certo ponto. Sem extraordinario tacto instinctivo de povo co-

lonizador, não poderia o debil Portugal conseguir o prodigio de organizar o verdadeiro mundo que organisou para este outro lado do Atlantico.

De certo ponto em diante, contudo, a sua propria fraqueza e impotencia é que o força a essa quasi vergonhosa intolerancia enquanto o bandeirante não perde a sua aggressividade, cousa que succede em elle sedentarisando-se, como o senhor proprio reconhece, — justamente para os fins do III seculo e começo do IV. Elle pára porque nas minas encontra afinal o objecto de toda a grande ambição que o tangia para diante sem descontinuar.

Foi tambem, não obstante, o refluir para as regiões auríferas «quasi em massa», como diz Rocha Pombo, dos colonos do littoral, que permittiu cuidar-se, enquanto isso, nesta parte, e com algum socego, «de normalisar os negocios da administração, até ali perturbados por infinidade de causas, cada qual mais difficil de supprimir ou neutralisar», ainda segundo Pombo. Foi a ausencia dos potentados locais que enfraqueceu as Camaras, seus baluartes de resistencia, e a elles proprios tirou o prestigio necessario para reagir convenientemente contra as ordenações regias na zona tumultuosa onde todos se foram encontrar, já então mais ou menos nivelados pelo mesmo baixo espirito aventureiro do lucro, pela mesma sede funesta de enriquecer prodigiosa e promptamente. São as minas, pois, que desarticulam em parte o clan rural, permittindo só então á metropole inserir mais effectivamente no ecumeno e tornar por fim incontrastavel, quasi que esmagadora, sua autoridade tutelar.

Ja neste ponto o senhor tem encetado a segunda parte do livro: aquella em que nos mostra outra face, menos sympathica, do grande sesmeiro, resultante principalmente de que a sesmaria, no Brazil, é um «latifundio», isto é, da desmedida amplitude territorial dos dominios agricolas e pastoris aqui. E porque nesse proposito demora até o fim do livro, permite-me dividir a presente carta em duas ametades, sendo que nesta ultima o acompanharei pondo principalmente em relevo esse outro lado da medalha.

Não havia antigamente «a interdependencia economica dos dominios fazendeiros» actuaes; só agora «o grande desenvolvimento dos nossos meios de transporte e a moderna inflação das nossas grandes cidades» o permitem. As fazendas então «produzem quasi tudo que precisam e compram o minimo possivel». Dizia-se com garbo: «Nesta casa só se compram feno, sal, polvora e chumbo».

«Dahi, em synthese: nem classe commercial; nem classe industrial; nem corporações urbanas». Tudo isso o antigo fazendeiro impede, porque elle de tudo isso tem um pouco, — viciosa e grosseiramente, — já se vê.

Depois, «o senhorio não precisa, pelo menos até 88, dos trabalhadores livres: tem os escravos». Aquelles, por sua vez, nesta terra, onde, segundo Frei Ruy Pereira, — o senhor cita-o — «não ha pobre que não seja farto com pouco trabalho», não precisam essencialmente do salario do patrão. Podem dispensal-o. Ê-lhes «um adminiculo apenas». Conclue, pois, legiti-

mamente, o senhor: «Dahi, dessa generosidade incomparavel da terra, a impossibilidade historica de uma vinculação estreita e permanente entre a classe senhorial e o proletario dos campos».

Mas, por tudo isso, «sem quadros sociaes completos; sem classes sociaes definidas; sem hierarchia social organizada; sem classe media; sem classe industrial; sem classe commercial; sem classes urbanas em geral: — a nossa sociedade rural lembra um vasto e imponente edificio, em arcabouço, incompleto, insolido, com os travejamentos mal ajustados e ainda sem pontos firmes de apoio», edificio onde o fazendeiro é o pé direito, mas meio alcatruzado.

Defrontando-nos com esta segunda parte do livro é que temos a impressão de que se manifesta no seu autor, enfim, o perfeito senso da realidade ao caracterisar homens e cousas, mórmente tratando-se do fazendeiro. Já não vemos este tão limpidamente louvavel como de começo. O nosso povo, diz o senhor, «só organisa aquella especie de solidariedade que lhe era estrictamente necessaria e util, — a solidariedade do clan rural em torno do grande senhor das terras». A prova? É que o ambiente brasileiro se manifesta até «hostil á solidariedade politica, de que é expressão elementar a organização municipal».

Nesse ponto não tem o senhor a illusão daquelles que olham com carinho para as nossas velhas municipalidades, ciosas que foram, pelo menos até certo tempo, das suas prerogativas. E não tem porque entende que «os senados das camaras com o seu luzido quadro de

vereadores e procuradores eleitos pelo povo», fazem-se «apenas centros do caudilhismo fazendeiro; o ardor combativo e a ociosidade relativa dos grandes potentados encontram nellas desafogo e diversão. Não são propriamente órgãos de utilidade commum, agindo em beneficio da communitate. Estas lutas, em que os vemos empenhados com os ouvidores, os capitães-móres e os governadores exprimem apenas hostilidades de campanario, rivalidades facciosas de potentados. Não significam nunca reacções do espirito local, do sentimento autonomico, zelos por tradição de «self-government», á maneira saxonia. Quando muito denunciam, nas suas expressões mais elevadas, os primeiros e mais claros symptomas da nossa consciencia nativista em formação». Feita essa concessão final, que é importante, acho que o senhor em linha geral pensa bem, e considero este seu criterio mais uma legitima originalidade, que se encontra em *Populações Meridionaes do Brazil*.

Pelo contrario, essas corporações, de que os grandes sesmeiros se apoderam, exercem, como demonstra o senhor, «poderes taes, durante o periodo colonial, que por meio dellas conseguem manter todas as classes urbanas e ruraes sob a sua dependencia. São ellas que taxam os mercados, que estabelecem posturas e as executam, que lançam fintas, que julgam as contravenções municipaes, alem dessas as injurias verbaes, e condemnam os culpados até a importância de seis mil reis, sem appellação nem aggravado. Dellas é que sahem todos os funcionarios locaes, administrativos, policiaes, militares e judicarios, «almotacés (ou fiscaes), rece-

bedores de sizas, avaliadores de bens penhorados, «capitães de matto», capitães-móres das aldeias, commandantes dos destacamentos dos povoados e arraiaes, juizes de vintena, juizes ordinarios e outros».

Não tem, conseguintemente, o senhor, meu digno collega, em relação aos chefes vicentistas, os intuitos systematicos de um poeta preocupado só com exalçar seus heróes, esbatendo cuidadosamente quanta sombra projectem esses vultos truculentos na sua historia real. Comprehende, pelo contrario, que o valor de sua obra estará em que o senhor não perca o sentimento da realidade. O heróe, porisso mesmo que o é, ha de ser necessariamente humano, ha de accusar os defeitos das suas qualidades, tanto mais quando os accentua, sobretudo, o meio circumstante. Neste caso, por exemplo, é o latifundio, isto é, a vastidão territorial e o relativo deserto, pela pobreza demographica, que lhes dá maior vulto, mas ao mesmo tempo os deforma.

Accresce que, no intimo, é a justiça ás populações meridionaes, em grande parte constituídas embora por mestiços só aceitaveis, ao seu ver, quando bem se «aryanisam», o que mais o preocupa. Ora, tal justiça não poderá ser feita emquanto não se accentuem muito sensivelmente as causas dos grandes defeitos, das insufficiencias lamentaveis que ellas apresentam ainda hoje como organizações politicas e sociaes.

Sua Vicenteiada, aos meus olhos, fica, pois, assim muito mais interessante; quero acreditar, mesmo, que aos olhos de quantos decidem da sorte effectiva de um livro, entre nós.

Vae o senhor ainda mais longe. Havendo sustentado, ja entrando na terceira parte de seu livro, essa nova opinião sobre as nossas instituições municipaes, procura tornar ainda mais patente o formidavel poder dos caudilhos paulistas, baseados na capangagem que organisam utilizando a plebe dos campos e assim instituindo a anarchia colonial.

Illumina sua these com factos muito eloquentes, como sejam, antes de terem elles operado o movimento geral para as minas, os mutuos combates frequentes e ferozes em que se vivem divertindo, esses chefes, mas alarmando e prejudicando com isso as pobres populações inermes das localidades que nas suas tropelias invadem, como se deu em Santos, como se deu na propria S. Paulo.

Não ficam apenas «nessas rivalidades de clan». O episodio da expulsão dos jesuitas demonstra que elles se rebellam contra as proprias autoridades locaes, que chegam a desrespeitar os alvarás da metropole, sem que tamanha e tão ostensiva rebeldia seja punida: em vez do castigo o que lhes vem é o perdão.

Assim, pois, o libello contra os potentados ruraes continúa.

Ausentando-se para as regiões das minas, nos começos do III seculo, essa sociedade «encontra no novo meio condições ainda mais propicias nos seus habitos de turbulencia e indisciplina. O espirito anarchico e bellicoso, ja ahí dos caudilhos mineiros, «se mostra flagrante na guerra entre os emboabas e paulistas», onde os reinões sublevados recebem ameaçadoramente o governador D. Fernando de Mascarenhas.

Esse estado de caudilhagem omnipotente e franca, o senhor pensa e pensa bem, resulta da manifesta disparidade entre a expansão colonizadora e a expansão do poder publico, — disparidade inteiramente particular á nossa historia», e que ainda hoje é sensível.

Mas então o poder colonial, logo depois de finda a guerra dos emboabas, «muda subitamente de attitude e toma, dahi por diante, uma conducta inteiramente opposta: ataca-os de frente, rijamente, com intrepidez e decisão, no intuito obvio de dominal-os, esmagal-os, tritural-os», aos temerosos caudilhos.

Em vez de revoltar-se contra o despotismo realengo, que vinha assim implantar aqui no sul o terrorismo judiciario e militar, cujos effeitos ainda hoje, — o senhor proprio reconhece-o, — se observam, sobretudo no character timorato do mineiro, o valente escriptor das *Populações Meridionaes* enceta o capitulo referente a esta materia encimando-o com aquella conhecidissima sentença de Ihering: «Os tyranos que fustigaram os povos com varas de ferro fizeram mais pela educação juridica da humanidade do que todos os legisladores com os seus codigos de leis».

Permitta-me observar-lhe apenas, meu caro: si não houvesse nesse paradoxo uma verdade muito relativa, os regulos que aos proprios personagens de sua côrte tiram as mãos, o nariz, os beiços ou as orelhas, muitas vezes por simples capricho ou alarde (segundo Cameron), já teriam concorrido em muito para que fosse bem alto o nivel juridico da mentalidade africana.

De qualquer maneira, vê-se logo por aquella citação que o senhor mais se regosija do que se indigna com o facto de encontrarem, afinal, os turbulentos, os desbordantes heróes vicentistas o pulso de ferro do poder publico, que os combate durante quasi dous seculos, então, tenaz e vigorosamente, em luta «ardua e brilhante».

Os terços de infantaria, o esquadrão de dragões, por toda parte, o codigo philipino e o regimento das minas, sobretudo no districto diamantino, o systema de vigilancia e policiamento que neste impera, são de uma severidade asphixiante. «Sob esse regimen dictatorial, como o senhor escreve, não ha rebeldia de caudilho ou clan de magnata, que se levante. Quando, extinctas as minas, a população, que se condensa em torno das «catas», se dispersa nas lavouras, leva para o insulamento dos latifundios, sinão o sentimento do valor da auctoridade publica, pelo menos a consciencia profunda do seu poderio incontrastavel». Não é só: «A diminuição dos poderes dos senados das camaras, reduzidos ás suas attribuições de policia fiscal e serviços de pontes, estradas e canaes; a restricção da área jurisdiccional dos capitães-móres, realisada com o regulamento de 1709, e, consequentemente, o augmento da sua efficiencia disciplinar, — tudo isso patenteia com meridiana evidencia o duplo objectivo do governo da metropole: approximar dos caudilhos a auctoridade publica; centralisar num poder supremo todos os órgãos do governo da colonia. Multiplica a metropole os termos, as villas, as comarcas, as ouvidorias; multiplica as camaras, os capitánatos-móres, os juizados; mas, ao mes-

mo tempo, põe tudo isto debaixo da sua dependencia, da fiscalisação dos delegados da sua immediata confiança... Debaixo dessa pesada móle administrativa e politica, os possantes caudilhos territoriaes asphixiam. Ja agora o poder não está longe nem os teme, como no II seculo; acompanha-os de perto, cerce, vigilante, minaz.

Vê-se que o senhor tem pena de que «esse poderoso regimen de centralisação e compressão policial, tão efficiente na repressão dos caudilhos locaes», dure apenas até o primeiro quartel do seculo IV. Por que tem pena?

Bem reconhece, não ha duvida, que «nas zonas agricolas do meio-dia, nas planicies fluminenses, nas serras e campos de Minas, esses governadores geraes, com imperio sobre todo o paiz; esses capitães-generaes, regendo capitánias vastissimas; esses vice-reis imponentes nos ultimos tempos coloniaes; toda essa numerosa burocracia de ouvidores, juizes de fóra, capitães-móres, dizimeiros, cobradores da casa do conto, inspectores de minas, commandantes d'armas, *que a metropole organisa com intuitos meramente fiscaes e policiaes*, todas essas autoridades são creações artificiaes, postiças, juxtapostas; não reflectem, de modo algum, a sociedade centro-meridional, na sua estructura interior e especifica».

Mais ainda: vê o senhor perfeitamente que «o poder publico durante o periodo colonial tem, em summa, no seio das populações centro-meridionaes um aspecto pouco sympathico. É uma especie de intrujão poderoso e incommodo, cuja presença é quasi sempre intoleravel e irritante. Força de limitação, de extorsão, de expro-

priação mesmo aos olhos dos poderosos chefes territoriaes, a plebe rural, formigante nas bases da sociedade colonial, pode algumas vezes bem-dizel-o; os potentados ruraes, não».

É, porém, que o senhor applaude aquelle outro paradoxo, de Freeman, quando diz este que a Inglaterra «teve a graça prolongada de uma successão de máos reis». Sobre nós, ao contrario, «não cahiu nunca, infelizmente, aquella benção duradoura, *lasting blessing*, de que fala o historiador citado». Infelizmente, porque os saxonios, graças a ella, «pelejam dia a dia, hora a hora, pela liberdade e pela patria, enfiando o caracter sob o tirocinio de guerras seculares», até conquistarem a paz amavel do seu *home* e os encantos de uma independencia plenamente assegurada. Sem isso, acha o senhor, ja na quarta e ultima parte do seu livro, elles «não teriam o sentimento das liberdades publicas, nem esse zelo vigilante da sua intangibilidade. Seriam como nós. Nós, brasileiros, conhecemos e sentimos a vida do homem independente; não conhecemos, não sentimos, nem podemos conhecer e sentir a vida do homem livre».

Parece-me tão exagerado esse inglez como Ihering naquelle outro paradoxo. Os máos reis inglezes serviram, quando muito, apenas de estimulo para aquelle povo mais depressa realisar o que na sua indole — trabalhada quantos seculos antes da emigração! — e o meio onde elle se desenvolveu, possibilitavam plenamente. Na Africa elles ainda seriam irrisoriamente brandos, nem pareceriam reis, e aqui, ante as nossas grandes sesmarias; e com o nosso caracter,

com a faculdade que temos até «de ir bem no meio da desordem geral», com «essas qualidades incomparáveis da raça», que contribuem para que «os nossos governantes nunca cheguem a essas violências brutais, a essas carnicerías espantosas, que maculam a historia politica dos outros povos»; com tudo isso, aquelles mãos reis inglezes haviam fatalmente de acalcanhar-se.

Não admira, entretanto, que o senhor assim pense. Excellentes brasileiros, que pretendem, tão louvavelmente, não perder em politica o sentimento real das cousas, já tem opinado até que foi uma desvantagem para o Brazil emancipar-se quando se emancipou da matriz portuguesa. Acham elles que foi cedo por demais. Não se lembram que o prolongamento da dynastia até 1889 nos deu a vantagem de sermos dirigidos por chefes permanentes e de prestigio incomparavel sem que para isso tivéssemos de sujeitar-nos á compressão de uma carapaça estrangeira, tão incômoda, uma vez que em nós se accordou, afinal, o sentimento nativista, e além disso tão cara, attento, sobretudo, o ser em geral tão pouco intelligente, tão improductiva.

O corajoso collega não occulta: aos seus olhos é lastimavel, pelo menos, que «essa forte organização politico-administrativa seja inteiramente subvertida com a promulgação do Código do Processo, em 1832», código que «enfraquece da maneira mais profunda o poder geral, cuja solidez o seculo anterior penosamente conquistara». Acrescenta o senhor: «Dá-se então, na vida politica nacional, uma sorte de recuo, que projecta instantaneamente o paiz para

a phase anarchica do II seculo: e o velho caudilhismo local revive e floresce, com exuberancia e energia. Os orgãos principaes do poder local voltam de novo ás mãos dos olygarchas territoriaes». E que acontece? «Suffocados até então pela rija disciplina do III seculo, esses potentados, assim libertos pela descentralisação, entram novamente a agitar as aldeias e a perturbar profundamente a ordem legal em todo o paiz».

No Brazil, acha o senhor, «liberalismo significa, praticamente e de facto, nada mais do que caudilhismo local ou provincial»; entre os reaccionarios audazes, pelo contrario, é que «estão as maiores figuras da nossa história». Quem são elles? Olinda, Feijó, Bernardo de Vasconcellos, Evaristo, Paraná, Eusebio, Uruguay, Itaboraahy, Caxias». O senhor não os acha propriamente retrogrados: «No fundo, tambem liberaes, porque homens do seu tempo, o que distingue esses reaccionarios dos verdadeiros e puros liberaes é que nelles o enthusiasmo pela liberdade e pela democracia não chega a turvar nunca a consciencia, que todos têm, das nossas realidades e dos nossos destinos americanos».

São homens dessa natureza que acabam por fazer em 1834 o Acto Addicional, pondo assim, logicamente, diante dos caudilhos, ensoberbecidos pelo Codigo do Processo, isto é, pelas franquias locaes, o poder da provincia.

Mas como esse Acto não destróe ainda o caudilhismo, que, esmagado no municipio, surge, mais temivel ainda, no ambito provincial, Bernardo de Vasconcellos e Uruguay conseguem a «genial creação» (classifica o senhor) da cha-

mada «lei de interpretação», em 1840. Por ella «as olygarchias provinciaes perdem as suas duas maiores forças: a «burocracia» e a «policia». Depois perdem a «justiça» e «as camaras municipaes». Mais tarde a «guarda nacional». Todas as suas armas».

Ponderemos, comtudo: não são forças constituidas e mantidas por essas mesmas olygarchias que, de qualquer modo, sustentam esses reaccionarios politicos no governo?

Nos pampas gauchos e nas caatingas septentrionaes, fautores das mais terriveis revoluções do seculo IV, o centro «emprega, na simplicidade da sua logica de ferro, o puro methodo frontal: e os dispersa a cargas de bayoneta e a poder de metralha». Alem disso, vale-se por toda parte de outro processo: dá aos delegados locaes não só a attribuição de punir os culpados, visando «o cabra, o cangaceiro, o capoeira, o valente das aldeias», como o poder de fazer o recrutamento. Elimina assim, pela dreinagem systematica para o exercito e para a marinha... toda a vaga patuléa» dos «vagabundos e desordeiros ruraes».

Pondere-se ainda: «Em nossa historia social, o regimen pastoril apparece sempre correlato á turbulencia e ao caudilhismo. O trabalho pastoril educa o character para as acções aggressivas; o trabalho agricola é, ao contrario, um sedativo ás indoles mais irritaveis e explosivas: abranda, ameiga, sensibilisa, domestica. Não é, portanto, indifferente á acção legalista do poder a preponderancia de um ou de outro regimen num dado ecumeno. O exito da reacção syncretista no IV seculo é devido, em grande

parte, á emersão da cultura cafeeira nos platós do Rio de Janeiro, de Minas e de S. Paulo».

Como diz o senhor, «outro factor de selecção é o regimen das partilhas». A «divisão forçada do patrimonio das grandes familias as enfraquece... O grande dominio agricola só é grande na sua unidade, dividido desaparece». O regimen do morgadio, «o melhor para a elaboração de uma aristocracia estavel e forte, como é exemplo a «gentry» saxonica, é abolido em 35... «O verdadeiro motivo, o motivo intimo, que justifica essa medida, é apenas o receio da formação de uma poderosa aristocracia hereditaria».

Para a victoria do poder central, finalmente, «ha que resaltar a collaboração de uma força de valor immenso. É o rei». Concordo quando o senhor diz: «Sómente a fidelidade ao rei impede, nessa immensa nacionalidade assim incohesa (que era de facto, então o Brazil), a secessão dos grupos septentrionaes e do grupo platino, agitados todos, no começo do IV seculo, por uma forte tendencia separatista».

Continua o senhor, dizendo muito bem: «Essa luta entre o localismo e o centro, entre os caudilhos e a nação, dá ao rei uma outra funcção, menos apparente, mas mais positiva e efficaz. É elle que se constitue, em ultima analyse, o regulador supremo do jogo dos partidos, o grande dominador dos clans, o repressor da caudilhagem nacional». Em todos os «artificios diplomaticos de D. Pedro, em toda essa innegavel hypocrisia da sua politica parlamentar salva-se o melhor e mais patriotico pensamento de grandeza, pacificação e liberalidade... D. Pe-

dro nos dá meio seculo de legalidade, de justiça, de moralidade».

Não ha duvida que assim é, tanto quanto permittiram as circumstancias.

O senhor proprio o reconhece, logo no prefacio de seu livro: «O sentimento das nossas realidades, tão solido e seguro nos filhos dos capitães-generaes, desaparecem das nossas classes dirigentes: ha um seculo vivemos praticamente em pleno sonho... O grande movimento democratico da revolução franceza; as agitações parlamentares inglezas; o espirito liberal das instituições que regem a republica americana, tudo isto exerceu e exerce sobre os nossos dirigentes, politicos, estadistas, legisladores, publicistas, uma fascinação magnetica, que lhes daltoniza completamente a visão nacional dos nossos problemas».

Os homens, pois, accrescentarei, que governaram com D. Pedro II, — como elle proprio, de certo ponto em diante tambem perfeitamente ideologo, tambem vivendo nas nuvens, — «criam para uso delles (valho-me novamente de suas palavras, meu caro), um Brazil artificial e peregrino, um Brazil de manifesto aduaneiro, *made in Europe*». Fazem assim bovarysno em politica, do que resulta ser o paiz mais mal governado, de justiça e moralidade mais inseguras do que si o regesse:n leis accordes com seu tão modesto estado de cultura real. Quanto mais as leis querem improvisar civilisações não existentes, a recuo maior obrigam o povo para que essas leis são escriptas. Quem tiver de governal-o tem de transgridil-as ou pelo menos de sophismal-as, mas a transgressão, o proprio so-

phisma as desmoralisa, as annulla, pondo em seu lugar o abuso, o arbitrio.

Nada impede que todo esse concurso de factos acima indicados e outros já vistos tenham concorrido para modificar o typo do fazendeiro, mórmente o do fazendeiro do centro-sul, tornando-o cada vez mais sedentario, mais ordeiro, mais pacifico, — tornando-o conservador, afinal, — e, pois, ao mesmo tempo, possibilitando seu apoio sincero, geralmente, áquelles reaccionários contra a anarchia e a barbaria nacionaes. Só a questão do elemento servil, que por tantos annos veiu preocupando os homens politicos, cada vez em crescendo maior, só ella bastava para levar esses fazendeiros a fazer symbiose, tanto quanto possivel, com os representantes do poder, para com estes contarem na hora do perigo. Na proporção em que os chefes ruraes se vão tornando menos poeticos, menos caudillos os vemos, entanto, no sentido pejorativo do vocabulo, e as populações que elles capitaneiam vão ganhando mais relevo na linha do horizonte.

O senhor proprio implicitamente o reconhece escrevendo, quasi ao terminar, este enthu-siastico parographo:

«É aqui que se começa a comprehender a funcção providencial dessas populações centro-meridionaes, o valor inestimavel de suas virtudes pacificas e ordeiras, dos seus instinctos de brandura e moderação, de seu horror do sangue e de lucta. Essas populações são a força ponderadora da nossa vida politica. Essas populações concorrem com a maior porção na formação do escól dirigente. Essas populações

exercem uma ascendencia immensa sobre os grupos regionaes que lhes ficam ao sul e ao norte. No meio dellas está a cabeça do poder, o centro do governo nacional, a séde da realza e do parlamento. Nessa lucta entre as aspirações liberaes e o principio da autoridade, tivessem o liberalismo e a democracia, aqui, para auxiliá-los, como tiveram no norte e no extremo-sul, a lança do guerrilheiro e o cangaço do jagunço, e a grande obra de organização social estaria contraminada e destruida».

Não se poderia tirar uma palavra sequer desse paragrapho, que é uma synthese precisa e eloquente da conclusão que entende o senhor ser de justiça dar á sua Vicenteida.

Depois disto fica-se ancioso por ler sobretudo, esse outro volume, «Educação das classes dirigentes do Brazil», que o senhor nos declara já estar concluido, e ainda a «Introduccão á historia da Republica», em preparo.

No prefacio do substancioso e brilhante volume que estas linhas reflectem tanto quanto me foi possivel, embora resignando-me eu a calar valiosos pormenores, diz-nos o senhor que não quiz ultrapassar aqui o fim do periodo imperial porque depois da abolição «o nosso povo entra numa phase de desorganização profunda e geral, sem parallelo em toda a sua historia».

Assim é. A Republica no Brazil foi uma consequencia do 13 de Maio, que por sua vez representa a victoria do elemento revolucionario em luta com o elemento tradicionalista desde os primordios da phase historica da Independencia. E o novo regimen, nestes trinta e poucos annos que já está contando, é, sob as feições por que

seitem caracterizado, uma resultante da revolução profunda que esse mesmo 13 de Maio produziu na vida organica do paiz.

Os typos politicos representativos da Republica reflectem, de maneira geral, acho eu, o espirito dos seus mandatarios, que são os successores do velho fazendeiro, — desordenados, intranquillos, instaveis, mas nem porisso de instincto menos dictatorial que os seus antecessores, e mais do que estes despídos de escrupulo, de sentimento de justiça. Elles, parece-me, procuram, por instincto, novo ponto de apoio que represente uma transição entre o braço livre e o braço escravo.

Correm, porem, grande risco. O espirito revolucionario, que vem trabalhando o Brazil desde os albores da phase da Independencia, e que não é mais, no fundo, do que o espirito americano em organisação por todo o Novo Continente, tal espirito, uma vez que se veja trahido pelos seus representantes de hontem, poderá esmagal-os, indo procurar no sub-solo social as avalanches capazes de personalisal-o e com elle identificar-se, tanto mais que acham no systema federativo um auxiliar poderoso para qualquer obra de anarchisação e esphacelamento, tanto quanto o está sendo para esta amoralidade politica actual.

Porque os republicanos sentirão mais ou menos tal perigo, quer me parecer, é que, ao par desse baixo e sorrateiro cazarismo, desenvolvem, por outro lado, a temeraria politica economico-financeira pela qual se distinguem tão diametralmente dos honrados e timoratos estadistas imperiaes. Com os recursos que ella lhes

proporciona procuram, sem bem saber, com certeza, evitar essa catastrophe interior. A immigração européa, o aproveitamento das nossas riquezas naturaes, a solução do problema de communicações maritimas e terrestres, mais facéis e promptas, a instrução publica sob todos os seus aspectos, mas acima de tudo o profissional e technico, o saneamento urbano e rural, o serviço militar obrigatorio; tudo visa a organização do paiz por modo que a elevação do padrão de vida, o contacto social e mercantil mais intenso, a melhoria do nivel intellectual mais a de saude, concorram, não só para dar mais effi-ciencia ao paiz na luta com as outras nações, mas tambem, aparentemente em contradicção com a baixa politica compressora, para desenvolver um espirito nacional menos subterraneo, mais intelligente que o que temos até aqui, e que se caracterise por franca solidariedade entre o povo e os republicanos, cousa que até hoje ainda não se sentiu muito bem existir.

Ao menos isto significará ser mais appa-rente que effectiva a nossa decadencia moral sob o novo regimen, mostra que este recuo se impõe temporariamente por uma necessidade de accommodação ás condições em que o 13 de Maio veiu lançar o paiz, sem que, entretanto, nos faltem aquella seiva, vitalidade, coragem e espirito de iniciativa característicos dos paizes novos quando são viaveis.

Pena é, comtudo, não vejamos bem os nossos improvisados estadistas que, emquanto delineiam e vão executando como podem esse plano, correm o risco de entregar o paiz á devastação e ao predomínio de estrangeiros immigrados ou

cujo capital aqui se applica, nos termos em que o denunciou Alberto Torres, achando-nos assim ante um duplo perigo: o da anarchia e o da absorpção com desbarato.

Uma historia da revolução por que passamos e uma critica da educação das nossas classes dirigentes, feitas por quem tenha o sentimento das nossas realidades, são livros, pois, que hoje, mais do que nunca, as nossas condições sociaes e politicas solicitam.

Com a publicação deste primeiro volume sobre as *Populações Meridionaes do Brazil*, além de tantas outras qualidades eminentes, mostra o senhor estar em condições para produzir toda uma obra em que tal sentimento se sobreleve, sem que deva esquecer, no entanto, uma cousa: que o bovarysimo em politica de certo ponto em diante nos é organico, porque em ultima analyse elle revela em nós a capacidade idealista, como o revela, mais ou menos, aliás, em todo americano. Quem o esqueça por força que será de espirito pratico muito myope.

Queira, meu patricio, aceitar estas palavras, com que ultrapassêi, bem vejo, as proporções naturaes a uma carta, como uma manifestação, em todo caso, do alto apreço que tributa ao seu grande talento e aos seus esforços o

collega e admirador

«A CIDADE DE OURO»

por Murillo Araujo

Rio, 30 de Julho, 1922.

Meu prezado MURILLO ARAUJO,

Dizem-me que pretendes publicar em volume á parte «A Cidade de Ouro», agora pelo Centenario.

Acho que farás muito bem. Aquelle poema, caracteristicamente descriptivo, conseguintemente ligado ao genero épico, precisa vir sózinho para produzir todo o effeito de que é capaz: sobretudo, é erro grave, — parece-me, — offerecel-o á leitura com duas obras quaes são «Arias de muito longe» e «Estancias á Chimeira», uma precedendo-o e outra succedendo-o.

Bem sei que és um symbolista extremado e que taes poetas não têm o senso do que seja na verdade o epico, quero dizer, não comprehendem que alguém possa cantar de um modo exclusivamente objectivista, esquecido de si e de

sua vida interior. Elles, quando muito, têm o senso do dramatico, isto é, do genero em que o objectivo e o subjectivo se casam. É uma consequencia do individualismo extremo dos tempos actuaes. As «Folhas de Relva», de Whitman, «Assim falava Zarathustra», de F. Nietzsche (que afinal de contas é um poema sem versos propriamente ditos), e as differentes «Cidades» mais as «Forças tumultuosas», de E. Verhaeren, são os canons por que se regem os de tua familia, quando tratam em verso de outra cousa que não seja propriamente ou pelo menos indirectamente o seu eu. Em qualquer uma dessas obras o poeta nada tem da modestia de um Homero, de um Vergilio, de um Camões, os quaes nos parecem, ao acabarmos de ler suas epopéas, estar quasi hombro a hombro connosco contemplando como nós contemplamos cá debaixo a grandeza do monumento que levantaram diante dos nossos olhos para a eternidade.

Direis vós, os symbolistas, que, contudo, um mestre supremo ha seiscentos annos vos justifica, — o autor da «Divina Comedia», — nesta envolvendo-se de começo a fim, quando, entretanto, ainda estava longe de raiar o movimento individualista. Em verdade assim é. De onde não faltará quem induza que a epopéa segundo a concepção classica só foi verdadeiramente compativel com o mundo pagão, e que Camões, Tasso, quantos outros imitaram os antigos em vez de seguir o exemplo do Dante, foram relativamente anachronicos, e como taes produziram obra, já para seu tempo, até certo ponto convencional, até certo ponto imperfeita. É muito plausivel sustentar-se que depois de Christo, que fez

do mundo para sempre o palco da vida sentimental, é tão errado esculpirmos-se estatuas sem olhos como o poeta excluir-se do seu poema.

Tratando-se do teu caso pessoal, na obra em questão, poderás defender-te dizendo que fui de proposito enfechaste num só volume aquellas tres composições porque entendes haver unidade entre ellas, — unidade secreta, si quizerem, mas effectiva, entre «Arias de muito longe» e «A Cidade de Ouro», porem unidade patente entre este ultimo poema e «Estancias á Chimera», sendo porisso que puzeste no livro o titulo geral de «A Cidade de Ouro». Em «Arias de muito longe» terias querido dar primeiro uma imagem do poeta que em seguida ia cantar a Cidade de Ouro, dotando assim como de uma prothophonia o poema propriamente dito, proporcionando ver vindo chegar lá de um horizonte distante o trovador, de ares algo medievos, como numa opera de Wagner. Em «Estancias á Chimera», tua intenção fôra, pelo contrario, darnos a imagem a um tempo desilludida, mas ainda maravilhada do heróe, — desilludida porque ora reconhece modestamente a vanidade do seu sonho, não tendo o canto correspondido ás suas intenções:

«ao tocar tua aza.. ella quebrou-se...
a tua aza estellar despetalou-se
num céo morto de tarde illuminada!»

Ainda assim, em todo caso, maravilhada,
pois na

«hora azul de euphoria e de graça gloriosa,
quantos reinados opulentos,
quantos vergeis de sol, quantos palacios lentos,
quantos triremes de ouro velho aos ventos
surgiram!»

O certo, comtudo, é que temos a impressão de que um e outro desses dous cantos o que fazem é prejudicar o effeito do poema central, é transbordarem nelle estabelecendo certa confusão, certa obscuridade, como aconteceria com uma joia cujo escriptorio de velludo, apenas entreaberto, ensombrasse-lhe, bivalve, os encantadores aspectos.

Isso procede, a meu ver de que, si «A Cidade de Ouro» não é um poema rigorosamente epico, o é, comtudo, por modo bem predominante, emquanto que «Arias de muito longe» e «Estancias á Chimera» são composições nitidamente lyricas. Não podem, assim, constituir unidade.

Todos esses poemas são guindados, preciosos, excessivamente *bem feitos*. O refinado literato de hoje, só elle é que os póde bem sentir; não é qualquer leitor que, siquer, os entenderá razoavelmente.

De «Carrilhões», teu primeiro livro, para este vae a mesma differença que se notaria num moço de convivencia relativamente simples voltando de uma viagem ao mundo em que se lhe houvesse proporcionado frequentar complicadas rodas, embora altas e dignas.

Até «Carrilhões», o Guerra Junqueiro symbolista, Eugenio de Castro, Antonio Nobre, Cruz e Souza e outros assim, teriam sido os mais refinados poetas que influíram em teu espirito.

Agora, porem, Whitman, Verhaeren, Nietzsche, Ruben Dário e outros dos principaes poetas hispano-americanos propriamente modernos, como, alem desses, subidos esthetas, Ruskin, Rodin, C. Coquiot, M. Mauclair, etc., e as obras dos artistas por estes estudadas que pudeste pelo menos indirectamente conhecer; tudo isso reflectes.

Como, entretanto, «Carrilhões» foi uma linda, uma encantadora promessa, embora já no seu amaneirado e no seu nephilibatismo caracterisasse um epigono do symbolismo lusitano e brasileiro; este volume actual é a obra que mais vivamente condensa em nosso paiz, até aqui, o que seja a poesia lá fóra nos typos mais culminantes entre quantos influenciam mui sensivelmente a atormentada hora actual, com excepção dos chamados penumbristas.

«Arias de muito longe» e «A Cidade de Ouro», principalmente, encerram cantos de extraordinaria belleza, por modo tal que, máo grado seus defeitos, este livro, a meu ver, impõe-te, chronologicamente, como um poeta superior ao qual não vejo nenhum outro depois de Hermes Fontes e de Pereira da Silva. Elle, «O Jardim das Confidencias», de Ribeiro Couto, e «A Lampada Velada», de Hermes, são, para o meu gosto, os tres volumes de versos mais bellos que ultimamente appareceram no Brazil, publicados por moços, — pelo menos dos que eu pude ler.

Em «Arias de muito longe», a «Aria do Sonho», a «Aria perdida» e a «Aria da Noite», estas, sobretudo, são numeros de valor muito singular. Não sei quem possa ler a ultima, com

a capacidade necessaria para bem aprecial-a, que a não ache preciosa, até no bom sentido da palavra. Recordemol-a?

«Naquella hora vazia,
naquella noite brava,
naquella hora possessa
de ventania fria—

no teu salão a pendula avançava
depressa, depressa,
marchava, marchava,
corria, corria,
na pressa de marcar as horas de alegria!

«A lampada clara
espelhava em redor naquella hora tão tarda
um olhar maternal de chamima e de ouro...

«E era outra lampada sem jaça
teu perfil louro,
que illuminava
com um resplendor de adolescencia e graça!

«Mas naquella hora baça
eu era «alguem que passa»
na ventania fria...
olhando, olhando a luz sorrir lá na vidraça
de teu palacio que sorria!

«Chovia.

«Lá dentro o teu salão dourado
era o sonho — era o Sonho illuminado!

«Cá fóra aos ventos, de déo em déo,
era a vida
escurecida..
perdida
entre as lagrimas do céu!

«Lá dentro o Sonho; cá fóra—a Vida em turbilhão!!

«E as portas do Sonho não se abrirão!»

«A Cidade de Ouro» é uma verdadeira novidade em nossas letras.

Os românticos não puderam fazer cousa assim. «Rio de Janeiro e Napoles», de Gonçalves de Magalhães, será eloquente, mas como tela propriamente dita não tem valor. Porto Alegre era profuso de tintas; faltava-lhe, porém, muitas vezes, poesia, como dizem que era antes poeta, si porventura de pincel na mão. O «Gigante de Pedra», de Gonçalves Dias, tem muito de eloquente e bastante de escultural, mas é sem tinta, não havendo, como não havia, no grande maranhense nenhum senso em tal sentido; demais, é de assumpto carioca, porém muito restricto. Castro Alves, já mais proximo dos naturalistas, que são aquelles com quem veiu nascendo mais generalisadamente o gosto pelo pictural, fôra capaz de enfrentar o assumpto com grande felicidade, si a sua epoca lhe solicitasse o grande estro em tal sentido. O «Crepusculo Sertanejo» basta para demonstral-o. Acho que só elle, pois o proprio Fagundes Varella, embora tambem avisinhando-se dos naturalistas, como demonstra em tantos trechos do «Evangelho das Selvas», não creio que triumphasse no caso, porque Varella só chegou a ser grande poeta no genero lyrico.

A mais de um dos nossos parnasianos, sobretudo a Alberto de Oliveira, não falta palheta. Quasi todos a tiveram, e em mais de um

caso tintas bem escolhidas ou bem ricas. Não deixou também de haver entre esses poetas quem trouxesse o senso epico. Elles foram, porem, como, aliás, os poetas francezes que mais ou menos imitaram, — como direi? — excessivamente staticos, quando de facto parnasianos, — procedendo o parnasianismo de uma volta á Hellade, á serenidade do Olympo. O que lhes permittiu fazer obra mais variada, animada, humana, mesmo tropical, foi em grande parte aproveitarem a herança que lhes deixaram os romanticos e versarem com amor os classicos, dos quaes também hauriram o quanto puderam, embora com muita selecção, com muito tacto. É porisso que nas paginas dos mais altos representantes dessa escola encontra-se muita impressão directa da natureza brazileira. Da natureza carioca propriamente dita, porem, de modo flagrante, ainda quasi que nenhuma.

B. Lopes e Mario Pederneiras é que começam a ter a sensibilidade necessaria para chegar a exprimi-la. Effectivamente, só os representantes do symbolismo, que todos são mais ou menos impressionistas, — dynamicos, consequentemente, por excellencia, — contagiados pelos pintores seus contemporaneos, é que puderam preferir á natureza rural, puramente bucolica, os movimentos, os febris aspectos da *urbs*. Mesmo assim, aos dous poetas por ultimo citados o que os inspira no mundo urbano, peculiarmente no Rio, é ainda a esplendida, a incomparavel moldura que a natureza circumdante representa nas suas lindissimas praias e nos seus profusos alcantis de perfil imprevisto, ou então os lares, quer por seus curiosos aspectos materiaes, quer

pela grande ternura da nossa vida de familia. Em ultima analyse, o que elles podem fixar, portanto, é o que o Rio nos offerece de mais pintoresco ou de mais naturalmente lyrico. Um e outro deixaram em tal genero varias producções feitas com certa toada nossa, e de frescura, ingenuidade, suggestão tão raras, como talvez, meu caro poeta, tu não tenhas conseguido fazer quasi que em pagina alguma do teu interessantissimo poema.

Teu grande merito, porem, está em que és o primeiro a arcar, em verso, peito a peito, com o Rio, por inteiro, tanto no que, diante da sua vastidão, já descomedida, mais facilmente elle seja poetisavel, como nas suas mais tumultuarias, complicadas ou de qualquer modo ingratas representações. Fizeste com o Rio o que Whitman fez com os Estados Unidos e Verhaeren com as cidades «tentaculares» de Europa. És, pois, para nós, um poeta *novo*, propriamente dito; tiveste de crear, mas crear verdadeiramente de principio a fim.

Por que sentiste tal necessidade e tiveste coragem bastante para te arrojares a satisfazel-a?

Foi justamente porque te encontraste com esses dous grandes mestres cujos nomes acabo de citar.

Whitman é o poeta americano por excellencia, mas ao mesmo tempo é o homem-cosmos, como o chamam, sem o que, aliás, não seria verdadeiramente americano. Elle é o irmão de todos os homens, não importa o paiz nem a raça, ou antes é a alma irmã de todas as almas; comprehende e justifica, pois que são hu-

manas, todas as paixões. Além disso, tem pela natureza agudo sentimento de confraternidade: pelas marinhas e pelas paisagens vibra como vibrava S. Francisco de Assis ouvindo o canticó dos passaros. Ao demais, vive tão inspirado nas tumultuarias e congestionadas ruas *yankees* como si vivesse em natureza umbrosa ou descampada, — vive reconhecendo a espiritualidade dos seres mais anfractuosos, até mais abjectos, e espiritualizando todas as cousas, o ambiente central que cheira a bitume e graxa, como o caes atulhado de fardos, com gigantescos guindastes e formidaveis transatlanticos, baforando fumaça, turvando-nos a vista e irritando-nos a garganta, a pituitaria.

Diante, porem, de Verhaeren, Whitman já vem a ser um plácido. Verhaeren traz o cerebro em braza, os nervos numa distensão descomedida, a alma sombriamente preocupada. Whitman é do tempo em que Hegel fazia proselytos, e foi seu proselyto; ainda não tinha que pensar na questão social propriamente dita, que nasceu de hontem para hoje. Mas tambem não conhecia o telephone, o aeroplano, o automovel, o cinematographo, o telegrapho sem fio. Pois que Verhaeren os conheceu, foi, apesar de tudo, um vertiginoso, um euphorico, um paroxista, diante do qual o grande americano talvez se alarmasse. Depois, o belga, convivendo com os pintores mais ou menos impressionistas do seu tempo, e representando uma hora ainda mais scientificista que a de Whitman, recorre a tão carregados e complicados processos estheticos, que é quasi sempre arduo e chega muitas vezes a ser prosaico. Tudo isso não im-

pede que elle fosse ainda mais caracteristicamente o epico da Cidade Moderna do que o foi o grande americano, seu glorioso prototypo.

Antes de nós, já os hispano-americanos se haviam inspirado em taes mestres, accordando para a nova poesia com o exemplo heroico de Ruben Dário. Ainda agora acabo de ler as «Autoc-tonas», de Enrique Bustamante y Ballivian, nosso illustre hospede até ha pouco, que distinctamente attestam esse facto, mesmo sob o aspecto a que me venho referindo. Sei que conheces esses nossos irmãos transandinos e transplatinos. Não teriam elles concorrido, em parte, para a tendencia condoreira, no fundo mais rhetorica do que poetica, que na «Cidade de Ouro», sobretudo, se desenvolve e ainda mais complica tua factura, já guindada pelo preciosismo symbolista que trazias desde os «Carrilhões?» Nós a tivemos e accentuadissima, é certo, com os românticos da ultima phase; mas, assim alliada tão intimamente ao descriptivo como em ti se nota, nem Luiz Delfino, nem Murat, nem Cruz e Souza, que nesse ponto foram os herdeiros de taes românticos, nem mesmo elles a têm.

Tua juvenilidade e essa emphase, aliás mui propria do hespanhol e do portuguez, é o que principalmente te distingue na «Cidade de Ouro» daquelles dous grandes mestres, o norte-americano e o belga, que te abriram caminho.

Por tua juvenilidade, em parte, o que em Whitman é verdadeiramente fraternal, organicamente «cosmico», parece-nos nas tuas paginas mais consequente de euphoria transitoria, sobretudo a julgarmos de tua attitude normal na vida pelas «Arias de muito longe», (já não que-

ro falar dos «Carrilhões»), onde antes nos dá a imagem de um nephelibata, no melhor sentido da palavra, meio desilludido com relação ás proprias mulheres, vivendo, porisso, num mundo quasi abstracto, do que a de um conciliado com todos e com tudo, quasi que cynicamente, como o foi o bravo operario dos Estados Unidos que acabou resolvendo abandonar a officina afim de evangelisar nas «Folhas de Relva» a nova confraternidade, visto sentir-se para semelhante obra nascido.

Com effeito, não falta na «Cidade de Ouro» o que se chama interesse humano, sympathia humana pelos felizes e pelos infelizes, de que nem siquer indagas a origem pátria e nem queres ver primeiro a côr da epiderme. Tu os pegas em massa, á hora meridiana,

«hora de faina diurna esplendida e sonora,
inferno de ancia e luz, victoria quotidiana,
teima audaz de vencer, furor que se afervora
com a vida a renascer mais bella a cada hora!»

Vemol-os desfilar:

«Sombras e sombras—sombrias na ancia allucinante
de um impossivel «bem», de um remoto «melhor»!
Passam, passam em paz... Um passante e um passante..
O menino, o ancião, a modista, o estudante,
o operario a sorrir, grave, unguido de suor..

o pastor para quem o campo é o mundo,
o Mundo,
e o marujo que vio. longe, além do mar fundo,
uma Islandia perdida em nostalgico fiord..

(«E os sinos zoando,
os sinos murmurando:
...quantos destinos!
quantos destinos!»)

«O ebrio e o heroe, o réo de morte e o missionario..
e a cortezá! e o millionario!
(a museria dourada, a opulencia dorida...)
o sabio, o visionario
e a sombra do suicida!

«Mas sinos zoando—oh sinos que alto oraes ditando
tantos destinos —
há um só destino e é bello: a Morte!»

Ou então á tarde, nas «praias que se abra-
çam ao mar», onde

«ha um florir de vestimentas claras,

nos fazes ver

«Que faces venturosas
se debruçam, além, nas balaustradas raras!
Jovens de carnação dourada e rosto lindo
resvalam de onda em onda, esplendidas, sorrindo
com a alegria e o amor nas feições luminosas.

«E o mar ao poente
é um mar de rosas..

«As creanças em charola innocente e garrida
erguem nas praias chãs com a areia polida
as mesmas torres vãs que ainda erguerão na vida...

«Nas praias ha um cantar de risos e de vozes..

«Passam carruagens numa elegante corrida.
E as luzes dos pharóes das carruagens velozes
São estrelas dansando uma dansa florida».

Si queremos encontrar-nos ainda com a multidão, nol-o proporcionas votando, lá muito para diante, rosas de ouro em

«Louvor pelas galas gloriosas,
pelos risos sensuaes, pelos canticos de ouro,
pelos clamores de alegrias tumultuosas
ao sol dos sóes,
pela Alma em fervedouro
que é a cidade em festa applaudindo os heroes!»

Já no canto seguinte nos falas, por contraste, d'

«os bairros da pobreza»,

das

«Bancas na aba dos outeiros escabrosos
com um chão de labyrintho e um ar de escondedouro:
beccos que escondem no antro os vultos dolorosos
de criminosos
e de pobres vergonhosos;
morros sem arte, ingenuos, simples, e descalços,
cheios de voltas vãs e de desvios falsos;
viellas que toda a gente odeia... é nem conhece».

Depois ainda precisas melhor:

«Pobre cidade humilde! O morro aspero e longo..
... A ladeira em terraço..
... as ruas do Vallongo
debruçadas no azul, florindo para o espaço..
... A Madre-Deus além com sua velha igreja;
e Santo-Christo dos Milagres noutra ermida,
que espalha pelo azul pombas em revoada..
Mas véde o panorama! Ao sol a enseada
estrelleja? estrelleja..
florida em mastreações de bandeira florida.

«As capelinhas do alto obscuras e modestas,
com as roseiras em bróto,
alçam palmas de glória, erguem rosas de festas
em corôas de voto.

«E sobe o fumo das perdidas casinholas,
que se cortam no céu entre vôos de anús.

«Mocinhas a cantar regressam das escolas.

«Os velhos nos portões, á espera das esmolas,
tem as calvas e as cans numa aureola de luz.»

«E em plena rua, ao sol, ha pecurruchos nús!»

Querendo mais, ainda podemos ir encontrar-nos, noutro canto, com

«a cidade em preces innocentes
de amplas naves de aurora, ermos cyrios ardentes,
tintinabulos de ouro e offertorios dolentes!»

Depois tambem:

«Rosas de ouro em louvor da funerea belleza
Dos Palacios da Dôr»,

os hospitaes, os hospicios, os necroterios. Vemos
como

«Nos balcões de hospital ao alto das collinas
os doentes olham o mar... os espaços ignotos.
Olham cheios de inveja as viagens peregrinas.

É os enfermos tão sós! Em torno, em torno
é um mundo de melancolias!

Mundo sombrio, supplice, silente!
Os prostrados dormindo um somno exangue;

Os bisturis da sciencia em regelado côrte;
 Os feridos em purpuras de sangue;
 Os loucos num clamor de demagogos,
 vivando imprecações de toda sorte...
 e os leitos funerarios:
 as virgens sobre os marmores mortuarios
 nuas e inviolaveis como a morte!»

Finalmente, os cemiterios:

«jardins da lembrança
 «dos paraisos floraes da bemaventurança,
 onde, em mansa attitude,
 sonham sonhos em flôr os mortos no ataude!»

Si, entretanto, já é deficiente a côr local que imprimes ás cousas, falando-nos do variado scenario onde se movimenta a multidão carioca, a esta é que menos caracterisas ainda. Não te vemos nem uma vez em contacto intimo com qualquer de suas classes, quanto mais com qualquer de seus typos, de que nos dês uma mascara mais ou menos precisa. Tem-se a impressão de que por todos te interessas, talvez muito, mas de longe. Parece-nos ver o nephelibata da «Torre de Marfim», a quem seduzem agora novas theorias, mas que ainda conserva um ar muito *distante*, por timidez, não por orgulho, — receioso de contactos directos que o possam desilludir, matar-lhe a inspiração.

Sentimos-te bem mais a teu gosto quando sosinho com a natureza, mau grado a responsabilidade que tomas sobre os hombros de nos pôr diante dos olhos essa deslumbradora, feraz, gigantesca moldura, que não só rodeia como se intromette de espaço a espaço pela

urbs carioca, seccionando-a em multiplos quadros de aspectos e planos tão diversos..

É cinzelando rosas de ouro» em louvor

«da visão liminar—
a primeira visão da cidade, a raiar
como um astro, na sombra, entre as aguas do mar»;

ou então

«em louvor da cidade dourada
á hora matinal»,

e á «hora vespéral», e á «hora nocturna», como
tambem em louvor da «cidade marinha», ou da
«cidade florente»,

«que se adorna e engrinalda
serenamente
de collares de rosas e de jasmíns»;

ou ainda

«em louvor das serenas collinas,
dos poisos de verdura ao céu aberto,
das rochas musicaes — das aguas diamantinas;

ou tambem

em louvor da hora serena e fria
em que a chuva tintina e tremula desfia
perolas pallidas em pedraria»;

ou, finalmente, «da hora suave» do nosso quasi
hypothetico inverno, hora

«em que vòa
sobre a paisagem clara uma bruma de incenso»:

é, sobretudo, então, que nos deslumbras com todas as tintas de uma prodigiosa palheta, de preferencia nas côres e nos tons offuscantes e quentes, com todos os recursos de uma poetica e de uma rhetorica néo-bysantinas, cheio de figuras e de innovações, — em estrophações livres, em versos asymetricos e tantos delles estonteantes nas novas cesuras e tonicas que lhes impões para fazel-os onomatopaicos ou de qualquer modo mimeticos, nos echos que propositalmente produzes, nas repetições emphaticas, nos expletivos, e numa lingua certo bem cuidada, certo que nobre, mas a teu modo, cheia de licenças voluntarias no que se refere á semantica, ao neologismo, de raro em raro ao anachronismo, ás flexões verbaes, ás notações lexicas e syntacticas e até uma vez ou outra á propria syntaxe, sempre que te parece preferivel ser novo ou heterodoxo a reproduzir frases feitas, a utilizar vocabulos e expressões que já tens por inexpressivas ou a obedecer a regras na tua opinião anti-esthetics para o caso.

Tudo isso, entretanto, empasta, muitas vezes, ou estonteia, desorienta, concorrendo para o obscurecimento do sentido e para nos dar a impressão do muito procurado.

Demais, paginas e paginas deslumbram-nos com a sua descriptiva, mas sem que nellas ao menos encontremos o que se chama um ponto de referencia pelo qual possamos reconhecer mais facilmente o local, a paisagem, a mariñha de que se trata. Vemol-o, então: é de um grande scenario tropical que o poeta nos fala; mas, pelo que elle diz, reconhecermos que é peculiar-

mente do Rio de Janeiro, isso não pode ser, por mais boa vontade que tenhamos.

Começando-se a ler o poema, só após o *Offertorio*, todo o primeiro canto e grande parte do segundó, é que deparamos enfim com uma referencia bem determinada, com

«o Flamengo

— crochê de cantaria clara á orla do mar»,

que nos diz onde estamos, deliciando-nos com essa revelação, para nós outros, conhecedores do Rio, tão suggestiva, tão encantadora.

Depois disso, paginas e paginas devoramos, tomados do mesmo tormento, quero dizer, deslumbrados com tantas bellezas, mas como passaros voando que não soubessem ao certo para onde vão, até que no decimo canto, em que nos dá

«Rosas de ouro em louvor das serenas collinas»,

temos a ventura de ver que

«O cabeça da Gavea esculpe no ar,
perfil de rocha viva,—a silhueta do Dante—;

e que

«A Tijuca sorri nos seus floreatos terraços
com suas villas, seus pomares e seus paços»,

emquanto o Sylvestre parece um

«jardim da Babylonia»,

em cuio alto

«murmura a voz canora do Aqueducto...
voz de luto
e de sonho...»

É nesse canto, igualmente, que, com tanta belleza, nos falas d'

«Os morros ao sol pôr, do Corcovado á Urca»,

morros que

«tomam colorações de lacca preciosa,
violentos tons de architectura turca...
tons de azul, de violeta e de indigo e de rosa.
É o prenuncio de luar ráia o roseo e o violeta
de incrustações de perola e malacacheta».

Não faltam por todas essas paginas até o final do poema, trechos assim, que se podem dizer magnificos, e que fazem achar-se até funda volupia em irmos estonteados viajando, como si nos levasse vertiginoso avião.

Ainda nesse mesmo decimo canto, por exemplo, depara-se-nos a descripção daquelle cahir da noite visto das alturas das nossas magestosas collinas, trecho que por sua belleza inteiramente nova, por seu intimo ardor, por seu poder suggestivo, é um trecho raro, a meu ver, na poesia brasileira:

«Oh luz rasoira dos deuses, luz dos poentes!
Quantas vezes na altura entre alcantis silentes,
Tu alongaste a minha sombra enorme — enorme,
e fugidia e desconforme,
extendendo-se além num abraço á cidade,
pelos outeiros, pelos vales até o mar!

«O ambar dos ipês dourados se despenca.
Os grillos cantam no ar parado e morno.
Em clareiras ornadas pela avenca
O poente explende illuminado a «giorno».

«(Os grillos cantam no ar parado e morno...)

«No val, salão solemne que deslumbra,
no silencio e nas musicas das mattas,
ha tal serenidade e tal penumbra —
que as primeiras estrellas com seus lumes
descem vertiginosas e insensatas..
descem montadas sobre vagalumes
em farandulas de ouro intemeratas!

«E ha rondas luminosas pelas mattas!

«E, então, quem vem lá no alto e se apresenta
erguendo a luz alvissima e redonda?!
A Noite — a noite, bailarina lenta,
com o pandeiro da lua, entra na ronda!»

Até o que possa haver de gosto duvidoso,
de hespanholismo na derradeira imagem que nos
offerece tal quadro, torna-o moderno, impre-
visto.

A imprecisão com que nos fazes passar pelos
olhos a humanidade carioca, contrasta com o
entusiasmo juvenil, sul-americano que revelas
falando-nos dos nossos recentes

«boulevards de um córte audaz, moderno»,

e cujo

«traçado
alvo e florente,
é como um sonho em marmore sonhado
e esculpturado immorredouramente».

«Rojam-se á poeira os casarões,
E, reluzentes,
na alegria de côr das reedificações,
brotam da poeira morta em clara columnata
porticos de ouro e glória... architraves albrantes...
zimbórios de ouro rutilo e de prata!»

Não vês ou não queres ver o que ha de monstruoso e tantas vezes até de ridiculo em quasi toda essa, necessariamente, passageira architectura actual, assim como quasi que em toda a estatuaria das nossas praças e dos nossos parques. Cega-te, por certo, menos que a falta de boas noções a tal respeito, a euphoria de que estás tomado, e alem disso um proposito optimista, sinão patriotico.

Felizmente que lá mais para diante consagras

«Rosas de ouro, rosas mortas e mansas
em louvor do passado e das velhas lembranças»,

voltando-te para

«os pardieiros banaes de feitos burguezes
com o triste e velho tom das cousas que se foram
em barroco imperial nos bairros portuguezes».

Lembras as

«ruas sem sol, tão velhas»,

do

«Brasil Colonial...»

evocando

«O reinado... Os Braganças,
«As berlindas de outrora... as liteiras fechadas...
E em desfilada ao sol, num piquete de lanças,
polvilhado, vestindo o gibão official,
D. João VI sorrindo... em seu coche real!»

Vês que

«Além, num paço antigo, inda entristece e assombra
a gloria dos Inconfidentes;
e ora talvez, á noite, alva e silente, a sombra
de Tiradentes».

Afiguras-te que

«No saudoso salão daquelle outro palacio,
entre figuras de uma esquecida feição,
vaga o perfil ancião de José Bonifacio,
de rabona e espadim, com uma pasta na mão,
grave e sereno, o gesto triste, o olhar ao longe
num sonho de ambição».

Representas-te ainda que

«Na Quinta Real, resurge em velhas alamedas
D. Pedro, o romanesco em romanescos mantos,
e ao longe lhe sorri dentre as rosas e as sedas
Domitilha, a feliz marquiezinha de Santos».

Finalmente achas que

«além sonha-se ver, noutro annoso caminho,
o vulto de outro Pedro, o glorioso monarcha...
E passa...
E tremem no ar como pendões de linho
as suas barbas reaes de ingenuo patriarcha».

Votas até uma estrophe ao

«Velho burgo ancestral dos casarões sem brilho
com fachadas banaes de pedra e de azulejos;»

burgo em que ha o

«quarteirão commercial com pedras de ladrilho
aureoladas de sol em chammas e lampejos».

Cantas assim a

«cidade colonial das viellas de humidade,
velhas, com o mofo azul e suave da saudade».

Votas-lhe esses versos felizes, sentidos, e lhe
dizes por fim:

«Dorme o somno feliz das anciãs, doce e austera,
sombreada pela idade...
«Dorme e serena espera!

«Espera a gloria de alvorada
e o dia claro de risonha redempção,
sonoro e novo — em que de tua derrocada
palacios de ouro se levantarão».

Pronuncias-te pelo futuro, conseguintemen-
te, depois de pagar com aurea offerenda tua di-
vida de piedade ao passado, — mais de piedade
que propriamente de admiração.

Com todo o ar medieval que, confirmando
o poeta dos «Carrilhões», ainda nas «Arias de
muito longe» flagrantemente assumes, vaes sen-
do cada vez mais conquistado pelo tempo a que
pertences, pela hora em que vieste. Ainda bem,
aliás, porque ou representas sobretudo essa ho-
ra, ou és bem caracteristicamente desse tem-

po, á tua maneira, ou hão de ser outros que o simbolisarão.

Encantou-me deveras, por certo modo, meu caro poeta, ver-te embriagado, não só com a Cidade de Ouro, mas com a volúpia moderna, dannunciana, de apanhar-lhe a imagem, mettido num auto,

«em corrida esfusante»,

por modo que pudeste vel-a

«transfigurada em fugacissima miragem pela velocidade hallucinante».

Sinto bem o que então nos dizes:

«Quando eu me engolpo neste sorvedouro, numa corrida entusiastica de ancia veloz, num vehiculo doido em turbilhões e pós, julgo entrar outra vez no paiz da Chimera, no «reino tal que ainda um mais lindo não ha!...» na legenda feliz — outra idade... outra era... Canaan ou Cythera, Ispahan ou Bagdah!»

Nessas condições, comprehende-se que nos informes entusiastico:

«Percorro panoramas gigantescos...
pains de velhos contos romanescos...
— Arvores e jardins, palacios de avenidas,
grandes atrios de luz em varandas floridas
passam, passo — veloz,
numa nevoa de fumo e de poeiras após!»

Que differença, dentro de tão poucos annos, entre esse modo por que um poeta faz bohemia

no Rio, bohemia legitima, não ha duvida, — pois nessas cousas o estado d'alma é que influe — e aquelle porque nós outros, Cruz e Souza, Tiburcio de Freitas, Mauricio Jobim e eu, andavamos soturnos, embora intimamente abrazados como ninguem tem andado mais neste Rio, percorrendo as aléas dos jardins publicos ou ruas sombrias da cidade, que cheiravam á lama ou cheiravam a pó, quasi sempre á noite, lembrando um pouco os primitivos christãos, quando perambulavam murmurando por entre as catacumbas!

É, entretanto, da floração que ao Poeta Negro, sobretudo, suscitaram essas deambulações quasi somnambulicas que raia o inicio da hora presente, ambiciosa, tumultuaria, mas já tão séria, tão respeitavel, em que vens com essa turba entre moça e quasi creança tua coetanea, querendo fazer um novo Brazil, um Brazil mais na posse de si, e por isso menos utopista, porem ao mesmo tempo mais integrado ao mundo, mais na hora em que este de facto se acha, sem fugir á grande responsabilidade que tal solidariedade nos dê, pretendendo assim, por uma vez, renunciar ao dilettantismo caracteristico das terras mentalmente ainda coloniaes.

A tentativa tão linda quanto arrojada que a concepção d'«A Cidade de Ouro» representa, e o exito, incompleto, embora, que seja, colhido na realisação deste teu sonho temerario concretisam perfeitamente na poesia essas tendencias, — tão americanistas e nacionalistas, mas tambem tão universalistas, como nenhuma outra nossa geração as manifestou bem assim. Concretisam-nas e demonstram que não vae nellas um

sonho vão, que pelo menos em parte já temos direito a sonhal-o, porque de facto já estamos querendo pensar e agir por conta propria, para merecer entrar no convívio do Mundo propriamente dito, contando elle como uma personalidade a mais.

O que ha de falho em teu risonho e offuscante poema, caro Murillo, em parte se deve attribuir á idade em que ainda te achas, em parte aos defeitos ou ás deficiencias da esthetica actual. Os primeiros symbolistas, que pretenderam isolar-se aristocraticamente na «Torre de Marfim», erraram por falta de contacto verdadeiramente humano e produziram obra de estufa, que de prompto envelheceu. Os ultimos, os que já confinam com os futuristas, envolvendo-se no grosseiro e tremendo tumulto do tempo, no antes da Guerra, na Guerra e no após a Guerra, forçosamente febricitantes, desordenados e desmedidos serão. Tu participas de uns e de outros. É natural que de uns e de outros tenhas os defeitos.

Alem disso, é preciso ver-se que um scenario como o do Rio de Janeiro, scenario tropical e sul-americano, grandioso e sem par nos seus aspectos physicos, *sui-generis* na humanidade que aqui tumultua, é um assumpto quasi virgem, para o verso, que só por successivas tentativas logrará victoriosamente dominal-o. O que conseguiste fazer, sobretudo sob o aspecto pictorico, já é, em todo caso, consideravel.

Grande parte do que hoje se nos afigure excessivo na tua quente e complicada pintura, talvez que o futuro reconheça como uma anticipação divinatória da nossa arte propriamente

dita, aquella que se imponha correspondente ás nossas necessidades estheticas, incorporados de corpo e alma que então estaremos a este maravilhoso *habitat*.

Mas vejo agora que vão muito longe estas paginas. Tamanha extensão resulta quasi que só da vontade que eu tinha de dar uma demonstração de grande apreço pelo teu talento e de consignar meus vivos applausos a «A Cidade de Ouro», em laudas mais significativas do que a ligeira carta que te escrevi quando esse teu ultimo livro sahio.

Ora que me informam estares na intenção de que no começo falei, e que, repito, desejara eu ver confirmada, não quiz adiar por mais tempo o cumprimento deste grato dever, tanto mais que é possível assim eu concorra para decidir-te a nos dar uma nova edição do teu brilhantissimo poema.

Aceita com estes applausos um abraço affectuoso do teu grato amigo e admirador

«PASCAL E A INQUIETAÇÃO MODERNA»

por Jackson de Figueiredo

Rio, 14 de Setembro, 1922.

Meu prezado JACKSON DE FIGUEIREDO. —

Sinto necessidade de escrever-te duas palavras acabando de ler pela segunda vez teu ultimo livro, «Pascal e a inquietação moderna».

Não sei quem seja capaz de entender estas paginas, que não veja por ellas a razão da verdadeira alegria que déste aos teus amigos publicando-as.

Sabes, o facto de te fazeres catholico militante não nos separou de ti. No momento presente tal separação fôra absurda. A inquietação religiosa característica desse momento traz consigo legitima tolerancia, ainda entre os mais serios espiritos, uma vez que elles reconheçam verdadeira sinceridade nos que delles acaso se vão afastando por idéas.

O essencial para que os homens não se desunam nesta hora sombria é um coração encontrar, sejam quaes forem as vicissitudes, calor de facto no outro coração. Aquelles que como nós entraram nesta campanha com toda a boa fé, só devem considerar desertor o dentre os seus que deixe de amal-os, não sentindo mais, por orgulho ou fraqueza, que elles vêm assim.

«Pascal e a inquietação moderna», pelo contrario, são as primeiras paginas catholicas publicadas no Brazil em que os representantes da hora actual nas nossas letras ouvem alguém lhes falar desse outro lado com a sympathia e com o interesse de um irmão, sem ser menos catholico por isso.

Parece-me facil quantos hoje vivem a sério comprehendem o alcance de um facto assim, verem quanto lucra o catholicismo em vivificar-se por esse modo nesta parte da America do Sul, mas tambem a grande vantagem que nisso vae para nós outros, os do mundo laico, que perdemos contacto intellectual com elle, pode-se dizer, desde o começo do romantismo.

Literatura de que o povo se desinteresse por completo não vae longe, por mais que pareça o contrario; mas tambem religião que já não fale de facto ás artes e ás letras, acaba por perder o prestigio entre o proprio povo, de cujos sentimentos os homens de imaginação sempre foram os interpretes naturaes.

O assumpto que tomaste fazendo a propositto como que o teu solemne manifesto catholico, não podia ser melhor para conseguires o que assim conseguiste.

Falar-se em Pascal, isto é, no homem da

«aposta», do «abysmo» e do dogma da queda, na consciencia tragica, na mosaica personalidade que é o marco divisorio entre duas anetades do mundo moderno, a primeira começando por Dante e acabando nelle, a segunda vindo após elle e chegando até nós; falar-se nesse espirito agora é de qualquer modo obedecer á suggestão de preoccupações ben actuaes.

Antes da Grande Guerra não era ben assim, embora Victor Giraud, que citas, já dissesse que o pensamento contemporaneo era como que mal assombrado por Pascal.

O materialismo e o proprio néo-espiritualismo queriam esquecer-o, e isso sobretudo porque lhes era preciso esquecer-o no que elle teve, conforme se dizia, não só de excessivo, como até de caracteristicamente enfermigo.

O homem que veio depois de Pascal até nós é cada vez mais aquelle a que caracteriza tão completa estranheza em relação aos tormentos de motivo religioso que lancinaram aquelle grande espirito, quanto a que a humanidade medieval teria, vendo-o singularisar-se com os jansenistas no dissidio tremendo de que as «Cartas Provincias» são o manifesto genial.

Essa nossa estranheza provém da falta de fé, ou quando menos de uma fé consciente ou inconscientemente pantheistica, que torna absurda qualquer inexorabilidade para connosco. No Ser de que nos consideramos parte, tanto mais que nos isenta de toda e qualquer effectiva responsabilidade diante de um determinismo de que a propria consciencia é uma resultante automatica. Em outros, ainda, ella se explica pelo facto justamente contrario a este, isto é, pela si-

tuação insignificante em que elles se reconhecem depois que o systema de Ptolomeo caducou diante da theoria de Copernico. Aham elles: de todos nós, poeiras que somos presas a uma quasi poeira perdida no systema grandioso dos mundos, pode-se dizer o que dizia aquella grande dama franceza quando Lafontaine acabava de fechar os olhos, achando que o bom Deus não poderia ser muito rigoroso para com aquelle coitadinho.

A festa em que entrou o mundo occidental depois da Revolução Franceza, e por fim a vida encantadoramente policiada e pacifica de que começou a gozar a Europa depois da guerra de 1870, pareciam dar toda a razão a esse nosso estado de espirito.

Com a Grande Guerra, porem, houve como que um alerta. Ainda não se acabou de combater de todo no mundo, é certo, e ja o novo-rico quer installar nelle a sua mesa acima de todas as mesas, até, — o que é peor, — á vista ainda de uma immensidade de famintos, para deglutir, ostentosamente, insolentemente, o banquete que lhe proporcionam os lucros directos ou indirectos da guerra.

Mas, já não só varios pensadores, o proprio Lloyd George, suspicaz e multiplo, sinão incharacteristico, ahi está avisando que tarde ou cedo póde vir a «guerra chimica», e que esta é bem capaz de destruir a civilização, quer dizer, antes de tudo, Londres e com Londres é claro que a City.

Porisso Pascal a mais de um positivamente, certo, vagamente a quasi todos nós, já vae querendo parecer um sombrio, mas inspirado pro-

pheta. Com Sully Prud'homme, embora um pouco tardiamente, já não faltará quem ouça «o ruído de tempestade e de queda que sahe daquelle livro espantoso (os *Pensamentos*), — segundo Ernesto Zironsky, por ti citado, — livro que não deixa de pé senão o edificio da fé, de sorte que si a fé nos falta nada mais vemos em derredor alem das ruinas acumuladas pelo desdem desse genio, o mais sombrio que já existiu».

Depois, como nos falas do teu heróe?

Antes de tudo, reconhecendo embora que as *Provinciaes* «constituem a primeira obra-prima da prosa franceza, a mais alta e a mais vibrante manifestação da eloquencia da raça latina, a que só se tem comparado a eloquencia de Demosthenes», classifica de injusto esse livro, como não podias deixar de classifica-lo, sem, todavia, escurecer, com Gustavo Lanson, que «havia excessos por parte da casuistica», nos jesuitas, e «excessos dogmaticos religiosos», de que a propria «Igreja procurava defender os seus fieis», na tremenda obra da Inquisição. Achas mais que é imprudente, em relação a Jansenio e Saint Cyran, «a critica que só os apresenta como interesseiros e perfidos», opinando que, pelo contrario, «o jansenismo queria salvar a Igreja de Christo por uma rigorosa selecção entre os seus membros e pelo exemplo da mais absoluta austeridade», embora esquecesse «que a propria virtude é caminho de perdição, si o palmilhamos pelo braço do orgulho».

É neste espirito amplo e equitativo que escreves toda a parte de tua obra concernente a tal questão, por modo que em teu catholicismo nada sentimos do que ha de antipathico, de

inintelligente, de inhumano no estreito espírito dos sectarios propriamente ditos, embora não te apartes nem uma só vez da bem entendida orthodoxia a que ora te achas voluntariamente obrigado.

Muito mais para diante escreves que, si Pascal foi o avô gigante dos modernos individualistas, como dizem, é preciso reconhecer que elle «deu ao individualismo uma solução digna do homem como ser moral, isto é: fazer-se consciente para negar-se a si mesmo, reconhecendo que é muito em face do universo, e nada diante de Deus». Acrescentas: «O individualismo será, assim, a demonstração por absurdo dos verdadeiros fins da nossa vida: conhecimento e caridade, de que a religião é a pratica mais alta».

Sente-se em todo o correr do teu livro que teu grande interesse por esse vulto vem justamente de que elle trouxe essa febre do «nosce te ipsum» ao par dessa necessidade de humilhação até o terror do Supremo Ser.

Assim, pois, pensas com o padre Gratry que «o scepticismo de Pascal, no fundo e na intenção, não é um scepticismo real; não é mais do que o sentimento expresso por Bossuet: *Desgracado o conhecimento que se não faz amor e se trahe a si mesmo*».

E, pois, o que procuras demonstrar neste livro é que Pascal é um philosopho christão — como philosopho genial; entretanto, além disso que, apesar de tanta differença entre o seu individualismo como o seu scepticismo e o individualismo como o scepticismo hodiernos, elle e a sua angustia «são o elemento que mais vivamente agita a consciencia contemporanea, sendo causa de primeira ordem, não só da reacção

espiritualista que vae estrangulando o materialismo moderno, mas tambem da já tão notada renascença, senão catholica de um a outro extremo, pelo menos christã, entre as camadas intellectuaes superiores, em todo o occidente».

Lembras a proposito aquellas palavras de P. Janet: «A sua natureza ardente e melancolica tem as mesmas characteristics da nossa força, neste momento de transição! Nós o amamos por ter duvidado, por ter soffrido, porque foi gemendo que buscou a luz, mas ao mesmo tempo que o amamos e comprehendemos a sua duvida, amamos e comprehendemos a sua fé!»

Estatues em seguida que o reconhecimento por parte dos pragmatistas actuaes, com P. Staffer, de ser impossivel afirmar sinceramente que os «factos de experiencia religiosa, têm menos realidade que outros factos, que a autoridade dos sentidos ou da razão é maior que a da consciencia e do coração», que tal reconhecimento, base de todo o pragmatismo religioso, é filho da philosophia de Pascal.

Não tarda, volves até Kant, aquelle «fanatico da fé moral», que nos legou «a convicção de que a liberdade e, por consequente, a moral, são a emanação de um absoluto que não podemos conhecer, mas de que sentimos o imperio indiscutivel. «Outra, porem, — escreves, — não foi a attitude de Pascal em frente do maximo problema». Achas que Pascal foi, assim, bem antes de Kant, «um fanatico da fé moral», e que «é esta mesma fé que vamos encontrar amparando todo o pensamento moderno, no que este possui de menos doentio e negativo, maxime nos pensadores de mais vulto em que se

faz sentir mais fortemente a influencia do grande mestre allemão. Criticismos, néo-criticismos, criticismos absolutos, são arranjos de momento, ancias de systematisação salvadora, que só conseguiram systematizar a propria duvida no criterio do nosso conhecimento, mas sem que os dominasse a loucura de repellir o senso moral».

Ainda mais, na «obra gigantesca» de «dois philosophos dos mais ligados ao moralismo kantista, Renouvier e Secretan, vês apenas «um renascimento do que teria sido uma parte da philosophia de Pascal, a parte meramente critica, si tivesse tido tempo para systematizar suas idéas».

Renouvier «procura equilibrar-se na gravidade suprema da «aposta», a sombria probabilidade apontada por Pascal aos hornens sem fé», mas procura fazel-o esquecendo que «o espirito da philosophia não pode restringir-se á aridez das almas que só se movem pelo interesse, nem o organismo que se quer salvar ha de alimentar-se toda a vida com um contra-veneno, por mais benefico que elle tivesse sido em dado momento».

Adduzes: «Foi, entretanto, este homem que se levantou contra a humanidade actual, sem fé, decahida, que se despedaça satanicamente sobre o scenario deste planeta moribundo, porque para Renouvier a propria superficie da terra é uma ruina e as suas bellezas não são outra cousa».

A base da philosophia de Secretan é «o dogma da queda, — segundo informas, — como já fôra da de Pascal». Apenas entende aquelle, fôra do espirito da doutrina do seu mestre, que

«os nossos erros actuaes não são propriamente erros do espiritò diante de Deus, mas o processo doloroso, empregado pela propria Divindade, para purificar o mundo do mal introduzido pelo homem. Nosso planeta é o theatro de uma restauração. Mas, objectas: «Dado que os nossos erros actuaes não são erros em relação a Deus e antes são o processo mesmo com que Deus quer purificar o mundo, existe culpa actual, existe responsabilidade actual?» É que o philosopho, — na tua opinião — não tem coragem de confessar «a impotencia da philosophia, quando quer ser o arbitro dos nossos destinos».

Referindo-te em seguida a Augusto Conte, «cujo systema, copia bem ordenada do Catholicismo, é, na sua pratica, um exaggero desse mesmo Catholicismo», pensas que «elle foi, na verdade, um descendente de Pascal, a quem faltou simplesmente um pouquinho mais de verdadeira humildade christã. Sceptico na ordem intellectual, ninguem mais do que elle se revelou crente do sentimento, da ordem affectiva. E dando da predestinação a caricatura nas leis da natureza de que se não pode fugir, como materialista que suffocava no materialismo, se fez um mystico da verdade pratica. A liberdade humana, como na obra de Pascal, fica reduzida a quasi nada, mas esta mesma theoria reserva um cantinho de onde jorra a luz de uma outra realidade, a moral, cuja força toda reside no amor. E o amor, força determinante, creadora, vivendo onde quer que haja vida, sendo a vida mesma, é assim a portadora desta mesma liberdade que se nega, que é contradictoria, mas que é um

facto, uma verdade pratica, impossivel de ser desconhecida».

Dos philosophos propriamente ditos passas para os mysticos individualistas, que, entretanto, achas não representarem «uma especie de união intima com Deus pela força da adoração, mas uma especie de intimidade entre dous seres quasi iguaes ou iguaes, a Divindade e o Homem». Pensas que «o mysticismo individualista é um idyllo religioso, a sua linguagem quer ser como a do *Cantico dos Canticos: Aquella é a voz do meu amado*. Falta-lhe, porém, o verdadeino espirito de adoração. Em Pascal, felizmente, não ha exemplo desta fala de igual para igual. Deus é para elle o mysterio perenne; é com terror que Pascal levanta a voz da sua indignidade na supplica e na oração».

Opinas: «Quando Novalis diz que a *esphera do espirito é o dominio do milagre*, ha entre elle e Pascal a mesma distancia que existe entre o Brahmanismo e o Christianismo. É que o mysticismo moderno, explicas, inspirando-se em Plotino, se inspirou indirectamente no mysticismo oriental, em que o milagre é a base de toda a construcção metaphysica. O Christianismo, diversamente, baseando-se no mosaismo, basea-se na simplicidade mesma de uma unica revelação, e é facil verificar que a imaginação é quasi nulla na grande synthese de Moysés a Christo. Nella o milagre tem sempre feição de facto raro, singular».

Depois passas aos poetas, procurando patentear as ligações que houve entre o pensamento de Pascal e, pelo menos, de Lamartine, Alfredo Vigny e Sully Prud'homme.

Pois bem, não sei quem poderá ver em quanto aqui transcrevo, dando assim tão por cima e tão defectivamente uma idéa do que é «Pascal e a inquietação moderna», como em tudo o mais que nesse livro superior e formoso encontramos, o que quer que seja menos fraternal, no intimo, em relação ao homem. Tua fraternidade se revela pelo menos no respeito com que trataes de todos os individuos que estudas e de todas as suas idéas, embora com toda a firmeza de tuas convicções.

Ha no teu catholicismo algo differente daquelle que caracteriza quantos não comprehendem que, segundo dizes, «Pascal se fez o symbolo da alma moderna, no que tem esta de propriamente universal, alma crepuscular e em cujo fundo de melancolia se agitam tantas forças contrarias, a ponto de desorientar o mais arguto observador, que de boa fé não pode dizer se tal crepusculo é o de uma esplendida manhã, ou se estamos nos limites de uma tremenda e horriovel noite».

És comprehensivo e leal porque não te recusas a ouvir palpar o coração alheio e o teu proprio coração como de facto elles palpitam, ao contrario daquelles em quem ha mais aridez e despeito do que razão e amor.

Até mesmo falando, no prefacio, do movimento de idéas brasileiro que vem de Gonçalves de Magalhães a Farias Brito, tratando, pois, de cousas nossas, que mais facilmente poderiam conturbar-te, embora o faças por modo a sobrelevar o mais possivel tudo o que de favoravel, sinão ao catholicismo, pelo menos ao espiritualismo nesse movimento te possa offerecer;

em todo caso não emittes uma nota siquer discordante da superioridade de vistas que deve caracterisar o verdadeiro pensador, nem mesmo trahes por sombra, siquer, a bem entendida cordialidade patricia.

Vem de tudo isso o valor unico que de começo reconheci em teu livro, valor tão difficil de alcançar nos tempos actuaes a uma obra com a orientação orthodoxa, no referente a principios, que sustentas de começo a fim. Para tanto é preciso que um alto espirito a illumine.

Poderia dizer que além disso ella me parece accrescentar propriamente nova pagina á litteratura, embora tão ampla, sobre o assumpto; outros, porem, muito mais autorisados, já o fizeram.

Livros como este e como o «Fausto», de Renato Almeida, — que tem sério valor, — vindos ambos com differença de dias, bastam para nos dar a consoladora certeza de que nos vão succeder, a nós outros, já no declinio da idade, espiritos representantes de uma floração que com nossa obra mal pudemos presagiar.

Aceita, meu Jackson, um abraço bem estremecido do teu velho

«O SUAVE CONVIVIO»

por Andrade Muricy

Meu querido ANDRADE MURICY,

Lendo agora devagar, nestes poucos dias de férias, que o Centenario nos deu, «O Suave Convivio», teu ultimo livro, verificava quanto és verdadeiro quando dizes que «cada geração traz voz propria e postura sua de alma e pensamento».

Como os vejo, a vocês, virem apresentando-se ao mundo tão diferentes de nós outros, os que fizemos o chamado «symbolismo», aqui no Brazil!

Nós, sobretudo Cruz e Souza, eu, Emiliano Pernetta, Gonzaga Duque, Collatino Barroso, traziamos o ar meio desesperado, por antecipação, de quem não confia na atmosphera em torno. O sentimento inicial nosso era quasi o de que vi-

nhamos declamar, lembrando aquelle grande classico orador portuguez, para os peixes.

Dá-se com vocês outros já bem ao contrario, pelo menos comparativamente. Esse é um dos encantos que estas tuas interessantissimas paginas offerecem.

Vê-se: pelo menos sentem os novos escriptores que vêm para fazer com effeito alguma cousa, já serem numerosos e solidarios entre si, quando nada instinctivamente. Solidarios no que constitue o seu querer e até a sua virtualidade, já representando, como aconteceu com os naturalistas e parnasianos, como aconteceu com os românticos, uma geração propriamente dita.

Assim, vocês têm por assentado, sem bem saber, talvez, ainda, que não ha como o proprio paiz inteiro lhes fugir das mãos, porque vocês são esse mesmo paiz, como uma flôr é a mesma planta de que representa, embora, o corôamento apothetico.

Das duas uma: ou o Brazil deixa de ser o Brazil, ou de vocês e por vocês ha de ser.

Dahi esse ar quasi tranquillo, embora sem deixar de traduzir o convulso da hora actual, que se está notando sobretudo nos que comigo ora se apresentam já formados ou quasi que isso, propondo-se a uma actuação decidida, — ar' que é um dos aspectos mais patentes d'«O Suave Convivio».

Ainda no teu forte e ao mesmo tempo fino estudo sobre Emiliano Pernetta, antes publicado em opusculo e agora acertadamente incluido neste volume, a insistencia das tuas eloquentes argumentações em favor do poeta que ali homenageias e defendes, como da causa liberta-

ria e geralmente cultural implicita nessa defeza, pôde que signifique intimamente uma tal ou qual falta de fé na capacidade comprehensiva dos proprios coetaneos com quem vens collaborar e do meio a que cumpre impôr uma conversão, uma transformação.

No mais deste novo livro, poren, — que é quasi tudo, — já nen'isso encontramos. Elle é feito, em seu genero embora, e rigorosamente dentro de seu genero, com aquélla «alegria interior», com aquelle prazer divino do artista ao objectivar, pelo milagre da expressão poetica, «a visão prestigiosa», que admiras na *Dansa das Centauras*, de Francisca Julia.

Esse prazer é maior quando, como no teu caso, nos revelamos a nós mesmos no que ainda se pôde considerar as primicias da nossa obra mais definitiva. Mas entrevemos nelle, com isso, o effeito, que alvoroça, de te sentires mais e mais acompanhado, com o decorrer de um dia e outro dia, na proporção em que novos espiritos se podem ir, apezar de tudo o que nos cerca, revelando cheios de promessas neste nosso pobre ambiente intellectual.

Vem dahi que quasi ~~todo~~ elle tem um largo andamento, lembrando, com seu colorido são e sóbrio, uma symphonia em que haja muito de triumphal.

Sim. Quer por tua invejavel visão retrospectiva, quando fazes magistralmente o «Elogio do Romantismo Brasileiro», ou quando traças aquelle esplendido «Castro Alves». Quer por tua capacidade affectiva e de gratidão, quando tão generosamente falas dos que concorreram para formar teu espirito, como em «Emiliano

Pernetta», em «Dario Velloso», e em «O Elogio do Amigo». Quer quando te mostras cheio de carinho com os teus patricios e a terra onde nasceste, como em essa pequena tela, superior e linda, «As Cachoeiras do Iguassú». Quer pelo teu corajoso espirito de justiça e solidariedade com aquelles de teus companheiros de geração que precisam ainda, de qualquer modo, sentir-se apoiados no meio da guerra um pouco desigual que ora entre elles e outros se trava, como em «A Cidade de Ouro», em «Serenidade», em «Livros de Lima Barreto», em «Pereira da Silva», em «Romain Rolland», em «Hermes Fontes», em «Um Impressionista». Quer collocando na culminancia que lhes cabe entre os directores do pensamento ora em formação espiritos como aquelles de que trataes em «A questão social na Philosophia de Farias Brito», em «Os Inquietos», em «Signal dos Tempos». Quer oppondo restricções no terreno do pensamento, mas fazendo ampla justiça sob outro aspecto a um dos mestres da nossa literatura contemporanea, como em «Graça Aranha». Quer precisando o real valor de espiritos e obras geralmente mal aquilatadas, sobretudo nos bastidores das letras, porque não é facil, de facto, bem aquilatalas em um meio onde a cultura está-se processando, como se vê nos bonitos trabalhos «A Bôa Madrasta», «Alberto Faria» e «Figuras». Quer fazendo melhor justiça a uma representante valorosa do parnasianismo, como quando aprecias originalmente Francisca Julia. Quer lançando um olhar, ao menos, para os nossos velhos, mas altos valores, menosprezados pela culposa imponderação do vertiginoso e superficial criterio ho-

dierno, como naquellas paginas tão certas intituladas «Mathias Aires». Quer emfim pondo solidariamente a mão nas mãos dos que amam este paiz e almejam prezemol-o em sua totalidade, no seu passado como no seu presente, no que vem a ser o seu amago, como no que já offerece de brilhante a fita do litoral, solidariedade essa que manifestas escrevendo sobre «Urupês e o Sertanejo Brasileiro», louvando as paginas do livro «Quando o Brazil amanhece», e depois memorando a linda promessa que foi aquelle tão joven quanto inditoso autor de «Tropas e Boiadas». Em tudo isso faz-se um dos quadros mais intelligentes, mais trabalhados, porém também mais risonhos, mais sympathicos, mais amovaveis e mais dignos que até hoje se tem feito da literatura que já se póde considerar genuinamente brasileira.

O ar victorioso que do trabalho transparece, entanto, vem de uma alegria que, quando não seja candida é juvenil, ou muito plausivel, muito humana. Si ha nella um toque de orgulho e até de orgulho pessoal, proprio de quem tem valor, está muito longe de representar uma egolatria malsã.

Guardas neste livro «severa linha de conducta mental e uma exaltação da sympathia humana» indispensavel a te achares «apto para o *convívio suave*, mas solemne, com os espiritos superiores que representam o esforço maximo e victorioso dos homens por se alçarem ás altitudes serenas e luminosas», como dizes, a proposito de Renato Almeida em seu «Fausto», que já o fizeram elle e outros espiritos representantes da critica idealista no Brazil.

Assim explicas sem querer a intenção completa do titulo que escolheste para este volume e facilitas a determinação do aspecto moral e intellectual, em grandes linhas, que o caracteriza.

Demorando-se nelle, contudo, a vista, sorprehe-nos a modestia, por assim dizer, constitucional que é propria a teu espirito ao par daquellas qualidades estimulantes necessarias para mantel-o fecundo na esphera que lhe cabe.

É raro que o pensador aqui se sobreleve ao critico. Pelo contrario, como que se vê o homem de idéas ainda curiosamente formando-se diante de nós, um dia após outro dia.

É certo, basta lermos aquellas sete laudas d'«O premio Nobel a Anatole France», — o segundo ensaio do teu livro, — para que muita gente logo te ame devéras e outros definitivamente se desenganem a teu respeito. Ellas, tão poucas quanto admiraveis, dizem para onde vaes com o mundo, implicitamente recocheteando sobre o circulo que já se interessa por idéas no Brazil. Tambem nas considerações e affirmações que representa a séria pagina «Os Inquietos», mas, sobretudo, após, naquella intensa, palpitante e alta nota chamada «Signal dos Tempos» ha cristalisações que nos enthusiasmam de facto.

Geralmente falando, porem, tua indole não é a dos que vêm predominantemente para nos fazerem pensar e muito menos pretendendo que se não pense sinão como elles.

Teu estylo, até aqui, lembra a sabia economia da natureza na construcção de cada ser, em que ella não põe órgãos inuteis para as

funções que lhes commette. Em todo elle nada ou quasi nada encontramos como indício das faculdades proprias aos verbalistas, aos que precisam, não só encantar (porque para isso vens provido), mas tontear e arrastar os outros tendo-lhes previamente e objectivamente indicado um caminho.

Não trazes hyperpoles, não te soccorres de antitheses, procuras raramente as comparações. Teu recurso rhetorico mais frequente é a imagem, que se obtem pela metaphora, pela metonymia, — cousas indispensaveis a todo escriptor literario. Sem a imagem não pode haver arte escripta.

Alem disso, poucos pensamentos episodicos, nenhuma anedocta, quasi que completo esquecimento da tua individualidade, a não ser quando aqui ou ali fazes uma breve exhortação, ou lembras que vens com outros moços, ou procuras desculpar-te, sinão diminuir-te perante o leitor.

Nada, consequentemente, de emphase formal, nem dos outros caracteristicos essenciaes ao estylo do escriptor possuido e que procura por todos os meios ser imponente.

Quando chegaste da provincia e nos deste teu primeiro ensaio em opusculo não eras assim, é certo: eras barbaro, embaraçado e algo pretencioso, na escripta.

Vinha tudo isso de que não sabias então o que sabes hoje; mais do que disse, de que carecias ainda, meu amigo, da alta educação moral que hoje te illumina o aspecto e que te proporcionaste a ti mesmo, desenvolvendo tuas qualidades naturaes de nobreza, generosidade, bondade.

Não é preciso escurecer que o instante in-
fluiu nisso também. Os defeitos dos precursor-
es, que trazem as arterias engorgitadas, e vêm,
porisso, asperos, cheios de indignação, com os
labios pejados de impetuosas idéas, encontrando-
se, como se encontram, num scenario francamen-
te hostile; esses já não te assentavam, já, por
felicidade, não te podiam normalmente caber.

Dá-se ainda que á tua critica lhe interessa
mais do que tudo a belleza da expressão e o
effeito esthetico, embora também o effeito mo-
ral que com isso os autores irão produzir ou já
produziram em dado ambiente.

Convêm saber-se: parece-te que «em poe-
sia o essencial é que haja sentimento poetico
e força de expressão». Também não escondes
tua preferencia pelos artistas que trazem «o so-
pro da paixão legitima». Nos livros de Ana-
tole France, por exemplo, a quem adoras (como
se diz communmente, barateando a palavra), por-
que elle é «a extrema flôr do genio latino»,
na expressão lapidar de Lemaitre, de que te
vales, o que faltava, a teu ver, até antes da
Grande Guerra, era «a inquietação, a fecunda
inquietação», era convencer-se como depois se
convenceu (embora parece que por pouco tem-
po), de que, como elle proprio disse, «a ironia
é uma sabedoria pobre que nos deixa á porta
da vida; essa porta só se transpõe vivendo pelo
esforço e pelo amor». És, pois, um néo-roman-
tico bem caracteristico.

Basta vires assim para que a alma dos au-
tores desperte em ti fundo interesse, não unica-
mente suas obras. Seja como fôr, todavia, vê-se,
claramente, tua paixão maior é por creares de

novo, apanhando-lhe a essência, a obra que estudas, mórmente si a de um poeta, e expol-a ao teu leitor com toda a ingenuidade dos verdadeiros criticos, convicto piamente, lá no intimo, de que ainda não se vira tão bella e tão interessante essa producção como tu acabas de apresental-a.

Tudo o mais a que recorreste se subordina a tal necessidade, bella necessidade em ti sobrelevante. Bella porque na maior parte dos casos assim procedes com toda a candura, por força da tua sympathia irradiante pelo poeta e pela sua criação.

Para tanto, está-se vendo, não era preciso, comtudo, teres á mão recursos com que impuzesses flagrantemente tua individualidade nesse bloco assim posto de pé com intenção abnegadamente objectiva. Pelo contrario, para ti mesmo quanto menos qualidades tenhas em tal sentido, melhor. Com mais segurança te defendes assim de ti proprio, em gostoso sacrificio pelo assumpto que te apaixonou. De certo ponto em diante — ai de nós, os criticos! — isso é uma illusão como outra qualquer, mas tambem, si não fosse illusão, pobres dos autores. Objectivismo completo em tal materia é cretinice. Não o é na photographia porque ella quasi que só nos vem de uma machina, e esta não merece as honras nem de ser chamada cretina. Os melhores retratos artisticos, até esses, os de um De Vinci, de um Rembrandt, são os que mais nos falam do pintor do que das creaturas que elle quiz pintar. Mas porisso mesmo é que certas dellas puderam ficar immortaes.

Nem assim o critico de alma bem enten-

didamente modesta, tanto mais sendo um moço bem moço, — caso naturalmente mais raro, — é para ser visto com menos admiração e affecto.

Si o homem, dada a sua fraqueza, com a penna, o escopro ou o pincel na mão, quasi que só de si mesmo pode falar directamente aos mais, é preciso que elle esteja tomado, ao retratar um objecto, do sentimento contrario a tal contingencia na hora gloriosa da inspiração.

Cumpre-lhe, ainda, hypnotisar o leitor ou espectador de tal geito, com tal magia, graças a tão milagrosos recursos, que estes na sua inevitavel indigencia material, como é a da propria palavra humana, valham aos olhos ou aos ouvidos estranhos pelos que Deus utiliza para maravilhar-nos, por exemplo, com as estrellas no céu, com a mulher, com a creança neste nosso exilio sombrio.

O crítico está sujeito a essa mesma obrigação, quando com meia duzia de vocabulos pretende pôr em relevo o que ha de significativo em toda uma obra que estuda.

Só com o genio proprio no caso, que o leva a viver instinctivamente munindo-se dos numerosissimos elementos para tanto requeridos, como o do pintor fal-o andar procurando tintas e processos numa inquietação muitas vezes subconsciente, porem incessante; só com esse genio é que se pode conseguir tal absurdo, — por pouco se poderia dizer.

Cegos para estas cousas, unicamente esses, poderão negar, ante uns quantos trabalhos deste livro, que tu vieste para ser um critico assim. «Castro Alves», «Emiliano Pernetta», «Hermes Fontes», «Graça Aranha», «Um Impressionista»,

acho que se ha de reconhecer, já sahiram obras de primor em tal sentido. Outros encontramos tambem valiosissimos nesse respeito, como, por exemplo, «Signal dos Tempos» e «O Elogio do Amigo», mas feitos tão aristocraticamente, velados de tanta idéa, por processos tão espirituaes, que nem lembrando serem pintura elevadissima, porem genuina, os retratos de Eugenio Carrière, feitos quasi que só a branco e preto e mais com' escuros matizes, tudo muito esfumado; nem assim temos a certeza de que o leitor concorde comnosco perfeitamente nesses casos.

Eu poderia evidenciar de quantos recursos já dispões para quasi apenas com a metaphora fazeres de teu estylo um estylo nem sempre, — ainda és tão moço, — mas muitas vezes suggestivo e sufficientemente vivaz.

Poderia demonstrar que a pouca musicalidade ainda perceptivel, talvez, na tua frase é compensada, si te aqueces devéras, pelos estos de uma paixão que não raro tem toques dionysiacos. Musica, aquella que é por todos os intersticios da palavra côada bem côada para delicia alheia, as dores da vida, aos poucos, lembrando o vento no bambual que amadurece, hão de ir tirando-te d'alma, por certo. Como tambem com o correr dos dias, quando já não fores tão actualista e tiveres precisão, pelo magoado sentimento que nos faz sorrir para os tempos idos, de conversar diuturnamente os livros velhos, modelos do idioma, — rios carreando minereos nas suas aguas chamalotadas e cantantes, — has de vir á tona fulgindo-te nas roupas o que te fique da poeira preciosa com esses banhos lustraes, perdendo assim teus escriptos aquelle

quê de vinho novo tão natural nos productos filhos do verdor.

Tomara que com as dores e a magoa venham as francas alegrias humanas também. Às vezes, o que aparentemente é frieza, mesmo seguidão de certos escriptores juvenis, recorda por correlação vaga, a quem os conhece de perto, aquelles versos já meio velhos de Sully Prudhomme a proposito dos meninos a quem mandam muito cedo para os pensionatos:

Les autres font des cabrioles;
Eux, ils restent au fond des cours.
Leurs blouses sont très bien tirées,
Leurs pantalons en bon état,
Leurs chaussures toujours cirées,
Ils ont l'air sage et délicat.

Ils songent qu'ils dormaient naguères
Douillettement ensevelis
Dans leurs berceaux, et que leurs mères
Les prenaient parfois dans leurs lits.

Ó mères, coupables absentes,
Qu'alors vous leurs paraissez loin!
A ces créatures naissantes
Il manque un indicible soin.

Mais, tout ingrates que vous êtes,
Ils ne peuvent vous oublier,
Et cachent leurs petites têtes
En sanglotant, sous l'oreiller».

No teu caso, meu querido Muricy, aquella tua pintura, que também se pode comparar a um hymno, «As Cachoeiras do Iguassú», talvez que represente a cristalização de lagrimas longinquamente assim...

Os infantes pensionistas de que fala o poeta acabam, ás vezes, para distrahir-se na solidão voluntariamente procurada, a poucos passos dos arruidos do recreio, por tentar o desenho dos typos com quem vivem e do ambiente em que os puzeram. Creio que Raul Pompeia, o insigne autor d'«O Atheneu», foi assim. Os outros não sabem que vae naquillo um desabafo indirecto de alma, e se queixam, si elle não os faz tão lindos, embora mesmo convencionalmente lindos, como desejariam...

Que importa? Esse menino pode apaixonar-se devéras com o que encetou por desfastio e dilatar um dia o seu ambiente até abranger um mundo, que lhe venha sorrindo porque o artista vae tremulo de sympathia para elle, sentimento que o adquirido amor da belleza, antes do mais, lhe suscitou.

Bastara «O Elogio do Romantismo» e aquella mural a fresco evocando a Grecia heroica em «A Nova Iliada», para indicar-nos muito persuasivamente que contigo se pode dar outro tanto. Ha em ti todas as possibilidades para largos trabalhos criticos de character historico, — largos e esplendidos, — no relativo que os nossos elementos, ainda tão insufficientes, proporcionam.

É bem possivel até que não sejas apenas um critico, que outros generos não sujeitos ás contingencias travosas quasi sempre, proprias da critica, te seduzam e tornem, com grande felicidade, mais complexo teu caso, já notavel, e dentro da tua geração já eminente. Quem tem a tua sensibilidade funda e nova, teus grandes olhos para ver effectivamente, tua elevação de

alma para pairar bem alto, teu entusiasmo intimo para ser intrepido, teu amor aos homens para converter essa intrepidez num bem, pode revelar-se mais cedo ou mais tarde um creador por conta propria. Poeta é todo aquelle que tem força para viver a poesia e na sua atmosphera librar-se como todos vivemos na atmosphera material.

Surges numa hora em que até os poetas e os romancistas fazem critica no romance e no poema, mas em que tambem esta vae-se affinizando com a arte por tal modo, que um livro como «O Suave Convivio» nos deixa em vibração muito semelhante á que produzem duzentas paginas fortes de verso ou as de um romance que sa-code até lá dentro.

Não é só a critica literaria propriamente dita aquella que vae ganhando com vocês, os moços, esse curioso aspecto, sem a ruidosa vacuidade, a inopia e desleixo na forma de muitos que a fizeram até 1870 entre nós, quer dizer, emquanto vogou o velho romantismo, mas tambem abominando a secura esteril ou perversa, a frase de páo e a ferula pingada de rapé do velho mestre-escola, sujeito não raro ignorante e de mãos bofes, cousa que com o naturalismo nos veiu e anda ahi, fazendo seus ultimos esgares na tal pretensa critica didactica.

Tem calor, tambem, em seu conjunto, e tem vida, vem cheia de sympathia humana, palpitando de interesse por este Brazil e pelo que não é o Brazil, pelo que já se foi e pela dramatica hora actual, pelos problemas da vida, mas tambem pelo incognito de além-mundo e os mysterios de além-tumulo, a critica de arte, apho-

ristica, ensaistica, biographica, philosophica, scientifica, social, religiosa, politica, pedagogica, historica, geographica, de viagens, de costumes, que vão desenvolvendo cada vez mais muitos e muitos representantes da tua geração, isto é, a que já vae substituindo na maior parte dos postos aquella em que eu vim.

São autores de livros de critica comprehendidos nesses generos, dignos de attenção, que eu conheça: Jackson de Figueiredo, Renato Almeida, Ronald de Carvalho, Tasso da Silveira, Oliveira Vianna, Pontes de Miranda, Monteiro Lobato, Paulo Barreto (ainda como que não se acredita tivesse elle morrido), A. Chateaubriand, Perillo Gomes, Brenno Arruda, José Vieira, Almeida Magalhães, João Pinto da Silva, Antonio Torres, Celso Vieira, Luiz Guimarães Filho, José Oiticica, Alcides Maya, Alcides Gentil, Félix Pacheco, José Maria Bello, Adoasto de Godoy, Arthur Motta, Gilberto Amado, Matheus de Albuquerque, Benédicto Costa, Gustavo Barroso, Tristão de Athayde, Octavio Brandão, Alvaro de Carvalho, Alcides Bezerra, Carlos Maul, Mario Pinto Serva, Elysio de Carvalho, Miguel Mello, Araujo Jorge, Lemos Britto, Carlos D. Fernandes, Aloysio de Castro, Agrippino Grieco, Théo-Filho, Alvaro Moreira, Mozart Monteiro, Gomes Leite, Flexa Ribeiro, Teixeira Leite Filho, Mario Brant, Carneiro Leão, Agenor de Roure, Oscar Lopes, João Luso, Leonidas Loyola, Honorio Sylvestre, Enéas Lintz, Estevão Pinto, Gastão Penalva, etc.

A lista é ainda maior, contando-se tambem aquelles que por emquanto não publicaram livros, embora alguns desses espiritos tenham as-

signalado valor como criticos, e não se esquecendo tambem outros que se revelam mais notaveis fóra da critica, sendo, no entanto, na imprensa jornalística e de revistas elementos ponderaveis para a formação da consciencia nacional sob varios aspectos. Com esses poderei citar, máo grado os meus incompletos recursos de informação, ainda bastantes outros que, embora principiantes, uns quantos, ou quasi isso, merecem, de qualquer modo, ser lembrados. Temos pois: Victor Viana, Raul de Leoni, Goulart de Andrade, Humberto de Campos, Veiga Miranda, Hamilton Barata, Alves de Souza, Azevedo Amaral, Claudio Gans, Americo Facó, Patrocínio Filho, Viriato Correia, Amadeu Amaral, Austregesilo de Athayde, Oswaldo Orico, Hermes Fontes, Pereira da Silva, Lima Barreto, Murillo de Araujo, Adelino de Magalhães, Homero Prates, Porfirio Soares Netto, Euricles Mattos, Rodolpho Machado, Bueno Monteiro, Peregrino Junior, D. Gilka Machado, Mucio Leão, Alberto Deodato, Eloy Pontes, Carlos Rubens, Roberto Gomes, Barbosa Lima Sobrinho, Barbosa Correia, Oswaldo Paixão, José Felix, Tavares Bastos, Leal de Souza, Heitor Beltrão, Theophilo Albuquerque, Bettencourt de Sá, Joaquim Eulalio, Papaterra Limongi, Nogueira da Silva, Mario Mendes Campos, Samuel Cesar, Clemente Ritz, Abel Assumpção, Octavio Sidney, Desdedit Moura Brazil, Adhur da Camara, Aroldo Daltro, Sergio Buarque de Hollanda, Laertes Munhoz, Rocha de Andrade, Fenelon Lima, José Guilherme, Mario Hora, Horacio Cartier, Henrique Rôxo, Mario de Almeida, Menotti Del Picchia, Julio

de Mesquita Filho, Mario de Andrade, Acyr Guimarães, etc.

Ha um estrangeiro, portuguez, entre nós, ainda moço, que com seu grande valor literario tem collaborado brilhantemente, embora por meio de rapidas notas de revista, em nossa critica, de ha uns tempos para cá. Refiro-me ao Sr. Malheiro Dias.

Ha outro, esse, francez e escrevendo quasi sempre em francez, homem de minha geração, pela idade, mas que tambem só de ha uns annos a esta parte tem escripto a nosso respeito. Merece elle egualmente que não o esqueçamos, por seu criterio e gentileza. É o Sr. Adrien Delpech.

Eis-te, assim, acompanhado por toda uma cohorte, entre criticos e amadores da critica, tão numerosa como não houve outra até aqui em nossa terra, e que, *in grosso modo*, vem com a sympathica tendencia de que és verdadeiramente representativo.

O teu volume lembra deste modo, um recemvindo que já devera ser esperado. Livro rigorosamente de critica, obedecendo a selecção aristocratica, é «O Suave Convivio», entretanto, modelo, a um tempo, de coragem e de polidez, proveniente de exaltada idealisação, mas sobretudo para ser mais bem rythmado e mais affectuoso no intimo.

Dou-te meus parabens.

«A IGREJA SILENCIOSA»

por Tasso da Silveira

Rio, 26 de Novembro, 1922.

Meu querido TASSO DA SILVEIRA,

Creio que na historia de toda a nossa literatura de pensamento não ha uma individualidade que se caracterise moralmente como Farias Brito sobretudo por sua grande e alta boa-fé.

Esta é que lhe dá, meu caro, *sympathia* verdadeiramente irresistivel aos olhos de quantos na verdade o leiam, é que faz delle mais do que um philosopho, um apostolo, e que, na proporção do desenvolvimento de sua obra, vae tornando-a cada vez mais humana, até desabrochar naquelle formoso, enternecido e profundo volume d'*O Mundo Interior*.

Tu fazes a gente lembrar-se de Farias sob tal aspecto, sobretudo com este livro que ora dá, *A Igreja Silenciosa*.

Quem te conhece o vulto de moço, em que ha certo ar de soldado á paisana, certo ar de poeta e certo ar de sacerdote vestindo como um laico, depois que te lê não esquece mais pelo menos o teu olhar, o teu grande olhar, como é natural que não se esqueça uma cousa que nos faz bem. E elle nos faz bem acima de tudo por ser leal, profundamente.

A Igreja Silenciosa é um livro complexo. É livro de critica e é livro de idéas. Nas suas duas partes criticas encerra trabalhos excellentes dentro do genero, como *Rodó, O individualismo de Romain Rolland, Os livros da guerra, Emiliano Pernetta, Augusto dos Anjos, Farias Brito, Jackson de Figueiredo, Adelino Magalhães*. Entre elles, ainda, *Nestor Victor* e *Dario Velloso* devem ser julgados, é exacto, mais como elogios do que como juizos feitos com inteira isenção, tratando-se de homens que influiram de perto no desenvolvimento de teu espirito. Em todo caso, parece que se não poderá deixar de reconhecer a arte encantadora que o affecto te inspirou para apresentar esses typos sob a luz mais favoravel possivel. Toda a terceira parte, composta de fragammentos, como os livros de aphorismos, tem, entretanto, unidade intima tal, que parece feita de um só bloco, e é uma chave de ouro no livro.

O curioso, porém, é que, acabada toda a leitura, afigura-se-nos que mesmo onde és mais critico ainda fazes apologia, sendo, contudo, que, não só naquella ultima parte, por seu genero tão prestavel ao caso, como no livro inteiro, do que nos falas mais impressionadoramente é de ti.

De ti, mas collocando-te em polo opposto

áquelle em que os egolattras se collocam. De ti para quasi que só te queixares do que julgas que és, para evidenciares, um pouco á Santo Agostinho e á Rousseau, as tuas fraquezas e deficiencias humanas, emquanto vês os outros de que falas por modo que, si lhes apontas defeitos, pelo menos nenhuma mesquinhez.

Está ahi, porem, uma das razões por que logo tua individualidade se reveste de sympathia inteiramente nova aos olhos do leitor, des-acostumado destas cousas hoje, ainda mais lendo a gente moça, pois esta muito naturalmente o que procura em geral é fazer-se valer o melhor possivel em todos os sentidos. Dir-se-ia, teres procurado assim uma nova garridice espiritual, si não se tornasse patente com que tocante ingenuidade a encontraste.

Parece-nos fomos acompanhando o desenvolvimento de tua individualidade, por assim dizer, quotidianamente, até nas suas transições mais obscuras e dolorosas, — nos dias de vacillação, quasi desespero e instantaneos recuos.

O mais interessante é que tudo é feito com tal sêde, já não só de sinceridade, mas de precisão no expores teus pensamentos, tuas emoções, teus estados d'alma, que até parece, ás vezes, te esqueces de estar fazendo literatura. Teu estylo, então, já não vem apenas simples, vem como si não fosse estylo. Até nelle te apresentas humilde, quando não constricto. Já ultrapassas, pois, a confissão propriamente dita, e tudo toma um definido ar de confidencia. Nos proprios mysticos modernos, almas ingenuas como sempre têm de ser as dessa ordem, num Maeterlinck, num Emerson, em um Novalis, as cousas não vão até

ahi. Ha sempre nelles a compostura propria do escriptor europeu ou do espirito caracteristicamente de lá. Em ti o phenomeno já se torna muito brasileiro: parece que estás falando em familia, com o tom indefinivel, mas delicioso, que em tal caso nos é proprio. Dahi, porem, maior encanto, embora talvez inapprehensivel, sinão de effeito contraproducente, para as almas que não sejam daqui.

É da tua capacidade para exaltar, para transfigurar que justamente resulta sermos levados a querer persuadir-nos que não és um critico propriamente dito. Visto que através de teus juizos, quando estudas uma alma, ella «aparece em seu mais alto e mais suggestivo aspecto», como disse muito bem outro dia Angelo Guido, temos a illusão de que em teus quadros não ha sombra.

Méra illusão, comtudo. Veja-se, por exemplo, aquelle teu ensaio sobre Jackson de Figueiredo. Nunca se ha de falar dessa valorosa individualidade com maior sympathia e até maior carinho intimo. Delle fizeste um retrato positivamente ideal, vendo-lhe a obra e até as intenções no que ellas possam ter e têm effectivamente, a meu ver, de mais alto. Quem o conheça bem, comtudo, e demore a vista nesse teu delicadissimo e espiritalissimo trabalho, verá que nem ignoras nem deixas de accusar explicita ou implicitamente o indispensavel que no caso tenha de fazer contraste com a luz, embora para melhor valorisa-la. Quando, por exemplo, accusas no pensamento de Jackson concepções como em De Maistre, que via «no carrasco uma especie de estranho ministro de Deus junto á miseria hu-

mana», apresentas mais um dos seus altos aspectos, porem daquelles, como dizes, que «abrem sulcos indeleveis de amargura».

Fôra inutil esconder-se, em todo caso: taes aspectos, ainda esses de vulto, que afinal de qualquer modo concorrem para dar altas proporções a um typo, antes quizeras não vel-os, — que sem prazer nenhum os assignalas. Tens mais de Raphael que de Miguel Angelo. As restricções são cousa contraria á meiguice quasi sem mescla com que vês teus heróes. Nem leve ironia altera-lhes o prestigio nessa visão. Si estás intimamente sorrindo ao pensar nelles, é com aquelle sorriso dos bons que se adivinha, que não se vê, — fundamente sympathico porisso mesmo.

Agora podemos dizer. Ha em ti mais do que tudo isso, pois, si não houvesse, nem trazendo todos esses valores estivera tua obra nascente em correspondencia com o tempo actual, pelo menos num dos aspectos mais tristes, mais afflictivos, — certo, — que esse tempo tem, mas sem o qual elle não fôra transcendentemente o que é e o que deve ser para os que se preocupam com a sorte do Planeta.

O maior valor destes teus ensaios, no seu pensamento, vem justamente do contrario: a quanto até aqui se pôz em relevo: vem de que junto á tua capacidade de admiração lateja o incontentamento, quando não se manifesta patente e vivo.

Em ultima analyse, meu caro, ninguem nem cousa alguma te satisfaz. Bem sabes que «a vida é realmente má». Que anda «a alma humana tremula e abandonada no eterno exilio, no sof-

frimento que é a vida no Planeta». Com toda a força de tua sympathia pelos homens, não te escapa que «nós somos como que os garimpeiros da bondade humana»; que «andamos a descobri-la onde quer que ella se occulte... e chegamos até o ponto de creal-a verdadeiramente... pela ansia de amor e de solidariedade nesta batalha tremenda». Fazendo o unico retrato sombrio que fazes, o de Augusto dos Anjos, sem duvida a pagina mais alta e mais bella que sobre elle se escreveu até aqui, — o retrato desse Alvares de Azevedo do scientificismo, — achas que em nosso tempo «somos todos um pouco como este poeta estranhamente triste». Dahi a tua funda sympathia por tal creatura, embora por seus traços geraes te seja ella tão opposta e á propria geração com que vens.

Dizes, por exemplo, de Rodó que este «não põe uma nevoa de religiosidade em seus escriptos. Elle vê um infinito dentro da existencia humana, no planeta, mas não vê nada mais alem desse infinito. Si fala, acaso, em arrebatamentos de fé numa alma de artista, é para affirmar que «o captiveiro a que condemna as faculdades do artista essa seducção do sobrenatural não chega, *afortunadamente*, em muitos casos, a annular de todo a aptidão, mas deixa-a subsistir como vocação *subordinada*».

Opinas, á vista disso, na ultima parte de teu livro, que «o idealismo de Rodó é para espiritos de escol. Não possui o que se poderia chamar «virtude conformadora».

É por isto, principalmente, que vês «com bons olhos o esforço de alguns por guardar o espirito religioso de nossa gente, protegendo-o

contra incursões de crenças e doutrinas differentes daquellas em que nossa alma se veiu formando e que constituem hoje a essencia do que somos, apesar de nossas duvidas».

Falando de outro espirito que tambem grandemente admira, de Romain Rolland, ainda nessa ultima parte d'*A Igreja Silenciosa*, resumes quanto de encomiastico disseras a seu respeito no começo do livro, confirmando que elle «é uma expressão surprehendente do que de mais alto e profundo existe no espirito humano: a força de heroismo e sacrificio, a ansia de pureza espiritual suprema, e a generosidade de alma, a sabedoria que se faz vontade humilde para trazer um pouco de consolo á continua desolação de nossa vida».

Confessas, porem, reconhecer que o idealismo desse anti-militarista «poderia soffrer interpretações perniciosas, pelo menos em relação ao nosso povo, que ainda está longe da sua crystallisação definitiva». É assim que, instinctivamente anti-militarista como elle, promettes apoiar «em qualquer tempo todo projecto de organização militar que domine a indisciplina nativa de nosso povo», sem te lembrares que moralmente o militarismo é das peiores escolas, e que a nossa indisciplina, pelo menos em boa parte, representa apenas a tendencia para una forma nova de disciplina humana, mais sympathica, mais nobre que a disciplina européa, e acorde com os vastos horizontes do Novo-Mundo. Esqueces aquelle dito de um estrangeiro, em que ha boa parte de verdade: «O Brazil é uma terra onde todos mandam, ninguem obedece e tudo vae bem».

Depois, ha em Romain, accrescentas, «uma deficiencia por assim dizer metaphysica». É o caso, talvez ainda mais aggravado, que notavas em Rodó. Para que, pois, a nossa mocidade o leia sem perigo precisa antes ser orientada «por um principio capital, educada num alto pensamento cosmico da moral e do dever».

Em relação a Emerson, achas, nelle «encontramo-nos sempre com o nosso caso intimo, e de maneira tão completa que nos parece que só a nós e a ninguem mais poderia convir» sua resposta. É que Emerson, explicas, é de hoje, do mesmo cyclo de ansias moraes em que gyramos». Mas «o matiz individual de nosso espirito é sombra vã que passa». Christo e Platão, pelo contrario, «falaram para a Eternidade, e em relação ao que possui de permanente e immutavel a alma humana».

Alem disso, quando trataes de Rodó, fazes esta pergunta, em que abranges todos esses escriptores de que temos falado, — os heroistas, como poderiamos cognominal-os —: «Não haverá, porem, uma intima incongruencia na acção messianica destes espiritos que procuram levantar ao heroismo a alma do homem, sem attende-rem, comtudo, aos eternos problemas do absoluto? Antes de nos ser dada uma solução qualquer nesse sentido, não temos nós o direito de perguntar a cada novo estímulo: mas *para que?* E podemos estar certos da razão de nossos gestos, quando não conhecemos a razão final da vida?»

Sim, abranges todos elles nessa pergunta, porque do proprio Emerson e até de quem te escreve esta carta (honrando-o sobremodo com tal

companhia), dizes noutro ponto: «São evangelizadores que não se perguntaram a si mesmos si seria possível orientar os povos sem o fundamento de uma crença ou de um principio inicial», — no que, diga-se de passagem, não exprimiste exactamente o facto. Isso nunca me aconteceu nem aconteceu ao grande Emerson.

Assim, parece que nessa pergunta dás implicitamente razão ao joven Perillo Gomes, quando escreve aquelle paragrapho que citas onde trata do seu «Penso e Creio», livro distinctissimo em nossa nova literatura catholica: «Da existencia de Deus dependem os principios da immortalidade da alma, de religião, de justiça, de moral, de destino, de causa, etc.» Dependem até «as leis do espirito humano nos seus principios logicos necessarios e nos axiomas da razão, isto é, si Deus existe estes principios devem ser comprehendidos de um modo; si Deus não existe, a sua comprehensão terá um sentido inteiramente opposto». E nisto eu estou com aquelle percuciente e convicto escriptor.

O curioso, entretanto, é que conclues de outro modo, de um modo imprevisto: «Sim, nos dizes, isto é verdadeiro. Mas si existe uma finalidade no universo, ha uma cousa que importa mais saber do que esta propria finalidade: é que é preciso manter a energia da alma, erguel-a á suprema força de sua capacidade de heroismo — isto é, de pureza e coragem, de ansia de sacrificio pelo sonho, e abnegação, despreendimento de si mesma, — para que ella se conserve sempre o instrumento luminoso dos divinos designios na compleção do plano cosmico dos mundos».

Esse outro modo, por que conclues, no fundo, aliás, é apparente. Si acreditamos em «divinos designios», já não somos adeptos do heroísmo só pelo heroísmo. Já não somos Nietzsche ou Graça Aranha.

De tudo isso o que transparece, afinal, indiscutivelmente, é uma cousa: em ti a preocupação religiosa é mais central do que em qualquer dos typos sobre que falamos, porque és mais abstracto, mais voltado para os problemas de além do que esses característicos psychologos, como os classificas, tão profundamente interessados pelo homem.

Vem dahi muito em parte o sentirmos com que sinceridade escribes noutra pagina: «Jackson de Figueiredo, ajoelhado humildemente aos pés da Igreja Catholica, cresce em minha admiração». Por que? Explicas: «Tenho para mim que este foi o gesto mais consequente com o seu proprio pensamento de «Algumas Reflexões»... Para quem priva, comtudo, intimamente com Jackson de Figueiredo, e lhe conhece a indomavel energia do temperamento, a poderosa affirmação individual que representa, tem este gesto decisivo outra significação mais importante. Indica um esforço supremo da intelligencia que fez num golpe de vista a psychologia integral do orgulho humano, e a si mesma se constringiu, dolorosamente embora, vencendo a mais difficil das batalhas. Em Jackson de Figueiredo a attitude assumida era um imperativo inevitavel. Elle não é apenas o poeta contemplativo ou o pensador commovido ante a miseria humana. É antes de tudo o homem de acção, o politico, o reformador, que reconheceu na Igreja Catho-

lica, mais do que a verdade unica e soberana, o maravilhoso cadinho da unidade universal».

Profundas palavras estas, que pôde o affecto inspirar-te, tanto mais, porem, que, levado por tua grande inclinação religiosa a estudos e meditações diuturnas, um momento houve, pelo menos, em que não estiveste longe de secundar o gesto de Jackson.

Escrevendo a proposito de Perillo Gomes, disseste: «Considero a Egreja Catholica como a fiel depositaria da doutrina de Christo na sua mais pura expressão... O pensamento catholico é o unico que na desorientação geral do tempo presente, sabe seguramente do norte para que caminha. Porisso mesmo a sua grandeza é insuperavel. Não vejo o que a possa derribar. A muita ignorancia de certas epochas lhe tem offuscado o brilho passageiramente, e da parte dos que o combatem hoje ha completo desconhecimento das doutrinas que elle préga... *E eu não sei* (o grypho é meu) *o que será de cada um que fôr verdadeiramente conhecendo a doutrina catholica em sua pureza original*».

Nesse momento é tal a tua sympathia pelo ardor combativo de Perillo, que achas necessaria ás vezes a maneira pela qual elle se atira a Hegel, — o errado, mas grande e religioso Hegel, — comparando-o a um comprador de massas fallidas, a um logista embaidor, que quer convencer o freguez de que o preto é branco e o branco é preto, que põe de lado «o canjição de cerveja» e resolve «fazer a nova taboa da sabedoria».

Depois de tudo isto, porem, depara-se-nos a ultima pagina de teu livro, aquelle fragmento

intitulado «O Profundo Instincto», em que se vê claramente estares longe de poderes ajoelhar-te humildemente no altar do catholicismo.

Dizes ahí que o mundo começa «a ansiar, positivamente, pela vinda de um novo interprete do sentimento religioso do Homem», porque, «em menos de vinte seculos, a palavra de Jesus perdeu para elle o sentido profundo que trazia».

Achas que o novo Messias ha de surgir «quando o vago anseio de hoje fôr um turbilhão interior».

Mas a nova modalidade do sentimento religioso terá de ser forçosamente diversa das expressões anteriores.

«De uma fôrma ou de outra, prosegues, ao Homem de hoje será difficil conceber Deus como o hellenismo pagão o concebeu; elle sabe agora, sufficientemente, o pouco que valem as cousas terrenas, para julgar o ser supremo empenhado nellas, interessando-se por ellas, como o Zeus da Grecia antiga. Mas tambem não lhe será facil voltar á concepção medieval, e retomar, convictamente, o papel de servo humilde perante um senhor de illimitada força.

«A nova crença terá mais amplitude e grandeza. Surgirá de uma concepção mais alta de Deus, concepção, porém, que elevará tambem o Homem acima de si mesmo.

«O Homem passará — quem sabe? — a ver no Universo uma formidavel obra em formação, cuja finalidade não percebe, mas adivinha tão grandiosa, tão excelsa, tão dominadoramente solemne, que todo o seu ser será um só impulso de entusiasmo interior pela consecução desse ideal. Ser-lhe-á dado apenas perceber al-

gumas linhas essenciaes do gigantesco plano. Mas por ellas comprehenderá que o acabamento do projecto divino depende tambem de sua força intima, de sua acção espiritual no mundo. Perceberá que é — pelo seu espirito, pela scintella de luz que guarda n'alma, — collaborador de Deus, na terra, uma viva energia poderosa a serviço dos sempiternos designios.

«Christo, additas finalmente, se viesse hoje, diria, talvez, aos homens, as mesmas cousas que ha dois mil annos lhe brotaram dos labios inspirados. Dil-as-ia, porém, por outra fórma».

Aqui não pareces antes um theosophista?

Incongruencia e incongruencia... dirão d'A *Egreja Silenciosa* os orthodoxos de qualquer determinada crença ou os proprios philosophos adstrictos a um dado systema.

Eu convirei em que por esse livro te revelas, sobretudo, um poeta; isso, entretanto, porque o poeta ao orgulho de ser logico prefere a gloria de ser sincero, isto é, de ser na realidade um homem.

Por essas paginas tu doutrinas menos, porque para doutrinar antes de tudo precisamos delimitar, sinão limitar, do que expões ingenuamente, revelando as condições em que se acha teu espirito, a situação real das almas mais propriamente vivas na hora actual.

Quanto dizes sobre o catholicismo demonstra a grande differença que vae entre o pensamento complexo, grave e leal do moço de hoje e o simplismo tão ignaro quanto rancoroso da gente voltaireana que de tempos a tempos irrompe como brotoejas no Brazil.

Quando vemos como querendo desabar su-

bitamente quanto constitue as bases fundamentaes da sociedade humana no occidente, é natural voltar-nos para o Ser maior que já passou pelo Planeta e não só restabeleceu a ordem humana, quando elle veio ainda mais subvertida que hoje, como fundiu decadentes e barbaros numa outra humanidade, numa humanidade melhor. Mas si o procuramos instinctivamente, como filhos que se perderam do pai e receiam-se da noite ameaçadora, que chega, é tambem natural o nosso crescente interesse pela Igreja que foi seu admiravel instrumento de reconstrucção e melhoria, — de transfiguração, por que não diriamos? — e que se vê logo não pudera ser como Voltaire a inculcou.

Não é só isso. Quem quer que represente hoje de facto uma alma livre, como a definiste, isto é, «alma que sabe ser sincera para consigo mesmo e para o mundo», não pode, no intimo, deixar de aspirar, até, houvesse ainda nessa Igreja forças latentes bastantes para se desenvolverem por modo a ella ser de facto novamente o vivo instrumento de um vivo Salvador.

Ser, porem, catholico por politica, catholico no cerebro e não em todo o seu ser, catholico para prestigiar tanto phariseu moderno, tanto levita de mentira, tanta sepultura caiada, é ao que um poeta nas tuas condições não se pode resignar.

És, pois, com effeito, um incontente de todos e de tudo, como és um incontente de ti proprio, reflectindo assim, porem, torno a dizer, a feição do sentimento e do pensamento, no que elles têm de mais doloroso, porem tambem de mais digno á hora presente.

Ligado intimamente a esse interesse cosmico que te absorve, dando á tua phisionomia um raro encanto, porque sobretudo nos fala de bondade e boa fé, ha o interesse pelo Brazil e por toda a parte do continente cujos destinos se ligam, pelo menos em muito, aos nossos destinos. Já publicaste, com Andrade Muricy, uma revista aqui no Rio, *A America Latina*, que revelara a preocupação de ambos em tal sentido.

Estamos num momento em que o fervor nacionalista, paradoxalmente, quer tomar o passo quasi que em todo o mundo aos sentimentos cosmopolitas, de que o bolchevismo foi a ultima formula allucinada. O nacionalismo, entretanto, como se apresenta agora na Europa, pode que se torne um antipoda, tambem funesto, embora igualmente passageiro, daquelle monstruoso reversor de valores. Com uma differença: Lenine é o cataclysmo, não ha duvida, mas que representa um sonho, embora unilateral; Mussolini pode vir a ser a galvanisação que barbarisa, em todo caso sem a justificativa de um verdadeiro ideal. Si Lenine contagiasse o mundo inteiro, este se transformara numa anarchia organizada á procura de um amanhã melhor que o de hoje. Si Mussolini definitivamente prevalecesse, principiariam as nações por libertar-se, talvez, de muito do que nellas já está moribundo, mas ao mesmo tempo de tudo que lhe resta de superior, para acabarem em mutuos ataques de feras entre si, sem que pudesse esperar no fim um resultado compensador de tão lamentavel retrogradação.

Felizmente que o nosso nacionalismo está muito longe de ser assim, e em ti, então, elle

se reveste do mesmo incontentamento lyrico que tens de tudo e de todos, principiando por ti proprio.

Aquella tua pagina intitulada «Farias Brito» é a expressão leal por excellencia da tua inquietação e insatisfação em tal sentido, como a de todos nós, é certo, que não nos enchemos de ardores vãos, não applaudimos por applaudir quem quer que venha ou tivesse vindo conosco, por mais que pareça ao contrario a quantos ainda não comprehenderam ou não querem comprehender nossas intenções.

Pela maneira de veres Farias Brito, cujo maior merito, segundo pensas, vem de ter sido elle, «no dominio do pensamento metaphysico, a primeira voz em que ouvimos a sonoridade de nossa alma», induz-se, pelo contrario, com que espirito de relatividade vamos julgando até os maximos valores nossos affins. Elle é, apenas, ao teu ver, um daquelles «prenuncios longinuos da revelação total que esperamos. «Porque nós, aqui no Brazil, escreves, mesmo tratando-se de poetas, temos tido vozes isoladas «que tem expressado um pouco de nossa intima palpitação. Mas poderiamos apontar, entre os maiores realizadores que neste sentido já produzimos, o poeta integral, annunciador, propheta dos nossos destinos — que pelo menos por instantes houvesse exgottado nossa capacidade de aspiração e de sonho?»

«No entanto, a verdade, parece-te, é que sentimos vivo o tumulto da nossa vida interior», e «todo sentimento anseia pela expressão que o realize. É um mundo ainda no chãos á espera do sopra creador. É amargura e afflicção em-

quanto informe, irrealizado. Provém dahi nossa inquietude como povo, e a instabilidade de nossas resoluções, e o ar de fluctuante espectativa de nossos gestos».

Vês o nosso paiz, enfim, como te vês a ti proprio. Nesse incontentamento, nessa ansia, porem, quanta sympathia e que pensamento alto! Como ja estamos longe do mofino, embora honesto pessimismo de um José Verissimo!

Tanto mais que ao par de tal insatisfação está a esperança; melhor seria dizer que tal insatisfação é consequente do muito que esperas. «Chegamos ou chegaremos mais tarde do que os outros», dizes no trecho «A nossa literatura». Mas — quem sabe? — talvez com maiores probabilidades de grande futuro, como um producto novo destinado a acção mais ampla e mais decisivas influencias... Pode bem ser que certas de nossas qualidades sejam superiores ás que vemos brilhar em outros, e, neste caso, cumprenos resguardal-as, reagindo contra a força de illusão que nos faz parecer que nos mais victoriosos tudo é melhor que em nós».

Em todo caso, nada se vê aqui da velha e vácuca rhetorica, acompanhada do hymno da Independencia, geral no segundo reinado e com que se querem inflammar de vez em quando ainda agora os patriotas baratos, os que imaginaram a Europa, já hoje, «curvando-se ante o Brazil», quando os ataca insensata vaidade optimista, para se revelarem, é certo, dahi a pouco, victimas daquella endemia que revoltava Sylvio Romero, a qual os leva a malsinarem tudo que é nosso e ao desespero indigno da gente que nasceu para acabar sendo escrava.

Pelo contrario, ha em ti, como felizmente já em todos os representantes mais significativos de tua geração, a noção clara e bem assentada de que, reserve-nos o que nos reservar o futuro, para alcançal-o o que é mister é sermos de facto nós mesmos, bem conhecendo-nos em nosso passado, fazendo para isso da critica honesta «um instrumento de orientação mental». É não tentarmos destruir levianamente o que nos edificou até o ponto, modesto, embora, em que já estamos. É, pelo contrario, edificarmos daqui por diante sem imitação servil a povo algum. Ha em nossos moços de hoje, pelo menos naquelles que ora occupam o primeiro plano, «uma ambição de limpida honestidade espiritual, conforme escribes, uma ansia de se tornarem entidades vivas, valores insophismaveis, que o julgamento mais severo reconheça como taes». Elles querem fazer um Brazil como possa, melhor ou menos melhor, sahir, mas um Brazil que de facto seja a expressão sincera e legitima de si mesmo, e que porisso se aceite, se discipline, se harmonise, ganhando alegremente a consciencia do que é.

Assim a tremenda situação do mundo não venha por fim envolver-nos num vortice que interrompa ou complique demasiadamente os nossos problemas e reduza por enquanto intuitos tão viris e tão nobres a méras intenções. Si qualquer uma dessas correntes ora em choque lá fóra viesse a predominar demasiadamente e bovarysticamente sobre a outra, aqui, levar-nos-ia a consequencias, não irremediaveis, de certo, porem mais ou menos desastrosas.

De quantos jovens podemos affirmar que

trazem por instincto ou já conscientemente o programma a que me referi, nenhum vejo, meu Tasso, adoptal-o por modo mais interessante, mais suasorio, mais sympathicamente suggestivo do que o autor d'*A Igreja Silenciosa*.

Si elle vem de qualquer sorte radicalista, nos sentimentos e idéas que o definem, vem antes de tudo sendo um grande exigente de si mesmo. De tal maneira, que produz a illusão de só em si não confiar bastante.

É illusão, bem sei. Tua vida, que vem sendo um surdo, mas impressionador combate, lembrando o de um bravo soldado, combate por viver integralmente como um homem sem o sacrificio do espirito e sem compromissos fataes com o meio, — com este triste meio, — no terreno moral; basta essa vida para dar, a quem consegue mantel-a, pelo menos a alegria intima que torna predominante em nós, afinal, uma resignação superior, pois essa não enerva, não paralysa, é bem diversa do scepticismo caracteristico.

Ha vinte annos atraz o teu modo de ser pareceria, talvez, defectivo. Vindo qual já te começaras a revelar em *Fio d'Agua*, tão humano e tão simples, julgas que «nos *Ultimos Sonetos* Cruz e Souza se revela inteiro, em toda a sua força de sentimento e de expressão». Achas, á vista disso, que eu não tenho razão quando digo que elle «foi um cruzado cuja formosa Jerusalém representa apenas uma miragem». Reconheces, no entanto, paginas mais adiante, que o que faltava a Cruz, «ou antes o que nos falta ainda é delinear-se mais claramente esse ideal que será nossa bandeira de combate». Accrescentas mes-

mo: «Nós sentimos o impeto da conquista, mas não sabemos em que brumas longinhas se esconde a ilha encantada que buscamos». Ora, não é isto a confirmação das minhas palavras, afinal?

Quando appareceram os *Ultimos Sonetos*, o mais nosso dos livros do Poeta Negro, seus amigos das primeiras phases julgaram, ao contrario do que pensas hoje, aquella obra como um producto de relativa deliquescencia intellectual e moral, consequente do estado morbido em que já fôra escripta. Tomaram-n'a, não como uma apostasia, mas como um acto de contricção natural em quem anda com a obsessão da morte. Acharam que, perdendo Cruz a alegria de viver selvagem, embora tragica, revelada sobretudo nas *Evocações* e nos *Pharóes*, alegria verdadeiramente propria da sua barbara natureza de origem oriental, cahiu numa melancolia pungente, mas afinal resignada, porque reaccordaram nelle, por certo mimetismo, os sentimentos christãos do europeu, sob que fôra educado.

Assim, o livro derradeiro do chefe do symbolismo só pôde vir a ser incontestavelmente actual para os moços de hoje, e só com a feição nova que os proprios contemporaneos de Cruz tomaram mesmo aqui no Brazil, com Alphonsus de Guimarães e o Emiliano Pernetta dos ultimos tempos, pôde-se ver claramente que, graças a esse livro, elle completava o cyclo possível aos que trouxeram a nova sensibilidade de que elle foi o corypheu no Brazil.

É provavel que sem a molestia seu orgulho indomavel e a propria riqueza de sua constituição artistica o impedissem de produzir aquella volume simples e conformado, embora altamen-

te conformado, ponto final da obra gloriosa que elle nos legou. Tomando-se de preocupações metaphysicas, embora, é de crer que elle houvesse proseguido mais logicamente accorde, em todo caso, com sua complexão exotica e revel. Com o proprio Ruben Dário, espirito bem mais europeu e menos profundo, não aconteceu assim, sobretudo sob certos aspectos?

O que, porem, se deu, se deu, e de geito que ainda assim os *Ultimos Sonetos* não representam em arte uma retroactividade: marcam o ponto de partida para a simplificação característica da nossa «poesia nova», em que até já um Tagore, um Omar Keyan influem, poesia como fazes tu e fazem outros jovens, resultante, como dizes muito bem, por mais que pareça o contrario á primeira vista, «de requintes de sentimentos, de uma esthesia quintessenciada que a humanidade avoenga não provou. Ha nella a amarga experiencia humana de hoje. Ha o millenario conhecimento que o homem adquiriu de si mesmo».

O innegavel, porem, é que com os *Ultimos Sonetos*, não só o pathos, mas a temperatura intima da nossa poesia decahe, embora por momentos alteie-se de novo em *Sol* e algumas outras produções da ultima phase de Emiliano Pernetta.

Os novos que são vocês não trazem o arranço, não trazem o impeto que trouxeram os symbolistas e que lhes permittiu impressionar fortemente, a ponto de por um instante quasi que só elles serem ouvidos, apezar de toda a guerra que soffriam da cerrada e forte legião parnasiana. Aquelle surto inicial é pelo menos até

certo ponto o que os torna inesquecíveis ainda hoje.

Essa meia loucura lhes vinha em grande parte de muita ingenuidade, — de um erro de visão, como eu disse no meu ultimo ensaio sobre Cruz e Souza. Os moços actuaes e contraíram-se com elles quando já se podia analysar o caso, que os fez sorrir quasi com pena intima de tanto ardor mal justificado.

Foi por outras razões tambem, mas não deixou de ser um tanto por essa que elles vieram muito mais brandos, sinão até com a ingenuidade opposta á dos seus antecessores, e tão característica sobretudo em ti, no Brazil. Os symbolistas julgavam que já estava proxima a nova Edade de Ouro: os moços de hoje até talvez se arreeiem de que o mundo jamais a conhecerá. Esse arrastamento para os poetas orientaes não o indica?

Logo vocês perceberam, com isso, os excessos praticados na luta entre coevos do symbolismo e do parnasianismo; dispuzeram-se a ser justos com uns e com outros.

Revelaram-se, enfim, naturalmente criticos, por mais poetas que sejam alguns.

Estão creando uma atmospheria mais comprehensiva, mais complexa, mais ampla, e são mais assimilaveis que os symbolistas. Mas no intimo talvez que venham menos empolgantes, até aqui, talvez até, geralmente, menos seductores, da alta seducção.

É o que é preciso, penso eu, ponderarem para não irem, nesse plano-inclinado, além do que a fatalidade occasional impõe. Literatura sem profundo encanto arrisca-se a não ser por

fim nem boa literatura. Quando até o verso quer vir sobretudo conceituoso, até mesmo nem parecendo que é verso, pode, embora feito com suprema elegancia, acabar não representando mais do que uma intenção poetica. Espíritos de real talento, com verdadeiras qualidades de artista, como Raul de Leoni, que outro dia nos deu, com tão vivo éxito, seu primeiro livro, *Luz Mediterranea*, devem, em todo caso, ter os olhos sempre nesse risco.

Comtigo, felizmente, dá-se uma cousa: é que em ti, acima de outros dotes, acha-se a tua capacidade de expressão literaria. És daquelles que não poderiam escrever mal nem que quizessem, si escrever bem é antes de tudo provocar a sympathia do leitor e fazer-lhe vibrar as cordas intimas. Que uma alma é sempre um instrumento musico á espera do seu menestrel.

Faças verso ou faças prosa, teu ser descanta com o timbre que têm as cordas de ouro, lembrando a frase de um Ruskin, suggerindo uma vida como que supra-terrestre, aquella que tantas vezes suggere o rejuvenescido Lamartine. Nem escabrosidades syntacticas, nem heterodoxias graphicas, nem mesmo accepções vocabulares muito discutiveis perturbam na tua escripta o gozo musical que nos dás. Tudo em ti se harmonisa e funde para crear uma suave atmosphera em que nos deixamos ficar confiantes, como si soubessemos estar á sombra de manceuilhas attenuadas, que adormecem, mas só para fazer sonhar.

Assim o artista valorisa sobremodo o pensador e o confirma nas suas qualidades eminentes que já ficaram indicadas.

Tudo isso faz com que sejas até aqui, ao meu ver, o mais sympathico, o mais seductor mensageiro da palavra nova que a nossa terra já começa a ouvir, na continuidade necessaria do contingente literario que podemos apresentar ao mundo.

Sente-se, todavia, na tua propria obra: ella ainda não vem para ser grandemente popular. Ella vae ser lida já sen a má vontade que houve para com os symbolistas, má grado o sobresalto que elles produziram. Tuas paginas são opportunas, correspondem a preoccupações cada vez mais generalizadas, cousa de onde vem uma alegria já bem sensivel em outros que cerram fileira contigo, achando-se em analogas condições. Na sua grande lealdade, entretanto, si de certo modo tranquillizam, e si inebriam, não arrebatam. Fôra preciso para isso que a lealdade viesse casada a u na fé pelo menos mais cega.

A popularidade, pelo menos a alta popularidade, é de quem consegue propagar u na nova paixão que de certo modo allucine.

Sobre os livros já escriptos pelos moços de hoje ainda continuará predominando ante o grande publico um, por exemplo, que vocês já vieram encontrar, — *Os Sertões*, de Euclýdes da Cunha.

Esse é livro de influxo apenas nacionalista, mas é livro de fervor, que empolga e ton-teia. É um livro propriamente mystico, na esphera que pôde abranger.

Creio bem, a feição da literatura dos novos ainda se tornará mais eugenica, sinão, como diria Nietzsche, mais dionysiaca.

Os futuristas, cinematicos e gritantes por excellencia, que ora se agruparam na *Klaxon*, de S. Paulo, — essa revista absurda e sympathica, — concorrerão afinal organicamente para isso?

Os Condemnados, de Oswald de Andrade, pertencente ao grupo, é livro que representa um comprimido de admiravel capacidade explosiva, e porisso de originalissimo processo artistico. Si ainda tem muito de cosmopolita, daquelle cosmopolitismo elegante que caracterizou Paulo Barreto como escriptor, já se encontra nelle seriedade intima e um interesse humano mais profundo, que amanhã poderão fazer deste joven um grande romancista.

Estamos, com o mundo inteiro, numa volta da historia. Amanhã podem vir acontecimentos que transfigurem os espiritos ainda em formação aqui. Tu és um desses, e ninguem pode calcular qual tenha de ser todo o teu cyclo.

Sabes, meu querido Tasso, eu já começo a viver mais da vida que por qualquer modo suscitei do que daquelle que pessoalmente ainda represento neste mundo. Não preciso dizer-te que quanto maior tu fôres mais em ti me glorificarei.

De qualquer modo, *A Igreja Silenciosa* já é um livro de homem; outro como elle ainda não se escreveu aqui bem assim. Impõe uma figura nova entre as que até hoje representam com mais viva sensibilidade e mais legitimo pensamento a nossa ansia por merecer effectivamente a attenção do mundo.

Estou contente de ti.

INDICE

INDICE

Prefacio	XI
Duas palavras do autor	3

CARTAS

«Sangue»	7
«Os Inconfidentes»	9
«Garcia Rosa»	11
«Crystaes partidos»	17
«Literatura nacionalista»	20
«Poesia» e «Imaginação»	22
«A cinza das horas»	26
«Casos e impressões»	29
«Carrilhões»	31
«Estados d'alma»	33
«Móysés»	35
«Nossa Terra»	37
«Tropas e boiadas»	39
«Juca-Mulato»	42
«Solitudes»	44
«O crepusculo interior»	56
«Cratera»	65
«Fio d'agua»	67

«Vultos do meu caminho»	79
«Correspondencia de João Episcopo»	81
«Farias Brito e a reacção espiritualista»	85
«Visões, scenas e perfis»	92
«Alguns poetas novos»	105
«Sol de Portugal»	112
«O triumpho»	118
«Serenidade»	121
«Máo olhado»	125
«Senzalas»	131
«Espumas»	134
«Problema vital»	138
«A dança das horas»	142
«Poemas do sonho e da ironia»	144
«Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá»	146
«Poemas e sonetos»	159
«Urupês e o sertanejo brasileiro»	174
«A questão social na philosophia de Farias Brito»	177
«Pequena historia da literatura brasileira»	184
«Romain Rolland»	201
«Emiliano Pernetta»	213
«A pulseira de ferro»	222
«Mocidade»	226
«Flor de Manacá»	229
«Populações meridionaes do Brasil»	246
«A cidade de ouro»	278
«Pascal e a inquietação moderna»	306
«O suave convivio»	318
«A igreja silenciosa»	335

ULTIMAS EDIÇÕES
DO ANNUARIO DO BRASIL

A Igreja Silenciosa — Tasso da Silveira	5\$000
O Marquês de Pombal e a sua Epoca — Lucio de Azevedo (2. ^a ed.)	10\$000
A Reacção do Bom Senso — Jackson de Figueiredo	4\$000
Cannaviaes — Alberto Deodato	4\$000
A Margem dos Livros — José Maria Belo	5\$000
O Génio rebelado — Afonso Lopes de Al- meida	5\$000
Retalhos e Bisalhos — Eduardo Ramos	5\$000
O Livro de Tilda — José Vieira	4\$000
Ronda Crepuscular — Silveira Netto	4\$000
A Cruz de Guerra — Jorge de Castro	1\$000
Um crime da lei — Thomaz de Alencar	5\$000

Obras completas de Cruz e Souza:

I—Poesias (Broqueis — Pharóes — Ulti- mos Sonetos)	6\$000
II—Paginas de Prosa	6\$000
O que tinha de Ser... (2. ^a ed.) — Mario de Alencar	4\$000
O Espelho de Ariel — Ronald de Carvalho	5\$000
Margara (Romance) — Matheus de Albu- querque	5\$000

Intelligencia das Coisas — João do Norte.	4\$000
Idilios dos Reis, 2. ^a ed., com prefacio de Camillo Castello Branco — Alberto Pimentel	4\$000
Verbo Escuro, 2. ^a ed. — Teixeira de Pascoaes	4\$000
Terra Prohibida, 3. ^a ed. — Teixeira de Pascoaes	4\$000
Varnhagen — Celso Vieira	4\$000
Discurso Inaugural — Rocha Pombo	1\$000
Portugal Amoroso — D. João de Castro	5\$000
A Mulher — Emilia Sousa Costa.	2\$000
As Grandes Amorasas — Sousa Costa	3\$000
Noites de Sabbado — Augusto de Lima	6\$000
O Problema da Imprensa — Barbosa Lima Sobrinho	5\$000
A Formação moderna do Brasil — Renato Almeida	2\$000
Seculo XX — Vina Centi	4\$000
D. Pedro II — Carlos Magalhães de Azeredo	3\$000
Questões de língua pátria — Xavier Fernandes	6\$000
Antonio Nobre — 2. ^a ed. — Visconde de Villa-Moura	4\$000
Folhas Historicas — Amilcar Marchesini	5\$000
Pensamentos Brasileiros — Vicente L. Cardoso	5\$000
A Frauta que eu perdi (canções gregas) — Guilherme de Almeida	5\$000
Laureis Insignes — Elisio de Carvalho	5\$000
Episodios dramáticos da Inquisição Portuguesa, 2. ^o vol. — Antonio Baião	6\$000
Passiflora — José Felix	5\$000
Estudos Brasileiros 1. ^a serie — Ronald de Carvalho	5\$000
O Fundo da Gaveta — Rodrigo Octavio Filho	4\$000
Vultos e Ideias — Vicente L. Cardoso	5\$000
Cartas á Gente Nova — Nestor Victor	6\$000
O Rio de Janeiro em 1922 — Ferreira da Rosa	10\$000



ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TYPOGRAPHIA DO ANUARIO DO BRASIL.
(ALMANAK LAEMMERT)
R. D. MANOEL, 62 — RIO DE JANEIRO
AOS 2 DE AGOSTO DE 1924







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).